UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

TÉRCIO CAMPOS POLLI

*A Periferia à Esquerda da Sentença no Português Brasileiro:
Funções Discursivas de seus Constituintes e sua Derivação*

SÃO PAULO

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

TÉRCIO CAMPOS POLLI

***A Periferia à Esquerda da Sentença no Português Brasileiro:
Funções Discursivas de seus Constituintes e sua Derivação***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em *Filologia e Língua Portuguesa* do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da **Universidade de São Paulo**, como parte dos requisitos para a obtenção do título de **Doutor** em Letras.

Orientador: *Profa. Dra. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais*

Assinatura do Orientador

SÃO PAULO
2008

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE

Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Moraes
(orientadora da pesquisa – USP)

EXAMINADORES

- 1) Profa. Dra. Márcia S. Duarte de Oliveira (USP)
- 2) Profa. Dra. Sheila V. de Camargo Grillo (USP)
- 3) Profa. Dra. Ruth E. Vasconcellos Lopes (UNICAMP)
- 4) Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP)

AGRADECIMENTOS

- ❖ Em especial, agradeço, com muita honra, à CAPES e à minha orientadora, pois sem o auxílio financeiro da primeira e sem o apoio e confiança da segunda, esta tese jamais poderia ser realizada.
- ❖ É com muita honra, ainda, que agradeço às professoras do DLCV/USP que participaram da banca de qualificação desta tese (*Profa. Dra. Márcia S. Duarte de Oliveira* e *Profa. Dra. Marilza de Oliveira*), pois, sem seus comentários e advertências, o resultado final desta pesquisa poderia ser muito prejudicado.
- ❖ Agradeço à minha mãe o seu apoio e incentivo para que eu desenvolvesse estudos de doutorado na USP, a maior universidade da América Latina.
- ❖ Agradeço aos professores que gentilmente me emprestaram seu gabinete de estudos na FFLCH/USP para que eu pudesse ter um ambiente repleto de paz e silêncio, condições necessárias para o desenvolvimento de uma tese. São eles: *Prof. Dr. Marcelo Módolo*, *Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Morais*, *Profa. Dra. Rosane de Sá Amado* e *Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto*.
- ❖ Agradeço, também, à colega de curso *Cássia Yamauchi* a sua ajuda, com muita presteza e paciência, na escolha de textos para a formação de um *corpus* para esta pesquisa.
- ❖ Agradeço, ainda, aos funcionários da secretaria do DLCV a sua presteza e atenção para com a minha pessoa durante os anos de estudo de doutorado na FFLCH/USP.
- ❖ Também não poderia deixar de agradecer aos amigos a força que me deram em momentos de fraqueza e de desespero, os quais fazem parte da vida de qualquer ser humano. São eles: *Ana Paula Gomes*, *Marco Antônio Honório* e *Samir Mendjoud*.

*Deus todo-poderoso,
concedei-me
serenidade para que eu aceite as coisas que eu não posso mudar,
coragem para que eu mude aquelas que eu posso
e **sabedoria** para que eu perceba a diferença entre elas.*

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA.....	pág. 003
AGRADECIMENTOS.....	pág. 004
SUMÁRIO.....	pág. 006
RESUMO.....	pág. 009
ABSTRACT.....	pág. 010
LISTA DE ABREVIATURAS.....	pág. 011
INTRODUÇÃO.....	pág. 012
0.1. Objetivos.....	pág. 012
0.2. Problematização e hipóteses.....	pág. 013
0.3. Apresentação do <i>corpus</i>	pág. 017
0.4. Estrutura da tese.....	pág. 020
 CAPÍTULO I - AS FUNÇÕES DISCURSIVAS TÓPICO E FOCO.....	 pág. 022
1.1. Introdução.....	pág. 022
1.2. Conceito de tópico e de foco.....	pág. 022
1.3. Tipos de foco.....	pág. 027
1.4. Tipos de foco no PB.....	pág. 029
1.5. Foco e prosódia.....	pág. 034
1.6. Tipos de tópico.....	pág. 037
1.7. Tipos de tópico no português.....	pág. 042
1.8. A problemática do estudo do tópico e do foco pela escrita.....	pág. 047
1.9. Síntese do capítulo.....	pág. 052
 CAPÍTULO II - ESTUDOS SOBRE CARTOGRAFIA SENTENCIAL E O	
QUADRO TEÓRICO ADOTADO.....	pág. 058
2.1. Introdução.....	pág. 058
2.2. Um pouco da história das projeções funcionais para a descrição da posição de constituintes na sentença.....	pág. 059
2.3. Desdobramentos minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros.....	pág. 065
2.4. A proposta cartográfica de Rizzi (de 1997 a 2004).....	pág. 078
2.5. Síntese do capítulo.....	pág. 091
 CAPÍTULO III - POSIÇÕES DOS CONSTITUINTES NA PERIFERIA	
ESQUERDA DO PORTUGUÊS.....	pág. 095
3.1. Introdução.....	pág. 095
3.2. A posição dos advérbios e do tópico no complexo-CP de sentenças do português.....	pág. 096
3.2.1. O tópico em TopP ₃	pág. 098
3.2.2. O tópico em TopP ₂	pág. 105
3.2.3. O tópico na posição TopP ₁	pág. 108
3.3. Síntese do capítulo.....	pág. 111

CAPÍTULO IV DESCRIÇÃO DOS DADOS DO CORPUS - SÉCULO XIX.....	pág. 115
4.1. Introdução.....	pág. 115
4.2. Procedimentos de análise.....	pág. 115
4.3. Os constituintes periféricos na estrutura XP-(S)-V e suas funções discursivas.....	pág. 120
4.3.1. A categoria AdvP.....	pág. 120
4.3.2. A categoria PP.....	pág. 122
4.3.3. A categoria DP.....	pág. 127
4.3.4. A categoria AP.....	pág. 129
4.3.5. A categoria CP.....	pág. 129
4.3.6. Resumo das categorias sintagmáticas e suas funções discursivas durante o século XIX - estrutura XP-(S)-V.....	pág. 133
4.3.7. Casos de mais de um XP na periferia esquerda.....	pág. 134
4.4. Os constituintes periféricos em construções clivadas (invertidas ou não) ou pseudoclivadas (invertidas ou não), expressando foco – século XIX.....	pág. 136
4.4.1. Exemplos de sentenças com estrutura clivada.....	pág. 137
4.4.2. Exemplos de sentenças com estrutura clivada inversa	pág. 139
4.5. Síntese do capítulo.....	pág. 140
CAPÍTULO V - DESCRIÇÃO DOS DADOS DO CORPUS - SÉCULO XX.....	pág. 144
5.1. Introdução.....	pág. 144
5.2. Os sintagmas na periferia esquerda e suas funções discursivas - século XX.....	pág. 144
5.2.1. A categoria AdvP.....	pág. 145
5.2.2. A categoria DP.....	pág. 147
5.2.3. A categoria AP.....	pág. 151
5.2.4. A categoria PP.....	pág. 152
5.2.5. A categoria CP.....	pág. 158
5.2.6. Resumo das categorias sintagmáticas e suas funções discursivas durante o século XX – estrutura XP-(S)-V.....	pág. 165
5.2.7. Mais de um constituinte na periferia esquerda.....	pág. 166
5.3. Os constituintes periféricos em construções clivadas e pseudoclivadas – século XX.....	pág. 168
5.3.1. Exemplos de sentenças com estrutura clivada.....	pág. 169
5.3.2. Exemplos de sentenças com estrutura clivada inversa.....	pág. 170
5.3.3. Exemplos de sentenças com estrutura pseudoclivada.....	pág. 171
5.3.4. Exemplos de sentenças com estrutura pseudoclivada inversa.....	pág. 172
5.4. Síntese do capítulo.....	pág. 172
CAPÍTULO VI - O PROCESSO DE SATISFAÇÃO DE REQUERIMENTOS CRITERIAIS PELO SUJEITO.....	pág. 176
6.1. Introdução.....	pág. 176
6.2. A função discursiva do sujeito na ordem direta.....	pág. 178
6.3. O processo de satisfação de requerimentos criteriosais pelo <i>sujeito</i> na ordem direta.....	pág. 180
6.3.1. Etapa 1: Análise preliminar.....	pág. 180
6.3.2. Etapa 2: Ampliação da análise do <i>sujeito</i> pré-verbal – rumos a uma análise unificadora.....	pág. 184
6.3.3. Etapa 3: A proposta unificadora.....	pág. 190

6.4. A problemática em torno da construção <i>tópico sujeito</i>	pág. 199
6.5. A ordem VS nos estudos diacrônicos do português.....	pág. 204
6.6. A ordem VS e a função discursiva do <i>sujeito</i> nos dados do <i>corpus</i> do PB – séculos XIX e XX.....	pág. 209
6.6.1. Exemplos da inversão inacusativa.....	pág. 210
6.6.2. Exemplos da inversão com verbos transitivos ou inergativos.....	pág. 212
6.7. Síntese do capítulo.....	pág. 215
6.7.1. Síntese da primeira parte: o sujeito na ordem SV.....	pág. 215
6.7.2. Síntese da segunda parte: o sujeito na ordem VS.....	pág. 216
 CAPÍTULO VII - O PROCESSO DE SATISFAÇÃO DE REQUERIMENTOS	
CRITERIAIS POR XP NA PERIFERIA ESQUERDA.....	pág. 219
7.1. Introdução.....	pág. 219
7.2. Proposta de análise.....	pág. 220
7.2.1. Análise do DP e do PP na periferia esquerda.....	pág. 220
7.2.1.1. Análise do DP-complemento na Topicalização (Top) e na Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DETP).....	pág. 220
7.2.1.2. Análise do PP-complemento.....	pág. 224
7.2.1.3. Análise do DP e do PP adjuntos na periferia esquerda.....	pág. 228
7.2.2. A questão da construção <i>Tópico Pendente</i>	pág. 230
7.2.3. Análise do CP (oração adjunta) e do AdvP na periferia esquerda.....	pág. 230
7.2.4. Análise das construções com mais de um XP na periferia esquerda...	pág. 233
7.2.5. A problemática em torno das construções clivadas/pseudoclivadas....	pág. 234
7.3. Síntese do capítulo.....	pág. 236
 CONCLUSÕES.....	pág. 239
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	pág. 246

RESUMO

POLLI, TÉRCIO C. - *A Periferia à Esquerda da Sentença no Português Brasileiro: Funções Discursivas de seus Constituintes e sua Derivação*. 2008. 252ff. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta pesquisa investiga propriedades da estrutura sentencial do português brasileiro, mais precisamente aquelas que desencadeiam a inversão de constituintes para a periferia à esquerda da sentença. Sustenta-se num *corpus* para a obtenção de dados descritivos, constituído por dez peças de teatro, sendo cada uma delas escrita por um escritor nascido no Brasil numa década diferente, abrangendo dois séculos: XIX e XX.

O objetivo desta pesquisa é identificar os tipos de constituintes que ocupam a periferia esquerda de sentenças e o porquê de ocuparem tal posição, isto é, se desempenham alguma função discursiva como tópico, foco ou se simplesmente se encontram em proeminência estrutural, a fim de entender melhor como a estrutura da informação interage com a sintaxe desse dialeto. Dessa forma, o estudo das funções discursivas desempenhadas pelo sujeito, tanto na ordem SV como na ordem VS, também precisou ser considerado.

O quadro teórico adotado para sua realização sustenta-se nas implementações do programa minimalista em Chomsky (2000, 2001 e 2004) feitas à Teoria de Princípios e Parâmetros. Além disso, como proposta cartográfica, adota-se Rizzi (2002, 2004) e, como conceito de tópico e de foco, o proposto em Lambrecht (1996).

Palavras-chave: *cartografia sentencial; sintaxe; foco; tópico; traços criteriais.*

ABSTRACT

POLLI, TÉRCIO C. - *The Left-Periphery of the Sentence in Brazilian Portuguese: Discourse Functions of its Constituents and its Derivation*. 2008. 252ff. Doctorial dissertation. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This research investigates properties of the Brazilian Portuguese sentence structure, more precisely those that trigger the inversion of constituents to the left-periphery of the sentence. It is based on a *corpus* as a means of acquiring descriptive data, composed of ten plays, being each of them written by a writer born in a different decade, comprising two centuries: XIX and XX.

The aim of this research is to identify the types of constituents that occupy the left-periphery of sentences and why they do so (if they fulfill any discourse function like topic, focus or if they are merely in structural prominence), in order to cast light upon the way the information structure interacts with the syntax of that dialect. For that reason, it was also necessary to investigate the discourse functions played by the subject both in SV and VS orders.

The theoretical framework used for the accomplishment of that task is based on the implementations made by the Minimalist Program (Chomsky - 2000, 2001 and 2004) to the Theory of Principles and Parameters. Besides, as cartographic proposal, it adopts Rizzi (2002, 2004) and, as concept of topic and focus, those proposed in Lambrecht (1996).

Key Words: *sentential cartography; syntax; focus; topic; criterial features.*

LISTA DE ABREVIATURAS

AP.....	sintagma adjetival
BFS	bare phrase structure
CLLD.....	deslocamento à esquerda clítica
complexo-CP.....	designação de um conjunto de projeções de núcleos funcionais propostas por Rizzi (1997, 2002)
CP.....	sintagma complementizador (utilizado também como abreviatura de oração adverbial)
DETP.....	deslocamento à esquerda de tópico pendente
DP.....	sintagma determinante
ec.....	categoria vazia (sem realização fonológica)
ETop	topicalização inglesa (construção)
FinP.....	sintagma de finitude
FocP.....	sintagma foco
ForceP.....	sintagma de força ilocucionária
IntP.....	sintagma de interrogativos altos
IP.....	sintagma flexional (também utilizado como sinónimo de sentença)
LD.....	deslocamento à esquerda
ModP.....	sintagma modificador
MP.....	programa minimalista
NSR.....	regra de acento nuclear
OP.....	operador nulo
P&P.....	teoria de princípios e parâmetros
PB.....	português brasileiro
PE.....	português europeu
PP.....	sintagma preposicionado
pro.....	categoria pronominal nula
QP.....	sintagma quantificacional
RM.....	minimalidade relativizada
sistema-C.....	o mesmo que complexo-CP
SPD.....	duplicação de pronome forte
TOP.....	topicalização (construção)
TopP.....	sintagma tópico
UG.....	gramática universal
VP.....	sintagma verbal com núcleo lexical
vP.....	sintagma verbal com núcleo funcional com propriedades agentivas, causativas ou estativas
WhP.....	sintagma interrogativo

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

0.1. OBJETIVOS

Esta pesquisa concentra-se no estudo de peças de teatro escritas por brasileiras nascidas ou no século XIX ou no XX, tendo como objetivo investigar:

- (1) Quais são os constituintes que aparecem na periferia esquerda de sentenças declarativas do português brasileiro (doravante PB)¹;
- (2) Quais das funções discursivas propostas por Rizzi (2002) - tópico, foco contrastivo e proeminência estrutural - esses constituintes exercem;
- (3) Quais são os mecanismos sintáticos envolvidos para a derivação da sentença com tais constituintes em sua periferia esquerda.

O quadro teórico adotado a investigação proposta nesta tese é o da *Teoria de Princípios e Parâmetros* (P&P), desenvolvida, sobretudo, a partir da obra de Chomsky (1981) - *Lectures on Government and Binding*, com as modificações do Programa Minimalista (MP)² em Chomsky (2000, 2001, 2004). Em particular, os fatos relacionados à chamada “periferia esquerda da sentença” apóiam-se fundamentalmente em propostas cartográficas recentes de Rizzi (1997,

¹ Considero o português brasileiro (PB) um dialeto do português falado em Portugal (PE) pelo fato de estes “falares” apresentarem propriedades diferentes não só de natureza lexical e fonética, mas também de natureza sintática e morfossintática.

² Sempre que um termo (ou princípio, ou regra etc.) característico dos estudos de gramática gerativa for mencionado pela primeira vez, em seguida aparecerão entre parênteses suas iniciais da expressão inglesa e, a partir de então, apenas estas podem ser utilizadas no decorrer desta tese.

2002, 2004), já que tais propostas estão mais intimamente ligadas ao mecanismo da computação sintática proposto pelo MP, o qual se sustenta em operações do tipo *Merge* (concatenar), *Copy* (copiar) e *Agree* (concordar) para derivar sentenças ³.

0.2. PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES

Qualquer brasileiro que teve a oportunidade de estudar sua língua nativa na escola deve ter entrado em contato com o que os compêndios gramaticais dizem sobre a ordem dos constituintes na sentença. Assim, sabemos que as gramáticas, por exemplo, Bechara (2000), Cunha & Cintra (1985), entre outras, de maneira geral, estabelecem uma ordem básica (chamada de ordem direta) para os constituintes na sentença: a ordem SVO, ou seja, sujeito + verbo + complementos. Sendo esta alterada, deparamo-nos com a ordem **marcada** (chamada de ordem indireta), geralmente gerada por fatores estilísticos, conforme os gramáticos.

Contudo, não é qualquer inversão na ordem que esta pesquisa vai investigar, e sim apenas aquela em que geralmente um argumento do predador verbal ou um adjunto aparece na periferia esquerda da sentença. Abaixo, cito alguns exemplos de possíveis construções desse tipo, usando dados da intuição e tomando como ordem básica (direta) do português a SVO (sujeito+verbo+objeto):

(0.01) *Nossa! Os Livros, eu deixei em casa!*

(em oposição a: *Nossa! Eu deixei os livros em casa*)

(0.02) *De banana eu gosto, mas de pêra, não.*

(em oposição a: *Eu gosto de banana, mas não de pêra*)

(0.03) *Na semana passada, eu fui visitar três tias no interior de São Paulo.*

(em oposição a: *Eu fui visitar três tias no interior de São Paulo, na semana passada*)

(0.04) (N)*Aquele ônibus tem muita gente!*

(em oposição a: *Tem muita gente naquele ônibus*)

³ Os detalhes sobre as propostas de Chomsky (Op. cit.) e de Rizzi (Op. cit.) serão apresentados mais minuciosamente no capítulo II desta tese.

(0.05) A professora, ela não virá hoje.

(em oposição a: *A professora não virá hoje*)

(0.06) Ah! Fruta, eu gosto de todas!

(em oposição a: *Eu gosto de todas as frutas*)

(0.07) Foi o Pedro que disse isso, não a Bete!

(em oposição a: *O Pedro disse isso, não a Bete*)

Abaixo cito casos em que o constituinte invertido é de natureza oracional. Observe:

(0.08) Quando eu cheguei, o Beto já tinha saído.

(em oposição a: *O Beto já tinha saído quando eu cheguei*)

(0.09) Se você se casar, você vai ganhar aquele presente.

(em oposição a: *Você vai ganhar aquele presente se você se casar*)

(0.10) Eu, pra sentir o perfume, preciso estar pertinho.

(em oposição a: *Eu preciso estar pertinho pra sentir o perfume*)

E também casos em que o constituinte na periferia esquerda da sentença não parece ser nem argumento, nem adjunto do predador verbal e, conseqüentemente, nem parece haver inversão. Veja:

(0.11) Quanto ao exame, eu não sei se ele será realizado amanhã.

(0.12) Infelizmente, nós não temos recursos para a construção dessa ponte.

Conforme estudos desenvolvidos por Rizzi (2002, 2004), contudo, o movimento de constituintes para a periferia esquerda da sentença ocorre não por uma questão de estilo, mas sim para satisfazer, no componente gerativo da gramática – a sintaxe, os requerimentos relacionados ao discurso. Assim, tanto a ordem direta como a marcada são frutos da relação que existe entre a estrutura da informação e os requerimentos sintáticos da língua: a distribuição sintática dos

constituintes revela o modo como a estrutura da informação está organizada numa língua⁴. A relação entre esses dois campos de estudo tem sido amplamente estudada por Lambrecht (1996), Rizzi (1997, 2002), Belletti (2001, 2003), entre outros⁵. Lambrecht (1996) sugere, inclusive, que a estrutura da informação é parte integrante do componente gramatical.

Assim, diferentemente de como os gramáticos enxergam as inversões em geral na língua, ou seja, como uma questão de estilo, estudos recentes como os de Belletti (2001, 2003) e de Rizzi (2002), para o italiano, e o de Costa (2000), para o português europeu (PE), entre outros, têm demonstrado que a ordem dos constituintes na sentença pode refletir não apenas suas funções gramaticais (quando pensamos em ordem direta) mas também suas funções discursivas (na ordem invertida ou mesmo na ordem direta). No geral, os trabalhos desses lingüistas citados acima mostram que, em termos informacionais, o que é novo ou de conhecimento apenas do falante/escritor e que ele supõe que o ouvinte/leitor desconhece, isto é, **o foco informacional**, normalmente é apresentado à direita na sentença; já o que é dado ou de conhecimento pressuposto, ou seja, **o tópico**, é apresentado à esquerda.

A título de exemplificação de como o estatuto informacional dos constituintes pode interferir na sua ordem na sentença, cito exemplos de Costa (2000), comparando o PE com o PB. Observe que o elemento em função de foco informacional na resposta à pergunta em (0.13) abaixo aparece em posições diferentes, comparando-se esses dois dialetos⁶:

(0.13) – “*Quem comeu o bolo?*”

(0.14) (a) – “[_{Foc} O João] comeu o bolo.” PB, *PE

(b) – “Comeu o bolo [_{Foc} o João].” *PB, PE

(c) – “[_{Top} O bolo], comeu [_{Foc}] o João.” ?PB, PE

⁴ A estrutura da informação se refere à distribuição, na oração, dos elementos lingüísticos que refletem ou o conhecimento comum entre os interlocutores – informação dada – ou o conhecimento só do falante/escritor acerca de algum fato ou evento – informação nova. Essa consideração do que seja informação dada ou nova parte do ponto de vista do falante/escritor que julga se o que está sendo dito/escrito é ou não de conhecimento do ouvinte/leitor. A depender do modelo teórico, a relação entre esses dois tipos de informação pode ser expressa pelos seguintes rótulos: tema/remã; tópico/comentário; tópico/foco e foco/background (cf. SWART & HOOP, 1995).

⁵ Said Ali (1931, p. 270) também já havia proposto algo semelhante: “*O português pertence ao número daquelas [línguas] que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte.*”

⁶ Sempre que eu citar um exemplo de outro autor, este estará entre aspas, a fim de diferenciá-lo de exemplos de minha autoria. Contudo, no caso de eu estar citando exemplos do *corpus* adotado, estes não estarão diferenciados pelas aspas, uma vez que serão identificados conforme outro método adotado, ilustrado pelos exemplos (0.19) e (0.20) desta introdução.

(d) – “[_{Top} O bolo] , [_{Foc} o João] comeu.” PB, *PE

Os contextos de pergunta-resposta acima exemplificados evidenciam que o constituinte com a função de foco informacional no PE, que no caso representa o sujeito sintático das sentenças, deve ocupar uma posição à direita, coincidindo com o acento entonacional da frase (conforme exemplos (0.14b, 0.14c)). Contudo, o mesmo não acontece no PB, visto que, quando o sujeito sintático exerce a função discursiva de foco informacional, ele não fica numa posição extremada à direita na sentença, ou seja, mantém-se em posição pré-verbal (conforme exemplos (0.14a, 0.14d)).

Ainda em relação ao constituinte com a função discursiva de foco informacional, observa-se que, no PB, este pode, como no PE, ocorrer numa posição mais encaixada da sentença, quando o constituinte não exercer a função sintática de sujeito, como demonstra o autor (Op. cit.) através do exemplo (0.15b) abaixo, em que o foco informacional recai no objeto direto:

(0.15) A: – “O Pedro comeu o quê?”

B: – “O Pedro comeu [_{Foc} bolo].” PB, PE

A diferença entre PB e PE no tocante à posição do sujeito sintático quando este exerce a função discursiva de foco informacional me leva, então, a investigar mais minuciosamente como a estrutura da informação interage com a sintaxe para codificar as funções discursivas dos constituintes de sentenças do PB. Além disso, considero também em tal investigação casos em que o constituinte invertido (ou que poderia ser invertido) é uma sentença adjunta (adverbial), como nos exemplos de (0.08) a (0.10) do PB.

As hipóteses que norteiam esta pesquisa são as seguintes:

- **Hipótese 1:** Na gramática do PB dos séculos XIX e XX, não existe (ou não é ativada) uma projeção funcional interna a IP para abrigar o foco informacional (projeção proposta por Belletti – 2001) em sentenças declarativas. Esse tipo de foco é transmitido pela ordem canônica dos constituintes do PB, a ordem SVO: se o objeto é o foco informacional, ele fica

após o verbo; se o sujeito é o foco informacional, ele fica antes do verbo⁷.

- **Hipótese 2:** Ocorre um aumento significativo dos constituintes com a função de tópico na periferia esquerda das sentenças no século XX (em comparação ao século XIX), visto que o PB atual é considerado, por Galves (1998b), uma língua orientada para o tópico, e considerado, por Negrão (1999), uma língua orientada para o discurso.

0.3. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa consiste basicamente de peças de teatro de dois séculos. Precisamente, são dez peças ao todo, sendo que cada uma pertence a **um escritor nascido em uma década diferente** da linha temporal escolhida: séculos XIX e XX. A escolha pelo ano de nascimento do escritor e não pela data de publicação/apresentação da peça justifica-se pelo fato de esta pesquisa estar voltada ao estudo do vernáculo dos escritores. Assim, a divisão pela data de publicação/apresentação da peça de teatro poderia camuflar este fato. Saliento, ainda, que embora os escritores das peças de teatro não sejam todos naturais de um mesmo estado do Brasil, esta pesquisa **não abordará questões relacionadas à variação diatópica nem diastrática**.

O ideal para uma pesquisa desta natureza, que investiga características da língua-I do falante (gramática da língua nativa do falante, adquirida através de sua exposição a ambientes lingüísticos, até aproximadamente a idade de 4 anos) é, de fato, a língua falada. Contudo, em virtude de esta não estar sempre acessível, pelo menos no tocante aos textos históricos, a escolha de peças de teatro justifica-se pelo fato de esse gênero literário manifestar-se através de uma modalidade de língua que mais se assemelha à língua falada. Como se sabe, os textos teatrais escritos por autores brasileiros só aparecem a partir de 1830, portanto, nas primeiras décadas do século XIX. Isso impede que possamos utilizar tal tipo de material para investigar o PB em períodos anteriores. Entretanto, a escolha dos séculos XIX e XX encontra sua justificativa também no fato de serem, hoje, bastante aceitas as afirmações de Tarallo (1996, p. 99), número (0.16), e de Pagotto (1992, p. 71), número (0.17), abaixo:

⁷ Detalhes sobre o estatuto informacional do sujeito na ordem SV ou VS no caso de verbos inacusativos serão

(0.16)

“Certamente, estes novos traços gramaticais entraram na língua no final dos anos 1800 porque circunstâncias sociais especiais aconteciam naquele momento da história externa. Isso significa que não descartamos a hipótese de que essas mudanças poderiam ter ocorrido antes da virada do século. E isso também não significa que nossa evidência se encontra enviesada pelos dados. Certamente que não! Nosso argumento é que as circunstâncias sociais antes da virada do século podem não ter sido suficientemente satisfatórias para que a pena brasileira começasse a escorrer sua própria tinta. E neste sentido fica comprovado quão importante é o exame de dados lingüísticos à luz de evidências sociais. Sem vias de dúvidas, entretanto, pode ser afirmado que o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática.”

(0.17)

“(...) somente nos dados a partir do século XIX é que podemos afiançar uma autoria brasileira. Os textos dos séculos XVI a XVIII ou são claramente de autores portugueses, ou no máximo temos dúvida sobre a origem do autor. (...) De qualquer maneira, não podemos nos referir ao português extraído destes textos como português brasileiro.”

Embora Teyssier (1999), contrariamente a Pagotto (Op. cit.), afirme que os estudos das gramáticas e que a análise de obras dramáticas em que aparece a personagem do Brasileiro mostrem que a consciência da diferenciação lingüística entre Portugal e Brasil tenha surgido na segunda metade do século XVIII, tal consciência torna-se nítida apenas nos últimos anos da década de 1790, ou seja, perto do século XIX. Portanto, como esta tese tem por objetivo investigar o vernáculo dos escritores nascidos e criados no Brasil, e não exatamente a presença da consciência da existência de um português brasileiro em suas obras, justifica-se, mais uma vez, a concentração de minhas investigações a partir do século XIX.

Mesmo tendo em mente que as peças de teatro, por serem escritas, possam ter passado por um processo de “filtragem”, isto é, de interferência corretiva da gramática normativa e, dessa forma, possam ocultar certos fenômenos lingüísticos que poderiam estar presentes na fala coloquial cotidiana da população brasileira, acredito que este gênero deva ser o mais próximo da oralidade possível para um estudo histórico, pela sua própria natureza teatral. Assim, em suas falas, podem ser detectados usos menos regrados da língua e, conseqüentemente, evidências do conhecimento da língua-I dos falantes do PB da época. Assim afirmava Tannen (1982, p. 2) ⁸:
(0.18)

“(...) traços que têm sido identificados como caracterizando o discurso oral são também encontrados no discurso escrito.”

A seguir, listo as peças de teatro que foram selecionadas para a pesquisa. Sua divisão em dois séculos encontra-se em ordem crescente do ano de nascimento do escritor (em negrito):

Século XIX

- 1) *O Demônio Familiar* (1857), de José de Alencar (nascido no Ceará, em **1829**).
- 2) *Lição de Botânica* (1906), de Machado de Assis (nascido no Rio de Janeiro, em **1839**).
- 3) *A Capital Federal* (1897), de Arthur Azevedo (nascido no Maranhão, em **1855**).
- 4) *Flores de Sombra* (1916), de Cláudio de Souza (nascido em São Paulo, em **1876**).
- 5) *O Rei da Vela* (1933), de Oswald de Andrade (nascido em São Paulo, em **1890**).

Século XX

- 6) *Viúva, porém Honesta* (1957), de Nelson Rodrigues (nascido em Pernambuco, em **1913**).
- 7) *Duas Tábuas e uma Paixão* (1978), de Millôr Fernandes (nascido no Rio de Janeiro, em **1923**).
- 8) *A Mão Armada* (1996), de Edla Van Steen (nascida em São Paulo, em **1936**).
- 9) *Gregório* (1996), de Clara Góes (nascida no Rio de Janeiro, em **1956**).
- 10) *Ana do Maranhão* (1982), de Lenita Estrela de Sá (nascida no Maranhão, em **1961**).

⁸ *Apud* Martins (1994).

Os trechos selecionados das peças teatrais para a representação dos fenômenos lingüísticos em estudo apresentam uma série de informações que podem identificá-los. Nessa série, encontram-se, entre chaves e na seguinte ordem, informações referentes ao (i) número da peça (entre parênteses); (ii) número do ato, se houver mais de um, em algarismos romanos; (iii) número da cena, em algarismos arábicos; (iv) nome da personagem emissora do ato de fala; e (v) à página. Observe:

(0.19) – *Meu sogro, dispensa-me acompanhá-lo?* [(1); III; 18; Azevedo, 54]

No caso de haver quadros entre um ato e suas cenas, a representação do número do quadro será também em algarismo romano e virá logo após a indicação do ato. Assim, no exemplo abaixo, o número II, após o primeiro algarismo romano indicativo do ato - número I - representa o número do quadro. Veja:

(0.20) *Se lhe parece que não tenho razão!* [(3), I, II, 1, Mota, 31]

0.4. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Além das partes referentes a esta **Introdução**, esta tese apresenta **sete capítulos**, mais uma parte de **Conclusões** (após o capítulo VII) seguida por uma parte de **Referências Bibliográficas**. No capítulo I, organizo um apanhado geral sobre o conceito de **tópico** e de **foco**, bem como suas diferenças sintáticas e semânticas, a partir de trabalhos já realizados sobre o assunto. No capítulo II, apresento a fundamentação teórica da tese: (i) a relevância do estudo sobre cartografia sentencial no âmbito da Gramática Gerativa, (ii) o quadro teórico adotado e (iii) a proposta cartográfica adotada para a descrição da periferia esquerda de sentenças do PB, a qual apresenta mais uma função discursiva desempenhada por constituintes periféricos (geralmente advérbios), a de **proeminência estrutural**. No capítulo III, apresento a síntese de um estudo sobre as posições que os constituintes periféricos em sentenças do PB ocupam no sistema C, bem como as funções discursivas que eles desempenham, tendo como base a proposta cartográfica adotada. Nos capítulos IV e V, descrevo os dados retirados do *corpus* adotado para esta pesquisa:

tipos de constituintes que aparecem na periferia esquerda das sentenças, a quantidade desses constituintes em posição periférica, suas funções discursivas, além da quantidade de estruturas clivadas/pseudoclivadas e a função discursiva desempenhada pelos constituintes clivados. No capítulo VI, analiso as funções discursivas que **o sujeito** exerce nos textos do *corpus* nas ordens SV e VS e descrevo o processo de satisfação de requerimentos criteriais por esse constituinte na ordem SV. No capítulo VII, descrevo o processo de satisfação de requerimentos criteriais dos diversos tipos de constituintes (diferentes do sujeito) que aparecem na periferia esquerda da sentença (já que suas funções discursivas foram apresentadas no capítulo III), bem como apresento a problemática desse processo no tocante às construções clivadas/pseudoclivadas.

CAPÍTULO I

AS FUNÇÕES DISCURSIVAS TÓPICO E FOCO

1.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discorro sobre as principais características do **tópico** e do **foco**, a fim de esclarecer a diferença entre essas duas principais funções discursivas desempenhadas por constituintes na periferia esquerda de sentenças do PB. Este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 1.2, discorro sobre o conceito de tópico e de foco, tanto no âmbito do funcionalismo como no âmbito do gerativismo; na seção 1.3, apresento os tipos de foco encontrados em diferentes línguas; na seção 1.4, concentro-me sobre os tipos de foco no PB; na seção 1.5, discorro sobre os tipos de construções de tópico encontradas em diferentes línguas; já na seção 1.6, concentro-me nos tipos de construções de tópico encontradas no português, bem como na diferenciação entre tópico e tópico contrastivo; na seção 1.7, discorro sobre a problemática do estudo do tópico e do foco pela escrita; e, por final, na seção 1.8, organizo uma síntese sobre os assuntos abordados no capítulo.

1.2. CONCEITO DE TÓPICO E DE FOCO

Vários linguistas, tanto de formação funcionalista como gerativista - Jackendoff (1972), Chomsky (1971, 1976)⁹, Reinhart (1981), Lambrecht (1996) e Zubizarreta (1997), entre outros - concordam que tópico e foco são conceitos pragmático-semânticos: o tópico representa o conhecimento comum, pressuposto, entre interlocutores numa conversação, pois nem todo tópico

⁹ Chomsky (1971, 1976), diferentemente dos outros autores citados, advoga que o foco precisa coincidir com um constituinte sintático da parte não-supostada da sentença.

pode ser considerado informação velha¹⁰ uma vez que, mesmo que o referente da expressão referencial na posição do tópico não esteja no contexto, os interlocutores podem preencher a sua referência em suas representações mentais¹¹.

Dijk & Kintsch (1983), Halliday (1985) e Halliday & Hasan (1976), consideram o tópico também um ponto de partida para a construção do próximo esquema proposicional, para o que vai ser dito. Consideram que, mesmo nesse caso, a menção prévia explícita de algum conteúdo não é necessária para que o tópico possa ser considerado como referencial, uma vez que os interlocutores podem gerar inferências a partir do conhecimento partilhado entre eles para fazerem a conexão do tópico com o conteúdo implícito. Em contrapartida, o foco representa a informação não-pressuposta pelos interlocutores.

Caron (2000, p. 11)¹², estudando o foco em línguas africanas, também assume que a distinção entre foco e tópico não pode ser simplesmente capturada pela noção de informação nova versus informação dada¹³:

(1.01)

“La distinction entre focalisation et topicalisation ne tient pas au caractere ancien/nouveau qui est au pire contredit par les données textuelles [...] et au mieux inopérant pour identifier le topic d’un énoncé.”

¹⁰ Halliday (1985), Halliday & Hasan (1976), contudo, consideram que, no componente textual, além da organização dos elementos lingüísticos, dá-se a incorporação de padrões de significado, como a estrutura da informação. Essa estrutura, de acordo os autores, é o ordenamento do texto em unidades de informação na base da distinção entre DADO e NOVO. O primeiro se refere à informação que o falante/escritor reconhece como recuperável para o ouvinte/leitor a partir de alguma fonte ou outra no ambiente – a situação ou o texto precedente; e o segundo se refere à informação que o falante/escritor está tratando como não recuperável para o ouvinte/leitor a partir de outra fonte.

¹¹ Para ser mais preciso, Lambrecht (1996) considera que tanto a informação **nova** quanto a **velha** correspondem a proposições e não podem ser equiparadas aos itens lexicais; desse modo, não se pode segmentar uma informação como se faz com uma sentença, uma vez que a parte normalmente considerada nova ou velha não pode funcionar sozinha como informação sem que estejam conectadas. Além disso, só o contexto pode definir o que pode ser considerado novo ou velho. Para o autor, na verdade, o que se tem não é uma diferença entre informação nova ou velha, mas uma diferença nos estados assumidos das representações dos referentes dos vários constituintes da sentença na mente do ouvinte/leitor no momento da produção lingüística.

¹² Caron (2000) e outros africanistas do CNRS LLACAN que estudam o foco baseiam-se na teoria de Culioli.

¹³ Tradução: a distinção entre focalização e topicalização não se relaciona à característica velho / novo, cuja definição é contradita por enunciados textuais ... além de ser inoperante para identificar o tópico de um enunciado.

No entanto, Caron (Op. cit.) não define claramente o que é foco, considerando-o um fenômeno de natureza morfossintática em tais línguas e identificando-o com uma operação sintática de valor altamente enunciativo.

Em termos de representação semântica, Zubizarreta (1997) assume que a estrutura de foco de uma sentença compõe-se de duas asserções ordenadas: a primeira representa o contexto assertivo, isto é, a parte pressuposta da sentença, a qual geralmente é obtida através de uma pergunta, e funciona como um quantificador existencial; já a segunda representa a asserção principal, pois introduz um valor para a variável deixada pelo contexto assertivo. Abaixo, cito os termos de Zubizarreta (1997, p. 11)¹⁴:

(1.02)

“We suggested that the focus structure of a sentence is articulated in the form of two ordered assertions. The first assertion represents the background assertion, i.e. the presuppositional part of the sentence. The background assertion, provided by the context-question (explicitly or implicitly associated with the statement) has the form of an existential quantification. The second assertion represents the main assertion of the statement; it assigns a value to the variable introduced by the background assertion.”

A afirmação de Zubizarreta (Op. cit.) pode ser exemplificada com os dados do português. Os exemplos (1.03) e (1.04), a seguir, ilustram, respectivamente, situações em que, ora a variável introduzida pelo contexto assertivo é preenchida por um constituinte da sentença, ora é preenchida por um evento. Observe:

(1.03) A: – O que a Paula comeu?

(contexto assertivo e introdução da variável: há um x, tal que a Paula comeu esse x)

B: – A Paula comeu [_{Foc} o bolo].

(asserção principal e valoração da variável x por “o bolo”)

¹⁴ Citações em língua inglesa não serão traduzidas em virtude de os estudantes universitários, em sua grande maioria, possuírem conhecimento desse idioma, ensinado nas escolas brasileiras a partir da 5ª série do ensino fundamental.

(1.04) A: – *O que aconteceu com o rato?*

(contexto assertivo e introdução da variável: há um evento x e esse evento x ocorreu com o rato)

B: – [_{Foc} *O gato comeu*] *ele*.

(asserção principal e valoração da variável x por “o gato comeu”)

Já para a representação formal do tópico, Reinhart (1981) propõe que o tópico de uma asserção seja o sujeito de um predicado proposicional aberto, sendo este o comentário. Assim, da mesma forma que a estrutura de foco de uma sentença é constituída por duas asserções ordenadas, pressuposição + foco, a estrutura do tópico de uma sentença envolve uma informação pressuposta (tópico) + um comentário. Observa, ainda, a autora (Op. cit.) que, como o foco se encontra dentro do predicado proposicional (comentário), conclui-se que não há possibilidade de que tópico e foco se confundam.

Essas representações formais da pragmática-semântica de foco e de tópico não seriam representadas, conforme Reinhart (1981) e Zubizarreta (1997), nem no componente gerativo da gramática, nem no componente interpretativo Forma Lógica (LF), mas sim numa representação pós-LF, denominada Estrutura Assertiva (de *Assertion Structure*). O principal argumento de Zubizarreta (Op. cit.) para seguir a proposta de Reinhart (Op. cit.) é que o foco não precisa ser um constituinte sintático, podendo ser um evento. Veja o exemplo abaixo:

(1.05) A: *O que aconteceu com elas?*

B: *Acho que elas* [_{Foc} *se perderam*].

Em (1.05B), o foco *se perderam* não é exatamente o constituinte que completa o verbo *aconteceu* na pergunta (1.05A), tanto que não podemos dizer *se perdeu aconteceu com elas*. É nesse sentido que o foco não coincide com um constituinte sintático do contexto assertivo.

Rizzi (1997, p. 286-7), diferentemente de Reinhart (1981) e de Zubizarreta (1997), propõe que a representação das relações pragmático-semânticas entre tópico e comentário e entre foco e pressuposição são expressas na sintaxe através da estrutura X-barra, pela representação abaixo:

(1.06)

Conforme o autor, tanto o tópico como o foco na periferia da sentença consistem de um YP anteposto em posição A-barra, marcado por uma entonação especial, seguido de uma sentença que contém uma posição aberta vazia ou preenchida por um elemento pronominal. O YP é interpretado em correlação com a posição aberta no especificador de ZP. Apesar de se estruturarem de forma semelhante, o sentido é diferente conforme XP seja a projeção de Foc ou de Top. Se X é igual a Foc, então YP é o foco e ZP a pressuposição, de modo que a informação nova preenche o especificador de XP. Se X é igual a Top, então YP é o tópico e ZP o comentário, de modo que a informação velha preenche o especificador de XP.

Alguns problemas surgem na aplicação dessa proposta. Um deles, notado pelo próprio autor, é que não está claro como se dá essa relação semântica entre um YP tópico e um especificador de ZP comentário na sintaxe, uma vez que ligação pode ser questionada. Outro problema seria explicar como essa estrutura geral pode se aplicar a estruturas de foco se este não pode ser retomado por um pronominal.

Nesta tese, assumo o quadro de suposições articulado por Reinhart (1981), Lambrecht (1996) e Zubizarreta (1997), no tocante à natureza pragmática que pode se estabelecer entre tópico/pressuposição e entre foco/asserção, adotando, dessa forma, como conceito de foco a informação não-pressuposta e como conceito de tópico a informação pressuposta. A isso acrescento a noção de que tópico também tem a função de estabelecer um cenário discursivo para o que vai ser dito, conforme Dijk & Kintsch (1983). Além disso, assumo, seguindo Rizzi (1997), que a relação de natureza pragmática entre tópico/pressuposição e entre foco/asserção **pode** ser expressa no componente gerativo da gramática.

1.3. TIPOS DE FOCO

Apesar de existir uma certa diversidade funcional no sistema de foco, conforme a literatura sobre o assunto, Kuno (1972), Chafe (1976), Zubizarreta (1997) e Kiss (1998) assumem uma tipologia que contém três tipos de foco: (i) assertivo, (ii) contrastivo e (iii) de listagem exaustiva. Abaixo cito as definições de Kuno (Op. cit.) e de Chafe (Op. cit.) desses três tipos de foco:

- **Foco assertivo:** é também chamado de **foco informacional**. É a informação que o falante acredita, assume ou sabe que seu interlocutor não divide com ele. O sintagma entre colchetes, na sentença abaixo, exemplifica esse tipo de foco no PB:

(1.07) – *Você quer saber o que a Joana comprou de presente para o pai? Bem, eu acho que ela comprou* [_{Foc} *uma camisa*].

- **Foco contrastivo:** um sintagma com interpretação contrastiva é aquele fornecido pelo enunciado prévio (que preenche a variável x) e que o falante-ouvinte substitui por outro. Em outros termos, supõe um contexto em que se inclui a negação de um valor previamente atribuído à variável x. Observe:

(1.08) A: – *O João beijou a Maria!*

B: – *Não! O João beijou* [_{Foc} *a Marta*].

ou

Foi [_{Foc} *a Marta*] *que o João beijou.*

- **Foco de listagem exaustiva:** é a informação na qual o falante declara que o resto da sentença é verdadeiro somente com respeito a ela, e é falso com relação a todos os outros membros pertencentes à mesma classe do constituinte focalizado. Em outros termos, “[...] *A propriedade da exaustividade se realiza como identificação por exclusão, e poderia ser parafraseada por* [*x e apenas x*].” (Mioto & Negrão 2003, p.13)¹⁵

¹⁵ Kiss (1998, p. 245) caracteriza o foco de identificação (listagem exaustiva) da seguinte maneira: “um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o predicado pode se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica”.

(1.09) A: – *Todos os nossos vizinhos são chatos, né?*

B: – *Não. Chato é [_{Foc} o da frente].*

ou [_{Foc} só o da frente] é chato.

Mioto (2003, p. 5), observando a tipologia de foco apontada por Zubizarreta (1997), bem como a proposta de traços de [contrastividade] e de [exaustividade] de Kiss (1998), organiza um quadro tipológico de foco a partir de tais traços:

- a) [- contrastivo, - exaustivo] = foco de informação / não-contrastivo
- b) [- contrastivo, + exaustivo] = foco de identificação / de listagem exaustiva
- c) [+ contrastivo, - exaustivo] = “inexistente”
- d) [+ contrastivo, + exaustivo] = foco contrastivo

Como pode ser observado acima, um foco com os traços [+ contrastivo, - exaustivo] em (c) não seria possível nas línguas naturais.

Watters (1979), por seu turno, enriquece a tipologia de foco apresentada por Kuno (1972) e Chafe (1976) ao desenvolver um estudo detalhado sobre foco em “aghem”, uma língua africana falada em Camarões. As observações do autor sobre as propriedades de escopo de foco nesse idioma africano levaram-no a reconhecer outros dois tipos de foco que não haviam sido propostos anteriormente na literatura. Ele acrescenta à tipologia de foco dos autores acima citados os seguintes tipos:

- **Foco polar** (quando o foco marca morfologicamente o valor de verdade da sentença);
- **Foco polar contra-assertivo** (quando o foco marca morfologicamente o valor de verdade da sentença, contradizendo uma asserção prévia do ouvinte com relação a esse valor).

Contudo, não assumirei estes dois tipos de foco propostos por Watters (Op. cit.), visto que ainda não existem evidências, nem estudos sobre a existência de sentenças do PB com foco representado por afixos ou partículas. Por outro lado, deixo claro que existem estudos sobre itens lexicais (advérbios) que funcionam como focalizadores. A título de exemplificação, cito Ilari (1993).

1.4. TIPOS DE FOCO E O PB

Neste sub-item, apresento, de forma sumária, alguns trabalhos sobre o foco no PB. Meu objetivo, com isto, é mostrar que há trabalhos sobre esse dialeto que apresentam exemplos que se enquadram à tipologia da teoria apresentada anteriormente, enquanto outros demonstram evidências para uma terminologia adicional, apontando a existência de outros tipos de foco.

A título de exemplificação de um trabalho que apresenta uma tipologia adicional para o foco no PB, cito Klein (2003). Esta autora, estudando a partícula *mesmo* em PB, denomina-a marcadora de foco, o qual pode ser: (i) contrastivo, (ii) restritivo (foco de listagem exaustiva) e (iii) inclusivo. Este último aponta para a inclusão de um sintagma nominal em um dado conjunto (explícito ou implícito). Suas características são:

- *Mesmo* em foco inclusivo (1.10) e (1.11) ou foco restritivo (1.12) não manifesta morfologia de concordância e tem de ser imediatamente adjacente ao sintagma nominal em questão.

(1.10) “MESMO A MARIA sabe que tem poucas chances de ganhar a eleição.”

(1.11) “A MARIA MESMO sabe que tem poucas chances de ganhar a eleição.”

(1.12) A: – “Você conhece alguém que possa me ensinar a fazer vitrais?”

B: – “Claro. A ROSA MESMO é mestre em artes plásticas.”

- *Mesmo* em foco contrastivo costuma carregar morfologia de gênero e número; pode estar separado do SN com o qual tem relação de co-referência; e encontra-se posposto ao núcleo nominal. Observe essas características nos exemplos abaixo:

(1.13) a. “A Júlia, ELA MESMA consertou a boneca.”

b. “A JÚLIA MESMA/MESMO consertou a boneca.”

c. “ELA MESMA consertou a boneca.”

d. “A Júlia, ELA MESMO consertou a boneca.”

Quanto a trabalhos que apresentam exemplos no PB da tipologia apresentada no sub-item (1.3) e **adotada nesta tese**, cito o de Kato & Ribeiro (2004). Conforme as autoras (Op. cit.), é comum a distinção entre sentenças básicas, neutras ou sentenças não-marcadas, e sentenças marcadas. As clivadas fazem parte do segundo grupo. As sentenças clivadas são geralmente vistas como **um tipo relacionado com focalização**, em que X é o foco nas estruturas “é / foi X que ...” / “X é / foi que ...”. Seguindo Kato *et alii* (1996), apresento os quatro tipos mais básicos de realização focal no PB atual, incluindo a sentença neutra:

- (1.14) a. “(Maria (encontrou { **João** }))” Sentença neutra
- b1. “**Foi** o JOÃO **que** Maria encontrou.” Clivada (It-cleft)
b2. “**Foi** esse CD **que** Maria comprou.”
- c1. “O JOÃO **é que** Maria encontrou.” (Clivada inversa)
c2. “**ESSE** CD **é que** Maria comprou.”
- d1. “**Quem** Maria encontrou **foi** JOÃO.” Pseudoclivada (Wh-cleft)
d2. “**O que** João quer comprar **é** ESSE CD.”
- e1. “JOÃO **foi quem** Maria encontrou.” Pseudoclivada inversa
e2. “**ESSE** CD **é o que** o João comprou.”

O constituinte em negrito no exemplo em (1.14a) marca o foco *informacional* (ou foco largo), sobre o qual recai o acento nuclear. **O foco pode ser apenas o objeto** ou **o verbo + o objeto** ou **a sentença toda**, isto porque o foco largo tem a propriedade de se propagar da direita para a esquerda (cf. Cinque - 1990). O foco informacional responde a perguntas-Q cujo escopo pode ser o último elemento da sentença não-marcada ou qualquer constituinte que o contenha:

- (1.15) A: “**O que** o vizinho comprou?”
B: “Ele comprou um Fiat novo.”

- (1.16) A: “**O que** o vizinho fez ?”
B : “Ele comprou um Fiat novo.”

(1.17) A: “**O que é engraçado?**”

B: “O vizinho comprou um Fiat novo.”

Por outro lado, os constituintes em caixa alta nos exemplos em (1.14) indicam a posição do acento sobre o foco quantificacional, ou foco estreito¹⁶. **É o foco quantificacional que se relaciona com as leituras semânticas de contraste, exclusividade e exaustividade.** Desse modo, o constituinte em caixa alta identifica o valor (ou o referente) de uma variável X, a partir de um subconjunto exaustivo de elementos, contextualmente definido.

Em Kato *et alii* (Op. cit.) observa-se, ainda, que **as orações clivadas e as pseudoclivadas** podem ter uma interpretação **de foco informacional ou de foco contrastivo**, enquanto **as pseudoclivadas inversas e as clivadas inversas só podem ter interpretação de foco contrastivo**¹⁷. Os seguintes contextos ilustram estas possibilidades:

➤ Resposta: **foco informacional**:

(1.18) A: “O que **é/foi que** o vizinho comprou?”

B1: “**Foi** O NOVO FIAT (**que** ele comprou).” (clivada)

B2: “**O que** ele comprou **foi** O NOVO FIAT.” (pseudoclivada)

* “O NOVO FIAT **é que/o que** ele comprou.” ((pseudo)clivada inversa)

➤ Resposta: **foco contrastivo**:

(1.19) A: “Seu vizinho comprou o novo Corola?”

B1: “Não, **foi** O NOVO FIAT **que** ele comprou.” (clivada)

B2: “Não, **o que** ele comprou **foi** O NOVO FIAT.” (pseudoclivada)

B3: “Não, O NOVO FIAT **é que / o que** ele comprou.” (pseudoclivada inversa)

¹⁶ Outros acentos secundários podem ocorrer, a depender do contexto. Observa-se que em contexto apropriado, (4a) também pode ter uma leitura de foco estreito.

¹⁷ Já Quarezemim (2005), por seu turno, demonstra que, no PB, **as construções clivadas e pseudoclivadas** são utilizadas para veicular apenas **foco contrastivo** ou **foco de listagem exaustiva** (não veiculam foco informacional).

Além dos tipos básicos apresentadas em (1.14b-d), outras possibilidades de clivagem são atestadas no PB (como também em outras línguas), como as apresentadas nos estudos de Modesto (2001)¹⁸, Kato *et alii* (1996) e Kato (1989)¹⁹:

- (1.20) a. “**É** A SUZANITA **quem** quer casar.” (Modesto 2001) Pseudoclivada extraposta
 b. “Quero **é que** VOCÊ VÁ PRA CASA.” (Kato et alii 1996) Pseudoclivada reduzida
 c. “MARIA **que** chegou.” (Kato 1989) Clivada sem cópula

Quarezemim (2005), contudo, através do exemplo (1.21B3), observa que, no PB, a construção **clivagem inversa** não é apropriada para focalizar contrastivamente o constituinte com a função sintática de **objeto**.

(1.21) A: O Beto comprou um palio, né?

B1: Não. Ele comprou [_F um corsa]. (foco contrastivo no O pós-verbal)

ou B2: Não, foi [_F um corsa] **que** ele comprou. (foco contrastivo na clivagem)

ou B3: *Não, [_F um corsa] **é que** o Beto comprou. (foco contrastivo na clivagem inversa)

ou B4: Não, o **que** o Beto comprou foi [_F um corsa]. (foco contrastivo na pseudoclivagem)

Contudo, a autora (Op. cit.) explica que, se o objeto estiver localizado à esquerda do verbo, numa construção OSV, ele pode ser interpretado como foco contrastivo ou exaustivo, como ilustra seu exemplo abaixo:

¹⁸ Modesto trata casos de inversão dos tipos abaixo como casos de pseudoclivadas, diferentemente da análise de Kato & Ribeiro (2007).

¹⁹ Conforme Kato & Ribeiro (2007), existem, ainda, no PB, construções com *é que* que **não são exemplos de clivadas**, pois não se pode derivar, a partir delas, os efeitos de contraste e/ou exclusividade. Assim, *é que* pode ocorrer em construções dos tipos exemplificados abaixo, estabelecendo um **foco informacional**. Observe:

(1) A: “Por **que** você está mancando?”

B: “**É que** meu pé tá doendo.” (*é que* explicativo/causal)

(2) A: “O **que** aconteceu?”

B: “**É** meu pé **que** tá doendo.” (*é que* apresentador)

B’: “**É que** meu pé tá doendo.”

(1.22) “[_F Um carro] a Maria comprou (não uma moto).”

Sendo o último constituinte da sentença, Quarezemim (Op. cit.) observa que o objeto acaba coincidindo com o acento nuclear da mesma. Se, por outro lado, o objeto não for o único constituinte à direita do verbo, ele pode se posicionar no final da sentença para receber o acento nuclear e a interpretação de foco informacional, como está exemplificado abaixo:

(1.23) “A Maria comprou ontem [_F um carro].”

(O que a Maria comprou ontem?)

Apesar de o exemplo acima de Quarezemim (Op. cit.) mostrar o rearranjo feito na organização dos constituintes da sentença (advérbio de tempo antes do DP objeto direto) a fim de deixar o acento nuclear da sentença recair sobre o constituinte que exerce a função de foco informacional, parece mais natural do PB, a meu ver, uma sentença com o advérbio *ontem*, parte pressuposta da informação, localizado ou no extremo esquerdo ou no direito da sentença, como nos exemplos abaixo:

(1.24) A: O que a Maria comprou ontem?

B1: Ontem a Maria comprou [_{Foc} um carro].

ou

B2: A Maria comprou [_{Foc} um carro] ontem.

Além desses fatos, Quarezemim (Op. cit.) observa que em sentenças com verbo transitivo, o sujeito dificilmente aparece em posição pós-verbal no PB, sendo que, por essa razão, ele normalmente é focalizado antes do verbo transitivo. O único contexto em que o sujeito interpretado como foco de informação aparece depois do verbo transitivo ocorre quando temos **sentenças apresentativas**, cuja informação relevante, não pressuposta, aparece sempre no final. Neste contexto, o locutor nada mais faz do que apresentar alguém, como ilustram as sentenças abaixo²⁰:

²⁰ Seguindo Pilati (2002), Quarezemim (2005) assume que as sentenças apresentativas funcionam como contextos de inversão que se subdividem em três tipos: (i) a narrativa, como em (1); (ii) a inversão locativa, apresentando um PP locativo em posição inicial, como em (2); e (iii) um contexto de inversão que ocorre quando um operador de foco – só, por exemplo – tem escopo sobre o sujeito, como em (3):

- (1.25) a. “E agora, anima o público, [_F o palhaço Biriba].”
 b. “Vai cortar o bife [_F o açougueiro].”

1.5. FOCO E PROSÓDIA

Conforme Quarezemim (2005), todos os tipos de foco no PB são pronunciados com uma certa proeminência prosódica. Dessa forma, é necessário compreender a relação entre foco e prosódia para se entender adequadamente como o foco se comporta numa sentença e, assim, identificá-lo²¹. Acontece que as sentenças desse dialeto também possuem uma prosódia característica, isto é, possuem um acento nuclear, que é atribuído segundo as regras de acentuação da língua em questão. Se assumirmos para o PB a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule - NSR*) de Chomsky & Halle (1968)²², devemos atribuir o acento principal à sílaba mais encaixada do constituinte que está mais à direita na sentença. Dessa forma, em um par pergunta-resposta do PB, a proeminência prosódica da sentença cairá sobre a **sílaba tônica** do constituinte focalizado de um sintagma, na resposta. Considere os exemplos abaixo²³:

- (1.26) a. O que o Beto comeu?
 b. O Beto comeu [_F um pasTEL].
 c. O Beto comeu [_F um pastel de CARne].
- (1.27) a. O que aconteceu?
 b. [_F O Beto comeu um pastel estraGAdo].

Em (1.26c), não é permitido acentuar todo o constituinte focalizado *um pastel de carne*, pois a NSR obriga o pico entonacional a recair sobre uma sílaba, ou ainda, uma vogal em um único

(1) “Abre o placar [_F o time do Palmeiras].”

(2) “No shopping da trindade, comem pizza [_F os universitários].”

(3) “Só responderam a chamada [_F os alunos da primeira série].”

Observe, contudo, que tais construções “padronizadas” devem fazer parte da periferia marcada da gramática nuclear de falantes, já que são utilizadas apenas em certos contextos.

²¹ Há casos em que a relação entre foco e prosódia é desconsiderada: em línguas tonais, como as africanas, por exemplo, o foco não está ligado à entonação.

²² Chomsky & Halle (1968) definem a Regra de Acento Nuclear (NSR) como segue: NSR: o acento é atribuído à vogal mais à direita em um constituinte maior, por exemplo, [*the* [*black* *bird*]]. A NSR é uma regra cíclica, a qual pode ser aplicada recursivamente.

²³ As letras maiúsculas indicam o acento principal.

constituente da sentença. Mesmo quando toda sentença é focalizada, como em (1.27b), o elemento que recebe o acento nuclear é somente o último constituinte. Dessa forma, o acento do foco de informação acaba coincidindo com o acento nuclear da sentença.

Zubizarreta (1997), estudando a ordem dos constituintes de sentenças das línguas germânicas e românicas, assume que a variação na ordem ocorre como uma forma de o foco de informação receber acento principal via NSR. Além disso, propõe uma revisão da NSR, nos seguintes termos:

(1.28) NSR revisada:

- S-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , se C_i e C_j são ordenadas seletionalmente, a mais baixa na ordem de seleção é a mais proeminente.
- C-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , a mais baixa na ordem de c-comando assimétrico é a mais proeminente.

Em (1.28), a NSR é subdividida em duas partes: uma fundamentada na ordenação de argumentos selecionados por um predicado (S-NSR), e outra baseada na ordem de constituintes por meio de c-comando assimétrico (C-NSR). A relação de c-comando assimétrico ocorre entre dois constituintes que não estão no mesmo nível hierárquico na estrutura. Observe a aplicação da NSR ao PB revisada na sentença (1.29b) abaixo:

(1.29a) *O que o Beto comeu?*

(1.29b) *O Beto comeu [_{Foc} um DOce].*

Na derivação dessa sentença, levando-se em conta a aplicação de C-NSR, observa-se que o constituinte *o Beto* e o constituinte *um doce* não estão no mesmo nível hierárquico, isto é, o objeto *um doce* é dominado por VP, que, por sua vez, é dominado por IP; já *o Beto* é apenas dominado por IP. Assim, pode-se afirmar que em (1.29b) *o Beto* c-comanda assimetricamente *um doce*. Dessa forma, *um doce* é mais proeminente que *o Beto*. Note que, se a proeminência dessa sentença for atribuída via S-NSR, o elemento acentuado será *o Beto*, já que ele é o último argumento selecionado pelo predador verbal.

A diferença entre as línguas germânicas e as românicas, explica a autora, reside no fato de que, nas primeiras, tanto a S-NSR quanto a C-NSR se aplicam, enquanto a atribuição do

acento principal, nas últimas, se baseia somente na noção de c-comando, e não em propriedades seletivas do verbo. Mesmo assim, algum recurso especial precisa ser aplicado à sentença para que o foco informacional receba o acento nuclear da sentença quando ele coincidir com o sujeito. A solução para o italiano e espanhol, nesse caso, é empregar a ordem verbo-sujeito (VS), deixando o sujeito numa posição mais à direita na sentença. Já para explicar como algumas línguas românicas permitem a atribuição do acento nuclear ao elemento interpretado como foco de informação que não está mais à direita na sentença, Zubizarreta (1997) faz uma distinção entre *visibilidade* e *invisibilidade métrica*. A NSR se aplica apenas a constituintes que são metricamente visíveis. Em línguas como o italiano e espanhol, por exemplo, todos os constituintes são visíveis para a atribuição de acento principal. Por isso, o foco de informação deve estar em uma posição mais encaixada na sentença. Em outras línguas, como o francês, os constituintes não focalizados são invisíveis para a computação do acento principal. Nestas línguas, são possíveis sentenças com o acento principal sobre o constituinte focalizado que está mais à esquerda na sentença, como em (1.30b) ²⁴:

(1.30) a. “*Qui a mangé une pomme?*”

(Quem tem comido uma maçã?)

b. “[_F JeAN] **a mangé une pomme.**”

(João tem comido uma maçã)

Assim, em (1.30b), o sujeito *Jean* recebe o acento principal e a pressuposição que é metricamente invisível para a atribuição do acento sofre um processo de desacentuação.

Já no tocante ao foco contrastivo, Zubizarreta (Op. cit.) propõe que o constituinte focalizado contrastivamente recebe um acento que independe da NSR e que é mais intenso que o acento nuclear. Observe o exemplo abaixo do PB:

(1.31) *Não, senhor! [_F O BETO] comeu um pastel estraGado.*

Em (1.31), a sentença continua com seu acento nuclear em *estraGado*, apesar de ter um acento mais forte sobre o constituinte *o Beto* focalizado contrastivamente. Dessa forma, o

²⁴ Os constituintes em negrito representam a invisibilidade métrica.

acento contrastivo não deve ser confundido com o acento principal atribuído via NSR, pois, este último está relacionado apenas ao foco informacional da sentença.

1.6. TIPOS DE TÓPICO

Não é consensual a classificação dos tipos de tópico entre os linguistas. Meu objetivo, nesta seção, é justamente mostrar um pouco dessa problemática, apresentando uma classificação tradicional da literatura sobre o assunto: Cinque (1990) e uma outra mais recente que tenta modificá-la, Raposo (1996).

Cinque (1990) considera que existem dois tipos de construção de tópico nas línguas românicas: a CLLD (deslocação à esquerda clítica) e a LD (deslocação à esquerda). Neste trabalho, seguindo as observações de Ross (1967) e de Chomsky (1977) sobre a construção LD, o autor faz uma diferenciação detalhada dessas duas construções²⁵. Veja algumas dessas propriedades através de exemplos de Cinque (1990, p. 57-59):

- 1) O elemento dobrado por um clítico na CLLD pode ser qualquer projeção máxima que não esteja em ilhas (1.32a-c); enquanto na LD só pode ser um DP, por isso a sentença (1.33a) se torna agramatical com a inserção da preposição no constituinte topicalizado, tornando-o um PP:

(1.32) a. “[_{PP} Al mare], **ci** siamo già stati.”²⁶

ao mar **lá** já estivemos
c]

b. “[_{AP} Bella], non lo è mai stata.”

bonita ela nunca o foi

²⁵ Diferentemente da proposta de Cinque (1990), Benincà (2004) apresenta dois tipos de tópico, HT (*Hanging Topics*) e LD (Deslocação à esquerda). Como a descrição dessas construções do italiano são muito confusas, apresentando características, ora da CLLD (no caso de LD de Benincà), ora da ETop (no caso da HT de Benincà), decidi não abordá-las aqui a fim de não confundir mais ainda o leitor com semelhanças entre as construções apresentadas. Remeto o leitor, então, à leitura da obra citada.

c. "[_{QP} Tutti], non li ho visti ancora."

todos, não os vi ainda

(1.33) a. " *To John, I have already spoken to him."

a João, eu já falei com ele

b. " John, I have already spoken to him."

João, eu já falei com ele

2) A CLLD pode ocorrer em qualquer tipo de oração encaixada, enquanto a LD só pode ocorrer em sentença raiz e no complemento de poucas classes de verbos.

3) Na CLLD existe a recursividade de tópico; já na LD só é possível a ocorrência de apenas um. Veja uma sentença com CLLD e dois tópicos do italiano:

(1.34) "Di vestiti, a me, Gianni, in quel negozio, no mi ce ne ha mai comprati."

roupas-Top, para mim, Gianni -Top, naquela loja, não me há mais comprado

4) Na CLLD, se houver um elemento resumptivo interno a IP, ele tem que ser um clítico. Tal requerimento não existe em LD, uma vez que o resumptivo pode ser um pronome pleno.

5) Na CLLD, há obrigatoriedade de conectividade entre o sintagma deslocado à esquerda e a posição interna a IP, estando ligada por um clítico ou por uma categoria vazia. Dessa forma, o constituinte dobrado à esquerda sofre os efeitos do cruzamento fraco (*weak cross-over*) e de ilhas sintáticas, como se pode ver no exemplo (1.35) de Cinque. Na LD, contrariamente, não ocorre nenhum tipo de conectividade entre o sintagma deslocado à esquerda e o pronome resumptivo interno ao IP. Observe:

(1.35) "A lei_i / *se stessa, Maria_i dice che non ci pensiamo mai." (efeito de cruz. fraco)

nela / si própria, Maria diz que não pensamos mais

²⁶ Em italiano, os clíticos também podem retomar um locativo.

(1.36) “*A casa, lo abbiamo incontrato* [_{PP} *prima che ci andasse*].” (ilha sintática/PPadjunto)
para casa o encontramos antes que (ele) lá_(CL) fosse

Raposo (1996), contudo, refletindo sobre as construções de topicalização estudadas por Cinque (1990), argumenta contrariamente à divisão fundamental dessas construções em CLLD e LD, pois observa que todos os tópicos são desconectados da oração associada, isto é, são objetos sintáticos independentes. Sendo assim, Raposo (Op. cit.) não pode admitir uma classificação que se baseie na força da associação entre tópico e a oração. Advoga, então, que tópico e sua oração associada não são formados por princípios sintáticos, fato que implica que o tópico marcado não é movido de dentro da oração-comentário e, se algo é movido, deve ser uma categoria vazia. Isso também implica que não há necessidade de construções adjuntas para o tópico, indo ao encontro da proposta de Chomsky (1995b) que propõe que esse processo não pertence ao sistema computacional. As duas construções básicas de topicalização seriam, conforme Raposo (Op. cit), Tópico-DP e Tópico-XP.

Outro argumento de Raposo (Op. cit.) contrário à divisão em construções CLLD e LD proposta na literatura reside no fato de que a opção “tópico associado a um vazio em IP” não está disponível em línguas como francês, espanhol e italiano. Além disso, observa Raposo (Op. cit.) que essa opção acaba tornando a classificação CLLD confusa, na medida em que a aproxima de um outro tipo de construção muito comum no português europeu e no inglês, a construção denominada ETop (topicalização inglesa, de *English Topicalization*). Esta caracteriza-se por ter um DP definido em posição marcada de tópico, ao qual corresponde um vazio na posição de objeto interna à sentença. O autor (Op. cit.) cita o seguinte exemplo de construção ETop:

(1.37) “*Essa garrafa, comprei __ para o capitão.*” (ETop)

Assim, em ambas as construções, CLLD e ETop, seria possível haver um vazio na posição de objeto interna à sentença. No entanto, no plano da semântica, explica Raposo (Op. cit.), CLLD e ETop diferenciam-se porque, nesta, mas não em CLLD, o tópico pode ser um DP nu, que se relaciona a um conjunto geral cujos membros é a extensão do nome comum e que também pode ser aberto a uma interpretação genérica. Observe os exemplos do autor, abaixo:

(1.38) “*Livros do Tintim, li ontem antes de adormecer.*” (ETop)

(1.39) * *“Livros do Tintim, li-os ontem antes de adormecer.”* (CLLD)

Já no tocante a propriedades sintáticas, várias são as diferenças apontadas por Raposo (Op. cit.):

a) Dependendo do tipo de XP topicalizado, CLLD é sensível a ilhas (com tópicos do tipo PP, mas não do tipo DP), enquanto que ETop sempre sofre esse tipo de restrição. Cito os seguintes exemplos do autor:

(1.40) *“Essas cartas, eu conheço o rapaz [que as escreveu à Maria].”* (CLLD com DP-tópico + ilha sintática)

(1.41) * *“Com o Manel, eu conheço a rapariga [que saiu ontem à noite].”* (CLLD com PP-tópico sofrendo efeitos de ilha sintática)

(1.42) * *“Essas cartas, eu conheço o rapaz que escreveu à Maria.”* (ETop sofrendo efeitos de ilha sintática)

b) A lacuna na oração associada da construção ETop licencia, contrariamente à CLLD, uma lacuna parasita (pg). Cito os seguintes exemplos de Raposo (op. cit.):

(1.43) *“Esses documentos, eu queimei __ depois de ler __.”* (ETop)
pg

(1.44) * *“Esses documentos, eu queimei-os depois de ler __.”* (CLLD)
pg

c) Em ETop pode haver ocorrência de DP nu com possibilidade de retomada por um quantificador, mas não em CLLD, o que implica que a lacuna, nesse caso, não pode ser preenchida por um clítico. Cito os seguintes exemplos do autor (Op. cit.):

(1.45) *“Carrinhos dinkytoys, a minha mãe deu-me alguns/muitos/um/poucos/bastantes quando eu era pequeno.”* (LD)

(1.46) * *“Carrinhos dinkytoys, li-os poucos / bastantes / vários ontem antes de dormir.”* (CLLD)

Raposo (1996) conclui que, na CLLD, a construção com tópico-DP é diferente da construção com tópico-PP, e esta se assemelha à construção ETop que também é caracterizada por apresentar movimento visível, deixando uma variável-vestígio na posição associada. O problema, então, explica o autor (Op. cit.), é descobrir o que de fato se move nessas construções.

No caso de ETop, seguindo Chomsky (1977), ocorre o movimento de um operador na oração associada, sendo o tópico gerado *in situ* num nó de tópico. Raposo (Op. cit.) apresenta, então, argumentos para analisar construções do tipo ETop e construções com objeto nulo [(NO), do inglês *Null Object*] da mesma forma, ou seja, envolvendo o movimento de um operador nulo, sendo que, em ETop, o tópico é visível, mas na construção de objeto nulo não.

Apesar de haver vários trabalhos²⁷ que analisaram ETop no PE e no inglês como movimento envolvendo o próprio tópico, por adjunção a uma posição na periferia esquerda da sentença, Raposo (1996) advoga que esse tipo de abordagem não é adequada principalmente pelo fato de não haver evidências claras de que um DP referencial sem quantificação ou foco possa funcionar como um operador na ligação de variáveis, conforme os critérios sintáticos e semânticos assumidos na literatura para a classe de operadores (cf. Cinque – 1990, entre outros). Assim, se DPs referenciais não se qualificam como operadores, o tópico como em (1.46), por exemplo, não pode ser o operador que faz a ligação da variável interna a IP. O exemplo em (1.47) abaixo ilustra, então, a existência de um operador nulo sendo movido para uma posição A-barra e ligando o seu vestígio, a categoria vazia (ec) na lacuna associada ao tópico.

(1.47) “[_{XP} Carrinhos dinkytoys, [_{CP} OP [_{IP} eu sempre adorei ec]]]”

Dessa forma, conclui Raposo (Op. cit.), que a análise das construções ETop pode ser também aplicada às construções do tipo CLLD quando estas possuem um vazio na posição associada ao tópico, fato que as tornam parecidas. Assim, em ambos os casos ocorre o movimento de um operador nulo, sendo o tópico um DP ou um PP / XP. Esse fato é mais uma evidência para o autor (Op. cit.) advogar que as construções de topicalização ficam melhor divididas em tópico-XP e tópico-DP e que em ambas o tópico é gerado *in situ*.

No entanto, ao tentar unificar as construções de objeto nulo e ETop, a análise de Raposo

²⁷ Ver Duarte (1987), Lasnik & Uriagereka (1988), entre outros.

(Op. cit.) acaba sendo inadequada para o PB na medida em que alguns estudos – Galves (1989), Kato (1991), entre outros - já mostraram que o objeto nulo nesse dialeto é mais livre do que no PE, isto é, pode ocorrer em ilhas sintáticas. Devido a esse comportamento do objeto nulo no PB, Galves (Op. cit.) propõe que a categoria vazia nessa construção do PB não seja uma variável, mas sim um *pro*. Tal fato impossibilita, então, que a construção do objeto nulo do PB possa ser a mesma do ETop e do objeto nulo do PE.

1.7. TIPOS DE TÓPICO NO PORTUGUÊS

Nesta seção, abordo os tipos de tópico em PE e em PB. A razão de eu fazer esse tipo de abordagem advém do fato de construções típicas do PE poderem aparecer em textos escritos por escritores brasileiros do século XIX, enquanto alguns tipos de tópico, específicos do PB, poderem aparecer apenas no século XX.

O trabalho de Duarte (1987) investiga as construções de topicalização que ocorrem no português europeu moderno. Essa pesquisa detectou quatro tipos dessas construções nesse dialeto, denominadas: (i) **Tópico Pendente**, (ii) **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente**, (iii) **Topicalização**, e (iv) **Deslocamento à Esquerda Clítica - CLLD**. A seguir exponho as propriedades apresentadas em Duarte (1987, p. 73-84) para a diferenciação dessas construções, bem como alguns de seus exemplos:

- 1) **Tópico Pendente:** sua relação sintática com o comentário é de grau mínimo porque não há relação sintática de Caso ou de papel temático entre o tópico e algum elemento interno ao comentário. No plano textual, funciona geralmente como um tópico de ligação, ou seja, é utilizado para fazer a transição entre o assunto anterior e o assunto seguinte. Realiza-se, geralmente, ou como um DP nu, ou regido por uma expressão do tipo *quanto a*, *acerca de*, *no que diz respeito a*. Observe:

(1.48) *“Quanto ao debate de ontem à noite, é forçoso reconhecer que há políticos que falam sobre um país que não conhecem.”*

(1.49) “Bom.. praias, adoro a Arrábida..”

- 2) **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente:** tem uma relação sintática mais forte com o comentário, pois o tópico é retomado por um elemento interno à oração, com o qual apresenta conformidade de traços gramaticais de pessoa, gênero e número. Veja:

(1.50) “O João... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu.”

(1.51) “A Maria, encontrei ontem aquele amigo dela que faz cinema.”

Conforme Duarte (Op. cit.), as duas construções apresentadas acima possuem algumas propriedades sintáticas em comum, tais como: não são sensíveis a ilhas; estão limitadas a contextos de frase-raiz e não envolvem movimento do tópico para a posição periférica à esquerda da sentença. São essas características que levam Duarte (Op. cit.) a propor que o tópico, nesses tipos de construção, é gerado na base, na posição de especificador de TopP.

- 3) **Topicalização:** nesta construção de tópico, o elemento topicalizado pode ser um XP qualquer (enquanto que em ETop só pode ser um DP). Além disso, o constituente interno ao comentário é obrigatoriamente uma categoria vazia e licencia lacunas parasitas. Exemplos:

(1.52) “A esse político, podes crer que não dou o meu voto [-].”

(1.53) A: “Gostas de perfumes?”

B: “Ah sim, perfumes, adoro [-].”

- 4) **CLLD:** conforme Duarte (Op. cit.), não há na CLLD um valor contrastivo associado ao elemento topicalizado, funcionando apenas como uma estratégia de preservação do tópico, quando então se retoma o tópico da sequência anterior, ou quando se enumera os

elementos de um conjunto introduzido no discurso anterior²⁸. Em (1.54), apresento um exemplo citado pela autora para ilustrar uma destas situações. Observo que, em sua proposta, esta construção tem um tópico definido na periferia esquerda sempre retomado por um clítico com o qual se estabelece a concordância de traços formais de caso, gênero e número:

(1.54) *“O tipo é insuportável! O modo como ele trata as pessoas é incrível! Aos amigos, fala-lhes com aquele tom de paternalismo condescendente que ninguém agüenta. Os porteiros, considera-os abaixo de cão. Os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos (...).”*

Observa-se que, no exemplo acima, os constituintes *aos amigos*; *os porteiros*; e *os gerentes*, representam a enumeração de um conjunto introduzido anteriormente pelo constituinte *as pessoas*, e os clíticos que os retomam estão em concordância de caso, número e gênero com eles.

Em Brito, Duarte & Matos (2003, p. 501), por seu turno, identifica-se, ainda para o PE, mais um tipo de construção de topicalização, descrita no item 5 abaixo:

5) Topicalização Selvagem: diferencia-se da construção denominada Topicalização porque o constituinte deslocado, nesse tipo de construção, é um PP sem estar antecedido da preposição, que pôde ser apagada por não possuir conteúdo semântico. Observe:

(1.55) *“Essa cerveja, eu não gosto [-].”*

(1.56) *“Esse relatório, acho que não precisamos [-] para a reunião de hoje.”*

As autoras (Op. cit.) salientam que esse tipo de construção restringe-se a contextos de frases-raiz no PE, pois as frases tornam-se agramaticais ou muito estranhas fora desse contexto.

²⁸ Arregi (2007), entretanto, estudando a CLLD no espanhol, aponta que esse tipo de construção pode veicular tópico contrastivo.

Para ilustrar esse fato, citam os seguintes exemplos:

(1.57) */? “*Todos sabem [que essa cerveja, eu não gosto [-]].*”

(1.58) */? “*Imprime o ficheiro inteiro, [embora esse relatório, acho que não precisamos [-] para a reunião hoje].*”

No entanto, as autoras (Op. cit.) chamam a atenção para o fato de que, no PB oral, é possível a ocorrência, nesse tipo de construção, do PP topicalizado sem a preposição com conteúdo semântico, como em (1.59), e alçamento de PPs que não sejam argumentos do verbo, também sem a preposição, como em (1.60) ²⁹:

(1.59) “*Linguísta a gente não pode conversar mais [-] não.*”

(1.60) “*O seu regime entra muito laticínio [-].*”

Em Galves (1998b, p. 21-22), entretanto, demonstra-se que há duas construções de topicalização no PB que não se assemelham com as do PE:

6) Tópico Sujeito: caracteriza-se por ter como tópico à esquerda um PP locativo ou adjunto sem a preposição que se comporta como o sujeito da frase porque estabelece concordância com o verbo; além disso, não há concordância verbal entre o verbo e o DP pós-verbal, e o argumento externo do verbo não pode ser projetado, como pode ser visto pelos exemplos da autora (Op. cit.) citados abaixo:

(1.61) “*Esta casa bate sol.*”

(1.62) “*Estas casas batem muito sol.*”

²⁹ Os exemplos (1.59) e (1.60), observam Brito, Duarte & Matos (2003), foram retirados de Pontes (1987, p. 33) e de Kato (1993, p. 230), respectivamente.

7) Tópico com Pronome Lembrete: são dois os tipos de construções possíveis:

- (a) O sujeito é deslocado à esquerda e é retomado por um pronome lembrete em sua posição pré-verbal, concordando com o verbo, como pode ser visto pelo exemplo da autora (Op. cit.) demonstrado abaixo:

(1.63) “Essa competência, ela é de natureza mental.”

- (b) Um locativo ou um PP é deslocado à esquerda e é retomado internamente, em sua posição na oração, por um pronome lembrete. Neste caso, esse elemento deslocado, diferentemente do que ocorre com as construções de Tópico Sujeito, não concorda com o verbo, como pode ser visto pelo exemplo da autora (Op. cit.) demonstrado abaixo:

(1.64) “Esta casa, bate muito sol nela.”

Em ambos os tipos (a e b), há uma conectividade sintática entre o elemento deslocado e o pronome lembrete, uma vez que são co-referenciais e portam os mesmos traços morfológicos.

Já Kato & Raposo (2006), observando propostas de Mólnar (2001) e de Shlonsky (2004), advogam que DPs tópicos podem ser contrastivos ou não no PE/PB e que a interpretação desses constituintes freqüentemente depende da questão-contexto. Esse fato pode ser observado através dos exemplos de Kato & Raposo (Op. cit.) citados abaixo:

- Contexto não-contrastivo:

(1.65) A: — “Onde é que (vocês) encontraram esse CD?”

B: — “Este CD, (nós) só encontramos **ec** no FNAC.”

- Contexto contrastivo:

(1.66) A: — “(Vocês) encontraram os CDs que (vocês) queriam?”

B: — “Os CDs, (nós) encontramos **ec**, mas os livros que queríamos, não.”

1.8. A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO DO TÓPICO E DO FOCO PELA ESCRITA

Na abordagem formal (gerativo-transformacional ou gerativa) da investigação lingüística, embora os estudos sobre tópico e foco (da língua inglesa, inicialmente) estejam presentes desde as primeiras décadas de desenvolvimento da teoria: Ross (1967), Chomsky (1977), entre outros, eles eram vistos apenas como um fenômeno sintático, isto é, suas implicações com o discurso eram desconsideradas³⁰. Mais tarde, esses estudos passam a ser desenvolvidos tendo como base outras línguas e intensifica-se uma preocupação com a interface entre a sintaxe e o discurso nesse âmbito de pesquisa, com o objetivo de mapear, no componente gerativo da gramática, a sintaxe, propriedades discursivas que participam da construção da sentença. Assim, Cinque (1990), por exemplo, revela que o tópico, no italiano, tende a ser deslocado à esquerda. Alguns de seus seguidores, Zubizarreta (1997) e Costa (2000), revelam o mesmo fenômeno para o espanhol e o português europeu, respectivamente.

A partir dessa perspectiva, a construção da oração é fruto, então, não apenas das regras sintáticas de uma língua, mas também de como a sintaxe possibilita que fatores discursivos interajam com o componente gerativo. Dessa forma, algumas línguas podem, por exemplo, em virtude dessa interação, expressar o tópico ou o foco preferencialmente pela ordem marcada em detrimento da ordem básica.

Acontece que a ordem entre tópico e foco, contudo, está sujeita à alteração, pois o tópico pode também aparecer à direita, e o foco, no caso de ser pronunciado com um destaque prosódico, pode aparecer em qualquer posição da sentença, inclusive deslocado à esquerda. Assim, esse fato coloca problemas para a identificação do tópico, principalmente em textos escritos, uma vez que neles não existe nada que indique a prosódia dos constituintes. A fim de tentar solucionar o problema na distinção entre tópico e foco no texto escrito, alguns testes são propostos por alguns pesquisadores. Exponho, a seguir, alguns desses testes.

Zubizarreta (1997) propõe três testes para diferenciar qual é a parte pressuposta e a parte assertiva de uma oração: (i) da negação, (ii) de pergunta e resposta e (iii) dos operadores sensíveis a foco. Todos eles mostram que a pressuposição pode resistir a modificações feitas na frase, mas a asserção não. Assim, aplicando-se o teste da negação, por exemplo, a pressuposição

³⁰ Cf. Rebuschi & Tuller (1999, p. 3-13) - "Overview of the Evolution of the Study of Focus in the Generative Tradition".

continua intacta, mas a asserção se perde, não consegue resistir às modificações ocorridas na sentença. Este fato pode ser observado no exemplo abaixo:

(1.67) *O atual presidente do Brasil não está fazendo investimentos na área da saúde.*

A parte que não é afetada pela negação é justamente o que se considera pressuposição, pois o atual presidente do Brasil continua sendo o *Lula*, ou seja, a negação não muda o conhecimento pressuposto pelos interlocutores. Já a parte afetada por ela constitui-se o que se considera asserção: *está investindo na área da saúde*. Nem todos sabem se o presidente está investindo ou não na área da saúde. Dessa forma, a negação implica uma mudança no foco, no conhecimento não-pressuposto.

O segundo teste proposto por Zubizarreta (Op. cit.), o de pergunta e resposta, consiste na elaboração de uma pergunta e em encontrar qual é a parte pressuposta ou assertiva na resposta dada a ela. Assim, os elementos lingüísticos da pergunta que são retomados na resposta fazem parte da pressuposição, são o tópico; enquanto aqueles que são acrescentados na resposta consistem na asserção, são o foco. Observe:

(1.68) A: *O que a Paula preparou para o almoço?*

B: *Ela preparou [uma macarronada].*

(1.69) A: *O que aconteceu?*

B: *Houve um incêndio naquele edifício!.*

Analisando-se os exemplos acima, pode-se detectar que em (1.68A), *a Paula preparou X para o almoço* constitui o pressuposto, e o valor de X [*uma macaronada*] constitui a asserção. Em (1.69A), um evento é o pressuposto e o valor dele, a proposição inteira em (1.69B) é a asserção.

O terceiro teste consiste em usar os operadores sensíveis a foco, tais como *só, até, mesmo* e negação, diante de um constituinte que se quer identificar como aquele que está recebendo o acento focal (entendendo-se que aquele que recebe o acento focal, representado em caixa alta, é a asserção), como em:

- (1.70) a) *O Fabiano só PREPAROU O JANTAR.*
 b) *O Fabiano preparou só O JANTAR.*
 c) *Só O FABIANO PREPAROU O JANTAR.*

Nos exemplos de (1.70), então, cada constituinte que está no escopo do advérbio focalizador *só* será considerado o foco, e os outros serão considerados parte da pressuposição. Tal teste parece não ser muito eficaz para a identificação do foco em termos de distinção entre ele e o tópico, pois o teste apenas indica os constituintes que podem ser o foco, isto é, não há precisão sem informação prosódica da sentença ³¹.

Além dos testes apresentados acima, existe ainda a possibilidade de se fazer uma distinção entre tópico e foco a partir de suas propriedades sintáticas e sintático-semânticas. Assim, Miotto (2000), Raposo (1996) e Rizzi (1997), seguindo Cinque (1990), apontam que **não há pausa** entre foco deslocado à esquerda e o restante da sentença, diferentemente do que acontece no caso de uma construção fronteira por um tópico ³². Além disso, o foco (deslocado à

³¹ Lambrecht (1996) também propõe alguns testes para a identificação do tópico. São eles: (i) o uso das expressões “quanto a...” e (ii) “sobre...” (*as far* e *about*). No primeiro teste, a expressão *quanto a*, tendo como complemento o DP tópico, é colocada numa posição que antecede a sentença, e esse DP é geralmente repetido em forma pronominal na sentença, mas não necessariamente. Observe o exemplo extraído de Lambrecht (1996, p. 152):

- (a) “*As for the children, they went to school.*”
 (quanto às crianças, elas foram para a escola)

Já no segundo teste, Lambrecht (1996, p. 152) explica que a sentença que contém o tópico deve ser encaixada em uma matriz, contendo a preposição *sobre*, cujo complemento é o DP tópico. Veja:

- (b) “*He said about the children that they went to school.*”
 (ele disse sobre as crianças que elas foram para a escola)

Analogamente a esse tipo de teste, Brito et alii (2003, p. 490) propõem que o tópico pode ser identificado numa frase se ele – o constituinte em análise – puder ser colocado na posição de complemento da expressão *acerca de*, como na seguinte paráfrase: “*x está a afirmar acerca de tópico que ...*”. Apresentam o seguinte exemplo:

- (c) “*Fruta, adoro melão.*”
 (paráfrase: alguém está a afirmar acerca de fruta que adora melão)

Assim, o exemplo (dB) abaixo não pode ser parafraseado através do teste acima, pois perde-se a interpretação contrastiva na resposta. Veja: *OS ESCRITURÁRIOS, estou dizendo que eles chegaram no horário correto (mas os supervisores não)*. A aplicação do teste, então, mostra-nos que o constituinte *os escriturários* não pode ser o tópico da sentença, pois é o foco (contrastivo):

- (d): A: *Todos chegaram no horário correto?*
 B: *OS ESCRITURÁRIOS chegaram! (mas os supervisores não)*

³² Pontes (1987), diferentemente, explica que, às vezes encontra-se uma pausa, seja ela curta ou longa, entre tópico e comentário, isto é, essa pausa não está sempre presente. Já Barbosa (1991) observa que as diferenças prosódicas que se manifestam entre a TOP e a FOC estariam relacionadas a uma diferença semântica: enquanto na TOP a asserção constitui um comentário do constituinte deslocado, na FOC tal relação tópico-comentário não se observa, por isso a pausa depois do foco não é natural.

esquerda) **não pode ser retomado por um pronominal**. A fim de exemplificar esse segundo fato, cito os exemplos de Miotto (2000) abaixo:

(1.71) **“O SAPATO_i a Maria comprou ele_i naquela loja.”* (foco)

Já o tópico, em contrapartida, pode ser retomado por um pronominal, mas não é compatível com expressões quantificacionais nuas, **nem sofre os efeitos do cruzamento fraco**. Observe³³:

(1.72) *“O sapato_i, a Maria comprou ele_i naquela loja.”* (tópico)
(tópico retomado por pronome)

(1.73) a) **“Tudo_i, a Maria leva ele_i quando viaja.”* (tópico)
(tópico não compatível com “tudo”, expressão quantificacional nua)

b) *“TUDO_i a Maria leva t_i quando viaja.”* (foco)
(foco compatível com “tudo”, expressão quantificacional nua)

(1.74) *“O João_i, a tia dele_i conhece ele_i bem”.*
(tópico “o João” podendo ser retomado pelo pronome **dele** sem este estar c-comandando o pronome mais baixo **ele_i**; não ocorrem, então, **os efeitos do cruzamento fraco**, e a sentença é gramatical)

O fato de o tópico não ser sensível aos efeitos de cruzamento fraco costuma ser

³³ Cinque (1990), contudo, observa que um quantificador nu, como *qualcosa* (alguma coisa) ou *qualcuno* (alguém), pode ser um sintagma tópico, podendo, inclusive, prescindir do pronome clítico, como mostram os exemplos abaixo:

- a) *“Qualcosa, di sicuro, io (la) farò.”*
Alguma coisa, certamente eu (a) farei.
b) *“Qualcuno, troverò di sicuro per questo compito.”*
Alguém, encontrarei certamente para essa tarefa.

Conforme o autor (Op. cit.), a opcionalidade do uso do pronome clítico nos exemplos acima está relacionada ao emprego referencial do quantificador. Assim, se o quantificador for usado referencialmente, o clítico será necessário, por isso ele está entre parênteses no exemplo (a); porém, quando a interpretação do quantificador não puder ser específica, o uso do clítico será excluído, como mostra o exemplo (b). Dessa forma, o autor observa que os quantificadores nus usados não-referencialmente comportam-se como operadores intrínsecos, podendo identificar uma categoria vazia como uma variável. Já os quantificadores nus referenciais, contrariamente, bem como DPs quantificados não podem ser considerados operadores intrínsecos. Nesses casos, não ocorre, então, a presença de uma categoria vazia que possa funcionar como uma variável, e o pronome clítico é obrigatório.

indicativo de que, pelo menos na construção de topicalização acima – pois existem várias – não há movimento do elemento topicalizado à periferia esquerda da sentença. Conseqüentemente, o tópico deve ser gerado nessa posição mesmo. Havendo uma lacuna relacionada ao tópico na oração associada, a natureza da categoria vazia lá existente é questionável. Galves (2001), por exemplo, advoga que, se o elemento deslocado for um tópico, existe uma categoria vazia do **tipo pronominal *pro*** na lacuna interna à oração associada, enquanto que se for um foco, existe **uma variável**.

Já o foco contrastivo ou de listagem exaustiva, quando representado por constituintes com funções sintáticas diferentes da de sujeito, **sofre os efeitos de cruzamento fraco**, fato que demonstra que ele só aparece na periferia esquerda da sentença se for deslocado, isto é, se sofrer movimento para tal posição. Assim, o foco deslocado envolve ligação quantificacional A-barras, devendo ligar uma variável sintática, como demonstra o exemplo abaixo, em que o vestígio *t* de *o João*, complemento do predador verbal *conhece*, não está sendo c-comandado pelo pronome *dele*, por isso a sentença é agramatical:

(1.75) * O JOÃO_{*i*}, a tia *dele*_{*i*} conhece *t*_{*i*} bem.

Em Rizzi (1997, p. 290), por seu turno, aponta-se a questão da **unicidade** versus **exclusividade**. Explica o autor (Op. cit.) que uma oração pode conter tantos tópicos quantos forem consistentes com os seus argumentos e adjuntos; já em relação ao foco, entretanto, a oração dispõe de apenas uma posição estrutural, o que significa que a focalização de dois constituintes é impossível. Ilustro este fato citando uns de seus exemplos:

(1.76) a) “Il libro, a Gianni, domani, glielo darò senz’altro.”

(o livro, a João, amanhã, eu o darei para ele com certeza)

b) * “A GIANNI IL LIBRO darò (non a Peiro, l’articolo)”

(A GIANNI O LIVRO eu darei (não a Pedro, o artigo))

Além disso, observa-se em Rizzi (1997, p. 291) que um foco e um tópico podem aparecer combinados na mesma estrutura. Nesse caso, o constituinte focalizado pode ser ou precedido ou seguido por um tópico, como mostra o exemplo abaixo:

(1.77) “A Gianni, QUESTO, domani, gli dovrete dire.”

(a Gianni, ISTO, amanhã, você deveria dizer-lhe)

Top Foc Top

Outra propriedade sintática abordada por Rizzi (1997, p. 293) é a questão da compatibilidade com o sintagma interrogativo (do tipo Wh-). O autor (Op. cit.) explica que, em interrogativas **raízes**, esse tipo de sintagma é compatível com um tópico numa ordem fixa (Top - Wh), mas é incompatível com um foco. Veja alguns de seus exemplos abaixo:

(1.78) a) “A Gianni, che cosa gli hai detto?”

(a Gianni, o que você lhe disse?)

Top Wh-

b) * “Che cosa, a Gianni, gli hai detto?”

(o que, a Gianni, você lhe disse?)

Wh- Top

(1.79) * “A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?”

(A GIANNI o que você disse (, não a Piero)?)

Foc Wh-

Para a análise do *corpus* selecionado, o qual consiste de textos escritos de períodos anteriores, sobre os quais não tenho disponível nenhuma informação prosódica além da pontuação, levarei em consideração para a identificação do tópico e do foco suas diferenças sintáticas e os critérios semântico-discursivos apresentados neste capítulo.

1.9. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta seção, exponho resumidamente os conteúdos principais apresentados durante o capítulo. Faço isso em forma de itens:

- Jackendoff (1972), Chomsky (1971, 1976), Reinhart (1981), Lambrecht (1996) e Zubizarreta (1997), entre outros, concordam que tópico e foco são conceitos pragmático-semânticos: o tópico representa o conhecimento comum, pressuposto, entre interlocutores na enunciação, pois nem todo tópico pode ser considerado informação velha uma vez que, mesmo que o referente da expressão referencial na posição do tópico não esteja no contexto, os interlocutores podem preencher a sua referência em suas representações mentais.
- Halliday (1985) e Halliday & Hasan (1976), contudo, consideram que, no componente textual, além da organização dos elementos lingüísticos, dá-se a incorporação de padrões de significado, como a estrutura da informação. Essa estrutura, de acordo os autores, é o ordenamento do texto em unidades de informação na base da distinção entre DADO e NOVO. O primeiro se refere à informação que o falante/escritor reconhece como recuperável para o ouvinte/leitor a partir de alguma fonte ou outra no ambiente – a situação ou o texto precedente; e o segundo se refere à informação que o falante/escritor está tratando como não recuperável para o ouvinte/leitor a partir de outra fonte.
- Lambrecht (1996) considera que tanto a informação **nova** quanto a **velha** correspondem a proposições e não podem ser equiparadas aos itens lexicais; desse modo, não se pode segmentar uma informação como se faz com uma sentença, uma vez que a parte normalmente considerada nova ou velha não pode funcionar sozinha como informação sem que estejam conectadas. Além disso, só o contexto pode definir o que pode ser considerado novo ou velho. Para o autor, na verdade, o que se tem não é uma diferença entre informação nova ou velha, mas **uma diferença nos estados assumidos das representações dos referentes dos vários constituintes da sentença na mente do ouvinte/leitor no momento da produção lingüística.**
- Dijk & Kintsch (1983), bem como Halliday (1985) e Halliday & Hasan (1976), consideram o tópico também **um ponto de partida para a construção do próximo esquema proposicional**, para o que vai ser dito a seguir e, mesmo nesse caso, a menção prévia explícita de algum conteúdo não é necessária para que o tópico possa ser considerado como referencial, uma vez que os interlocutores podem gerar inferências a partir do conhecimento partilhado entre eles para fazerem a conexão do tópico com o

conteúdo implícito. Em contrapartida, o foco representa a informação não-supostada pelos interlocutores.

- Zubizarreta (1997) assume que a estrutura de foco de uma sentença compõe-se de duas asserções ordenadas: a primeira representa o contexto assertivo, isto é, a parte supostada da sentença, a qual geralmente é obtida através de uma pergunta, e funciona como um quantificador existencial; já a segunda representa a asserção principal, pois introduz um valor para a variável deixada pelo contexto assertivo.
- Para a representação formal do tópico, Reinhart (1981) propõe que o tópico de uma asserção seja o sujeito de um predicado proposicional aberto, sendo este o comentário. Assim, da mesma forma que a estrutura de foco de uma sentença é constituída por duas asserções ordenadas, suposição + foco, a estrutura do tópico de uma sentença envolve uma informação supostada (tópico) + um comentário. Como o foco se encontra dentro do predicado proposicional (comentário), não há possibilidade de se confundir tópico com foco.
- Essas representações formais da pragmática-semântica de foco e de tópico não seriam representadas, conforme Reinhart (1982) e Zubizarreta (1997), nem no componente gerativo da gramática, nem no componente interpretativo Forma Lógica (LF), mas sim numa representação pós-LF, denominada Estrutura Assertiva (de *Assertion Structure*).
- Rizzi (1997, p. 286-7), diferentemente de Reinhart (1982) e de Zubizarreta (1997), propõe que a representação das relações pragmático-semânticas entre tópico e comentário e entre foco e suposição são expressas na sintaxe através da estrutura X-barra.
- **Nesta tese, assumo o quadro de suposições articulado por Reinhart (1982), Lambrecht (1996) e Zubizarreta (1997), no tocante à natureza pragmática que pode se estabelecer entre tópico/suposição e entre foco/asserção, adotando, dessa forma, como conceito de foco a informação não-supostada e como conceito de tópico a informação supostada. Adoto, também, seguindo Dijk & Kintsch (1983), a noção de que tópico pode ter a função de estabelecer um cenário discursivo para o que vai ser dito.**
- Kuno (1972), Chafe (1976), Zubizarreta (1997) e Kiss (1998) assumem uma tipologia que contém três tipos de foco: (i) assertivo, (ii) contrastivo e (iii) de listagem exaustiva. **Adoto essa tipologia de foco nesta tese.**

- Seguindo Kato *et alii* (1996), o foco informacional **pode ser apenas o objeto ou o verbo + o objeto ou a sentença toda**, isto porque o foco largo tem a propriedade de se propagar da direita para a esquerda (cf. Cinque 1990). Responde a perguntas-Q cujo escopo pode ser o último elemento da sentença não-marcada ou qualquer constituinte que o contenha.
- **O foco quantificacional se relaciona com as leituras semânticas de contraste, exclusividade e exaustividade.**
- Em Kato *et alii* (Op. cit.), observa-se que **as orações clivadas e as pseudoclivadas** podem ter uma interpretação **de foco informacional ou de foco contrastivo**, enquanto **as pseudoclivadas inversas e as clivadas inversas só podem ter interpretação de foco contrastivo.**
- Duarte (1987) investiga as construções de topicalização que ocorrem no português europeu moderno, detectando 4 tipos dessas construções nesse dialeto, denominadas: (i) **Tópico Pendente**, (ii) **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente**, (iii) **Topicalização**, e (iv) **Deslocamento à Esquerda Clítica - CLLD**.
- O **Tópico Pendente**, no plano textual, é utilizado para fazer a transição entre o assunto anterior e o assunto seguinte. Realiza-se, geralmente, ou como um DP nu, ou regido por uma expressão do tipo *quanto a, acerca de, no que diz respeito a*.
- Na construção **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente**, o constituinte tópico é retomado por um elemento interno à oração (um pronome resumptivo não-clítico), com o qual apresenta conformidade de traços gramaticais de pessoa, gênero e número.
- Na **Topicalização**, o elemento topicalizado pode ser um XP qualquer e o constituinte interno ao comentário é obrigatoriamente uma categoria vazia e licencia lacunas parasitas.
- Na construção **CLLD**, ocorre um tópico definido na periferia esquerda sempre retomado por um clítico com o qual se estabelece a concordância de traços formais de caso, gênero e número.
- Em Brito, Duarte & Matos (2003), identifica-se, ainda para o PE, mais um tipo de construção de topicalização, denominada **Topicalização Selvagem**. Esta, diferentemente da construção denominada **Topicalização**, tem como constituinte deslocado um PP sem

estar antecedido da preposição, que pôde ser apagada por não possuir conteúdo semântico.

- Em Galves (1998b), demonstra-se que há duas construções de topicalização no PB que não se assemelham com as do PE: (1) **Tópico Sujeito** (caracteriza-se por ter como tópico à esquerda um PP locativo ou adjunto sem a preposição, que se comporta como o sujeito da frase porque estabelece concordância com o verbo, sendo que o argumento externo do verbo não pode ser projetado) e (2) **Tópico com Pronome Lembrete** (com dois tipos de construções possíveis: (a) uma em que o sujeito é deslocado à esquerda e é retomado por um pronome lembrete em sua posição pré-verbal, concordando com o verbo; e (b) uma em um locativo ou um PP é deslocado à esquerda e é retomado internamente, em sua posição na oração, por um pronome lembrete, sendo que, neste caso, esse elemento deslocado não concorda com o verbo).
- Kato & Raposo (2006), observando propostas de Mólnar (2001) e de Shlonsky (2004), demonstram que DPs tópicos podem ser contrastivos ou não no PE/PB e que a interpretação desses constituintes freqüentemente depende da questão-contexto.
- A fim de diferenciar tópico e foco pela linguagem escrita, Zubizarreta (1997) propõe três testes que identificam qual é a parte pressuposta e a parte assertiva de uma oração. São eles: (i) da negação, (ii) de pergunta e resposta e (iii) dos operadores sensíveis a foco.
- Além dos testes apresentados por Zubizarreta (1997), existe ainda a possibilidade de se fazer uma distinção entre tópico e foco a partir de suas propriedades sintáticas e sintático-semânticas. Miotto (2000), Raposo (1996) e Rizzi (1997), seguindo Cinque (1990), apontam que **não há pausa** entre foco deslocado à esquerda e o restante da sentença, diferentemente do que acontece no caso de uma construção frontada por um tópico. Além disso, o foco (deslocado à esquerda) **não pode ser retomado por um pronominal**.
- Já o tópico, em contrapartida, pode ser retomado por um pronominal, mas não é compatível com expressões quantificacionais nuas, **nem sofre os efeitos do cruzamento fraco**.
- Havendo uma lacuna relacionada ao tópico na oração associada, a natureza da categoria vazia lá existente é questionável. Galves (2001), por exemplo, advoga que, se o elemento

deslocado for um tópico, existe uma categoria vazia do **tipo pronominal *pro*** na lacuna interna à oração associada, enquanto que se for um foco, existe **uma variável**.

- O foco contrastivo ou de listagem exaustiva, contudo, quando representado por constituintes com funções sintáticas diferentes da de sujeito e situado na periferia esquerda da sentença, **sofre os efeitos de cruzamento fraco**. Este fato é apontado como evidência de que esse tipo de foco sofre movimento para ocupar uma posição à esquerda.
- Além dessas diferenças entre tópico e foco, Rizzi (1997), por seu turno, aponta a questão da **unicidade** versus **exclusividade**: uma oração pode conter tantos tópicos quantos forem consistentes com os seus argumentos e adjuntos, mas, em relação o foco, a oração dispõe de apenas uma posição estrutural, sendo impossível, então, a focalização de dois constituintes.
- Outra propriedade sintática apontada por Rizzi (Op. cit.) é a questão da compatibilidade com o sintagma-Wh: interrogativas **raízes**, esse tipo de sintagma é compatível com um tópico numa ordem fixa (Top + Wh), mas é incompatível com um foco nessa mesma ordem (Foc + Wh).

CAPÍTULO II

ESTUDOS SOBRE CARTOGRAFIA SENTENCIAL

E

O QUADRO TEÓRICO ADOTADO

2.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discorro sobre alguns tópicos sobre a cartografia sentencial (estudos sobre a posição que os constituintes ocupam na estrutura sentencial) e o quadro teórico adotado. Meu objetivo com esta tarefa é proporcionar um suporte teórico para a descrição do conhecimento lingüístico compartilhado pelos falantes nativos do PB no tocante ao tópico e ao foco, funções discursivas apresentadas no capítulo I desta tese. Para isso, saliento a importância do desenvolvimento de estudos cartográficos dentro do quadro da *Teoria de Princípios e Parâmetros* (P&P) e discorro sobre as principais implementações feitas a essa teoria pelo *Programa Minimalista* (MP).

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: em (2.2), apresento uma breve exposição de alguns estudos sobre a cartografia sentencial na gramática gerativa; em (2.3), apresento as implementações feitas à teoria P&P pelo *Programa Minimalista* de Chomsky (2000, 2001, 2004) e adotadas como **quadro teórico básico** desta tese; em (2.4), passo a discorrer sobre a **proposta cartográfica adotada** para a descrição da estrutura sentencial do PB (Rizzi 1997, 2002 e 2004), bem como sobre a questão da função de **proeminência estrutural** de advérbios, mais uma função discursiva mapeada na sintaxe, além das de foco e de tópico já apresentadas. Por fim, em (2.5), organizo uma relação das idéias que sintetizam os temas desenvolvidos neste capítulo.

2.2. UM POUCO DA HISTÓRIA DAS PROJEÇÕES FUNCIONAIS PARA A DESCRIÇÃO DA POSIÇÃO DE CONSTITUINTES NA SENTENÇA

Conforme Raposo (1993), uma hipótese que tem funcionando como princípio orientador em estudos recentes no âmbito da teoria P&P (considerando-se suas implementações minimalistas até Chomsky - 1995) consiste na idéia de que a variação paramétrica na Gramática Universal (UG) localiza-se inteiramente nas categorias funcionais e tem a ver com as propriedades morfológicas destas categorias ³⁴. Assim, a estrutura da oração é obtida por um esqueleto de categorias funcionais mais um esqueleto de categorias lexicais, sendo que aquele c-comanda este. As funcionais, então, são concebidas ou como (i) predicados de elevação, determinando a subida de argumentos do esqueleto lexical para a posição de especificador das funcionais, ou como (ii) núcleos que atraem núcleos lexicais ou outros núcleos funcionais. Tanto a subida de projeções máximas como as incorporações de núcleos podem ocorrer antes ou depois de *Spell-Out*, dependendo das propriedades morfológicas particulares dos núcleos funcionais envolvidos. Dessa forma, essas propriedades determinariam as diferenças na ordem dos constituintes entre as diferentes línguas humanas.

Vários lingüistas têm se dedicado a esse tipo de assunto: a articulação entre núcleos funcionais e núcleos lexicais. Pollock (1989), por exemplo, propõe que o núcleo funcional I seja dividido em dois núcleos distintos, denominados T e Agr, através de dados comparativos do inglês e do francês que consistem na posição do verbo em relação ao advérbio de VP. No seu esqueleto funcional, o autor registra a projeção TP hierarquicamente superior à projeção AgrP.

Mais tarde, Iatridou (1990) propõe que as línguas variam com respeito às categorias funcionais, ou seja, evidência de uma ou de outra categoria tem que ser encontrada em cada língua em particular. Assim, em inglês, por se tratar de uma língua de morfologia verbal pobre, a categoria funcional Agr não seria projetada na estrutura sentencial.

Chomsky (1991) e Belletti (1993) concordam com a partição do IP, porém discordam da ordem que, para eles, seria AgrP sobre TP, pois seguem o *Princípio do Espelho* de Baker (1985), em que a ordem hierárquica dos constituintes espelha sua morfologia.

³⁴ Esta hipótese foi assumida inicialmente por Borer (1984) e posteriormente não foi questionada dentro do quadro teórico gerativista.

Por outro lado, Ouhalla (1994), estudando essa mesma questão em outras línguas, mostra que tais categorias têm uma ou outra posição, conforme características da própria língua. Por exemplo, em árabe, cuja ordem básica é VSO, a projeção funcional TP estaria sobre AgrP, enquanto que no português, cuja ordem básica é SVO, a projeção AgrP estaria sobre TP.

Para dar conta de uma série de fenômenos sintáticos que ocorrem nos dialetos românicos do oeste da Península Ibérica, Uriagereka (1992) sugere que, entre a projeção CP e a projeção IP, existe uma categoria funcional adicional, a qual chama de F (foco) e que teria como valor semântico a expressão de foco associado a um elemento na sua posição de especificador. O autor sugere, também, que o fenômeno da ênclise em orações matrizes do português europeu receba uma explicação que assenta fundamentalmente nas propriedades desta categoria. Assume, conforme Kayne (1991), que os clíticos são adjuntos na estrutura superficial (SS, de *Superficial Structure*) ao núcleo I. Assim, quando o verbo sobe de I para F, isola o clítico em I e obtém-se o fenômeno da ênclise.

Laka (1990), por seu turno, observando a similaridade de processos sintáticos envolvidos na negação e na afirmação enfática, em línguas como o inglês e o basco, propõe que Negação (Neg) e Afirmação enfática (Aff) são instanciações de uma mesma categoria funcional, Σ (*Speech Act*)³⁵.

No tocante aos advérbios, Cinque (1999), estudando a ordem desses itens lexicais em várias línguas (italiano, francês, inglês entre outras) e seguindo a proposta de Pollock (1993), propõe que eles ocupem a posição de especificador de projeções funcionais específicas, aumentando mais ainda, dessa forma, a quantidade de núcleos funcionais. Contrariamente a uma abordagem de advérbios como adjuntos, em que suas propriedades de escopo não são imediatamente justificadas, pois não há atribuição de escopo por c-comando e o processo de checagem só se justifica se for por percolação de traços, a abordagem inovadora do autor propõe uma forma de licenciamento mais coerente e imediata, além de assumir que a ordem dos diferentes advérbios na sentença é fixada pelas projeções funcionais, as quais também obedecem a uma ordem hierárquica fixa na UG.

Em (2.01), através da representação em barras, exponho, segundo Cinque (Op. cit.), as categorias funcionais numa sequência aproximada àquela determinada pela UG para todas as

³⁵ “ ΣP [is] a projection which hosts truth-value operators like negation and affirmation...” (Laka – 1990, p. 3).

línguas naturais bem como exemplos de advérbios, no inglês, que podem ocupar a posição de especificador de cada uma ³⁶:

(2.01)

C > [*frankly* Mood_{speech act} > [*fortunately* Mood_{evaluative} > [*allegedly* Mood_{evidential}
> [*probably* Mod_{epistemic} > [*once* T_{past} > [*then* T_{future} > [*perhaps* Mod_{irrealis} >
[*necessarily* Mod_{necessity} > [*possibly* Mod_{possibility} > [*usually* Asp_{habitual} > [*again*
Asp_{repetitive(I)} > [*often* Asp_{frequentative(I)} > [*intentionally* Mod_{volitional} [*quickly*
Asp_{celerative(I)} > [*already* T_{anterior} > [*no longer* Asp_{terminative} > [*still* Asp_{continuative} >
[*always* Asp_{perfect(?)} > [*just* Asp_{retrospective} > [*soon* Asp_{proximative} > [*briefly*
Asp_{durative} > [*characteristically* Asp_{generic/progressive} > [*almost* Asp_{prospective} >
[*completely* Asp_{SgCompletive(I)} > [*all* (Italian *tutto*) Asp_{PlCompletive} > [*well* Voice >
[*fast/early* Asp_{celerative(II)} > [*again* Asp_{repetitive(II)} > [*often* Asp_{frequentative(II)} >
[*completely* Asp_{SgCompletive(II)} > [V]]

Para ilustrar ainda mais a importância que tem sido dada aos estudos de categorias funcionais, cito os trabalhos de Beghelli (1995) e de Beghelli & Stowell (1997). Apesar de compartilharem com outras teorias a hipótese de que o escopo de um **sintagma quantificado** (QP) é atribuído através de seu movimento em Forma Lógica (LF) para uma posição da qual ele possa c-comandar o domínio sobre o qual tem escopo, os autores apresentam um novo fator, decisivo para a explicação das possíveis interpretações geradas por esse processo: o reconhecimento de que diferentes QPs têm diferentes propriedades de escopo. A partir disso, os autores (Op. cit.) propõem uma tipologia de QPs baseada nessas diferenças: interrogativos (**WhQPs**), negativos (**NQPs**), distributivos-universais (**DQPs**), contáveis (**CQPs**) e denotadores de grupo (**GQPs**). Desenvolvem, então, sua teoria de escopo de quantificadores, denominada *The Target Landing Site Theory of Scope*. A idéia básica dessa proposta é que existe, na periferia esquerda da sentença, uma estrutura hierárquica composta por categorias funcionais com determinados traços semânticos em seus núcleos, e que o movimento de um determinado QP para uma dessas categorias é provocado pela necessidade de esse elemento checar seu traço semântico com o traço idêntico existente na projeção funcional correspondente. Assim, seriam

³⁶ Nesta representação, cada categoria funcional é representada por barras, e os advérbios estão colocados em itálico no seu início, antes do rótulo do elemento nuclear. (exemplo extraído de Cinque – 1999, p. 106)

necessárias as seguintes projeções funcionais no esqueleto estrutural de uma sentença, representadas pela estrutura abaixo:

Aumentando mais ainda as projeções funcionais da sentença, Belletti (1999, 2002), estudando a ordem VS e a função discursiva do sujeito pós-verbal no italiano, propõe que a área imediatamente **à esquerda de VP** (entre *vP* e VP) contém um número de posições que possuem natureza discursiva, denominadas TopP e FocP, sendo TopP também recursivo como no CP ³⁷

³⁷ A explosão do CP proposta por Rizzi (1997) em algumas categorias funcionais, tais como Top e Foc, será estudada separadamente, na próxima seção.

e a posição FocP para abrigar um constituinte com a função discursiva de **foco informacional**. A representação abaixo ilustra tais projeções funcionais à esquerda de VP:

(2.03) [_{VP} [_{TopP} [_{FocP} [_{TopP} [_{VP}]]]]]

Belletti (2005) também encontra razões para advogar a existência dessas projeções funcionais ao estudar as semelhanças entre algumas construções de tópico, a construção com quantificador flutuante e a construção de redobro do pronome forte (SPD, de *Strong Pronoun Doubling*) no italiano. Analisando os exemplos de SPD apresentados em (2.04):

(2.04) a. “**Gianni** verrà **lui**.”

Gianni virá ele

b. “**Gianni** verrà, **lui**; lo conosco, so che è affidabile (Maria invece non so cosa farà).”

Gianni virá, ele; eu o conheço, sei que ele é confiável (Maria, ao contrário, não sei o que fará)

Belletti (Op. cit.) aponta a possibilidade de duas posições diferentes para os **pronomes fortes** dobrados [*lui* em (2.04a) e em (2.04b)] na periferia de VP: (i) uma na projeção de especificador de FocP, como em (2.04a); e (ii) outra na posição de especificador de uma das projeções TopP, pelo fato de o pronome estar sendo pronunciado com uma pausa, haja vista a vírgula antes dele, como em (2.04b).

Além disso, Belletti (2005, p. 7) adota, para a construção SPD ³⁸, a mesma estrutura complexa do DP adotada para as outras construções em sua análise:

³⁸ Segue propostas de Torrego (1995), Uriagereka (1995), Sportiche (1998), Kayne (1994), Rouveret (1989) para essa estrutura do DP. Observe a citação em Belletti (2005, p. 2-3): “The work referred to above, apart from individual differences, [trabalhos citados] has put forth the fundamental insight that the problematic status of clitic doubling structures can find a rational account if these structures are interpreted as deriving from a single “big DP” (Cecchetto 2000), where both the clitic pronoun and the doubled clitic doubling structures and the doubled lexical argument originate. The idea behind these approaches is that it is the “big DP” which is assigned a Th-role in the Th position where it is merged. By virtue of this, its internal constituents are also Th interpreted.”

Em (2.05), D1 corresponde ao pronome, o dobrador (*the doubler*), e DP2 corresponde ao dobrado (*doublee*), sendo que é o “DP grande” que tem um papel temático atribuído por V ³⁹. A autora assume que se o DP2 é movido para alguma posição na estrutura sentencial, o pronominal remanescente DP1 sofrerá a computação reservada para um pronome conforme sua natureza clítica ou forte, resultando na divisão do constituinte original. Uma computação análoga ocorre com um QP na posição de DP1:

Em (2.06), um QP ocupa a estrutura no lugar de DP1 em (2.05). Ocorrendo também o movimento de DP2, o QP remanescente preencherá uma das posições reservadas aos quantificadores na estrutura sentencial, a qual pode ou não ser a mesma daquela ocupada por um pronome forte: um quantificador flutuante pode ocupar uma posição entre um auxiliar e um particípio no italiano, posição indisponível para **pronomes fortes** (cf. agramaticalidade de (2.08)):

(207) *“I miei amici hanno tutti parlato.”*
meus amigos tem todos falado

(208) * *“I miei amici hanno loro parlato.”*
meus amigos tem eles falado

³⁹ Observe a citação de Belletti (2005, p. 3): “The idea behind these approaches is that it is the “big DP” which is assigned a Th-role in the Th position where it is merged. By virtue of this, its internal constituents are also Th interpreted. The Case side of the problem can be accounted for by assuming that at least one part of the original big DP, the clitic, is Case marked in an adequate position (...) and that the lexical part is Case marked by virtue of the relation established with the Case marked portion of the original big DP. It can be that languages vary as to whether an extra preposition appears, this being possibly dependent on the position where the lexical part is ultimately located.”

Desse modo, a autora propõe que é o D1 remanescente (que contém o pronome forte, não o QP1) que ocupa uma das posições Foc/Top periféricas a VP, a depender da sua função discursiva/carga informacional.

Como se pode observar, além de projeções funcionais para advérbios, clíticos, propriedades discursivas e concordância, seriam necessárias, ainda, projeções funcionais para a interpretação em LF de diferentes tipos de sintagmas quantificados. Assim, tais propostas acabam por fragmentar cada vez mais o CP da sentença. A de Cinque (1999) e as de Belletti (1999, 2002, 2005), em especial, ilustram também a necessidade de mais projeções funcionais dentro mesmo de IP. Esse processo, apesar de tornar o sistema computacional mais intrincado aos nossos olhos (o que não significa que para o sistema computacional ele seja algo, de fato, intrincado), mapeia propriedades dos itens lexicais com mais riqueza e torna mais precisa, tanto em termos explicativos como em termos descritivos, a ordenação dos constituintes da sentença nas diferentes línguas naturais.

2.3. DESDOBRAMENTOS MINIMALISTAS DA TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

O *Programa Minimalista* assume a existência de uma faculdade humana da linguagem, comum a todos os indivíduos da espécie, como se fosse um órgão mental, da mesma forma que o sistema visual ou o sistema imunológico são tratados como órgãos do corpo (Chomsky 2000, p. 90). Esse órgão da linguagem deve permitir que uma criança, em condições normais, adquira a gramática particular de uma língua L, num processo em que entram em jogo, dentre outros fatores, os chamados *parâmetros* (princípios abertos) da UG, a serem especificados pela exposição da criança a dados lingüísticos primários. Uma língua L, nesse sentido, deve ser considerada como uma possibilidade da UG, consistindo num sistema que contém informações sobre sons/sinais, significados e organização estrutural. Tais informações precisam ser acessadas pelos **sistemas de desempenho**, que deverão ser pelo menos dois: o sistema **sensório-motor**, responsável pela produção de sons/sinais da linguagem humana, e o sistema **intencional-conceptual**, responsável, dentre outros aspectos, pelos efeitos de sentido gerado por/atribuído a

um objeto lingüístico. Qualquer tentativa formal de caracterizar a faculdade da linguagem deve, então, capturar a sua capacidade de produzir expressões legíveis em ambos os sistemas.

Uma das questões que norteiam o MP consiste em **quão ótima seria a solução da faculdade da linguagem para determinar as condições de legibilidade de um objeto lingüístico nos sistemas de desempenho**. A essa questão se atrela uma outra, que pode ser formulada nos seguintes termos: **que propriedades da faculdade da linguagem determinam o seu funcionamento como uma solução ótima?** Respostas a tais perguntas estão longe de serem satisfatórias; contudo, as pesquisas feitas até o momento têm lançado luz não só sobre questões empíricas, mas também de natureza conceptual, envolvendo desde a caracterização da linguagem como um sistema cognitivo característico da espécie humana até a emergência da linguagem como uma vantagem evolutiva do *Homo sapiens* moderno frente a outros hominídeos ⁴⁰.

Uma língua L deve ser capaz de gerar expressões com informações de natureza fonológica e semântica, que funcionam como instruções para os chamados sistemas de desempenho. Assim, o MP propõe que o modelo de gramática ou, em outros termos, o modelo da faculdade da linguagem inata aos seres humanos dispõe de componentes como **o fonológico**, denominado **Forma Fonética (FF)**, e **o semântico**, denominado **Forma Lógica (LF)**, os quais funcionam como uma ponte entre o componente **sintático** (no qual são realizadas operações computacionais para gerar um objeto lingüístico) e os sistemas de desempenho. Conseqüentemente, um objeto lingüístico deve portar apenas informações de natureza fonética, por exemplo, no final de FF, para que possam atuar como instruções para o sistema sensório-motor. Analogamente, no final de LF, o objeto lingüístico apenas pode ter informações de natureza semântica que possam ser interpretáveis pelo sistema intencional-conceptual. Isso ocorrendo, diz-se que o objeto lingüístico satisfaz condições de legibilidade de interface. Uma derivação será convergente, nesse sentido, se for integralmente legível nos dois sistemas, obedecendo às condições apresentadas.

E preciso esclarecer que, no modelo de gramática adotado, informações de natureza fonológica, semântica e estritamente sintáticas/computacionais entram na derivação codificadas na forma de **traços**. Um objeto lingüístico corresponderá, então, a uma combinação de (i) **traços**

⁴⁰ Ver a discussão desenvolvida em Hauser, Chomsky & Fitch (2002).

semânticos, que codificam as instruções legíveis para o sistema conceptual-intencional, (ii) **traços fonológicos**, que codificam as instruções legíveis no sistema sensório-motor, e (iii) dos chamados **traços formais**, que exercem um papel relevante na formação estrutural de um objeto e que podem ou não ser interpretáveis em FF, mas nunca em LF. A computação que gera um objeto lingüístico deverá, então, num dado momento, ser capaz de efetivar dois procedimentos:

- (a) uma operação capaz de apartar os traços fonologicamente interpretáveis dos semanticamente interpretáveis, de modo que somente traços legíveis atinjam a interface relevante e;
- (b) uma operação capaz de apagar os traços formais não-interpretáveis em qualquer dos níveis de interface. O esquema, abaixo, ilustra a arquitetura da faculdade da linguagem e suas operações:

(2.09)

Nesse modelo, o **Léxico** consiste num dicionário dos itens da língua, constituídos de traços fonológicos, semânticos e formais. A derivação de um objeto lingüístico inicia-se a partir da seleção de elementos do Léxico para compor uma **numeração**, isto é, um grupo de itens lexicais que vão participar da derivação. Além disso, todos os núcleos funcionais que vão participar da estruturação da sentença também entram nessa numeração, pois eles também são selecionados do Léxico. Esses itens são submetidos a procedimentos sintáticos/computacionais de modo a resultar numa expressão lingüística com instruções relevantes para os sistemas de desempenho. A operação *Spell-Out*, num dado ponto da derivação, realiza a separação de traços fonológicos dos traços semânticos e, após esse apartamento, envia-os aos seus respectivos componentes da gramática.

Traços de uma mesma natureza podem ser interpretáveis quando presentes num item e não-interpretáveis quando presentes em outro. Por exemplo, os chamados traços-*phi* que englobam informações sobre **pessoa, número e gênero**, são interpretáveis no nome, mas não no núcleo funcional T. Assim, na derivação de uma sentença, os traços-*phi* em T devem ser apagados antes de atingir a Forma Lógica (mesmo que venham a ter uma manifestação morfológica visível, em línguas como o português), mas os traços-*phi* presentes no nome, exatamente por serem interpretáveis, não podem ser apagados. Além disso, conforme Chomsky (2000), os traços não-interpretáveis entram na derivação **sem qualquer valor determinado**. Por exemplo, quando presentes em T, os traços-*phi* não abarcam qualquer especificação de número e pessoa, tendo seu valor em aberto; já, quando presentes no nome, os traços-*phi* dispõem de valores especificados. Os traços não-interpretáveis precisam, então, ser **valorados** por razões morfológicas, o que significa que eles devem adquirir uma especificação qualquer (ou seja, precisam ser marcados como sendo de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa, bem como indicar singular ou plural), e depois ser apagados para efeitos de interpretação em LF. A operação que garante a valoração dos traços-*phi* não-interpretáveis e seu apagamento posterior é denominada *Agree* (concordar).

O processo de concordância realizado pela operação *Agree* envolve um mecanismo de escaneamento: um núcleo funcional (T ou *v*), por conter traços-*phi* não-valorados, age como uma sonda que rastreia um alvo, ou seja, vasculha a estrutura c-comandada por ele para detectar uma instanciação compatível de traços-*phi* valorados num determinado objeto e, dessa forma, estabelecer uma relação de **concordância**, de modo que os valores dos traços-*phi* desse objeto alvo possam ser transmitidos para os traços-*phi* não-valorados na sonda.

Outro ponto relevante dentro desse modelo é que o constituinte nominal argumental vai integrar a derivação com um traço de **Caso estrutural não-interpretável** e, portanto, não valorado. A valoração desse traço será determinada apenas após o constituinte estabelecer concordância. A idéia proposta para garantir a valoração e o apagamento do traço de Caso é a de que, ao transmitir seus traços-*phi* para um núcleo funcional, o constituinte nominal recebe uma espécie de “prêmio”: seu traço de Caso não-interpretável é valorado e entra em condições de ser apagado. Assim, nesse modelo, a valoração do traço de Caso no nome é consequência de um processo de concordância que se efetiva entre os traços-*phi* de um constituinte nominal e os traços-*phi* de uma sonda (por exemplo, núcleo funcional T, para Caso nominativo, e núcleo funcional *v*, para Caso acusativo).

Tendo em mente um esboço do modelo gramatical adotado e de como seus mecanismos operam, ilustro, a seguir, a derivação de uma sentença, desconsiderando, no momento, as várias projeções funcionais periféricas propostas por Rizzi (2002, 2004), ou melhor, sintetizando-as na projeção CP⁴¹. Tomo, então, como exemplo, a derivação da sentença abaixo:

(2.10) *A Bete comeu todo o bolo!*

a qual envolverá (pelo menos por enquanto) as seguintes projeções funcionais ou lexicais:

(2.11) [CP [TP [*v*P (DP) [VP [V (QP)]]]]]

Os núcleos funcionais **C**, **T** e **v** vão portar informações que serão relevantes, ou para a estruturação da sentença, ou para a ação dos sistemas de desempenho. Como já apontado anteriormente, essas informações se encontram codificadas nas diferentes categorias sob a forma de traços. Assim, temos que:

- O núcleo **C** porta pelo menos um traço interpretável que codifica a força ilocucionária da sentença;

⁴¹ Neste momento da tese, proponho-me a ilustrar apenas as implementações do PM, pois, em seu capítulo VI, será realizada uma ilustração do funcionamento da proposta de Rizzi (2002, 2004) dentro do quadro teórico básico adotado, a fim de analisar como os constituintes portadores de algum traço semântico (e interpretável) satisfazem os requerimentos criteriais de núcleos funcionais periféricos durante a derivação da sentença.

- O núcleo **T**, além de portar um traço de *tempo* e *modo*, porta traços-*phi* não-interpretáveis e, também, dependendo do tipo de língua, um traço denominado EPP⁴²;
- O núcleo **v** abarca informações sobre o caráter **agentivo**, **causativo** ou **estativo** do predicador, além de traços-*phi* não-interpretáveis, **que não se manifestam morfológicamente em línguas como o português**. A categoria **v** recebe, em sua posição de especificador, o argumento externo da sentença.

Analogamente, o DP *a Bete* e o QP *todo o bolo* portarão seus respectivos traços-*phi*, só que já especificados (conseqüentemente, interpretáveis), e seu traço de Caso não-especificado (conseqüentemente, não-interpretável). Observe:

- DP *a Bete* : traços-*phi* [3a pessoa, singular, feminino], Caso[]
- QP *todo o bolo* : traços-*phi* [3a pessoa, singular, masculino], Caso[]

De forma simplificada, a derivação da sentença começa com a concatenação do núcleo lexical *Vcom-* ao argumento interno, o QP *todo o bolo*, na posição de complemento de V, resultando na projeção VP. O próximo passo é a concatenação de VP ao núcleo **v**, na posição de complemento. Tendo **v** traços-*phi* não-interpretáveis e, portanto, não-valorados, ao entrar na sentença, esse núcleo vai sondar o domínio c-comandado por ele em busca de traços-*phi* interpretáveis com os quais seus traços-*phi* possam concordar. O núcleo **v** detecta, então, como alvo traços-*phi* compatíveis e especificados no QP *todo o bolo*. Dá-se, assim, a operação *Agree* (concordar) que resulta na valoração dos traços-*phi* desse núcleo (por razões

⁴² Nos termos de Chomsky (2000), o EPP (do inglês *Extended Projection Principle*) é um traço não-interpretável que requer a presença de um objeto relevante na posição de especificador. Já conforme Chomsky (2004), contudo, o traço EPP (ou OCC) é opcional do léxico e possibilita a projeção de uma posição extra na margem de uma fase, sem papel temático, mas que contribui para um produto (interpretação) no componente semântico, que não ocorreria sem o auxílio de tal traço. Em seus termos, temos: “*The extra edge position in α (alfa) required by internal Merge is optional, and has no theta-role. Assuming options to be determined in LEX, the head H (sonda) of α (alfa) must have a feature that makes this position available: an EPP-feature in standard terminology; from another point of view, the feature OCC that means ‘I must be an occurrence of some β .’ Optimally, OCC should be available only when necessary: that is, when it contributes to an outcome at SEM that is not otherwise expressible, the basic Fox-Reinhart intuition about optionality. Hence H has OCC only if that yields new scopal or discourse-related properties. (...) If H has OCC, then the new interpretive options are established if OCC is checked by internal Move; it is only necessary that the cyclic derivation D can continue so that they are ultimately satisfied with convergence of D. Informally, we can think of OCC as having the ‘function’ of providing new interpretations;*”

morfológicas) e no apagamento desses traços após serem valorados (pois não são legíveis em LF). Simultaneamente a esse processo de concordância de traços-*phi*, ocorre a valoração do traço de Caso do QP como **acusativo** e, depois, o apagamento desse traço.

A derivação continua com a concatenação do DP *a Bete* à estrutura, como especificador de *v*, posição em que recebe um papel temático agentivo. Formada a projeção *v*P, esta será concatenada ao núcleo T, na posição de complemento. O núcleo T traz os traços interpretáveis de tempo e modo, e os traços-*phi* e o traço EPP como não-interpretáveis. Analogamente ao núcleo *v*, por portar traços-*phi* não-especificados, o núcleo T funcionará como uma sonda que vasculha a estrutura c-comandada por ele em busca de traços-*phi* compatíveis e especificados. A sonda os detecta no DP *a Bete*, pois o QP *todo o bolo* está mais abaixo na estrutura. Assim, a operação *Agree* ocorre entre os traços-*phi* de T e os do DP na posição de especificador de *v*P, resultando na valoração dos traços-*phi* em T e, depois, no apagamento desses traços. Paralelamente a esse processo, ocorre a valoração do traço de Caso do DP como **nominativo** e, também, seu posterior apagamento.

Acontece que, existe, ainda, na estrutura, um traço formal não-interpretável em T, o traço EPP, o qual precisa ser apagado antes de *Spell-Out*. Este traço requer que um dado constituinte seja copiado e concatenado na posição de especificador do núcleo que o contenha. O elemento que vai se prestar ao requerimento é o próprio alvo da sonda T encontrado para a valoração dos seus traços-*phi*. O DP *a Bete* deve, então, ser copiado e conectado como especificador de TP. A derivação prossegue com a conexão de TP ao núcleo C não realizado fonologicamente, mas portador do traço [-Wh], que indica que a sentença é declarativa. Isto resulta na projeção do núcleo C em CP. Além disso, o sistema computacional deve também unir, em algum ponto da derivação, a raiz *com-*, *v* e T_{3a.sg, passado, indicativo}, de modo a obter a forma *comeu*.

Além desse conjunto de operações (*concatenar/Merge*, *copiar/Copy* e *concordar/Agree*), Chomsky (2000, 2001) propõe que, na construção de um objeto lingüístico, é possível efetivar mais de um *Spell-Out*, com o envio de traços fonológicos para PF ocorrendo em mais de uma etapa. Assim, aquela arquitetura apresentada em (2.05) vai corresponder, na verdade, a uma parte do esquema que segue em (2.08): ao longo da computação sintática, o sistema pode realizar tantos *Spell-Outs* quantos forem necessários. O modelo que apresenta essa proposta ficou conhecido como *Spell-Out Múltiplo*: a cada **Fase**, o sistema acessa uma nova numeração (ou

uma subnumeração), até exauri-la e aplicar *Spell-Out* à estrutura resultante. A representação abaixo ilustra esse processo:

(2.12) Spell-Out Múltiplo

Além disso, Chomsky (2000, 2001) propõe que seriam pelo menos **dois** os momentos da derivação em que *Spell-Out* se aplicaria: os pontos de formação de ν P e CP. Cada uma desses momentos denominados **Fases** (*phases*) vai contar com o acesso a uma numeração específica: na Fase 1, a numeração deve armazenar os itens que entram na derivação para compor o ν P (por exemplo, as categorias ν , *com-*, *a*, *Bete*, *todo*, *o*, e *bolo* com todos os seus traços); na Fase 2, o arquivo armazena os itens funcionais com todos os seus traços não-especificados que entram na derivação para compor as projeções de TP e CP (por exemplo, T e C).

É preciso, ainda, fazer uma observação quanto a uma propriedade importante da Fase, a qual diz respeito à chamada **Condição de Impenetrabilidade**. Esta restringe o estabelecimento de operações envolvendo elementos dentro de um domínio que tenha sofrido *Spell-Out*. Nos termos de Chomsky (2000, p. 108), tal condição é especificada como em (2.13), a seguir:

(2.13) Condição de Impenetrabilidade da Fase

*Sendo H o núcleo de uma projeção máxima correspondente a uma fase, o domínio de H não se encontra acessível para participar de operações fora de HP (a projeção máxima de H), a não ser o próprio núcleo H e os elementos que integram a margem (do inglês *edge*) de HP. A margem consiste nos elementos adjungidos a HP e o(s) especificador(es) de HP.*

A título de exemplo, tomo a projeção de ν P na derivação da sentença (2.06) cuja estrutura em barras, simplificada, encontra-se abaixo:

Assumindo-se, conforme Chomsky (2000, 2001), que o ν P deve consistir numa fase, seu domínio interno (o VP), pela *Condição de Impenetrabilidade de Fases*, fica “congelado” após sofrer *Spell-Out*, no sentido de que os seus elementos mais internos estão impedidos de participar de operações numa fase subsequente (por exemplo, o QP *todo o bolo*, na posição de complemento de V). Contudo o mesmo princípio estabelece que os elementos na margem de uma Fase podem participar de operações da próxima Fase: no caso, a margem do ν P corresponde ao seu núcleo ν (que se encontra associado à raiz do verbo), e ao DP *a Bete*, na posição de

especificador. É por isso que, na Fase 2 (derivação da sentença acima de νP até CP), o DP *a Bete* pode estabelecer uma relação de concordância com os traços-*phi* em T, bem como ser copiado da posição de especificador de νP para a posição de especificador de TP, para a satisfação do EPP. Da mesma forma, a combinação *com-* + *v*, que também se encontra na margem da fase 1, pode ser copiada para fora dessa fase e se concatenar ao núcleo T, o qual pertence à Fase subsequente.

Dando continuidade às implementações feitas pelo MP à *Teoria de Princípios e Parâmetros*, discorro sobre uma proposta que muda radicalmente a representação da derivação de uma sentença, principalmente no tocante à adjunção de constituintes, a qual denomina-se *Bare Phrase Structure* (BFS). As representações em árvore feitas antes dessa proposta contém elementos da Teoria X-barra, em particular os chamados níveis intermediários. Chomsky (1995a) sujeita os pressupostos dessa teoria a uma re-análise, sendo seu ponto de partida o pressuposto minimalista de que as condições básicas de *output* determinam os itens que devem ser visíveis nas interfaces. Dentro deste quadro, a interface *Forma Lógica*, por exemplo, deve ter acesso aos itens lexicais e às propriedades não-fonológicas (ou seja, propriedades semânticas) desses itens. Além disso, as projeções máximas e mínimas precisam ser estabelecidas como elementos naturais da estrutura em que ocorrem, não devendo, nesses termos, ser marcadas por qualquer índice especial. Assim, Chomsky (Op. cit.) considera que *projeção máxima* e *projeção mínima* são **noções relacionais** e não propriedades inerentes a uma dada categoria. Em outras palavras, entidades como XP , X' ou X'' não existem, consistindo apenas em notações para efeitos de exposição. Uma projeção máxima, sob a ótica minimalista, é simplesmente **uma categoria que não mais projeta**, enquanto a projeção mínima, uma categoria que **não atua como projeção de qualquer elemento**. Uma categoria que não seja nem máxima nem mínima (correspondente a X') deve ser invisível para o sistema computacional.

No que diz respeito à concatenação de itens para formar constituintes complexos, a operação *Merge*, nos termos de Chomsky (Op. cit.), toma α e β para formar um novo objeto K, com K tendo a natureza de α ou β . O objeto K pode, então, ser representado como $\{\gamma, \{\alpha, \beta\}\}$, em que γ diz respeito ao tipo (α ou β) de K e indica as propriedades relevantes do objeto gerado. Os objetos sintáticos relevantes podem, portanto, ser de dois tipos, tal como especificado abaixo:

- a) itens lexicais (complexos de traços, especificados no léxico).
- b) $K = \{\gamma, \{\alpha, \beta\}\}$, com γ sendo o rótulo de K.

No objeto indicado particularmente em (b), que reporta a um processo recursivo, dizemos que α ou β projeta e é o núcleo de K, identificando assim o rótulo γ . Em outras palavras, isso significa que K pode ser algo como $\{\alpha, \{\alpha, \beta\}\}$ ou $\{\beta, \{\alpha, \beta\}\}$. Para ilustrar com um exemplo, consideremos a sentença em (2.15) abaixo, com os itens lexicais necessários para sua derivação indicados em (2.16):

(2.15) *A menina tomou o suco.*

(2.16) *a, menina, T_{passado}, v, tom-, o, suco*

O constituinte nominal *o suco* consistirá no objeto em (2.17) abaixo, em que os traços correspondentes aos itens *o* e *suco* são conectados, sendo os traços do **determinante** os projetados:

(2.17) $\{o, \{o, suco\}\}$

Prosseguindo a derivação, o objeto $\{o, \{o, suco\}\}$ deve ser concatenado a *tom-*, resultando no objeto em (2.18), que vai corresponder a uma projeção do verbo:

(2.18) $\{tom-, \{tom-, \{o, \{o, suco\}\}\}\}$

Ao final, a representação da sentença pode ser dada como em (2.19), a seguir:

(2.19) $\{T, \{\{a, \{a, menina\}\}, \{T, \{T, \{v, \{\{a, \{a, menina\}\}, \{v, \{v, \{tomar, \{tomar, \{o, \{o, suco\}\}\}\}\}\}\}\}\}\}$

A estrutura acima contém apenas elementos inerentes aos próprios itens lexicais da derivação; assim, qualquer artifício simbólico como **nós**, **barras**, **sub-índices** e outros elementos que possam vir a ser inseridos na estrutura não passa, agora, **de mera informação notacional com objetivos expositivos**, sem qualquer referência a propriedades inerentes à estrutura. O problema de BPS, como aponta Hornstein (2005, p. 3), estudando a recursividade nas línguas naturais, é que a operação *Merge* (concatenar), na verdade, simplesmente agrupa elementos, **pondo-os um ao lado do outro**: “Concatenation is the most elementary mode of combination and, like all operations, it is defined over a set of atoms.” Hornstein (Op. cit.) chama a atenção, por exemplo, para as letras (átomos) *t*, *h*, *e*, *c*, *a* e *t*, que podem ser concatenadas para formar

complexos do tipo $t^h e^c a^t$ ou $t^c h^a e^t$, ou para as palavras (átomos) *the* e *cat*, que formariam diferentemente the^cat ou cat^the . Dado que, em princípio, elementos de qualquer natureza podem ser submetidos a uma operação de concatenação, o autor (Op. cit.) considera que “Concatenation is a very promiscuous operation. Its atoms can include phonemes, letters, syllables, words, sentences, actions, plans, flowers, whatever. It is a virtual certainty that non-verbal beings can concatenate some elements (though not others) and string them together into larger sequential objects. In this sense, concatenation is not a linguistically specific operation.”

Dado que concatenar átomos **não resulta numa estrutura hierárquica**, mas apenas numa cadeia de elementos unidimensional, a concatenação seria incapaz, por si mesma, de satisfazer os requerimentos para a geração de sentenças da linguagem humana. Por exemplo, uma frase como em (2.15), acima, deve ser gerada a partir dos átomos *a*, *menina*, *tomou*, *o* e *suco*, de modo a resultar na estrutura em (2.20) abaixo:

(2.20) [[a menina] tomou [o suco]]

Entretanto, o que a operação *Concatenar* faz é tão somente agregar linearmente esses átomos, de modo a se obter a seqüência em (2.21) abaixo, **sendo impossível** precisar que a relação entre *a* e *menina* (que devem formar um constituinte) é diferente da relação entre *menina* e *tomou* (que não devem formar um constituinte):

(2.21) $a^menina^tomou^o^suco$

Hornstein (2005), contudo, salienta que, se o resultado de uma simples combinação entre dois elementos puder ele mesmo ser tratado como um átomo, então será possível se chegar a uma estrutura hierárquica/recursiva tal como aquela em (2.20). Para tal, o autor (Op. cit) explora a idéia de que seria necessária, além da operação de *Concatenar*, a operação *Rotular* para a formação de um novo átomo, quando dois outros átomos são concatenados. Porém, explica o autor (Op. cit.) que *Concatenar* + *Rotular* são operações que podem ser resumidas numa só, com duas etapas. Essa operação seria **Conectar**. A operação *Conectar*, portanto, deve se dar com a operação *Concatenar* sendo seguida de *Rotular*. Sua função não é apenas criar um novo átomo a

partir da combinação de átomos distintos, mas também indicar que o novo átomo resultante terá a natureza de α ou β (ou, no sentido de BPS, projetará os traços de α ou β).

Mas como fica a questão da adjunção, pois, como observado anteriormente, a BPS é problemática para as adjunções. Assume-se na literatura desenvolvida na fase pré-minimalista da P&P que o resultado de uma operação de adjunção é uma projeção que tem o mesmo rótulo do objeto ao qual o adjunto é concatenado. Assim, essa operação reporta a um contraste com as configurações de complementação: enquanto **a adjunção preserva o rótulo**, a complementação o altera. Além disso, **ocorre a continuidade da maximalidade na projeção resultante na operação de adjunção**. Outra propriedade, por fim, reporta ao fato de **não haver limite para a quantidade de constituintes que pode ser adjungida a uma projeção**, diferentemente do que se observa entre os processos de complementação.

Um dos obstáculos do modelo de BPS às operações de adjunção diz respeito à condição de maximalidade: uma projeção máxima é aquela que não mais projeta. O modelo pré-minimalista, contudo, prevê que o núcleo do constituinte anteriormente à adjunção é também o núcleo do constituinte após a adjunção se efetivar, o que significa que a projeção máxima ao qual uma adjunção se aplica será também uma projeção máxima depois da operação, condição incompatível com a BPS: nesta, apenas o XP mais externo deve receber o estatuto de projeção máxima, por ser, dentro da estrutura, a única projeção que não mais projeta.

Hornstein, Nunes & Pietroski (2006) apresentam uma proposta para capturar as vantagens empíricas de uma configuração diferenciada para adjunção, em termos de BPS, é a seguinte: enquanto a conexão de um complemento a um determinado item resulta numa categoria com rótulo, os adjuntos não apresentam essa necessidade, com sua conexão a uma projeção podendo resultar numa estrutura **sem rótulo**. A proposta dos autores (Op. cit.) é exatamente a de que, enquanto a concatenação de um argumento precisa ser seguida pela operação *Rotular*, a de **um adjunto não apresenta essa necessidade**. Em outras palavras, enquanto a concatenação de um argumento sempre resulta em um objeto atômico, a de um adjunto pode resultar num objeto não-atômico.

Esse contraste entre argumentos e adjuntos, explicam os autores (Op. cit.), pode ser traduzido em termos de necessidade/não-necessidade de *rótulo*, se for levado em consideração o fato de que a interpretação de um constituinte como sujeito ou objeto requer a aplicação de relações estruturais específicas a serem reconhecidas pela interface conceptual-intencional. Por

exemplo, um objeto deve chegar na interface como o elemento imediatamente concatenado a V para ser reconhecido como tal, o que exige a aplicação de algo como *Rotular* para que essa “concatenação imediata” seja reconhecida.

Sobre a relação entre *Rotular* e ordem, em particular, os autores (Op. cit.) ressaltam que múltiplos adjuntos sem qualquer especificação de *rótulo* acabam funcionando como ‘pilhas’ de categorias concatenadas, sem que uma ordem específica seja estabelecida entre tais categorias. Nos casos abaixo, por exemplo, parece não existir qualquer relação predeterminada de ordem que mostre efeito sobre relações de antecedência entre os adjuntos (2.18a), bem como entre o adjunto e a elipse de VP (2.18b):

- (2.22) a) “*John ate the cake [with a fork] [in the yard] and*”
b) “*Bill [did] [with a knife]*”

Enfim, os autores (Op. cit.) mostram que existem motivações tanto de base empírica como conceptual para, no modelo de BPS, se postular a idéia de que a concatenação de adjuntos a uma dada categoria não resulta necessariamente num objeto com rótulo.

2.4. A PROPOSTA CARTOGRÁFICA DE RIZZI (de 1997 a 2004)

Rizzi (1997), estudando a estrutura de sentenças interrogativas e de sentenças com constituintes topicalizados ou focalizados no italiano, propõe que a projeção CP engloba vários constituintes. A categoria sintagmática CP, então, seria partida em cinco núcleos funcionais, como demonstra a estrutura abaixo:

(2.23)

Nas extremidades desse esqueleto de núcleos funcionais, encontram-se as projeções ForceP e FinP que fecham o sistema CP, em cima e embaixo, relacionando-o com a estrutura superior e inferior. A categoria ForceP codifica o **tipo de sentença** (declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa etc.) e está orientada para a estrutura superior (a articulação do discurso), no caso de sentenças matrizes. Além disso, o tipo de CP é determinado pelo preenchimento de Spec-ForceP ou pelo núcleo ⁴³.

A categoria FinP, por seu turno, conecta o sistema CP com o IP e codifica informação que determina a **finitude da sentença** ⁴⁴. Assim, quando o CP se expande para alojar tópico ou

⁴³ Mioto (2001), seguindo esta proposta de Rizzi (1997), explica que um ForceP interrogativo no PB é identificado por uma expressão-Wh na sua posição de especificador seguida ou não por um *que*, mas não pelo *que* sozinho. No caso das encaixadas *sim/não*, é o complementador *se* que define como interrogativo o ForceP. Observe: “*O João não sabe se a Maria encontrou o Pedro no cinema.*”. Adverte, ainda, Mioto (Op. cit.), que um ForceP declarativo no português tem sua posição de especificador necessariamente vazia, como demonstra: “*O João acha [*onde que a Maria encontrou o Pedro]*”. E, no caso de o IP seguinte ser finito, Force tem que ser preenchido pelo complementador *que*. Assim, nos domínios encaixados do PB, não existe a possibilidade de um Force vazio seguido de uma sentença finita, a não ser que Spec-ForceP seja preenchido por uma expressão-Wh.

⁴⁴ A ocorrência de um item tipo Fin está em distribuição complementar com a de um item tipo Force. Dessa forma, poder-se-ia concluir que os dois tipos de itens concorrem pela mesma posição, o que acabaria atrapalhando a argumentação para a expansão do CP. Porém, dados do italiano favorecem a hipótese da expansão do CP com esses dois núcleos funcionais distintos. Veja os exemplos de Rizzi (1997):

a) *Credo che il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.*
 creio que **o teu livro** eles o apreciam muito (tópico à direita de CHE)

foco, ForceP e FinP são expressos necessariamente por duas categorias distintas, cada uma com sua função em cima e embaixo. Porém, quando não há expansão do CP, ForceP e FinP são expressos sincreticamente como CP.

Dessa forma, a periferia esquerda é o espaço estrutural onde a sentença é preparada para ser conectada com a superestrutura, isto é, com o discurso. Além disso, é também o espaço que aloja outros constituintes, cuja ocorrência não decorre de necessidades seletivas e que, por isso, são tratados, muitas vezes, como adjuntos a IP ou a CP. Este modelo, contudo, por ser enriquecido pelo subsistema FocP/TopP, fornece ao CP posições específicas para alojar constituintes que codificam independentemente informações do tipo tópico (comentário) e foco (pressuposição).

Em Rizzi (2002), por seu turno, propõe-se uma caracterização formal mais refinada do princípio conhecido como Minimalidade Relativizada (RM, de *Relativized Minimality*), discorrendo sobre como o estudo da localidade interage com a abordagem cartográfica, isto é, uma linha de pesquisa recente que tenta construir mapas precisos e detalhados de possíveis configurações sintáticas. Além disso, a estrutura da periferia esquerda da sentença passa a apresentar três posições de tópico, uma posição específica para advérbios prepostos e duas posições para operadores-Wh, como será explicado mais adiante.

Conforme a abordagem da RM, uma relação local é aquela que precisa ser satisfeita no menor ambiente sintático em que isso possa ser possível. Assim, numa configuração como (2.24) abaixo, uma relação estrutural local não pode existir entre X e Y se Z funcionar como uma barreira potencial para essa relação, intervindo, então, entre X e Y.

(2.24) ... X ... Z ... Y ...

b) *Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto.*

creio **o teu livro** de aprecia-lo muito (tópico à esquerda de DI)

O fato de o tópico ocorrer à direita de *che* (complementizador finito) e à esquerda de *di* (o elemento preposicional que introduz infinitivo) leva Rizzi (1997) à conclusão de que cada um dos itens preenche núcleos diferentes (Force e Fin, respectivamente). No PB, conforme Miotto (2001) não é óbvio que exista um preenchedor para Fin. Um item cotado para tanto é *para* em uso puramente funcional. Seria um complementador preposicional.

A fim de ilustrar como essa relação estrutural local pode ser bloqueada por um interventor potencial, o autor (Op. cit.) considera os exemplos em (2.25) abaixo, em que o bloqueio se estabelece entre um sintagma movido e seu vestígio:

- (2.25) a) *“I wonder who could solve the problem in this way.”*
b) **“How do you wonder who could solve this problem t ?”*

Em (2.25b), observa-se que, o operador *who* em Spec-CP da oração encaixada interfere na relação entre *how* e seu vestígio *t*, mostrando, dessa forma, que *who* é um interventor potencial para a relação de ligação na cadeia relevante. É por isso que a sentença se torna agramatical, não sendo possível fazer uma pergunta relacionada a um advérbio de modo em (2.25b). Assim, Rizzi (2002) acredita que a RM pode ser construída como um princípio de economia na medida em que ela limita rigidamente a parte da estrutura sentencial dentro da qual uma dada relação local é computada. Em outras palavras, os elementos tentando entrar numa relação local “têm visão curta”, isto é, eles apenas podem enxergar até a primeira barreira potencial da relação relevante.

Para a RM funcionar, contudo, é preciso refinar a tipologia de posições. Por exemplo, é necessário que esse princípio representacional dê conta de descrever o fato de que a posição de sujeito, ligadora de certos tipos de vestígios em VP, não interfere na cadeia que conecta *how* e seu vestígio em (2.26).

- (2.26) *“How did you solve the problem t ?”*

A idéia formalizada, ou seja, a de que as relações locais devem ser satisfeitas numa configuração mínima, é expressa da seguinte forma pelo autor (Op. cit.):

- (2.27) *Y is in a Minimal Configuration (MC) with X iff there is no Z such that*
(i) Z is of the same structural type as X, and
(ii) Z intervenes between X and Y.

sendo a intervenção hierárquica e definida em termos de c-comando, como em (2.28):

- (2.28) *Z intervenes between X and Y iff Z c-commands Y and Z does not c-command X.*

Quanto à noção de “mesmo tipo estrutural”, Rizzi (Op. cit.) observa que, para descrevê-la, é necessário assumir uma teoria que não permite adjunção, a fim de que os potenciais constituintes interventores numa relação local possam ser identificados por **núcleos** ou por **especificadores**. Assim, “núcleos” são do mesmo tipo estrutural que “outros núcleos”; já em relação aos especificadores, é preciso que se faça a distinção entre especificadores-A e especificadores-A’ para descrever o fato de que o sujeito (especificador-A) em (2.26) não provoca um efeito de minimalidade na ligação do vestígio *t* por *how* (especificador-A’). No entanto, nem todos os casos podem ser explicados por este mecanismo, fato que demonstra a necessidade de um refinamento ainda maior do princípio. O autor (Op. cit.) cita os seguintes casos:

- a. Nem todos os elementos movidos para um especificador-A’ são sujeitos aos efeitos de RM: por exemplos, sintagmas-Wh com propriedades formais e interpretativas especiais e os tópicos não são sujeitos a esses efeitos.*
- b. Nem todos os especificadores-A’ intervenientes ativam um efeito de minimalidade em cadeias-A’. Por exemplo, o tópico não ativa; mas alguns tipos de advérbio podem ativar.*

A tentativa de refinar a RM parte do princípio abaixo mencionado, que Rizzi (Op. cit.) encontra em Chomsky (1995b, p. 311):

(2.29) Minimal Link Condition: *K attracts A only if there is no B, B closer to K than A, such that K attracts B.*

Contudo, tal princípio, além de ser derivacional, é seletivo demais na identificação de possíveis interventores, pois propõe que um interventor é uma posição interventora com os mesmo traços da posição alvo do movimento. De fato, a intervenção em (2.30a) abaixo poderia ser explicada dessa forma: o núcleo C mais alto não pode atrair o elemento-Wh da oração encaixada através de uma posição-Wh na periferia esquerda dessa mesma oração, já que nesta também existe um núcleo C que atrai constituintes com os mesmo traços do núcleo C da oração matriz:

b) C you wonder [which problem C [to solve how]]

Apesar de dar conta da descrição de casos como o de (2.26) acima, o princípio de Chomsky (Op. cit.) em (2.29) não conseguiria lidar com casos em que a identidade de traços não é suficiente. Rizzi (Op. cit.) cita essa situação, baseando-se em diferentes línguas (holandês, francês e italiano):

1) Apenas certos tipos de advérbios, os quantificacionais, afetam o movimento-Wh de um adjunto. Observe o advérbio quantificacional *peu* interferindo no movimento-Wh de *combien* no exemplo abaixo:

(2.31) * “*Combien a-t-elle peu aimé [____ de films]?*”
 quanto ela pouco gostou dos filmes

2) Todos os advérbios são interventores e bloqueiam o movimento de um advérbio para a periferia esquerda da sentença (2.32 e 2.33), mas isso não acontece se o advérbio tiver como alvo uma posição de foco contrastivo (2.34):

(2.32) * “*Waarschijnlijk is hij helaas ____ ziek.*”
 provavelmente está ele infelizmente doente

(2.33) * “*Calmement, Jean s'est probablement dirigé vers la sortie.*”
 calmamente Jean se provavelmente dirigiu em direção à saída

(2.34) “*C'est calmement que Jean s'est probablement dirigé vers la sortie.*”
 é calmamente que Jean se provavelmente dirigiu em direção à saída

3) A negação bloqueia a anteposição de um advérbio para uma posição de foco ou não, (2.35) e (2.36), mas se ele tiver sido mencionado no discurso anterior, nem a negação,

nem um outro advérbio qualquer, bloqueiam sua preposição para uma posição de **tópico** (3.37B):

(2.35) *“Rapidamente, i tecnici (*non) hanno risolto il problema.”*

rapidamente os técnicos (*não) resolveram o problema

(2.36) *“RAPIDAMENTE i tecnici (*non) hanno risolto il problema.”*

RAPIDAMENTE(foc) os técnicos (*não) resolveram o problema

(2.37) A: *“Credo che i tecnici abbiano rapidamente risolto entrambi i problemi.”*

acredito que os técnicos tenham rapidamente resolvido ambos os problemas

B: *“Ti sbagli: Rapidamente, i tecnici hanno probabilmente risolto IL PRIMO.*

está errado: rapidamente(top) os técnicos têm provavelmente resolvido o primeiro

PROBLEMA, ma non il secondo, che era più difficile.”

problema(foc) mas não o segundo que era mais difícil

Para dar conta dos fatos relatados acima, Rizzi (Op. cit.) explica que é necessário entender quais posições os advérbios antepostos podem ocupar na periferia esquerda da sentença. Conforme Rizzi (Op. cit.), seguindo Rizzi (1999), a comprovação da existência da posição de Modificador na periferia esquerda vem dos elementos-Wh, que podem ser de dois tipos: os baixos e os altos⁴⁵. Os elementos-Wh baixos ocupam uma posição mais baixa no complexo-CP,

⁴⁵ Em italiano, a diferença entre os elementos-Wh mais baixos e os elementos-Wh mais altos pode ser demonstrada pelo movimento do verbo. O movimento dos elementos-Wh mais baixos provoca a subida do verbo para o sistema C para a satisfação do critério-Wh, o que implica a inversão do verbo com o sujeito, como pode ser visto abaixo:

a. * *“Che cosa Gianni ha fatto?”*

o que Gianni tem feito?

b. *“Che cosa ha fatto Gianni?”*

o que tem feito Gianni?

(RIZZI, 1999, p. 5 (16))

Uma prova disso vem do fato de que os advérbios baixos, como *già*, podem ocorrer ou entre o auxiliar do particípio e o particípio ou antes do auxiliar do particípio em algumas variedades; mas, em interrogativas com elementos-Wh mais baixos, o advérbio *già* só pode ocorrer entre o auxiliar e o particípio, como se pode ver comparando-se os exemplos abaixo:

c. *“Che cosa hanno già fatto?”*

o que têm já feito?

d. * *“Che cosa già hanno fatto?”*

o que já têm feito?

(RIZZI, 1999, p. 6 (18))

a posição **Foc**, e estão relacionados a argumentos e a adjuntos adverbiais baixos na oração, como *che cosa (o que)*, *chi (quem)*, *dove (onde)*. Os elementos-Wh altos se referem a **adjuntos adverbiais mais altos**, como *perchè* e *come mai*, e, portanto, ocupam uma posição mais alta no complexo-CP, a posição **Int**. Dessa forma, correlacionando a posição dos elementos-Wh e a dos advérbios altos ⁴⁶, Rizzi (2002) mostra que os advérbios altos antepostos não podem seguir os

A frase em (d) não é possível justamente porque o advérbio *già* é um material interveniente entre o elemento Wh- e o verbo auxiliar, provocando violações no critério-Wh. Essa interveniência do advérbio com os elementos-Wh altos e o verbo auxiliar não é verificada nos exemplos abaixo:

- e. “*Perché (i tuoi amici) già hanno finito il lavoro?*”
Por que (os teus amigos) já têm terminado o trabalho?

- f. “*Come mai (voi) già siete tornati a Milano?*” (RIZZI, 1999, p.7 (22))
Como (você) já está retornado a Milan?

Em (e,f), a ocorrência do advérbio baixo *già* entre o elemento-Wh alto e o auxiliar não torna a frase agramatical, o que é uma evidência de que com esses interrogativos não existe o movimento de I para C. Para Rizzi (1999), esse movimento não existe com esses interrogativos porque eles ocupam o especificador de IntP, projeção funcional que fica acima da posição de foco na estrutura. Essa projeção pode estar intrinsecamente dotada com o traço [+WH], não provocando, portanto, o movimento de I para C nem a inversão entre o verbo e o sujeito, como pode ser visto em (g,h):

- g. “*Perché Gianni è venuto?*”
por que Gianni tem saído?

- h. “*Come mai Gianni è partito?*” (RIZZI, 1999, p. 7 (21))
como Gianni tem partido?

Evidência de que os elementos-Wh do tipo *perchè* e *come mai* preenchem uma posição mais alta e distinta dos elementos-Wh mais baixos vem do fato de eles poderem co-ocorrer com elementos na posição de foco (cf. (i), o que não é possível para os elementos-Wh mais baixos:

- i. “*Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?*”
por que isto deveríamos ter lhe ditto, não outra coisa? (RIZZI, 1999, p. 7 (23)).

⁴⁶ Como aproximação da proposta de Cinque (1999), Araújo (2006) acredita que os advérbios do português correspondentes aos advérbios baixos e altos do italiano e do francês seriam os seguintes:

Advérbios baixos

<i>geralmente</i> >	<i>tampouco</i> >	<i>Jà</i> >	<i>ainda</i> >	<i>sempre</i> >	<i>completamente</i> >	<i>tudo</i> >	<i>bem</i>
<i>habitualmente</i>	<i>de jeito nenhum</i>	<i>depois</i>		<i>nunca</i>	<i>Parcialmente</i>	<i>nada</i>	<i>mal</i>
<i>usualmente</i>	<i>nem mesmo</i>	<i>não... ainda</i>					
<i>normalmente</i>							

Advérbios altos

pragmáticos >	avaliativos >	evidenciais >	modais >	temporais >	<i>talvez</i> >	orientados para o sujeito
<i>francamente</i>	<i>felizmente</i>	<i>evidentemente</i>	<i>provavelmente</i>	<i>agora</i>	<i>por acaso</i>	<i>inteligentemente</i>
		<i>claramente</i>	<i>presumivelmente</i>			<i>elegantemente</i>

elementos-Wh baixos (cf. 2.34b), mas podem precedê-los (cf. 2.34a), mesmo com uma degradação de gramaticalidade ⁴⁷. Observe:

(2.38) (a). ?? *“Rapidamente, che cosa hanno fatto?”*

rapidamente que coisa têm feito

(b) * *“Che cosa, rapidamente, hanno fatto?”*

que coisa rapidamente têm feito

Isso é diferente do que ocorre com os elementos-Wh mais altos: os advérbios podem segui-los, mas não podem precedê-los:

(2.39) (a) *“Perché, improvvisamente, Gianni è tornato a casa?”*

por que repentinamente Gianni tem voltado para casa

(b) * *“Improvvisamente, perché Gianni è tornato a casa?”*

repentinamente por que Gianni tem voltado para casa

Resumindo as observações do autor (Op. cit.), os advérbios antepostos normalmente ocupam uma posição específica que é similar em termos entonacionais à posição de tópico, denominada Spec-ModP. No entanto, difere da posição de tópico já que a posição do advérbio **não requer uma conexão com o discurso prévio**, não pode preceder operadores-Wh altos, não está sujeita aos efeitos de ilhas sintáticas, apesar de dar margem aos efeitos de adjacência. Contudo, em contextos especiais, como no caso de terem sido mencionados anteriormente no discurso, os advérbios antepostos podem também ser movidos para uma posição de tópico. Além disso, podem ser movidos para uma posição de foco, caso tenham uma interpretação contrastiva. Assim, conforme Rizzi (2002), a periferia esquerda **pode conter núcleos Mod** que vão hospedar advérbios em suas posições de especificador, sendo a **motivação funcional** para tais núcleos o fato de eles deixarem os advérbios **proeminentes**. Abaixo, apresento a citação relevante de Rizzi (2002):

⁴⁷ Tal conclusão parece, contudo, estranha, na medida em que Rizzi (2002) propõe que os advérbios antepostos não podem naturalmente ocupar posições na zona de operadores-Wh, a qual começa em FocP e sobe até IntP. Assim, se o advérbio anteposto no exemplo (2.34b) ocupa uma posição abaixo de FocP, a sentença deveria ser gramatical.

(2.40)

“As the left-peripheral position targeted by the adverb in simple preposing is neither topic nor focus, we need a third type of licensing head in the space sandwiched in between Force and Fin (with the observed distributional properties). We will call this head “Mod(ifier)”, assuming modification to be the substantive relation between an adverb and the structure it relates to. (...) On top of the whole hierarchy, we assume that the left periphery can contain dedicated Mod heads which can host adverbs as their specifiers; the functional motivation for such heads is that they make the moved adverb prominent, a property that left-peripheral Mod has in common with Top,”

Devido às diferentes posições que os operadores-Wh podem ocupar na estrutura do complexo-CP e de sua relação de localidade com os advérbios antepostos, a proposta da divisão do sistema C em Rizzi (1997) é modificada para a seguinte em Rizzi (2002) ⁴⁸:

(2.41) ForceP TopP IntP TopP FocP **ModP** TopP FinP IP

Na representação acima, um núcleo Mod, então, é colocado na estrutura, abaixo da posição IntP, ocupada pelos operadores-Wh altos e abaixo da posição FocP, ocupada pelos operadores-Wh baixos ⁴⁹. Além disso, uma posição de tópico é acrescentada à estrutura entre ForceP e IntP, em virtude de dados empíricos do italiano revelarem que pode haver um tópico acima de um operador-Wh alto.

Quanto à definição, então, de “o mesmo tipo estrutural” para a localidade, esta baseia-se nos traços principais de especificadores. Apresento, a seguir, a tipologia de especificadores proposta pelo autor (Op. cit.) ⁵⁰:

⁴⁸ A representação das abreviaturas foi modificada, acrescentando-lhes P (de *Phrase*), já que cada uma das posições refere-se a uma projeção máxima. Assim, saliento que, em Rizzi (2002), o P não está presente.

⁴⁹ Apesar de Rizzi (Op. cit.) ter demonstrado que um advérbio alto anteposto não pode seguir um elemento-wh baixo (exemplo 2.38b), propõe, estranhamente, uma posição Mod abaixo de Foc (posição dos elementos-wh baixos).

⁵⁰ Rizzi (2002) salienta o fato de que os advérbios quantificacionais e a negação pertencem tanto à classe dos especificadores quantificacionais quanto à classe dos modificadores. A suposição de que a negação é modificacional é apoiada pelo fato de, em muitas línguas, essa noção ser expressa por um elemento adverbial especial, como *pas* no francês.

(2.42)

- 1) Argumental (com traços de pessoa, número, gênero, caso).
- 2) Quantificacional (operador interrogativo, negativo, de foco etc.);
- 3) Modificador (advérbio avaliativo, de negação, epistêmico, freqüentativo, celerativo, de medida, de modo etc.);
- 4) Tópico.

A tipologia apresentada acima faz uma divisão tripartite da classe dos especificadores não-argumentais, os quais podem ser ou (i) **quantificacionais**, ou (ii) **modificadores**, ou (iii) **tópicos**. A partir desse fato, a definição de “mesmo tipo estrutural” pode ser dada da seguinte maneira:

(2.43) mesmo tipo estrutural = especificador licenciado por traços da mesma classe.

Assim, a partir da definição em (2.43) de Rizzi (2002), um interventor potencial é aquele que possui os mesmos traços da classe de especificadores a qual o especificador alvo pertence. Por exemplo, um interventor para o movimento de um modificador para o seu alvo em Spec-ModP seria outro modificador.

O tópico, entretanto, não pertence a nenhuma das outras classes porque é marcado negativamente para os traços que as definem, ou seja, não é argumental, quantificacional nem modificacional. Dessa forma, não possui os traços que justamente são sensíveis aos efeitos de minimalidade, não sendo, então, interventor nem em relação a outro tópico, já que pode ser **recursivo**. O autor propõe três posições para esse constituinte na periferia esquerda, conforme a ativação de outros núcleos funcionais.

Rizzi (2004), entretanto, admite a possibilidade de o constituinte movido para a posição de tópico **poder ser marcado por um traço**, o que explica o seu movimento para satisfazer requerimentos da interface, ou da sintaxe com a morfologia, ou da sintaxe com a semântica⁵¹. Evidências de que esse traço existe está nas línguas que marcam morfologicamente o tópico ou o foco, ou ambos. Assim, primeiro um elemento é conectado em sua posição-A para atender aos

⁵¹ Observo, novamente, que Chomsky (2004, p. 10) já havia proposto um traço de natureza discursiva, o OCC, para essa situação. Para o autor, OCC significa “*I must be an occurrence of some β* ” (Trad. = I deve ser uma ocorrência

requerimentos s-selecionais (de *s-seleccional*), depois é movido para uma posição-A' para atender aos requerimentos interpretativos/discursivos, ou como prefere o autor, para atender aos **requerimentos criteriais** (de *criterial*). Entretanto, Rizzi (Op. cit) propõe que o movimento de uma posição para outra é uma operação de último recurso, reformulando o princípio de economia abaixo⁵²:

(2.44) Movement as last resort: movement takes place to satisfy some interface requirement.

Em termos gerais, Rizzi (2004), diferentemente de Chomsky (2000, 2001), assume que o movimento é formalmente ativado para verificação de traços: um núcleo X, dotado com um traço F, age como uma sonda procurando por um objeto Y em seu domínio C, dotado com o mesmo traço F. Y é então conectado ao ambiente estrutural imediato de X. Basicamente, Y se adjunge a X se Y for um núcleo, e é conectado como especificador de X se for um sintagma. Tal movimento forma uma cadeia. No tocante às cadeias-A', Rizzi (Op. cit.) assume que seu processo de atração é feito diretamente por **traços criteriais interpretáveis que podem desempenhar o papel de atratores**.

A interpretabilidade dos traços criteriais é defendida por Rizzi (Op. cit.) por causa de evidências empíricas: por exemplo, nas interrogativas indiretas, o traço [+Wh] a elas relacionado é expresso por complementizadores especiais, como *if* em inglês, *se* em português, e várias partículas diferentes em outras línguas. Esse traço é presumivelmente interpretável, em sua opinião, porque entra na especificação do tipo de oração e seleção de um predicado mais alto. Além disso, o traço morfossintático que caracteriza a classe dos operadores interrogativos-Wh também é visível aos sistemas interpretativos e usados por eles⁵³.

de algum β), e sua existência em um núcleo α deve ocorrer somente quando necessário, ou seja, quando tal traço faz alguma contribuição para o componente semântico.

⁵² Chomsky (2001, p. 10), ao discutir a diferença entre *Merge* externo e *Merge* interno, propõe que este último deve ser motivado por condições não teta-teóricas, como *scopal and discourse-related (informational) properties* e admite que tanto as propriedades relacionadas ao discurso quanto a noção de escopo fazem parte da gramática: “*Scope has the familiar “long-distance” property: scope of wh-, for example, can be well outside its phase. Given PIC, it follows that internal Merge (movement) must be successive cyclic, passing through the edge of successive phase. The same is true of discourse-related properties.*”

⁵³ Entretanto, Rizzi (2004) acredita que os traços criteriais interpretáveis também contêm **traços puramente formais**, cuja função é disparar o movimento intermediário para trazer o sintagma movido mais próximo para o alvo, de acordo com os princípios de localidade.

Assim como ocorre com os WhPs, Rizzi (Op. cit.) assume que os sintagmas **com função de tópico e de foco são assinalados por traços (no caso, criteriais) já ao entrarem na numeração**. Essa marcação torna esses sintagmas aptos para a atração por uma sonda com o mesmo traço criterial e normalmente tem efeitos em PF refletidos pelos contornos especiais de entonação de tópico e foco.

A partir dessa concepção, o autor defende que as cadeias começam na posição de s-seleção e terminam em uma posição criterial e, **quando um critério é aí encontrado, o sintagma é congelado nessa posição**, o que implica que o sintagma não é acessível a outros movimentos. Desse modo, o autor (Op. cit.) sugere a seguinte restrição a qual diz que um sintagma, após ter traços criteriais checados (isto é, em concordância numa relação local), é congelado no lugar:

(2.45) Criterial Freezing: A phrase meeting a criterion is frozen in place.

O princípio expresso em (2.45) pode ser considerado como uma condição de economia que contribui para minimizar e determinar cadeias optimamente simples com ocorrências únicas dos ingredientes fundamentais: único papel temático (ou licenciamento de s-seleção), única marcação de escopo do discurso, etc.

A partir dos dados apresentados pela teoria cartográfica de Rizzi (de 1997 a 2004) bem como pelas observações de Chomsky (2004), em notas de rodapé, fica evidente que a organização dos elementos lingüísticos na sentença está sujeita a propriedades discursivas. No entanto, é preciso salientar que essa organização depende da escolha de cada língua, não sendo, portanto, uma propriedade definida pela UG, embora esteja a ela subordinada. Desse modo, qualquer que seja o contexto de produção de uma seqüência lingüística, esta seqüência só é produzida porque é permitida pela gramática nuclear de uma língua; é ela que disponibiliza os meios para se construírem as seqüências lingüísticas adequadas a uma situação. Por isso que alguns autores defendem que a estrutura sintática é autônoma em relação ao discurso, embora as construções das seqüências lingüísticas sejam motivadas por ele ⁵⁴.

⁵⁴ DIJK & KINTSCH (1983), por exemplo.

2.5. SÍNTESE DO CAPÍTULO

a) Sobre a história das projeções funcionais:

- A variação paramétrica na UG localiza-se inteiramente nas categorias funcionais e tem a ver com as propriedades morfológicas destas categorias.
- A estrutura da oração é obtida por um esqueleto de categorias funcionais mais um esqueleto de categorias lexicais, sendo que aquele c-comanda este. As funcionais são concebidas ou como (i) predicados de elevação, determinando a subida de argumentos do esqueleto lexical para a posição de especificador das funcionais, ou como (ii) núcleos que atraem núcleos lexicais ou outros núcleos funcionais. Tanto a subida de projeções máximas como as incorporações de núcleos podem ocorrer antes ou depois de *spell-out*, dependendo das propriedades morfológicas particulares dos núcleos funcionais envolvidos. Dessa forma, essas propriedades determinariam as diferenças na ordem dos constituintes entre as diferentes línguas humanas.
- Vários linguistas têm se dedicado ao estudo de projeções funcionais: Pollock (1989) e Iatridou (1990) sobre TP e AgrP; Laka (1990) sobre NegP; Chomsky (1991) e Belletti (1993) sobre TP e AgrP; Uriagereka (1992) sobre a projeção FP entre CP e IP; Ouhalla (1994) sobre a parametrização da ordem entre TP e AgrP; Beghlli & Stowell (1997) sobre projeções para sintagmas quantificados; Cinque (1999) sobre projeções para sintagmas adverbiais, Belletti (1999, 2002, 2005) sobre FocP e TopP na periferia de VP; dentre outros.

b) Sobre as implementações do Programa Minimalista:

- A numeração que serve de *input* para a derivação de um objeto lingüístico consiste num conjunto de itens que abarcam traços semanticamente interpretáveis, traços fonologicamente interpretáveis e traços formais. A computação sintática extrai os itens da numeração e os concatena (operação *Merge*, concatenar), de modo a formar objetos lingüísticos complexos. Os traços não-interpretáveis são integrados à estrutura sem que seus valores estejam especificados.

- Os traços que não são interpretáveis nos níveis de interface precisam ser apagados pelo sistema. A condição para que sejam apagados, contudo, é a de que sejam valorados. Para tanto, precisam efetivar uma operação de concordância: um núcleo funcional com traço não-interpretável sonda a estrutura em busca de um traço da mesma natureza que esteja valorado. O valor da versão interpretável do traço é então transmitido para a versão não-interpretável, permitindo que este seja apagado.
- O traço de Caso do constituinte nominal não é especificado, por isso é não-interpretável. Dessa forma precisa ser valorado e apagado antes de *Spell-Out*. Isso ocorre como uma espécie de bônus quando o elemento nominal transfere seus traços-*phi* para a sonda.
- A estruturação da sentença conta com a presença de, pelo menos, três categorias funcionais – C, T e *v*. Cada uma dessas categorias pode entrar na estrutura portando traços interpretáveis e não-interpretáveis. Traços interpretáveis entram na derivação já valorados, enquanto os traços não-interpretáveis entram sem valor. A condição para que um traço não-interpretável seja apagado é a sua valoração, a partir de uma relação de concordância com uma versão interpretável de um traço da mesma natureza.
- A geração de uma sentença pode contar com várias Fases, determinadas pela aplicação de *Spell-Outs* múltiplos. Ao final de cada Fase – um CP ou um *v*P – os traços não-interpretáveis, já valorados, devem ser apagados para efeitos de legibilidade do objeto lingüístico na interface semântica.
- Nos termos de Chomsky (2000), a *Condição de Impenetrabilidade* determina quais elementos de uma fase podem participar de operações numa fase imediatamente posterior: apenas elementos na margem da fase são visíveis para participar de operações requeridas numa outra fase. A margem consiste na posição de especificador de *v*P ou CP, bem como os núcleos *v* e C, além de elementos adjungidos a ambas as projeções. Diferentemente, os elementos que não se encontram na margem se tornam “congelados”, impedidos, nesse sentido, de interagir com elementos de uma fase subsequente.

c) Sobre a proposta cartográfica adotada:

- Em Rizzi (2002), a estrutura da periferia esquerda da sentença passa a apresentar três posições de tópico (**Top1**, **Top2** e **Top3**), uma posição específica para advérbios

prepostos (**Mod**) e duas posições para operadores-Wh (**Int** para os altos e **Foc** para os baixos): ForceP TopP₁ IntP TopP₂ FocP ModP TopP₃ FinP IP

- Conforme Rizzi (2002), a periferia esquerda **pode conter núcleos Mod** que vão hospedar advérbios em suas posições de especificador, sendo a **motivação funcional** para tais núcleos o fato de eles deixarem os advérbios **proeminentes**.
- Em Rizzi (2002), propõe-se, também, uma caracterização formal mais refinada do princípio conhecido como Minimalidade Relativizada, a partir das seguintes observações: (1) *Nem todos os elementos movidos para um especificador-A' são sujeitos aos efeitos de RM: por exemplos, sintagmas-Wh com propriedades formais e interpretativas especiais e os tópicos não são sujeitos a esses efeitos.* (2) *Nem todos os especificadores-A' intervenientes ativam um efeito de minimalidade em cadeias-A'. Por exemplo, o tópico não ativa; mas alguns tipos de advérbio podem ativar.*
- A definição de “o mesmo tipo estrutural” para a localidade baseia-se nos traços principais de especificadores. A tipologia de especificadores proposta pelo autor (Op. cit.) é a seguinte: (1) *Argumental* (com traços de pessoa, número, gênero, Caso); (2) *Quantificacional* (operador interrogativo, negativo, de foco etc.); (3) *Modificador* (advérbio avaliativo, de negação, epistêmico, freqüentativo, celerativo, de medida, de modo etc.); e (4) *Tópico*. Assim, tem-se que **mesmo tipo estrutural = especificador licenciado por traços da mesma classe**.
- Rizzi (2004) admite a possibilidade de o constituinte movido para a posição de tópico **poder ser marcado por um traço**, o que explica o seu movimento para satisfazer requerimentos da interface. Evidências de que esse traço existe está nas línguas que marcam morfologicamente o tópico ou o foco, ou ambos. Assim, primeiro um elemento é conectado em sua posição-A para atender aos requerimentos s-selecionais, depois é movido para uma posição-A' para atender aos requerimentos interpretativos/discursivos, ou como prefere o autor, para atender aos **requerimentos criteriosais**.
- Em termos gerais, Rizzi (2004) assume que o movimento é formalmente ativado para verificação de traços: **um núcleo X, dotado com traço F, age como uma sonda procurando por um objeto Y em seu domínio C, dotado com o mesmo traço**. Y é

então conectado ao ambiente estrutural imediato de X. Basicamente, Y se adjunge a X se Y for um núcleo, e é concatenado como especificador de X se for um sintagma.

- Assim como ocorre com os WhPs, Rizzi (Op. cit.) assume que **os sintagmas com função de tópico e de foco são assinalados por traços (no caso, criteriais) já ao entrarem na numeração**. Essa marcação torna esses sintagmas aptos para a atração por uma sonda com o mesmo traço criterial e normalmente tem efeitos em PF refletidos pelos contornos especiais de entonação de tópico e foco. A partir dessa concepção, o autor defende que as cadeias começam na posição de s-seleção e terminam em uma posição criterial e, **quando um critério é aí encontrado, o sintagma é congelado nessa posição**, o que implica que o sintagma não é acessível a outros movimentos. Tal restrição é denominada pelo autor (Op. cit.) como *Criterion Freezing: a phrase meeting a criterion is frozen in place*.
- Rizzi (Op. cit.) defende a interpretabilidade dos traços criteriais por causa de evidências empíricas: por exemplo, nas interrogativas indiretas, o traço [+Wh] a elas relacionado é expresso por complementizadores especiais, como *if* em inglês, *se* em português, e várias partículas diferentes em outras línguas. Esse traço é presumivelmente interpretável, em sua opinião, porque entra na especificação do tipo de oração e seleção de um predicado mais alto. Além disso, o traço morfossintático que caracteriza a classe dos operadores interrogativos-Wh também é visível aos sistemas interpretativos e usados por eles.

***POSIÇÕES DOS CONSTITUINTES NA PERIFERIA
ESQUERDA DO PORTUGUÊS***

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresento uma síntese de um estudo descritivo sobre as posições que o tópico e os advérbios altos podem ocupar na periferia à esquerda da sentença, além de quais constituintes podem ocupar as posições FocP e IntP. Tal análise encontra-se nos capítulos VI e VII da Tese de Doutorado de Araújo (2006) e tem como base as propostas cartográficas de Rizzi (2002, 2004), de Belletti (2002, 2005) e de Cinque (1999). Daí, então, advém a justificativa para a o fato de eu estar incluindo, em minha tese, uma síntese de Araújo (Op. cit.): fundamentar os pressupostos cartográficos adotados a partir de exemplos do português e, dessa forma, vincular o entendimento das análises descritivas feitas nos capítulos subseqüentes de minha tese à descrição feita em Araújo (Op. cit.).

Observo que, em relação à construção de tópico denominada **Tópico Pendente** (sem retomada), Araújo (Op. cit.) assume que, o constituinte topicalizado, por não exibir conectividade sintática com elementos internos à sentença comentário, tem o seu primeiro e único *Merge* diretamente no sistema-C, ou seja, não sofre movimento de dentro de IP para uma das posições Top no sistema-C. Já em relação às outras construções de tópico equivalentes às relatadas no primeiro capítulo de minha tese, a autora (Op. cit.) assume que os constituintes topicalizados sofrem movimento de dentro de IP para uma posição periférica à esquerda⁵⁵. Também essas são as posições assumidas por mim nesta tese.

⁵⁵ Para detalhes sobre propostas que defendem a geração do tópico na base, ver Cinque (1990), Raposo (1996) e Benincà (2004).

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção (3.2), ilustro, através de exemplos de Araújo (2006) do PE (dos séculos XVIII e XIX) e do PB (século XIX), as posições que os constituintes com a função discursiva de tópico ocupam na estrutura da periferia esquerda proposta por Rizzi (2002); além disso, ilustro, também com exemplos de Araújo (Op. cit.), a posição ocupada por advérbios ou expressões adverbiais nessa periferia. Finalizando o capítulo, exponho, na seção (3.3), uma síntese dos dados apresentados.

3.2. A POSIÇÃO DOS ADVÉRBIOS E DO TÓPICO NO COMPLEXO-CP DE SENTENÇAS DO PORTUGUÊS

Conforme Araújo (2006), as construções de tópico encontradas nos dados do PE (XVIII e XIX) e do PB (XIX) revelam a possibilidade de três posições de tópico na periferia esquerda: Top₁, Top₂ e Top₃, se levarmos em consideração a ocorrência de outros elementos na oração e a conseqüente ativação das projeções a eles relacionadas. Além disso, foi detectado, pela autora, em ambos os *corpora*, que **todos os tipos de tópico são, indistintamente, encontrados nessas três posições**.

Observando as posições que o tópico ocupa no complexo-CP, a autora (Op. cit.) analisa, conseqüentemente, a posição que os advérbios prepostos podem ocupar nessa área da sentença. Tendo em mente que Rizzi (2002) defende a existência de uma posição dedicada para advérbios com a função de proeminência estrutural no complexo-CP que, como já foi visto, é mais alta do que os elementos-Wh baixos e mais baixa do que os elementos-Wh altos, posição licenciada pelo especificador da projeção funcional ModP, Araújo (Op. cit.) observa que a posição dedicada a esses advérbios deve ficar antes de FocP. A razão de tal proposta advém do fato de que, nos exemplos (2.34a,b) e (2.35a,b) de Rizzi (2002) reapresentados, abaixo, com nova numeração:

(3.01) (a). ?? “*Rapidamente, che cosa hanno fatto?*” (2.34a)

rapidamente que coisa têm feito

(b) * “*Che cosa, rapidamente, hanno fatto?*” (2.34b)

que coisa rapidamente têm feito

(WH baixo)

(3.02) (a) *“Perché, improvvisamente, Gianni è tornato a casa?”* (2.35a)

por que repentinamente Gianni tem voltado para casa
(WH alto)

(b) * *“Improvvisamente, perché Gianni è tornato a casa?”* (2.35b)

repentinamente por que Gianni tem voltado para casa

os advérbios prepostos podem seguir os elementos-Wh altos, que ficam em IntP, mas não podem seguir os elementos-Wh baixos, que ficam em FocP. Desse modo, respeitando os argumentos apresentados por Rizzi (1999, 2002), Araújo (Op. cit.) propõe que as posições no complexo-CP sejam distribuídas da seguinte maneira, com a projeção ModP posicionada entre TopP₂ e FocP (e não entre FocP e Top₃)⁵⁶:

(3.03) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ **ModP** FocP TopP₃ FinP IP

lembrando que a estrutura proposta por Rizzi (2002) é a reapresentada em (3.02), abaixo, com ModP depois de FocP:

(3.04) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ FocP **ModP** TopP₃ FinP IP

Araújo (Op. cit.) explica, ainda, que a vantagem de ModP estar nessa posição, entre TopP₂ e FocP, vem do fato de que, se os advérbios, como mostra Cinque (1999), podem ser focalizadores, tendo, como tal, a projeção que eles modificam como complemento, eles devem, então, estar localizados em uma projeção funcional imediatamente superior à posição de FocP, podendo tomá-la como complemento e, diretamente, modificando o elemento nela contido. A autora (Op. cit.) ilustra este fato com os seguintes exemplos do português (exemplos 20a e 20b de sua tese, capítulo VI, apresentados aqui como (3.05a) e (3.05b), respectivamente)⁵⁷:

(3.05) (a) *“Por que, o vestido, bem acertadamente MARIA o trocou?”*

⁵⁶ Para facilitar a visualização das posições de tópico, suas três posições receberam, nesta tese, as seguintes denominações: Top₁, Top₂ e Top₃, da esquerda para a direita.

⁵⁷ As projeções máximas estão sendo colocadas de forma abreviada, com exceção de ModP.

(a') [CP [IntP por que [TopP₂ o vestido [ModP bem [Mod acertadamente [FocP MARIA [FinP [IP
[FPCl o [I trocou...

(b) “O vestido, por que bem acertadamente MARIA o trocou?”

(b') [CP [TopP₁ o vestido [IntP por que [ModP bem [Mod acertadamente [FocP MARIA [FinP [IP
[FPCl o [I trocou...

Em (3.05 a', b'), podemos ver a distribuição dos exemplos contidos em (3.05 a, b) na periferia esquerda a partir da posição de IntP, havendo a possibilidade de duas posições de tópico, uma depois de IntP (cf. (3.05a')) – TopP₂ - e outra antes (cf. (3.05b')) – TopP₁, e ModP seguindo IntP, tendo como seu complemento FocP. O advérbio *bem* está em Spec-ModP, modificando *acertadamente*; e *acertadamente*, por sua vez, um advérbio alto, do tipo avaliativo, está modificando o DP *Maria*, que, provavelmente, está em FocP⁵⁸.

3.2.1. O tópico em TopP₃

Araújo (2006) detecta, a partir de dados dos *corpora* estudados em sua tese, que a ativação da posição TopP₃ depende da não ativação da posição FocP. Tal fato, explica a autora, se deve em função dos requerimentos prosódicos que devem ser satisfeitos entre o foco e a oração, que não permitem uma pausa entre ele e a oração⁵⁹. Isso implica que, quando a posição TopP₃ é ativada, apenas as seguintes projeções funcionais ficam disponíveis no complexo-CP:

(3.06) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ ModP TopP₃ FinP

Para a identificação dos tópicos nessa posição (TopP₃), a autora (Op. cit.) apóia-se em alguns contextos sintáticos, como:

(i) tópicos seguidos imediatamente por um advérbio baixo;

⁵⁸ Araújo (2006) observa que, um dos argumentos a favor de que *Maria* está em FocP é a possibilidade de este elemento estar servindo como hóspede fonológico para o clítico no sistema C (cf. RAPOSO & URIAGEREKA - 2005).

⁵⁹ Rizzi (1997, 2002) não concorda com essa perspectiva. Para ele, o italiano dispõe de uma posição de tópico após a de Foco.

- (ii) tópicos seguidos por um verbo flexionado e um advérbio baixo;
- (iii) tópicos seguidos por negação (NegP); (iv) tópicos e advérbios altos em IP; e (v) tópicos antecededidos por expressões modificadoras com função adverbial.

O primeiro caso, isto é, a posição do advérbio baixo imediatamente seguindo o tópico e antecedendo o verbo, pode indicar que o tópico está localizado na margem direita da estrutura da periferia esquerda, a última posição de tópico na hierarquia proposta por Rizzi (2002). Os dados dos *corpora* estudados por Araújo (Op. cit.) corroboram essa observação:

- PE – século XVIII:

(3.07) “Das mudanças que sucederam nela **já** sabeis.” (ex. 58, cáp. VI)

(3.08) “Com Martinho de Melo **quási** não pude falar e com o Visconde muitas vezes, mas os meus negócios próprios foram o único objecto, e minha timidez natural faz que não me atreva a falar no que me não preguntam.” (ex. 59, cáp. VI)

- PE – século XIX:

(3.09) “Das coisas públicas da nossa terra **apenas** sei o que Navarro, no seu regresso, me disse - e podes calcular que só foram coisas sombrias.” (ex. 60, cáp. VI)

(3.10) “Pois a respeito dessa visita ao nosso bom Portugal, **ainda** não temos uma resolução definitiva.” (ex. 62, cáp. VI)

- PB – século XIX: Os dados do português brasileiro (XIX) revelam as mesmas características do português europeu (XVIII e XIX), isto é, **os advérbios baixos podem seguir os tópicos, antecedendo os verbos flexionados**. É o que pode ser visto também nos exemplos do PB abaixo:

(3.11) “A esta taxa **ainda** não periga a exportação do ouro e facilita em muito as transações do café, o que deve trazer maior número de sacadores no mercado.” (ex. 64, cáp. VI)

- (3.12) “A licença só poderia obtê-la pela bondade de alguém e não em virtude de lei.” (ex. 65, cáp. VI)
- (3.13) “Dos trabalhos academicos já ha de ter noticia que, por proposta do Medeiros, estamos discutindo se convem proceder á reforma da orthographia.” (ex. 67, cáp. VI)
- (3.14) “Do seu ultimo livro, **apenas** conhecia o conto Pilades e Orestes, e a comedia Não consultes medico, que vira representada.” (ex. 69, cáp. VI)

A partir do exemplo estrutural abaixo, o qual se refere ao exemplo (3.07) acima, Araújo (Op. cit.) acredita que seja possível localizar, nos exemplos de (3.07) a (3.14), a posição ocupada pelo tópico e pelo advérbio baixo:

- (3.15) [_{ForceP} [_{TopP3} das mudanças que sucederam nela_j [_{FinP} [_{IP} [_{AdvP} **já** [_I sabeis_i [_{vP} [_{VP} [_{V_i} PP_i]]]]]]]]]]

Contudo, a representação acima apenas deixa clara a posição do tópico (posição TopP₃), não deixando clara a posição do advérbio baixo *já*: seria adjunta a I mesmo?

A autora (Op. cit.) observa, ainda, que a posição do verbo em relação ao advérbio baixo sofre flutuação no PE (XVIII e XIX) e no PB (XIX), revelando a possibilidade de competição de duas gramáticas, em que a verificação dos traços do verbo ocorria ou acima ou abaixo de AdvP, principalmente com o advérbio baixo *sempre*. Além disso, explica que a verificação dos traços do verbo acima de AdvP não pode ser considerada indicação de que houve movimento do verbo para o sistema C, uma vez que a posição de um advérbio baixo no final de um VP também é prevista na proposta de Cinque (1999).

Os dados do PE revelam a possibilidade de o advérbio baixo estar na posição final do VP, antes do seu complemento. Nesse caso, mais uma vez tem-se a localização do tópico em TopP₃, já que as camadas mais altas do complexo-CP não foram ativadas. Os exemplos abaixo ilustram esta situação:

- PE - século XVIII:
- (3.16) “*Em religiosos falemos **sempre**.*” (ex. 70, cáp. VI)

- PE - século XIX:

(3.17) *“nos jornais que trazia o Goyri a semana passada lá vem **ainda** - Cigarrilla no hay!”* (ex. 73, cáp. VI)

Conforme a autora, a ocorrência do tópico na posição TopP₃ e a do advérbio baixo no final da sentença, isto é, à esquerda de *v*P, pode ser observada pela representação abaixo, tomando como exemplo a frase em (3.16) acima:

(3.18) [_{ForceP} [_{TopP₃} em religiosos_j [_{FinP} [_{IP} [_I falemos_i [_{AdvP} **sempre** [_{vP} [_{VP} [_{V_i} PP_j]]]]]]]]]]

Assim como nos dados do PE, Araújo (Op. cit.) encontra nos dados do PB evidências de que o verbo também podia ultrapassar os advérbios baixos, como se pode ver nos exemplos do PB abaixo:

(3.19) *“Ao Felix ouvi **tambem** que havia lido com entusiasmo o seu livro, e estava resolvido a ler toda a sua obra para escrever sobre ella.”* (ex. 76, cáp. VI)

(3.20) *“Todos éstos puntos e outros tratarei **depois** oficialmente.”* (ex. 78, cáp. VI)

Os dados analisados nos *corpora* em Araújo (Op. cit.) apresentam também construções de tópico seguidas por uma negação. Conforme a autora, essa proximidade do tópico com a negação pode ser um indicativo da posição que o tópico ocupa se considerarmos também a posição de NegP, o sintagma dedicado aos elementos negativos da sentença. Seguindo Rizzi (2002), adota-se a posição de NegP acima de IP tanto para o PB como para o PE, à semelhança do italiano. Dessa forma, não estando a negação no complexo-CP, a sua ocorrência imediata após o tópico sinaliza que a posição TopP₃ é a que foi usada, gerando a seguinte representação da periferia esquerda:

(3.21) ForceP TopP₃ FinP NegP IP

Os dados constantes nos *corpora* analisados por Araújo (Op. cit.) confirmam essa suposição:

- PE – século XVIII:

(3.22) “À sua curiosidade **nada** escapa” (ex. 84, cáp. VI)

(3.23) “coisa que mova o coração, e que faça esquecer a gente do que está vendo, ou daquilo em que imaginava com gosto, **não** é fácil ouvir;” (ex. 85, cáp. VI)

(3.24) “Quanto aos amantes **não** há coisa mais fácil, nem mais praticada entre eles que a de remediar a perda duns objectos pela renovação doutros, a eficácia deste remédio não necessitando que se lhe exagere a virtude.” (ex. 87, cáp. VI)

- PE – século XIX:

(3.25) “O meu genio franco, e sincero, o meu character livre, e aberto, **não** posso concentrar-o na minha alma, rompe-me involuntariamente dos lábios” (ex. 88, cáp. VI)

(3.26) “Esperança de arrependimento **não** há;” (ex. 89, cáp. VI)

(3.27) “E pela parte toda do Convento do Carmo, não tenho senão a abraçar-te, mestre e amigo.” (ex. 90, cáp. VI)

- PB – século XIX:

(3.28) “Do Graça **não** ha ainda cartas, mas sei pelo sogro que chegou bem.” (ex. 94, cáp. VI)

(3.29) “Quanto à outra parte do pesadêlo, **não** descansarei tranqüilo enquanto não souber que abortou a tentativa de Zeballos.” (ex. 95, cáp. VI)

(3.30) “E das melancholicas **não** sei se alguma valerá mais que aquella Á sombra do rochedo, que é um livro em cinco paginas;” (ex. 97, cáp. VI)

Em todos os exemplos acima, em (3.22)-(3.30), há um tópico seguido imediatamente por uma negativa, fato que indica que o tópico está em TopP₃, uma vez que não há nenhum elemento interveniente entre eles que possa ser considerado como estando no complexo-CP.

Conforme Cinque (1999), os advérbios altos localizam-se abaixo do sistema-C e, geralmente, acima de T ([C > [*frankly* Mood_{speech act} > [*fortunately* Mood_{evaluative} > [*allegedly* Mood_{evidential} > [*probably* Mod_{epistemic} > [*once* T_{past}] >...). Acontece que mesmo os advérbios altos podem aparecer em posições mais baixas, abaixo de T. Quando isso ocorre, revelam facilmente a posição do tópico ocupada no sistema-C ⁶⁰: estando os advérbios altos abaixo de T, o tópico que os antecede vai estar em TopP₃, tanto no PE (XVIII e XIX) quanto no PB (XIX), pelo menos quando o tópico não é o sujeito da sentença. Cito alguns dos exemplos encontrados por Araújo (2006):

▪ PE – século XVIII:

(3.31) “Em Galiza passei **tristemente**, sempre na dúvida de se estava ali seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sair de Espanha.” (ex. 99, cap. VI)

(3.32) “Para êste esforço, são **certamente** opostos todos os meios fortes, e só um me ocorre, ao qual me parece que já vejo ceder todo o seu poder, toda a sua contradição.” (ex. 100, cap. VI)

▪ PB – século XIX:

(3.33) “Todos êstes pontos e outros tratarei depois **oficialmente**.” (ex. 103, cap. VI)

(3.34) “Sobre a Vida do Imperador seria **realmente** um trabalho a que eu me entregaria com o maior prazer, mas se tivesse o espírito sossegado e em outra sociedade, onde durante a composição eu achasse quem se interesse pela obra.” (ex. 106, cap. VI)

Conforme Araújo (Op. cit.), os exemplos acima ilustram o fato de que os advérbios altos em negrito podem ter sido concatenados em uma posição mais baixa da sentença, abaixo de T. Algumas evidências indicam essa possibilidade: (i) esses advérbios estão antecedendo advérbios baixos, depois de um verbo flexionado, como em (3.31) e (3.33); (ii) estão seguindo o verbo *ser*, considerado um copulativo alto na verificação de traços em IP, como em (3.32) e (3.34).

⁶⁰ Em *Infelizmente, o Pedro, ele saiu de casa mais cedo hoje* as posições ocupadas pelo tópico (*o Pedro*) e o advérbio alto são facilmente detectadas, mas não é nada óbvio detectar essas posições em *Infelizmente o Pedro saiu mais cedo de casa hoje*, sem o redobro do tópico por um pronome resumptivo.

A autora (Op. cit.) observa, ainda, que existem outras possibilidades de constatação do tópico em TopP₃:

- (i) advérbios em posições mais altas do que o tópico;
- (ii) expressões com valor adverbial, como os parentéticos (*por exemplo, isto é, ao menos*);
- (iii) orações adverbiais.

Esses elementos deslocados à esquerda ocupam, conforme Araújo (Op. cit.), a posição ModP, já que os dados do PE e do PB evidenciam a ocorrência desses elementos em posição pré-TopP₃ :

▪ PE – século XVIII:

(3.35) “*mas se Vossa Alteza tiver curiosidade de o saber, nos livros de histórias há-de achar clarezas que seria imprudente dar-lhas, mas de grande utilidade que Vossa Alteza as saiba.*” (ex. 107, cáp. VI)

▪ PE – século XIX:

(3.36) “*E **seja como for** os nomes dos amigos - vou-os eu estampando no Prospecto, - o teu à frente.*” (ex. 108, cáp. VI)

▪ PB – século XIX:

(3.37) “***Ao menos** dessa revolução êle saiu bem afinal.*” (ex. 109, cáp. VI)

(3.38) “***Assim**, sobre este ponto – estamos entendidos.*” (ex. 110, cáp. VI)

(3.39) “*e **naturalmente** da sua exposição dependerá muito a resolução dêle, quaisquer promessas que me faça.*” (ex. 112, cáp. VI)

Assim, conforme os dados detectados por Araújo (2006) nos *corpora* de sua tese, considerando a posição dos advérbios baixos e altos e de expressões com valor adverbial, observa-se que a posição TopP₃ estava disponível para constituintes topicalizados tanto no PE (XVIII e XIX) quanto no PB (XIX).

3.2.2. O tópico em TopP₂

Conforme o explicado no capítulo anterior, Rizzi (2002) propõe que os advérbios possam ser deslocados de sua posição interna a IP quando “requisitados”, isto é, portarem algum traço criterial. Nesse caso, dá-se a ocorrência de advérbios na periferia à esquerda da sentença, o que implica que, conforme Araújo (2006), a posição TopP₂ ou TopP₁ é a que vai ser ativada, se o advérbio seguir o tópico, tendo em mente sua proposta de estrutura do complexo-CP (ForceP TopP₁ IntP TopP₂ **ModP** FocP TopP₃ FinP IP).

Ao analisar a possibilidade de preenchimento da posição TopP₂, Araújo (Op. cit.) considera os seguintes contextos sintáticos:

- (i) tópico seguido por um DP focalizado por um advérbio;
- (ii) tópico seguido por expressões com valor adverbial;
- (iii) tópico seguido por orações adverbiais deslocadas à esquerda, as quais, conforme a autora (Op. cit.), ocupam a posição ModP no sistema-C;
- (iv) tópico seguido por elementos-Wh baixos (em FocP).

Os dados dos *corpora* obtidos em sua tese indicam que, quando a posição TopP₂ é ativada, em geral, existe a ativação de FocP, e pode ocorrer também a ativação de TopP₁, mas não a de TopP₃. Tem-se, então, a seguinte representação para dar conta da ocorrência do tópico em TopP₂:

(3.40) ForceP TopP₂ ModP FocP FinP IP

Abaixo, cito exemplos da autora (Op. cit.) que são representativos das projeções ativadas com TopP₂:

(3.41) a) “A história eles mesmo a fazem.” (ex. 114, cáp. VI)

b) [_{TopP₂} A história [_{FocP} eles mesmo [_{FinP} [_{FPcl} a [_{IP} fazem ...

(3.42) a) “No ultimatum inglês, **ao menos**, havia irritação e impaciência.” (ex. 115, cáp. VI)

b) [_{TopP₂} No ultimatum inglês [_{ModP} **ao menos** [_{IP} havia irritação e impaciência

(3.43) a) “Quanto ao algo novo, além do jardim publico e arvores recém-plantadas, são uma duzia de casas de residencia e ruas começadas.” (ex.140,PB, cáp.VI)

b) [_{ForceP} [_{TopP₂} Quanto ao algo novo [_{ModP} além do jardim público e arvores recém-plantadas [_{FinP} [_{IP} são [_{DP} uma duzia de casas de residencia e ruas começadas...

No exemplo (3.41a), imediatamente após o tópico, *a história*, segue-se um foco, *eles mesmo*. Explica Araújo (Op. cit.) que a evidência para *eles* estar em FocP advém do fato de esse pronome estar sendo seguido pelo pronome anafórico enfático *mesmo*. Já no exemplo (3.42a), o tópico, *no ultimatum inglês*, está sendo seguido por uma expressão com valor adverbial, *ao menos*. Supondo-se que esta esteja localizada em ModP, a autora (Op. cit.) conclui que a posição do tópico seja TopP₂. No exemplo (3.43a), por seu turno, observa-se que é possível ver a localização da expressão adverbial em ModP e a do tópico em TopP₂ na representação em (3.43b). Contudo, levando-se em conta que tal “expressão” veicula uma informação que pode ser pressuposta, proponho que ela ocupe a posição TopP₂ e o primeiro tópico da sentença, conseqüentemente, a posição TopP₁.

Saliento que, quanto às orações adverbiais invertidas, isto é, no complexo-CP, Araújo (Op. cit.) propõe que elas ocupem a posição dedicada aos advérbios, ModP, visto que exercem a função de um advérbio na oração: a de modificar um constituinte ou a oração matriz. Nesta tese, contrariamente a Araújo (Op. cit.), proponho que as orações adverbiais invertidas (no complexo-CP), ocupem ou uma das posições de tópico ou a posição de foco contrastivo estabelecidas por Rizzi (2002). A razão pela qual faço essa proposta advém do fato de que uma oração adverbial contém verbo e, dessa forma, expressa um evento que pode ser uma informação pressuposta ou não, diferentemente de um simples advérbio, que depende inteiramente da indicação do discurso para ser considerado um tópico ou um foco contrastivo.

Araújo (Op. cit.), por seu turno, assumindo que as orações adverbiais estejam em ModP, observa que existem duas hipóteses para justificá-las no complexo-CP: (i) elas podem ter sofrido deslocamento de sua posição interna a VP; (ii) ou podem ter sido concatenadas diretamente na periferia esquerda. Conforme Haegeman (2004), ambas as suposições são possíveis, a depender

do tipo de oração adverbial ⁶¹. Contudo, numa situação ou na outra, Araújo (Op. cit.) questiona se o tópico à esquerda dessas orações seria um tópico da oração matriz ou da oração adverbial. A fim de simplificar sua análise, opta por considerar que o tópico à esquerda está deslocado da oração principal por dois motivos: (i) em sua pesquisa, há dados de vários tipos de orações adverbiais deslocadas à esquerda e não só as temporais e as condicionais; e (ii), em alguns casos, no teste de retirada da oração adverbial, o tópico manteve-se relacionado com a oração principal, conforme exemplos da autora em (3.44a) e (3.45a), confrontados com (3.44a') e (3.45a'):

(3.44) a) “*mas* [_{TopP2} enquanto ao “Fundo da Música”, [_{ModP} *para reger uma orquestra*, [_{FinP} [_{IP} *são os dois maiores homens que há em Roma; e ninguém lhes tira isto da cabeça.*” (ex. 141, cáp. VI)

a’) “*mas* enquanto ao “Fundo da Música”, *são os dois maiores homens que há em Roma; e ninguém lhes tira isto da cabeça.*”

(3.45) a) “[_{TopP2} Quanto à carta para o Senhor de Sal [_{ModP} *como também me não chegaste a mandar o telegrama anunciado*, [_{FinP} [_{IP} *entendi que não valia a pena escrevê-la.*” (ex. 142, cáp. VI)

a’) “Quanto à carta para o Senhor de Sal, *entendi que não valia a pena escrevê-la.*”

Desse modo, nos dados apresentados com tópicos deslocados à esquerda havendo uma oração adverbial deslocada também à esquerda, o tópico foi considerado como relacionado à oração principal em Araújo (2006). Saliento que o mesmo procedimento será adotado em minha tese.

Além dos advérbios e das expressões com valor adverbial, Araújo (Op. cit.) explica que também os elementos-Wh baixos podem indicar a posição que o tópico ocupa. Como foi visto em Rizzi (2002), há duas posições possíveis de tópicos em relação a esses elementos baixos em

⁶¹ Haegeman (2003) explica que há diferenças em relação às orações adverbiais condicionais e temporais, mostrando que elas podem ser ou **centrais**, se concatenadas internas a IP, ou **periféricas**, se concatenadas fora do CP associado. A diferença entre as centrais e as periféricas está no fato de que as primeiras não permitem o fracionamento de argumentos, enquanto as segundas o permitem. Para a autora, as centrais não permitem o fracionamento de argumentos porque elas não têm o núcleo funcional ForceP. Entretanto, observo que esse assunto precisa ser explorado com mais detalhes, em outra oportunidade.

FocP: uma antes, TopP₂, e outra depois, TopP₃. Se, como alguns estudos têm demonstrado ⁶², os elementos-Wh baixos, do tipo *o que, qual, quem, quando*, ocupam a posição de FocP, então a posição de tópico ativada acima deles deve ser TopP₂. Cito os seguintes exemplos encontrados por Araújo (Op. cit.):

- PE – século XIX:

(3.46) “As pescadas com as cartas no bucho, **quem** lh’as manda vender á porta?” (ex. 154, cáp. VI)

(3.47) “Sobre o colégio das pequenas **que** queres que te diga?” (ex. 156, cáp. VI)

- PB – século XIX:

(3.48) “E o nosso Corrêa? **Quando** o manda você para Roma?” (ex. 159, cáp. VI)

(3.49) “E sobre a viagem do Major, **que** informações lhe deram no Lloyd?” (ex. 161, cáp. VI)

(3.50) “E o seu livro, **quando** vem?” (ex. 162, cáp. VI)

(3.51) “A política “bancária” e protecionista anunciada pela Reuter **o que** quererá dizer?” (ex. 164, cáp. VI)

(3.52) “Esta mulher... **Onde** está ella?” (ex. 167, cáp. VI)

Os dados dos *corpora* encontrados pela autora (Op. cit.) evidenciam a relação entre a posição do tópico com os elementos-Wh baixos, derivando a seguinte representação:

(3.53) ForceP TopP₂ (ModP) FocP_(+Wh) FinP IP

3.2.3. O tópico na posição TopP₁

As evidências para o preenchimento da posição TopP₁, a mais alta na hierarquia proposta por Rizzi (2002), são encontradas através dos seguintes contextos:

⁶² Cf. Rizzi (1997, 1999, 2002); Raposo (1996, 2000), entre outros.

- (i) o preenchimento de IntP, com os elementos-Wh altos ⁶³;
- (ii) o preenchimento da posição TopP₂ e, conseqüentemente, a de FocP.

A representação das posições que possivelmente serão ativadas na periferia esquerda com o preenchimento de TopP₁ encontra-se ilustrada em (3.54) abaixo:

(3.54) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ (ModP) FocP FinP IP

a qual é corroborada, conforme Araújo (2006), por dados encontrados nos *corpora* de sua própria tese:

- PE – século XVIII:

(3.55) “E a culpa de Vossa Mercê não saber governar neste caso a sua paixão **como** a chamaremos neste mundo, minha Senhora?” (ex. 177, cáp. VI)

- PB – século XIX:

(3.56) “Contra a coryza, que é o mais aborrecido dos *symptomas*, **por que** não pede ao Miguel Couto um remédio, ao menos um palliativo para quando seja mais intensa?” (ex. 178, cáp. VI)

(3.57) “E as outras obras, **como** vão elas tôdas?” (ex. 180, cáp. VI)

(3.58) “E vós, senhor Camões, **porque** não ides á Italia?” (ex. 181, cáp. VI)

Dessa forma, os exemplos acima evidenciam a posição TopP₁ sendo ativada para o tópico à esquerda em virtude do preenchimento da IntP, uma posição preenchida por elementos-Wh altos: *por que* e *como* (cf. RIZZI, 2002). A representação simplificada abaixo de uma das sentenças acima é o suficiente para ilustrar as posições TopP₁ e IntP sendo preenchidas:

⁶³ Conforme Araújo (2006), pesquisas futuras poderão indicar a diferença entre os elementos-Wh altos em italiano e em português, uma vez que, de acordo com os dados de seus *corpora*, existe inversão de constituintes nas interrogativas com Wh altos, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (i) “*como quer Vossa Senhoria que haja idolatria sem culpa?*”
- (ii) “*Porque não levantas tu essa voz?*”
- (iii) “*Por que razão suportam ellas esse animal?*”

(3.59) [_{TopP1} a culpa de Vossa Mercê não saber governar neste caso a sua paixão_i [_{IntP} **como**
 [_{FinP} [_{IP} [_{FPcl} **a**_k [_I **chamaremos** [_{VP} DP_{1k} [_{VP} [_{V_i} [_{DP₁} [_{D_{1k}} [_{DP_{2j}}]] [_{PP} neste mundo]...]

Mas além da posição IntP ser preenchida, há outra evidência para a ativação da posição TopP₁ para o tópico à esquerda: o preenchimento simultâneo de TopP₂ e de FocP. Araújo (Op. cit.), contudo, ressalta que casos deste tipo foram raramente encontrados nos *corpora*.

Outra questão levantada pela autora tem a ver com a ocorrência de expressões consideradas **operadores discursivos**⁶⁴, como *por fim de contas*, antecedendo a posição TopP₁ ou TopP₂ cria um problema para a sua análise, uma vez que foi proposto por ela colocar os advérbios e as expressões com valor adverbial em ModP, uma posição abaixo de TopP₂. Vejamos um exemplo:

(3.60) a) “*Por fim de contas, o João, por que repentinamente VOCÊ o convidou para a festa?*”
 (ex. 173, cap. VI)

a’) *Por fim de contas* [_{TopP1} *o João* [_{IntP} *por que* [_{ModP} *repentinamente* [_{FocP} *VOCÊ* [_{FinP} ..

Visto que, no exemplo acima, o tópico, *o João*, antecede um elemento-Wh alto, *por que*, o tópico encontra-se na posição TopP₁. Contudo, antes dele, há um operador discursivo, *por fim de contas*. Se existe essa possibilidade de um operador discursivo co-ocorrer com um tópico em TopP₁, Araújo (Op. cit.) conclui que temos evidência de que o operador não está em TopP₁. Ao contrário, parece haver uma posição acima de TopP₁ a eles dedicada e mais diretamente relacionada ao discurso. Com base na possibilidade de ocorrência de um operador discursivo antes de um tópico em TopP₁, **propõe-se que ModP seja recursivo no sistema-C mesmo acima da zona de operadores-Wh**, contrariamente ao proposto por Rizzi (2002). Essa suposição lhe dá base para analisar uma sentença como (3.60), colocando a expressão *por fim de contas* num núcleo ModP entre ForceP e TopP₁, conforme ilustra a representação abaixo:

Em qual posição o critério-Wh seria satisfeito? IntP ou FocP? Por ora, considera que os elementos-Wh altos preenchem a posição de IntP, depois de TopP₁.

⁶⁴ Os operadores discursivos têm função pragmática. Eles assinalam as relações textuais-discursivas, propiciando a reorientação do discurso, como, por exemplo, retomar, encaminhar ou fechar tópicos de conversa. Exemplos deles são: *afinal, a propósito, agora, já,...* (estes dois últimos, quando usados, geralmente, com valor contrastivo). Koch (1993) trata sobre esse assunto.

(3.61) [_{ForceP} [_{ModP} *Por fim de contas* [_{TopP1} *o João* [_{IntP} *por que* [_{ModP} *repentinamente* [_{FocP} *VOCÊ* [_{FinP}

3.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta seção, exponho sucintamente as conclusões apontadas por Araújo (2006) a respeito da posição ocupada pelo tópico e pelo advérbio preposto no sistema-C. Faço isso em forma de itens:

- As construções de tópico encontradas nos dados do PE (XVIII e XIX) e do PB (XIX) revelam a possibilidade de três posições de tópico na periferia esquerda: Top₁, Top₂ e Top₃, considerando-se a posição dos advérbios ou antecedendo ou seguindo o tópico. Além disso, foi detectado, a partir de ambos os *corpora* utilizados, que **todos os tipos de tópico são, indistintamente, encontrados nessas três posições**. Conclui-se que não há um tipo de tópico associado apenas a uma posição; ao contrário, é a ocorrência de outros elementos na oração e a conseqüente ativação das projeções a eles relacionadas que determinam a posição dos diferentes tipos de tópico.
- Observando as posições que o tópico ocupa no complexo-CP, também é analisada a posição que os advérbios prepostos podem ocupar nessa área da sentença. Propõe-se que a posição dedicada a esses advérbios deve ficar depois de IntP, antecedendo a posição de FocP, em virtude do fato de que, em alguns exemplos apresentados por Rizzi (2002) par o italiano, os advérbios prepostos poderem seguir os elementos-Wh altos, que ficam em IntP, mas não poderem seguir os elementos-Wh baixos, que ficam em FocP. Desse modo, propõe-se que a projeção ModP seja posicionada entre TopP₂ e FocP (e não entre FocP e Top₃).
- Explica, ainda, que a vantagem de ModP estar nessa posição, entre TopP₂ e FocP, vem do fato de que, se os advérbios, como mostra Cinque (1999), podem ser focalizadores, tendo, como tal, a projeção que eles modificam como complemento, eles devem, então, estar localizados em uma projeção funcional imediatamente

superior à posição de FocP, podendo tomá-la como complemento e, diretamente, modificando o elemento nela contido.

- Propõe-se que as orações adverbiais invertidas, isto é, no complexo-CP, ocupem a posição dedicada aos advérbios, posição ModP, visto que exercem a função de um advérbio na oração: a de modificar um constituinte ou a oração matriz.
- Detecta-se, a partir de dados dos *corpora* estudados, que a ativação da posição TopP₃ depende da **não ativação da posição FocP**. Tal fato se deve em função dos requerimentos prosódicos que devem ser satisfeitos entre o foco e a oração, que não permitem uma pausa entre eles. Assim, quando a posição TopP₃ é ativada, apenas as seguintes projeções funcionais ficam disponíveis no complexo-CP: ForceP TopP₁ IntP TopP₂ ModP TopP₃ FinP.
- Para a identificação dos tópicos na posição TopP₃, apóia-se nos seguintes contextos sintáticos: (i) tópicos seguidos imediatamente por um advérbio baixo; (ii) tópicos seguidos por um verbo flexionado e um advérbio baixo; (iii) tópicos seguidos por negação (NegP); (iv) tópicos e advérbios altos em IP; e (v) tópicos antecidos por expressões modificadoras com função adverbial. Os dados do português brasileiro (XIX) revelam as mesmas características do português europeu (XVIII e XIX), isto é, **os advérbios baixos podem seguir os tópicos, antecedendo os verbos flexionados**.
- Observa-se, ainda, que a posição do verbo em relação ao advérbio baixo sofre flutuação no PE (XVIII e XIX) e no PB (XIX), revelando a possibilidade de competição de duas gramáticas, em que a verificação dos traços do verbo ocorria ou acima ou abaixo de AdvP, principalmente com o advérbio baixo *sempre*. Além disso, explica que a verificação dos traços do verbo acima de AdvP não pode ser considerada, contudo, indicação de que houve movimento do verbo para o sistema-C, uma vez que a posição de um advérbio baixo no final de um VP também é prevista na proposta de Cinque (1999).
- São detectadas, também, construções de tópico seguidas por uma negação. Essa proximidade do tópico com a negação pode ser um indicativo da posição que o tópico ocupa se for considerada a posição de NegP, o sintagma dedicado aos elementos negativos da sentença. Seguindo Rizzi (2002), adota-se a posição de NegP acima de

IP tanto para o PB como para o PE, à semelhança do italiano. Dessa forma, não estando a negação no complexo-CP, a sua ocorrência imediata após o tópico sinaliza que a posição TopP₃ é a que foi usada.

- Explica que existem outras possibilidades de constatação do tópico em TopP₃: (i) advérbios em posições mais altas do que o tópico; (ii) expressões com valor adverbial, como os parentéticos (*por exemplo, isto é, ao menos*); e (iii) orações adverbiais. Esses elementos deslocados à esquerda ocupam a posição ModP, já que os dados do PE e do PB evidenciam a ocorrência desses elementos em posição pré-TopP₃.
- Assim, conforme os dados detectados nos *corpora* de sua tese, considerando a posição dos advérbios baixos e altos e de expressões com valor adverbial, observa-se que a posição TopP₃ estava disponível para constituintes topicalizados tanto no PE (XVIII e XIX) quanto no PB (XIX).
- Ao analisar a possibilidade de preenchimento da posição TopP₂, consideram-se os seguintes contextos sintáticos: (i) tópico seguido por um DP focalizado por um advérbio; (ii) tópico seguido por expressões com valor adverbial; (iii) tópico seguido por orações adverbiais deslocadas à esquerda; e (iv) tópico seguido por elementos-Wh baixos.
- Se o tópico preceder um advérbio baixo, este estará localizado em IP. Nesse caso, a posição TopP₃ é a que vai ser ativada.
- Os dados dos *corpora* obtidos em sua tese indicam que, quando a posição TopP₂ é ativada, em geral, existe a ativação de FocP, e pode ocorrer também a ativação de TopP₁, mas não a de TopP₃. Tem-se, então, a seguinte representação para dar conta da ocorrência do tópico em TopP₂: ForceP (TopP₁) TopP₂ ModP FocP FinP IP.
- Além dos advérbios e das expressões com valor adverbial, observa-se que também os elementos-Wh baixos podem indicar a posição que o tópico ocupa. Como foi visto em Rizzi (2002), há duas posições possíveis de tópicos em relação a esses elementos baixos em FocP: uma antes, TopP₂, e outra depois, TopP₃. Se, como alguns estudos têm demonstrado, os elementos-Wh baixos, do tipo *o que, qual, quem, quando*,

ocupam a posição de FocP, então a posição de tópico ativada acima dele deve ser TopP₂.

- Evidências para o preenchimento da posição TopP₁, a mais alta na hierarquia proposta por Rizzi (2002), são encontradas através dos seguintes contextos: (i) o preenchimento de IntP, com os elementos-Wh mais altos; e (ii) o preenchimento da posição TopP₂ e, conseqüentemente, a de FocP. A representação das posições que possivelmente serão ativadas na periferia esquerda com o preenchimento de TopP₁ é a seguinte: ForceP TopP₁ IntP TopP₂ (ModP) FocP FinP IP.
- Exemplos encontrados nos *corpora* evidenciam a posição TopP₁ sendo ativada para o tópico em virtude do preenchimento da IntP por elementos-Wh altos como *por que* e *como*.
- Com base na possibilidade de ocorrência de um **operador discursivo** antes de um tópico em TopP₁, propõe-se que ModP seja recursivo no sistema C mesmo acima da zona de operadores-Wh, contrariamente a Rizzi (2002). Essa suposição fornece base para analisar a sentença abaixo, colocando a expressão *por fim de contas* num núcleo ModP entre ForceP e TopP₁:

[_{ForceP} [_{ModP} *Por fim de contas* [_{TopP1} *o João* [_{IntP} *por que* [_{ModP} *repentinamente* [_{FocP} *VOCÊ* [_{FinP}

DESCRIÇÃO DOS DADOS DO CORPUS - SÉCULO XIX

4.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresento os resultados de investigações em peças de teatro de autores nascidos no século XIX. Mais precisamente, faço uma contagem dos tipos diferentes de constituintes que aparecem na periferia esquerda de sentenças retiradas dos *scripts* de cada peça, a fim de investigar suas funções discursivas (tópico, foco ou proeminência)⁶⁵.

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção 4.2, explico os procedimentos adotados para a análise da função discursiva dos constituintes periféricos; na seção 4.3, relaciono todos os exemplos de sentenças retiradas do corpus do século XIX, faço uma contagem por categoria sintagmática do XP periférico na estrutura XP-(S)-V e, depois, analiso a função discursiva de cada um deles; na seção 4.4, dedico-me ao estudo das construções clivadas e pseudoclivadas, investigando sua quantidade em cada texto do *corpus* e a função discursiva do constituinte clivado (o tipo de foco). Por fim, na seção 4.5, organizo uma síntese dos dados / resultados apresentados durante o capítulo.

4.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para a identificação dos constituintes na periferia esquerda da sentença, baseio-me em tipos de construções diferentes no tocante à ordem de seus constituintes. Os dois esquemas

⁶⁵ O termo “proeminência estrutural” é utilizado por Rizzi (2004) para indicar a função que advérbios prepostos desempenham no complexo-CP. Nesta tese, utilizarei, contudo, o termo “proeminência discursiva”, visto que a periferia esquerda da sentença codifica funções relacionadas ao discurso.

abaixo representam as ordens que serão identificadas, sendo o XP representativo de qualquer tipo de sintagma (complemento verbal invertido; oração subordinada invertida; advérbio sentencial; expressão adverbial; e DP não selecionado pelo predador verbal da sentença raiz). O elemento entre parênteses indica que ele pode ou não estar presente na estrutura ⁶⁶:

- 1) XP-(S)-V
- 2) Construções clivadas ou pseudoclivadas

As construções clivadas ou pseudoclivadas em (2) foram incluídas nesta pesquisa para que eu possa verificar se o constituinte focalizado veicula foco informacional ou foco contrastivo, visto que existe uma certa controvérsia em pesquisas já realizadas por outros autores sobre esse assunto ⁶⁷. Se, de fato, o constituinte clivado tiver a interpretação de foco contrastivo deverá, conforme Rizzi (1997, 2002), ocupar a posição de Foc no sistema C.

Tendo em mente que a ordem básica (não-marcada) dos constituintes de uma sentença do PB é SVO, conforme gramáticos e lingüistas [Cunha (1985), Costa (2000), entre outros], e que a ordem básica das línguas naturais pode ser alterada a fim de se codificar, no componente gerativo da gramática, informações de natureza discursiva, como a de foco e a de tópico, conforme Rizzi (Op. cit.), entre outros, relaciono, abaixo, os passos a serem dados para a execução do meu propósito, na próxima seção: verificar qual a função discursiva dos sintagmas na periferia esquerda de sentenças do PB.

Começo por um exemplo do texto (3), abaixo:

(4.01) *Mas provavelmente vale tanto como a outra!* [(3), I, II, 1, Mota, 33]

Aplicando-se ao sintagma adverbial *provavelmente* o conceito de tópico e de foco de Lambrecht (1996), **conceito adotado nesta tese**, nota-se a necessidade de se verificar, no contexto, alguma informação que possa identificar tal constituinte com uma informação pressuposta (estaria no

⁶⁶ Observe que a opcionalidade do sujeito diz respeito ao fato de o sujeito lexical poder ser realizado como uma categoria nula fonologicamente.

⁶⁷ Conforme já apresentado no capítulo I, Kato *et alii* (1996) mostra que as construções clivadas e pseudoclivadas veiculam o foco contrastivo e/ou o foco informacional no PB (isso quando não-inversas, pois as construções **inversas** veiculam apenas o foco contrastivo). Quarezemim (2005), por seu turno, demonstra que, no PB, as construções clivadas e pseudoclivadas são utilizadas para veicular apenas **foco contrastivo** e/ou **foco de listagem exaustiva**, ou seja, não veiculam foco informacional.

discurso prévio algum comentário sobre a probabilidade de alguma coisa?) ou com uma informação não-supostada pelo interlocutor, receptor dessa mensagem. Do contrário, se poderia imaginar qualquer coisa, já que a suposição não precisa estar num contexto prévio. Sendo assim, situo a fala da personagem no contexto de enunciação:

Mota – *Volte, seu Figueiredo, volte, se não quer que lhe aconteça o mesmo que me sucedeu e tem sucedido a muita gente! Indicaram-me uma casa no morro do Pinto, com tôda as acomodações que eu desejava... Você sabe o que é subir ao morro do Pinto?*

Figueiredo – *Sei, já lá subi uma noite por causa de uma trigueira.*

Mota – *Pois eu subi ao morro do Pinto e encontrei a casa ocupada.*

Figueiredo – *Foi justamente o que me aconteceu com a trigueira.*

Mota – *Volto aqui, faço ver que a indicação de nada me serviu e peço que me restituam os meus ricos cinco mil-réis. Respondem-me que a agência nada me restitui, porque não tem culpa de que a casa se tivesse alugado.*

Figueiredo – *E não lhe deram outra indicação?*

Mota – *Deram. Cá está.*

Figueiredo – *Vou aproveitá-la!*

Mota – *Mas provavelmente vale tanto como a outra!*

Conforme se pode observar no trecho acima, o termo *provavelmente* aparece pela primeira vez no diálogo. Além disso, sozinho, não é capaz de transmitir um evento nem suposto e nem não-suposto. A noção de foco e de tópico adotada, então, não fornece, neste caso, uma explicação para o fato de esse sintagma estar iniciando a sentença. Mas se esse AdvP não é nem tópico nem foco, o que seria então? Conforme foi explicado no capítulo III, Rizzi (2002) assume que **advérbios** podem ser deslocados de dentro de IP para a periferia esquerda da sentença a fim de checagem de algum traço discursivo: ou de tópico, ou de foco, ou de proeminência. Visto que o AdvP em análise não é nem tópico nem foco, só lhe restaria ser, então, um constituinte em “proeminência discursiva”, caso houvesse um indício prosódico para isso (usado entre vírgulas, por exemplo; ou antecedendo um tópico). Como não há evidência alguma de seu deslocando de dentro de IP para o sistema-C, esse advérbio não desempenha nenhuma função discursiva mapeada nessa área da sentença.

Veja agora o constituinte periférico *no teatro* na sentença abaixo:

(4.02) *Não, minha senhora, mas no teatro se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com a sua presença àquelas pessoas que se estima.* [(1), IV, 12, Alfredo]

Também nesta, como em qualquer outra sentença isolada, é preciso lançar mão do contexto de enunciação para se tomar alguma decisão classificatória. Observe-o:

Henriqueta - *Não. Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao teatro?*

Alfredo - *É verdade, minha senhora, para distrair-me.*

Carlottinha (a Henriqueta) – *Distrair-se... De pensar em mim!*

Henriqueta – *O teatro é mais divertido do que as nossas noites, aqui em casa de Carlottinha ou na minha. Não é verdade?*

Alfredo – *Não, minha senhora, mas **no teatro** se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com sua presença àquelas pessoas que se estima.*

Conforme o trecho acima, o assunto da conversa já era “o teatro”, por isso, então, o PP periférico *no teatro* exerce a função discursiva de tópico. Quanto às propriedades sintáticas do tópico, elas não são necessárias para a identificação do tópico no exemplo (4.02), pois no referido exemplo não há ilhas sintáticas. Como existe um vazio na oração associada que corresponde ao elemento em posição de tópico, a construção é a denominada simplesmente “topicalização”, por Duarte (1987).

O exemplo (4.03), abaixo, por seu turno, possui dois constituintes periféricos, um em cada oração:

(4.03) *Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlottinha terá o seu jardim; do outro, V. Mce. Mandará preparar a sua horta.* [(1), II, 1, Eduardo]

sendo que o trecho, a seguir, situa a fala da personagem no contexto de enunciação. Observe:

Carlottinha – *É a flor da minha paixão! As violetas! Que perfume!*

D. Maria – *E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicória...*

Eduardo – *Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlottinha terá o seu jardim; do outro V. Mce. mandará preparar a sua horta.*

Como se pode notar pelo trecho acima, Eduardo está falando de um quintal que ele fará com que seja dividido em duas partes. Ao falar dessas duas partes especificamente, no entanto, surge a idéia de contraste: é com uma das duas partes que Carlottinha vai ficar – a *deste lado* – enquanto que é afirmado que D. Maria vai ficar com a outra parte – a *do outro lado*. Sendo assim, estamos diante de duas construções de “Topicalização”, sendo que os dois PPs topicalizados exercem a função discursiva de “tópico contrastivo”.

Já o exemplo abaixo representa um PP periférico com a função discursiva de “foco de listagem exaustiva”:

(4.04) (...) *Você pode me trair com qualquer mulher. Qualquer, heim? Mas com aquela não admito! E foi justamente com ela! Tenho provas!* [(5), II, Totó, 102]

sendo que o trecho, a seguir, situa a fala da personagem no contexto de enunciação:

Abelardo I – *Isso é da vida, você se confortará, esquecerá!*

Totó – *Nunca! Não posso esquecer.*

Abelardo I – *Ora, o tempo é o grande remédio...*

Totó – *Inútil. Foi um caso muito sério. Depois de tamanha dedicação minha! Três anos! Foi muito sério!*

Abelardo I – *Assaz sério! Mas tudo passa. Tout passe, tout casse...*

Totó – *Se não fosse aquele detalhe! Imagine, eu disse ao Godofredo: Você pode me trair com qualquer mulher. Qualquer, heim? Mas **com aquela** não admito! E foi justamente com ela! Tenho provas!*

A partir do trecho acima, pode-se observar que o PP *com aquela* representa a informação na qual o falante declara que o resto da sentença é verdadeiro somente com respeito a esse sintagma, e é falso com relação a todos os outros membros pertencentes à mesma classe do constituinte

focalizado (*qualquer mulher*). Por isso, então, temos um *foco de listagem exhaustiva*.

4.3. OS CONSTITUINTES PERIFÉRICOS NA ESTRUTURA XP-(S)-V E SUAS FUNÇÕES DISCURSIVAS

Em relação a esta estrutura, faço uma análise estatística de cada tipo de constituinte que ocupa a posição XP inicial: AdvP, PP, DP, AP e CP ⁶⁸. Feito isto, identifico a função discursiva de cada exemplo de cada categoria sintagmática.

4.3.1. A categoria AdvP

Em relação à categoria AdvP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas 17 ocorrências de advérbios, distribuídas da seguinte forma:

a) **Foco contrastivo:** 00

b) **Tópico (contrastivo ou não):** 09 ocorrências da construção *Topicalização*:

(4.05) Hoje as moças são educadas para a sala; antigamente eram para o interior da casa! [(1), III, 1, Carlotinha]

(4.06) (...) Ontem, quando mandou essa violeta que o senhor tem na casa, beijou primeiro. [(1), IV, 7, Pedro]

(4.07) Sim, senhora. O francez também perguntou si aqui na fazenda tinha só vage. Que lá na França dizem que o Brasil é tudo só vage. [(4), I, 2, Possidonio, 25]

(4.08) Outro flerte! Ontem era a mamãe! Hoje tia Poloca. [(5), II, Heloísa, 95]

(4.09) Você disse que aqui isso não seria possível. [(5), II, Heloísa, 107]

(4.10) Também o dinheiro corre para aqui!... Lá embaixo a seção bancária está assim! [(5), I, Abelardo-2, 71]

⁶⁸ É claro que o CP é um complexo estrutural periférico a IP; contudo, usarei o termo CP nos próximos capítulos também para me referir a uma **oração adjunta em posição invertida**, isto é, antes da oração matriz.

c) Proeminência discursiva: 08

(4.11) Realmente, Henriqueta perde vista em uma sala, (...) [(1), III, 10, Azevedo]

(4.12) (...) Aqui o Sr. Barão vem pedir que o não perturbemos no estudo da botânica. [(2), I, 6, D. Leonor, 574]

(4.13) Sinceramente, eu não sei o que ela está fazendo sozinha na sala. [(3), I, II, 1, Mota, 33]

(4.14) Aqui estou. [(3), I, III, 2, Benvinda, 48]

(4.15) (...) Felizmente o Oswaldo recebeu a tempo o meu telegrama (...). [(4), I, 10, Henrique, 49]

(4.16) Por elle também juro, mas é que logo depois delle vêm as taes moças da cidade. [(4), I, 1, Adelaide, 16]

(4.17) (...) Aqui neste coraçãozinho deve haver algum Malazartes... [(4), I, 8, Christina, 41]

(4.18) Tenho procurado inutilmente emprego por toda a parte. Só tenho recebido ñões enormes. Do tamanho do céu! Agora, aprendi escrituração, estou fazendo umas escritas. [(5), I, o cliente, 67]⁶⁹

Os dados acima podem ser resumidos pelos quadros abaixo:

QUADRO 1 A– ADVPs NA PERIFERIA ESQUERDA- SÉCULO XIX

Texto (1) / (1829) = **04**

Texto (2) / (1839) = **01**

Texto (3) / (1855) = **02**

Texto (4) / (1876) = **05**

Texto (5) / (1890) = **05**

Total = 17

QUADRO 1B – ADVPs E FUNÇÕES DISCURSIVAS NO SÉCULO XIX

FUNÇÃO	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	
Foco Contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	03	-	-	02	04	09
Proem. Discurs.	01	01	02	03	01	08
Total AdvP	04	01	02	05	05	17

⁶⁹ Como já mencionado na nota de rodapé nº 62, operadores discursivos como *afinal*, *a propósito*, *agora*, *já* etc. são utilizados para retomar, encaminhar ou fechar tópicos de conversa (cf. Koch - 1993). É nestes casos, então, que itens lexicais como *agora* e *já* desempenham a função de proeminência estrutural proposta por Rizzi (2002), pois não representam informação pressuposta nem não-pressuposta. Veja que *agora*, no exemplo em questão, não tem o significado de exatamente um advérbio indicando o momento exato em que um evento ocorre.

Conforme a análise quantitativa acima, os advérbios na periferia esquerda são, de maneira geral, pouco usados em todos os textos do *corpus* do século XIX. No entanto, eles são mais raros nos textos (2)/1839 e (3)/1855. Observam-se, ainda, os seguintes fatos:

- Quando os AdvPs são utilizados na periferia esquerda da sentença, tendem a ter ou a função de tópico (09 ocorrências) ou a de proeminência discursiva (08 ocorrências).
- Em todos os textos, dá-se uma ou outra ocorrência do advérbio proeminente, enquanto que não é em todos os textos que o advérbio ocorre como tópico, sendo no texto (5) onde ele é mais utilizado com essa função.
- Em nenhum dos textos do século XIX o advérbio foi utilizado com a função de foco contrastivo na periferia esquerda.

4.3.2. A categoria PP

Em relação à categoria PP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **80** ocorrências destes sintagmas, distribuídas da seguinte forma:

a) Foco contrastivo: 03

(4.19) *Sozinha, sim; mas com a irmã não faz mal.* [(1), I, 1, Carlotinha]

(4.20) (...) *Você pode me trair com qualquer mulher. Qualquer, heim? Mas com aquela não admito! E foi justamente com ela! Tenho provas!* [(5), II, Totó, 102] (foco de listagem exaustiva)

(4.21) (...) *O senhor tem auxiliado tanta gente. É o amigo de todo mundo... Por que comigo não há de fazer um acordo?* [(5), I, o cliente, 66] (foco de listagem exaustiva)

b) Tópico: total de 65 ocorrências distribuídas a saber:

○ Deslocação à Esquerda Clítica: 02

(4.22) *A mim elle me disse, mostrando a fardinha toda perfumada, que tinha sido promovido a guarda-meninas.* [(4), I, 1, Adelaide, 21]

(4.23) *A mim me parece que não é só mudança de ar.* [(4), I, 8, Christina, 44]

○ *Tópico Pendente: 03*

(4.24) (...) Da parte de um botânico é por força alguma égloga. [(2), I, i, D. Helena, 563]

(4.25) Ah! Por esse lado podem ficar tranqüilos. [(3), I, I, 8, o gerente, 29]

(4.26) (...) A minha dívida era de um conto de réis. Só de juro eu lhe trouxe aqui nesta sala mais de dois contos e quinhentos. [(5), I, o cliente, 66]

○ *Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente: 03*

(4.27) Sim. Quanto à resposta, é a mim que compete dá-la. [(1), III, 5, Eduardo]

(4.28) Todavia, à força de andar com flores ... deviam os botânicos trazê-las consigo. [(2), I, 5, D. Leonor, 573]

(4.29) (...) Pois a esta não se me dava de lançá-la. [(3), I, I, 6, o gerente, 21]

○ *Topicalização: 57*

(4.30) Não, minha senhora, mas no teatro se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com a sua presença àquelas pessoas que se estima. [(1), IV, 12, Alfredo]

(4.31) Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlotinha terá o seu jardim; do outro, V. Mce. Mandará preparar a sua horta. [(1), II, 1, Eduardo]

(4.32) Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca? [(1), III, 13, Azevedo]

(4.33) Excelentes fatias! É uma coisa que em sua casa sabem preparar! [(1), III, 1, Vasconcelos]

(4.34) Espera, com ele eu sou mais animosa do que tu. [(1), IV, 12, Henriqueta]

(4.35) Não, Eduardo, para ele eu sou criminosa! [(1), IV, 15, Carlotinha]

(4.36) E para isso inventaste tudo o que me disseste? [(1), IV, 17, Vasconcelos]

(4.37) Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto e para seu pai um compromisso de honra. [(1), IV, 17, Eduardo]

(4.38) Nisto tens razão, meu filho! [(1), III, 8, D. Maria]

(4.39) (...) À mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura; ao homem, a parte da coragem e do trabalho. [(1), IV, 2, Eduardo]

(4.40) Na venda ninguém lhe dá nem um vintém de manteiga. [(1), III, 11, Pedro]

(4.41) Ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente,

- não precisa tentar a “chasse au mariage”. Com trezentos contos pode-se viver. [(1), I, 13, Azevedo]
- (4.42) (...) À hora do chá sentamo-nos juntos. [(1), IV, 4, Carlotinha]
- (4.43) Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janelas para um pequeno jardim e uma bela vista. [(1), I, 12, Eduardo]
- (4.44) (...) O amor vivia e, nas minhas extravagâncias, o que eu esquecia é que tinha uma irmã inocente confinada à minha guarda. [(1), II, 6, Eduardo]
- (4.45) Entretanto, depois de dois meses, ele devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra (...). [(1), III, 15, Henriqueta]
- (4.46) (...); em segundo lugar, perguntei se na Suécia estes pedidos são usuais. [(2), I, 5, D. Leonor, 573]
- (4.47) (...) A princípio adotou-se a negativa, posteriormente ... [(2), I, 3, Barão, 569]
- (4.48) Na geografia intelectual não há Suécia nem Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica, são obrigatórios. [(2), I, 5, Barão, 573]
- (4.49) Para ti, há de ser fácil. [(2), I, 8, D. Cecília, 580]
- (4.50) Desta vez tenha esperança de arranja. [(3), I, II, 3, Eusébio, 40]
- (4.51) (...) Por isso mesmo exijo que venhas jantar hoje comigo (...). [(3), I, III, 3, Lola, 53]
- (4.52) (...) Ali na estação me disseram. Na Rua do Passeio está uma fila de bondes parados diante de um enorme caminhão (...). [(3), I, III, 1, Rodrigues, 47]
- (4.53) (...) Ali na estação me disseram. Na Rua do Passeio está uma fila de bondes parados diante de um enorme caminha (...). [(3), I, III, 1, Rodrigues, 47]
- (4.54) (...) Aquilo é que são mulatas! No Rio de Janeiro não as há! [(3), I, I, 5, Figueiredo, 18]
- (4.55) Não, não é isso. Na Mimi Bilontra há um tipo que gosta de lançar mulheres. [(3), I, I, 5, Figueiredo, 19]
- (4.56) Com os três mil-réis que me surripiou compre uma corda e enforque-se! [(3), I, II, 2, a senhora, 37]
- (4.57) O sinhô sabe que com môça de família não se brinca... [(3), I, III, 4, Fortunata, 56]
- (4.58) Para os filhos que são moços, as imagens distantes se apagam. Para os velhos que são velhos... [(4), I, 3, Christina, 26]
- (4.59) (...) Entretanto para o coração de mulher se devia fazer um só berço. [(4), I, 5, Christina, 38]
- (4.60) Por elle também juro, mas é que logo depois delle vêm as taes moças da cidade. [(4), I, 1, Adelaide, 16]
- (4.61) E pensa que por sua causa meu Henrique se vae envergonhar da casa de seus paes? Que tolice! [(4), I, 1, Christina, 16]

- (4.62) *Como eu, como tudo que nesta casa comigo envelhece.* [(4), I, 1, Christina, 15]
- (4.63) (...) *A begônia é a alma das saudades (...). Em cada uma das suas folhas vive a imagem de sua saudade (...).* [(4), I, 5, Christina, 33]
- (4.64) (...) *parece que na cidade não gostam muito de torresmos.* [(4), I, 3, Adelaide, 27]
- (4.65) *Ella está com 17 anos. Aos 14, todas ellas mudam...* [(4), I, 5, Christina, 34]
- (4.66) *Por falta de pó de tijolo pode a senhora ficar certa que...* [(4), I, 3, Adelaide, 26]
- (4.67) (...) *Mas no meu tempo, se escolhia. A gente não se casava com um aventureiro só porque é rico e foi aos Estados Unidos.* [(5), II, D. Poloca, 97]
- (4.68) *Que você no começo dizia ser a mais imoral das instituições humanas.* [(5), I, Heloísa, 81]
- (4.69) (...) *Na hora da bóia, aparecia trazendo dois, três. Em pouco tempo, a cachorrada magra, suja e miserável enchia o pátio do quartel.* [(5), III, Abelardo-1, 118]
- (4.70) (...) *Em sua vida toda, tão cheia de nobreza, nunca amou um plebeu?* [(5), II, Alberto-1, 94]
- (4.71) *É. A gente, nos momentos difíceis, é obrigado a fazer concessões.* [(5), II, Abelardo-1, 106]
- (4.72) (...) *Para as nossas famílias, educadas na ilusão da América, só há a escolher a cadeia ou o “rendez-vous”!* [(5), III, uma voz, 120]
- (4.73) (...) *Quem não tem propriedades deve ter prole. Para trabalhar, os filhos são a fortuna do pobre...* [(5), I, Abelardo-1, 68]
- (4.74) (...) *Dentro do capitalismo, a pequena propriedade seguirá o destino da ação isolada nas sociedades anônimas.* [(5), I, Abelardo-1, 83]
- (4.75) (...) *isso até parece teatro do século XIX. Mas no Brasil ainda é novo.* [(5), I, Abelardo-1, 69]
- (4.76) (...) *Na Europa é assim. Toca-se sempre corneta quando chega uma lancha!* [(5), II, Abelardo-1, 89]
- (4.77) *No Brasil isso não dá nada!* [(5), I, Pinote, 79]
- (4.78) *Apesar da sua impontualidade, examinaremos as suas propostas.* [(5), I, Abelardo-1, 66]
- (4.79) *No meu tempo, as meninas eram recatadas. Iam às novenas. Rezavam o terço. Hoje é o diabo quem manda!* [(5), II, D. Poloca, 98]
- (4.80) (...) *Só com a miséria eles passarão o nosso inteiro e delicado serviço!* [(5), I, Abelardo-1, 81]

c) Proeminência discursiva: 13

- (4.81) Às vezes nossas mãos se encontram sem querer. [(1), IV, 4, Carlotinha]
- (4.82) Às vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zombam deveras. [(1), III, 11, Pedro]
- (4.83) Para mim, se quer que lhe diga a verdade, só lhe noto um pequeno defeito. [(1), II, 8, Vasconcelos]
- (4.84) (...) Por egoísmo, científico, é verdade, opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. [(2), I, 13, D. Helena, 607]
- (4.85) (...) Todos somos bontânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa. [(2), I, 5, Barão, 570]
- (4.86) (...) Numa palavra, fiz voto de celibato. [(2), I, 5, Barão, 571]
- (4.87) (...); em segundo lugar, perguntei se na Suécia estes pedidos são usuais. [(2), I, 5, D. Leonor, 573]
- (4.88) Sim, sinhô!... Mas antes disso deixe dizê quem sou. [(3), I, I, 8, Eusébio, 26]
- (4.89) Seja Feliz. Para mim não há nada como a família. [(3), I, III, 1, Rodrigues, 48]
- (4.90) (...) Na hora da bóia, aparecia trazendo dois, três. Em pouco tempo, a cachorrada magra, suja e miserável enchia o pátio do quartel. [(5), III, Abelardo-1, 118]
- (4.91) (...) Às vezes não temos o que comer em casa. [(5), I, o cliente, 67]
- (4.92) Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim. [(5), I, 1, Abel-I, 74]

Os resultados obtidos acima podem ser resumidos pelos seguintes quadros:

QUADRO 2A – PPs NA PERIFERIA ESQUERDA - SÉCULO XIX

Texto (1) / (1829) = **25**
 Texto (2) / (1839) = **12**
 Texto (3) / (1855) = **12**
 Texto (4) / (1876) = **12**
 Texto (5) / (1890) = **20**

Total = 81

QUADRO 2B – PPs E FUNÇÕES DISCURSIVAS NO SÉCULO XIX

FUNÇÃO	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
Foco Contrastivo	01	-	-	-	02	03
Tópico	21	07	10	12	15	65
Proem. Discurs.	03	05	02	-	03	13
Total PPs	25	12	12	12	20	81

Conforme os quadros acima, os PPs são, de maneira geral, bastante utilizados na periferia esquerda das sentenças do *corpus* do século XIX. Em particular, os textos (1) e (5) se destacam em quantidade destes sintagmas. Além disso, os seguintes fatos podem ser observados:

- Enquanto a quantidade de PPs com a função de foco contrastivo é extremamente pequena (apenas três casos), algo diferente ocorre com os PPs com a função de tópico: há um número bem maior de PPs com essa função em todos os textos e esse número se destaca nos textos (1) e (5).
- A construção *Topicalização* é a privilegiada para veicular a função discursiva de tópico por PPs na periferia esquerda da sentença (57 ocorrências, de um total de 65 tópicos).
- A função de proeminência discursiva dos PPs parece um tanto estável ao longo dos textos, não estando presente apenas no texto (4), e sua ocorrência é bem inferior à de tópicos.

4.3.3. A categoria DP

Em relação à categoria DP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **13** ocorrências destes sintagmas, distribuídas da seguinte maneira:

a) Foco contrastivo: 01

(4.93) Só uma coisa lhe acho inaceitável. [(2), I, 9, D. Helena, 590]

b) Tópico: 10 ocorrências distribuídas a saber:

○ Topicalização: 09

(4.94) Um verso!...Oh, Pedro vai levar à viúva! [(1), I, 8, Pedro]

(4.95) Nhanhã foi dizer? ... Pois não! ... Esta Pedro não engole. [(1), I, 11, Pedro]

(4.96) E a razão disto não declarou? [(1), II, 2, Eduardo]

(4.97) E ele, por que não vem? [(1), II, 8, Henriqueta]

(4.98) Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não faz outra coisa senão dirigir-me finezas.
[(1), III, 1, Carlotinha]

- (4.99) *Mentira! Pedro viu com estes olhos. Um dia de baile ela foi tomar respiração, cordão quebrou;* [(1), III, 11, Pedro]
- (4.100) *Duas horas já deu há muito tempo em São Francisco de Paula.* [(1), I, 7, Pedro]
- (4.101) *Isso vi, mas a Mimi Bilontra não é mulata.* [(3), I, I, 5, o gerente, 19]
- (4.102) *Mosquitos há em toda parte.* [(3), I, II, 2, o proprietário, 37]
- *Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente:* 01
- (4.103) (...) *Cresceram juntos. E o matto que cresce junto não se pode arrancar um sem que leve a raiz do outro!* [(4), I, 7, Adelaide, 38]

c) Proeminência discursiva: 02

- (4.104) *Por sinal que uma vez me emprestaste dez mil-réis.* [(3), I, I, 7, Gouveia, 24]
- (4.105) (...) *ou são eles que todos os dias enchem a minha sala de espera?* [(5), I, Abelardo-1, 72]

Os dados acima podem ser resumidos pelos seguintes quadros:

QUADRO 3A – DPs NA PERIFERIA ESQUERDA – século XIX

Texto (1) / (1829) = **07**
 Texto (2) / (1839) = **01**
 Texto (3) / (1855) = **03**
 Texto (4) / (1876) = **01**
 Texto (5) / (1890) = **01**
Total = 13

QUADRO 3B – DPs E FUNÇÕES DISCURSIVAS NO SÉCULO XIX

FUNÇÃO	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
Foco Contrastivo	-	01	-	-	-	01
Tópico	07	00	02	01	-	10
Proem. Discurs.	-	-	01	-	01	02
Total DPs	07	01	03	01	01	13

Conforme os dados nos quadros acima, os DPs são, de maneira geral, pouco utilizados na periferia esquerda das sentenças do *corpus* do século XIX. Em particular, apenas o texto (1) se

destaca em quantidade destes sintagmas. Além disso, os seguintes fatos podem ser observados:

- Os DPs periféricos, quando ocorrem, são mais usados com a função de tópico. Dos dez casos registrados, sete concentram-se no texto (1), de autor nascido em 1829.
- Das 10 ocorrências de tópicos periféricos, 09 encontram-se na construção *Topicalização*.
- São pouquíssimos os casos de DPs periféricos com a função de proeminência discursiva durante os textos do século XIX.
- Apenas houve uma ocorrência de DP periférico com a função de foco contrastivo, no caso, seguido da partícula *só*.

4.3.4. A categoria AP

Há apenas um exemplo, no *corpus* do século XIX, da categoria AP na periferia esquerda da sentença, iniciando a estrutura XP-(S)-V. Ele ocorre no texto (3) com a função discursiva de tópico, construção *Topicalização*. Veja:

(4.106) Sujo não digo... mas vamos lá, já te conheci pau de laranjeira. [(3), I, I, 7, Pinheiro, 24]

4.3.5. A categoria CP

Em relação à categoria CP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **48** ocorrências destes sintagmas, distribuídas da seguinte forma:

a) Foco contrastivo: 00

b) Tópico: 46 ocorrências da construção *Topicalização* ⁷⁰:

- (4.107) (...) Quando é esta coisa que se chama prosa, escreve-se o papel todo. Quando é verso, é só no meio, aquelas carreirinhas. [(1), I, 11, Pedro]
- (4.108) Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara, ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução. [(2), I, 13, Barão, 602]
- (4.109) (...) Se o casarmos, está perdido. [(2), I, 5, Barão, 571]
- (4.110) (...) Fico apenas com os dez mil-réis que te emprestei com muita vontade – e sem juros. Quando precisares deles, vem buscá-los. Cá ficam. [(3), I, I, 7, Pinheiro, 24]
- (4.111) (...) Como não estou para me zangar tôdas as manhãs, mudo-me. [(3), I, II, 1, Figueiredo, 32]
- (4.112) Oh, seu Lopes, olhe que, se isto continuar assim, eu mudo-me. [(3), I, I, 3, Figueiredo]
- (4.113) (...) Quando estive em Minas era um simples caixeiro de cobranças... [(3), I, I, 7, Gouveia, 23]
- (4.114) (...) Eu quando falo fala a gerência! [(3), I, I, 1, o gerente, 10]
- (4.115) (...) Antes de nos estabelecermos aqui, era uma verginha! [(3), I, I, 2, o gerente, 11]
- (4.116) Bem, como eu não sou um estabelecimento legalmente autorizado, dou a indicação por três mil-réis. [(3), I, II, 2, o proprietário, 36]
- (4.117) Tratante! Se eu te agarro, tu havia de vê o que é purso de mineiro! [(3), I, II, 3, Eusébio, 38]
- (4.118) (...) Como temo que ficá argum tempo na capitã federá, o mio é precurá uma casa. [(3), I, II, 3, Eusébio, 39]
- (4.119) Minha bela mulata. Desde que estás morando neste hotel, tenho debalde procurado falar-te. [(3), I, II, 3, Quinota, 43]
- (4.120) (...) Se tu vais à Rua do Ouvidor, és capaz de encontrar lá algum amigo que te leve para o jogo. [(3), I, III, 3, Lola, 54]
- (4.121) (...) Como ando em maré de felicidade, talvez seja uma providência lá não ir hoje. [(3), I, III, 4, Gouveia, 55]
- (4.122) Como Quinota andava apaixonada, (...), nós arresorvemo vi le procura... [(3), I, III, 4, Eusébio, 56]
- (4.123) (...) Si tivesse mãe, podia ser que com ella se abrisse. Com os paes é mais difficil. [(4), I, 5, Coronel, 35/6]
- (4.124) Isso é. Ainda mesmo que fosse imperador era sempre seu filho. [(4), I, 3, Adelaide, 28]

⁷⁰ Digo Topicalização supondo que a oração adverbial tenha sido concatenada como um adjunto à oração matriz e depois copiada para o sistema-C da matriz. Contudo, ela poderia ser concatenada diretamente no sistema-C da matriz, numa das posições Top.

- (4.125) (...) Desde que morreu a mãe, considera-a como sua segunda mãe. [(4), I, 5, Coronel, 36]
- (4.126) Se a comadre vir que é moço que serve, dou-lhe carta branca. [(4), I, 5, Coronel, 36]
- (4.127) Ah, está uma beleza! A cama que elle mandou da cidade prega cada susto! Quando a gente senta, afunda assim... [(4), I, 1, Adelaide, 21]
- (4.128) Mais do que um príncipe; um ausente há muitos annos. Depois que elle foi para a Escola Naval, só uma vez veio cá. [(4), I, 1, Christina, 21]
- (4.129) Quando voltei para contar que o trem das cinco e meia não tinha hora de chegar, elle mandou o cozinheiro me dar qualquer coisa para beber e para comer. Eu, para não fazer desfeita, entrei na cozinha. [(4), I, 2, Possidonio, 23]
- (4.130) Está bem. Vá tratar de seu serviço, e fique avisado: quando for à cidade, não quero que porte em casa do filho do Manuel Ignácio. [(4), I, 2, Christina, 25]
- (4.131) Esses rapazes quando começam a ir à cidade ficam perdidos. [(4), I, 3, Christina, 26]
- (4.132) Assusta-me, compadre! Não, não póde ser. Há quinze dias ainda a Rosinha esteve cá, tão alegre, tão feliz. [(4), I, 5, Christina, 32/3]
- (4.133) Pois logo que poz a saia comprida, como diz a comadre, uma vez que lhe falaram nessa brincadeira de criança, zangou-se... [(4), I, 5, Coronel, 34]
- (4.134) (...) Enquanto não arrancar o pennacho do major, para nada tenho cabeça. [(4), I, 5, Coronel, 36]
- (4.135) (...) Quando eram pequenos, não se largavam. [(4), I, 7, Adelaide, 38]
- (4.136) (...) Quando eu era pequenina, encostava a cabeça a seu colo (...). [(4), I, 8, Rosinha, 40]
- (4.137) (...), porque oficial de marinha, por viver sempre na água, não gosta de ensopados. [(4), I, 3, Adelaide, 28]
- (4.138) Tão linda e tão boazinha qual é, si gostas de alguém há de ser correspondida. [(4), I, 5, Christina, 36]
- (4.139) (...) A cachorrada vadia voltou para a rua. Mas, quando o Jujuba se viu solto, recusou-se a gozar o privilégio que (...). [(5), III, Abelardo-1, 118]
- (4.140) Mas se sarasse ... regressava à arena na posição que ocupei. [(5), III, Abelardo-1, 117]
- (4.141) (...) Mas quando o pão falta, uma sai pela porta e a outra voa pela janela. [(5), I, Abelardo-1, 68]
- (4.142) Perfeitamente. Depois que o Império soçobrou nas mãos inábeis dos ituanos, precisamos de capital estrangeiro. [(5), II, Belarmino, 96]
- (4.143) Minha filha, quando te casares, quero que rezes. [(5), II, Belarmino, 97]
- (4.144) É um erro teu! Se todos fossem como o oportunista cínico que sou eu, a revolução

social nunca se faria! [(5), III, Abelardo, 117]

(4.145) (...) *Se quiserem assistir a uma agonia alinhada, esperem!* [(5), III, Abelardo-1, 113]

(4.146) (...) *Sendo Rei da Vela, banquei o Rei do Fósforo.* [(5), III, Abelardo-1, 113]

(4.147) (...) *Truque de cinema. Mas como no teatro não se conhece ouro, ele usa o mesmo.*
[(5), III, Abel-1, 114]

(4.148) *Um bocadinho. Mas olhe que, se não fosse ele, nós estávamos muito mais desmascarados. Ele ignora a luta de classes!* [(5), I, Abelardo-1, 79]

(4.149) *Diga, Tia! Diga-me seriamente se a senhora tivesse um milhão de dólares, o que faria?*
[(5), II, Abelardo-1, 107]

c) Proeminência discursiva: 02

(4.150) *Eu há muito tempo lhe perdoei.* [(3), I, III, 4, Quinota, 57]

(4.151) *Nada... Mas, ao que vejo, veio toda família?* [(3), I, III, 4, Gouveia, 58]

Os dados acima podem ser resumidos pelos seguintes quadros:

QUADRO 4A – CPs NA PERIFERIA ESQUERDA – século XIX

Texto (1) / (1829) = **02**

Texto (2) / (1839) = **02**

Texto (3) / (1855) = **15**

Texto (4) / (1876) = **18**

Texto (5) / (1890) = **11**

Total = 48

QUADRO 4B – CPs E FUNÇÕES DISCURSIVAS NO SÉCULO XIX

FUNÇÃO	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
Foco Contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	02	02	13	18	11	46
Proem. Discurs.	-	-	02	-	-	02
Total CPs	02	02	15	18	11	48

Conforme os quadros acima, os CPs (orações adverbiais) na periferia esquerda das sentenças do *corpus* do século XIX aparecem em número mais expressivo a partir do texto (3), de autor nascido em 1855. Em particular, nos textos (1) e (2) a inversão de orações é rara. Além disso, os seguintes fatos podem ser observados:

- Os CPs periféricos, em sua grande maioria, exercem a função discursiva de tópico nos textos do século XIX ⁷¹. Apenas ocorrem na periferia esquerda da sentença através da construção *Topicalização*.
- Com a função de proeminência discursiva, são apenas dois casos no texto (3).
- Não há ocorrência de CPs periféricos (invertidos) com a função de foco contrastivo em nenhum dos textos do século XIX.

4.3.6. Resumo das categorias sintagmáticas e suas funções discursivas durante o século XIX

- ESTRUTURA XP-(S)-V

QUADRO 5A – FOCO CONTRASTIVO – SÉCULO XIX

CATEGORIA	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
ADVP	-	-	-	-	-	00
PP	01	-	-	-	02	03
DP	-	-	-	-	-	00
CP	-	-	-	-	-	00
Total:						03

QUADRO 5B – TÓPICO – SÉCULO XIX

CATEGORIA	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
ADVP	03	-	-	02	04	09
PP	21	07	10	12	15	65
DP	07	01	02	01	-	11
CP	02	02	13	18	11	46
Total :						131

⁷¹ Proponho que as orações adverbiais desempenhem a função de tópico (quando poderem ser interpretadas como o ponto de partida para aquilo que será dito, introduzindo o assunto) ou de proeminência estrutural (quando não poderem funcionar dessa forma). Apesar de não ter aparecido no *corpus* com a função de foco contrastivo, esta interpretação é viável para esta categoria sintagmática, visto que ela pode, dado um contexto assertivo anterior ao seu ato de fala, introduzir um valor a uma variável de evento. Contudo, parece-me que isso ocorre no PB apenas através de construções clivadas. Exemplos:

(a) *Foi [quando o Paulo saiu] que eu vi sua namorada entrar. (não quando ele chegou)*
 (b) *[Quando o Paulo saiu] foi / é que eu vi sua namorada entrar. (não quando ele chegou)*

QUADRO 5C – PROEMINÊNCIA DISCURSIVA – SÉCULO XIX

CATEGORIA	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
ADVP	01	01	02	03	01	08
PP	03	05	02	-	03	13
DP	-	-	01	-	01	02
CP	-	-	02	-	-	02
Total:						25

Analisando-se os três quadros acima, observa-se que:

- Os PPs periféricos são os privilegiados para exercer qualquer função discursiva (03 focos contrastivos, 65 tópicos e 13 proeminências), sendo a de tópico a que ocorre em bem maior quantidade.
- Os CPs periféricos, em quase a totalidade dos casos, são utilizados para exercer a função de tópico (46 ocorrências).
- Somando-se todos os XPs periféricos por função discursiva, obtemos o seguinte resultado: 04 ocorrências para foco contrastivo, 131 ocorrências para tópico e 25 para proeminência discursiva. Estes resultados, então, demonstram que o PB do século XIX já apresenta uma estrutura do tipo “tópico + comentário”, pois privilegia a função de tópico para os sintagmas periféricos, os quais são bastante expressivos nos textos em geral.

4.3.7. Casos de mais de um XP na periferia esquerda

Há, ainda, os casos em que podem ser encontrados mais de sintagma, de categorias gramaticais diferentes ou não, na periferia esquerda. Este fenômeno ocorreu apenas em três textos, conforme demonstra o quadro abaixo:

QUADRO 6 – MAIS DE UM XP NA PERIFERIA ESQUERDA

Texto (1) / (1829) = 03

Texto (2) / (1839) = 00

Texto (3) / (1855) = 00

Texto (4) / (1876) = 02

Texto (5) / (1890) = 04

Total = 09

A seguir, cito todos os exemplos retirados do *corpus* e relaciono, a cada um deles, a sua função discursiva:

a) Tópico + Tópico: 06

(4.152) Numa carta apaixonada, numa entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pode parecer-se com um herói de romance aos olhos de uma menina inexperiente; numa sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frívolos. [(1) III, 8, Eduardo]

(4.153) Da outra vez também, lá em São Paulo, ele tinha brigado com o Godofredo. [(5), II, João, 95]

(4.154) (...) Na época moderna, para nós, classe dirigente, minha amiga, só há um chamado – chamado da nota! [(5), III, Abelardo-1, 113]

(4.155) (...) Ontem, quando mandou essa violeta que o senhor tem na casa, beijou primeiro. [(1), IV, 7, Pedro]

(4.156) (...) Amanhã, quando entrares na posse da tua fortuna, defenderás também a sagrada instituição da família (...). [(5), III, Abelardo-1, 116]

(4.157) Ao menos hoje, enquanto está ele só, que tudo lhe lembre a casa antiga. [(4), I, 3, Christina, 27]

b) Proeminência Discursiva + Tópico: 03

(4.158) Para mim, se quer que lhe diga a verdade, só lhe noto um pequeno defeito. [(1), II, 8, Vasconcelos] (entendendo-se “para mim” como “em minha opinião”)

(4.159) Si é, então, pela louça, a senhora podia mandar pedir as pastas de seu coronel. Em meia hora, no cavallo pangaré, o Elias vae num pé e volta no outro. [(4), I, 1, Adelaide, 19]

(4.160) (...) Nunca na minha vida tomei um sorvete daqueles! [(5), II, D. Cesarina, 89]

Analisando-se os resultados do quadro 6 e os exemplos de sentenças com mais de um XP periférico acima, os seguintes dados podem ser relacionados:

- É apenas nos textos (1), (4) e (5) que ocorrem casos em que encontramos dois sintagmas na periferia esquerda da sentença.
- O foco contrastivo não ocorre nos dados do *corpus* quando já existe, na periferia esquerda da sentença (séc. XIX), um XP ou na posição de especificador de TopP ou de ModP.

4.4. OS CONSTITUINTES PERIFÉRICOS EM CONSTRUÇÕES CLIVADAS OU PSEUDOCIVADAS EXPRESSANDO FOCO – SÉCULO XIX

Exponho, abaixo, um quadro que resume os dados referentes a exemplos do *corpus* do século XIX de sentenças com estruturas clivadas (inversas ou não) e pseudoclivadas (inversas ou não) com o constituinte clivado expressando foco. As letras I e C entre parênteses, ao lado de cada número no quadro abaixo, indicam a quantidade de foco informacional e de foco contrastivo, respectivamente.

**QUADRO 7 – SENTENÇAS CLIVADAS OU PSEUDOCIVADAS
E SUAS FUNÇÕES DISCURSIVAS
SÉCULO XIX**

ERSTRUTURA	(1)/1829	(2)/1839	(3)/1855	(4)/1876	(5)/1890	total
Clivada	07 (1-I /6-C)	-	03 (2- I/1-C)	04 (2-I/2-C)	07 (2- I/5-C)	21
Clivada inversa	06-C	03-C	03-C	03-C	10-C	25
Pseudoclivada	-	-	-	-	-	00
Pcliv. inversa	-	-	-	-	-	00
Total	13	03	06	07	17	46
Total Foc I/C	1-I/12-C	3-C	2-I/4-C	2-I/5-C	2-I/15-C	

Conforme os resultados do quadro acima, **não** houve a estrutura **pseudoclivada** nem a **pseudoclivada inversa** nos dados do *corpus* do século XIX. Já as outras estruturas (as clivadas e clivadas inversas) estão quase sempre presentes em todos os textos, mesmo que escassamente. Há uma ocorrência maior da estrutura clivada e da clivada inversa nos textos (1) e (5). Além desses fatos, pude detectar, também, que a diferença quantitativa entre foco informacional e foco contrastivo não é significativa nos textos (3) e (4); contudo, nos textos (1) e (5), do total de clivadas, apenas uma pequena parte expressou foco informacional. Tais dados vão ao encontro das observações feitas em Kato *et alii* (1996) sobre as clivadas do PB, no sentido de que as sentenças clivadas, nesse dialeto, podem, também, expressar foco informacional. A seguir, relaciono todos os exemplos retirados do *corpus*.

4.4.1. Exemplos de sentenças com estrutura clivada: 21

➤ Foco Informacional: 07

(4.161) *Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu; (...).* [(1), I, 13, Eduardo]

Sendo seu contexto de enunciação:

Azevedo – *E que conclus desta tirada filosófico-sentimental?*

Eduardo – *Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha; (...)*

(4.162) *Foi lá que tomei predileção pelo gênero. Ah, meu amigo! É preciso conhecê-las! Aquilo é que são mulatas.* [(3), I, I, 5, Figueiredo, 18]

Sendo seu contexto de enunciação:

O gerente – *É caçador, mas “chasseur” de hotel não tem equivalente. O Grande Hotel da Capital Federal é o primeiro no Brasil que se dá ao luxo de ter um “chasseur”! – Mas como ia dizendo...a Bahia?...*

Figueiredo – *Foi lá que tomei predelição pelo gênero. Ah, meu amigo! É preciso conhecê-las! (...)*

(4.163) Foi Quinota que disse! [(3), I, III, 4, Juquinha, 59]

Sendo seu contexto de enunciação:

Juquinha – *Foi a Benvinda que fugiu!*

Quinota – *Cale a boca!*

Juquinha – *Fugiu c'um home!*

Eusébio – *Cala a boca, menino!*

Juquinha – *Foi Quinota que disse!*

(4.164) É a Rosinha que acompanha a reza da colônia... *Que linda voz!* [(4), I, 5, D. Christina, 37]

Sendo este seu contexto de enunciação:

D. Christina – *Até logo, compadre. A alma da begônia!... Coisas de moça... Quantas vezes eu também, aos vinte annos, não adivinhei uma lama em cada flôr... em cada crepusculo... á hora das Ave Maria...*

D. Chrisatina – *É a Rosinha que acompanha a reza da colônia...* *Que linda voz!*

(4.165) *Não canto nunca...* *Foi a Symphonia que me pediu para acompanhar a Ave Maria por intenção do filho.* [(4), I, 8, Rosinha, 39]

Sendo este seu contexto de enunciação:

D. Christina – *Nunca tinha ouvido você cantar!*

Rosinha – *Não canto nunca...* *Foi a Symphronia que me pediu para acompanhar a Ave Maria por intenção do filho.*

(4.166) *Pronto! Arribamos.* *É uma lancha que chega.* [(5), II, Abelardo-1, 89]
(primeira fala da cena)

(4.167) *É essa cabeçuda dessa titia que não quer deixar eu ter nem um vício...* [(5), II, João, 100]

Sendo este seu contexto de enunciação:

Abelardo I – *Que luta romana é essa?*

João – *É essa cabeçuda dessa titia que não quer deixar eu ter nem um vício.*

➤ **Foco Contrastivo / Listagem Exaustiva: 14**

- (4.168) São essas provas que eu peço. Tenho direito a elas. [(1), IV, 12, Eduardo]
- (4.169) *Você sabia? Era dela mesmo que eu queria falar-lhe.* [(1), I, 15, Carlotinha]
- (4.170) (...) *Mas é no seio de sua família, ao lado de seu irmão, sob o olhar protetor de sua mãe, que uma moça deve receber o amor puro e casto daquele que ela tiver escolhido.* [(1), III, 5, Eduardo]
- (4.171) Sou eu que sinto orgulho em lhe pertencer. [(1), IV, 17, Henriqueta]
- (4.172) *O senhor não mas quer dar? ... Pois bem, serei eu que provarei o contrário!* [(1), IV, 14, Carlotinha]
- (4.173) *Deitou no bolso. Fui eu que deitei; mas é o mesmo.* [(1), I, 9, Pedro]
- (4.174) *Bem sei, e é isso justamente que aqui me traz.* [(3), I, II, 1, Figueiredo, 32]
- (4.175) (...) *E é disso que meu coração de mãe teme que Henrique se envergonhe, (...).* [(4), I, 1, D. Christina, 19]
- (4.176) (...) *Foi por isso que mandei pedir-lhe para vir fazer-me companhia.* [(4), I, 8, D. Christina, 44]
- (4.177) *Há dois meses somente que não posso pagar juros.* [(5), I, o cliente, 66]
- (4.178) *É isso mesmo que ele quer.* [(5), I, Abelardo-II, 74]
- (4.179) *No meu tempo, as meninas eram recatadas. Iam às novenas. Rezavam o terço. Hoje é o diabo quem manda!* [(5), II, D. Poloca, 98]
- (4.180) *Não, foi você que quebrou.* [(5), Abelardo-I, 114]
- (4.181) (...) *Foi a bala do cano que penetrou profundamente, a primeira... As outras rodearam o coração! Que dor...* [(5), III, Abelardo-I, 116]

4.4.2. Exemplos de sentenças com estrutura clivada inversa (com foco contrastivo): 25

- (4.182) *Acho; por isso é que me caso.* [(1), III, 11, Azevedo]
- (4.183) *Perdoar-lhe! Eu é que devia ter adivinhado!* [(1), III, 17, Henriqueta]
- (4.184) *Tem toda razão; a ele é que ouvi!* [(1), IV, 17, Vasconcelos]

- (4.185) *Eu não; tu é que me chamaste.* [(1), I, 1, Henriqueta]
- (4.186) *Eu é que não sou digna dele; (...).* [(1), I, 1, Henriqueta]
- (4.187) *Mas agora é que está bonita!* [(1), III, 3, Pedro]
- (4.188) *Qual! O barão é que se opõe ao casamento.* [(2), I, 8, D. Helena, 578]
- (4.189) *Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.* [(2), I, 10, D. Leonor, 596]
- (4.190) (...) *Pena é que fossem só vinte minutos e que o Sr. Barão volte às suas amadas plantas; (...).* [(2), I, 13, Helena, 611]
- (4.191) (...) *Isso é que é nosso, é o que vai com o nosso temperamento e o nosso sangue!* [(3), I, I, 5, Figueiredo, 18]
- (4.192) *Foi lá que tomei predileção pelo gênero. Ah, meu amigo! É preciso conhecê-las! Aquilo é que são mulatas.* [(3), I, I, 5, Figueiredo, 18]
- (4.193) *Vai contente! Aquilo é que deu a tal primeira dúzia!* [(3), I, I, 6, o gerente, 23]
- (4.194) *A gente, comadre, é que é horrível. Tudo mais brota de novo... Até a pedra cresce!* [(4), I, 5, Coronel, 32]
- (4.195) *Como canta bem nhá Rosinha, e que boniteza de moça! Com ella, sim, é que seu Henriquinho devia casar-se.* [(4), I, 6, Adelaide, 38]
- (4.197) *Por isso mesmo é que eu quero liquidar.* [(5), I, o cliente, 66]
- (4.198) (...) *Por isso é que o país se arruína.* [(5), I, Abelardo-I, 71]
- (4.199) *Sim, a de fricção é que rende.* [(5), I, Abelardo-I, 79]
- (4.200) *O Totó é que se lambeu! Coitado!* [(5), II, D. Cesarina, 89]
- (4.201) *Por essas e por outras é que eu não gosto de me iludir.* [(5), II, D. Cesarina, 89]
- (4.202) *Por isso é que a senhora é virgem até hoje!* [(5), II, João, 97]
- (4.203) *Não quero saber. A vela dele é que nos salvou.* [(5), II, João, 98]
- (4.204) (...) *E eu é que devo me sentir honradíssimo...* [(5), II, Abelardo-I, 105]
- (4.205) *Por isso é que você se aniquilou em mim.* [(5), II, Heloísa, 107]
- (4.206) (...) *Essas sim é que são colossais!* [(5), III, Abelardo-I, 113]

4.5. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta seção, exponho de forma esquemática uma síntese sobre os resultados obtidos pela análise dos dados do *corpus* do século XIX.

a) Dos constituintes na periferia esquerda, por tipo de XP:

CAT.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	total
	1829	1839	1855	1876	1890	(XIX)
ADVP	04	01	02	05	05	(17)
DP	07	01	03	01	01	(13)
PP	25	12	12	12	20	(81)
CP	02	02	15	18	11	(48)
Totais	38	16	32	36	37	(159)

➤ Os constituintes que mais apareceram na periferia esquerda foram:

Séc. XIX : PP (81) > CP (48) > AdvP (17) > DP (13)

b) Da função discursiva dos constituintes na periferia esquerda (por tipo de XP):

FOCO CONTRASTIVO							TÓPICO							PROEMINÊNCIA						
Texto:	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(T)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(T)	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(T)		
AdvP	-	-	-	-	-	00	03	-	-	02	04	09	01	01	02	03	01	08		
DP	-	01	-	-	-	01	07	-	02	01	-	10	-	-	01	-	01	02		
PP	01	-	-	-	02	03	21	07	10	12	15	65	03	05	02	-	03	13		
CP	-	-	-	-	-	00	02	02	13	18	11	46	-	-	02	-	-	02		
	(T=04)						(T=130)						(T=25)							

➤ Séc XIX: tópico (130) > proeminência (25) > foco contrastivo (4).

➤ Função tópico por XP: PP (65) > oração adverbial (46) > DP (10) > AdvP (9).

Conforme estes dados, são os PPs os constituintes que mais exercem a função de tópico na periferia à esquerda da sentença (séc. XIX).

➤ Em virtude da quantidade bem maior de XPs com a função de tópico, conclui-se que o PB do século XIX já tendia a apresentar sentenças com uma estrutura do tipo “tópico + comentário”.

c) Dos AdvPs periféricos:

- Os advérbios são, de maneira geral, pouco utilizados na periferia esquerda de sentenças de todos os textos do corpus do século XIX.
- Tendem a desempenhar a função de tópico (9 ocorrências) ou de proeminência discursiva (8 ocorrências). Contudo, não é em todos os textos que o advérbio é utilizado como tópico: sua função mais constante é a de proeminência discursiva.
- Em nenhum dos textos do século XIX o advérbio foi utilizado com a função de foco contrastivo na periferia esquerda.

d) Dos DPs periféricos:

- São pouco utilizados na periferia esquerda das sentenças do *corpus* do século XIX. Apenas o texto (1) se destaca em quantidade destes sintagmas.
- Quando ocorrem na periferia esquerda da sentença, são mais usados com a função de tópico. Dos 11 casos registrados, 7 concentram-se no texto (1), de autor nascido em 1829. Além disso, 10 encontram-se na construção *Topicalização*.
- São pouquíssimos os casos de DPs periféricos com a função de proeminência discursiva durante os textos do século XIX e não houve nenhuma ocorrência de DP periférico com a função de foco contrastivo.

e) Dos PPs periféricos:

- Exercem qualquer função discursiva (03 focos contrastivos, 65 tópicos e 13 proeminências), sendo a de tópico a que ocorre em bem maior quantidade.
- São bastante utilizados na periferia esquerda das sentenças do *corpus* do século XIX. Os textos (1) e (5) se destacam em quantidade destes sintagmas.
- A construção *Topicalização* é a privilegiada para veicular a função discursiva de tópico por PPs na periferia esquerda da sentença (57 ocorrências, de um total de 65 tópicos).

f) Dos CPs (orações adjuntas) periféricos:

- CPs periféricos, em quase a totalidade dos casos, são utilizados para exercer a função de tópico (46 tópicos do total de 48 ocorrências, sendo as 02 restantes da função de proeminência discursiva).
- Aparecem em número mais expressivo a partir do texto (3), de autor nascido em 1855.

Em particular, nos textos (1) e (2) a inversão de orações é rara.

- São apenas 02 os casos desses constituintes com a função de proeminência discursiva (texto (3)).
- Não há ocorrência desses constituintes na periferia esquerda da sentença com a função de foco contrastivo em nenhum dos textos do século XIX.

g) De mais de um XP na periferia esquerda:

- Foram detectadas apenas 9 ocorrências destes casos nos *corpus* do século XIX. Ora são de tópico + tópico, ora de proeminência discursiva + tópico.
- O foco contrastivo não ocorre quando já existe, na periferia esquerda da sentença, um XP ou na posição de especificador de TopP ou de ModP.
- Qualquer categoria gramatical aparece nesses casos (ex. PP + AdvP, PP + PP, AdvP + CP etc.), com exceção a DPs.

h) Das construções clivadas/ pseudoclivadas:

- **Não** houve a estrutura **pseudoclivada** nem a **pseudoclivada inversa** nos dados do *corpus* do século XIX.
- Há uma ocorrência maior da estrutura clivada e da clivada inversa nos textos (1) e (5).
- Do total de clivadas (21 ocorrências), apenas 7 expressaram o foco informacional (o restante expressou foco contrastivo).

CAPÍTULO V

DESCRIÇÃO DOS DADOS DO CORPUS - SÉCULO XX

5.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, como no anterior, faço uma contagem dos constituintes que aparecem na periferia esquerda de sentenças do PB retiradas do *corpus* desta tese e analiso suas funções discursivas. Além disso, relaciono as construções clivadas e pseudoclivadas encontradas no corpus, visto que elas funcionam como estratégias de focalização.

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: na seção 5.2, relaciono todos os exemplos de sentenças retiradas do corpus do século XX, faço uma contagem por categoria sintagmática do XP periférico na estrutura XP-(S)-V e, depois, analiso a função discursiva de cada um deles; na seção 5.3, dedico-me ao estudo das construções clivadas e pseudoclivadas, investigando sua quantidade em cada texto do *corpus* e a função discursiva do constituinte clivado (o tipo de foco). Por fim, na seção 5.4, organizo uma síntese dos dados / resultados apresentados durante o capítulo.

5.2. OS SINTAGMAS NA PERIFERIA ESQUERDA E SUAS FUNÇÕES DISCURSIVAS - SÉCULO XX

Em relação a esta estrutura, faço, como no capítulo anterior, uma contagem de cada tipo de constituinte que ocupa a posição XP inicial: AdvP, PP, DP, AP e CP (lembrando que CP refere-se a oração adverbial). Feito isto, identifico a função discursiva de cada exemplo de cada categoria sintagmática.

5.2.1. A categoria AdvP

Em relação à categoria AdvP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **38** ocorrências, distribuídas conforme abaixo:

a) Foco Contrastivo: 00 ocorrência

b) Tópico (contrastivo ou não): 16 ocorrências da construção *Topicalização*

- (5.01) (...) Aqui alguém é viúva? [(6), I, Diabo da Fonseca, 223]
- (5.02) A chuva, dona Cordélia. O mundo tá vindo em baixo. Lá em cima tá um dilúvio. Tudo alagado. [(7), I, 5, Osvaldo, 45]
- (5.03) Não é todo dia assim, claro. Mas ontem foi aniversário da patroa... [(7), II, 8, Osvaldo, 68]
- (5.04) (...) Ontem comprei mais mil dólares. [(7), II, 11, Cordélia, 84]
- (5.05) Ontem fiquei o dia inteiro no hotel, ligando. [(7), I, 2, Cordélia, 16]
- (5.06) Ontem uma ex-empregada esteve aqui me ajudando na limpeza e chorou lembrando dela. [(7), I, 6, Cordélia, 55/56]
- (5.07) Tinha três garrafas, ontem bebemos duas, sobrou essa. [(7), II, 8, Osvaldo, 69]
- (5.08) Lá não tem mulher pro teu bico. [(8), I, 5, Teleco, 32]
- (5.09) Todas as vezes ela tinha problema. Hoje ela vem. [(8), I, 11, Osvaldo, 47]
- (5.10) Pelo amor de Deus, Alfredo. Amanhã a gente resolve. [(8), I, 3, Irene, 24]
- (5.11) (...) Antes, recolhia os bois no brejo quando o galo cantava. [(9), I, 1, homem, 41]
- (5.12) (...) Já tinham dito a ele que não fosse a Recife de jeito nenhum. Lá, ele era muito conhecido. [(9), I, 1, homem, 51]
- (5.13) (...) Aí, depois do julgamento, eu pensei que minha mãe tinha ficado doida. [(9), I, 1, homem, 58]
- (5.14) Santa Efigênia! Hoje é dia de azeite, vou cozinhar minha jaçanã. [(10), I, D. Rosa, 22]
- (5.15) Então, amanhã de manhã. Eu quero ele. [(10), I, Ana Jansen, 21]
- (5.16) Lê o jornal, amanhã volto para buscar. [(10), I, Afonso, 19]

c) Proeminência Discursiva: 22 ocorrências

- (5.17) Geralmente, o marido muito chorado teve um tara muito simpático, muito agradável. [(6), I, Madame Cri-Cri, 233]
- (5.18) (...) Meu coração, agora você vai-me deixar escutar nas tuas costinhas, deixa? [(6), II, I, Dr. Lambreta, 240]

- (5.19) *Isso! Agora me responda: já viu algum cadáver chato?* [(6), I, Ivonete, 231]
- (5.20) *Agora me lembro. Seu pai é jornalista!* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 237]
- (5.21) *Agora cumprimentem-se!* [(6), III, Dr. J. B., 257]
- (5.22) (...) e praticamente nunca viu um homem! [(6), II, I, Tia Assembléia, 240]
- (5.23) (...) Infelizmente, confirmaram-se minhas suspeitas. [(6), II, I, Dr. Lambreta, 241]
- (5.24) *É que, desgraçadamente, eu sou como o chinês da anetoda – homem pra chuchu!* [(6), III, Pardal, 258]
- (5.25) (...) Mas logo ela o fechou aí pra sempre porque era precioso demais pruma criança brincar com ele. [(7), I, 2, Cordélia, 22/3]
- (5.26) (...) Depois eu ligo. [(7), II, 8, Cordélia, 65]
- (5.27) *Era. Agora é teu.* [(8), I, 6, Dito, 35]
- (5.28) (...) Agora ele está em entendimentos para fazer uma escola de circo. [(8), I, 8, anão, 41]
- (5.29) Logo cedo te levo pro hospital. [(8), I, 8, Nando, 42]
- (5.30) (...) Logo depois eu começava a chorar de novo. [(9), I, 1, homem, 27]
- (5.31) *Com a idade de 4 anos começou a trabalhar no roçado, limpando o mato. No dia do aniversário, minha bisavó disse: meu fio, tu já tá home, já presta pra trabaiaá, amanhã, tu vai ajudar a gente no roçado. Essa foi minha escola.* [(9), I, 1, homem, 34]
- (5.32) (...) Perto da destilaria, tinha uma escola e ele fugia pra ouvir a cantoria dos meninos. [(9), I, 1, homem, 42]
- (5.33) (...) Agora, diz que quando abria a boca, o homem crescia, se agigantava. [(9), I, 1, homem, 60]
- (5.34) (...) Agora estamos mais descansados. [(10), I, D. Rosa, 15]
- (5.35) *Agora não vai poder, Sinh'ana, ela saiu e só volta na madrugada.* [(10), I, Romena, 21]
- (5.36) *Cedinho, eu saio, Sinh'ana.* [(10), I, Romena, 21]
- (5.37) *Agora vocês já sabem.* [(10), I, Ana Jansen, 25]
- (5.38) *Indubitavelmente, os jansenistas farão tudo para vencer.* [(10), I, Cândido Mendes, 52]

Os dados acima podem ser resumidos pelos quadros abaixo:

QUADRO 8A – ADVPs NA PERIFERIA ESQUERDA – século XX

Texto (6) / (1913) =	09
Texto (7) / (1923) =	08
Texto (8) / (1936) =	06
Texto (9) / (1956) =	07
Texto (10) / (1961) =	08
Total =	38

**QUADRO 8B – FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS ADVPs EM SENTENÇAS
DO CORPUS DO SÉCULO XX**

FUNÇÃO	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
Foco contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	01	06	03	03	03	16
Proem. discursiva	08	02	03	04	05	22
Total AdvPs	09	08	06	07	08	38

Conforme os resultados quantitativos acima, os advérbios na periferia esquerda são, de maneira geral, pouco usados em todos os textos do *corpus* do século XX. Nunca são usados com a função discursiva de foco contrastivo. Ora são usados como tópico (no caso de advérbios de lugar e de tempo), ora como constituintes em proeminência discursiva (no caso de advérbios avaliativos, epistêmicos etc.).

5.2.2. A categoria DP

Em relação à categoria DP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **58** ocorrências, distribuídas da seguinte forma:

a) Foco Contrastivo: 00

b) Tópico (contrastivo ou não): 45 ocorrências distribuídas a saber:

- Construção *Topicalização* = 33

(5.39) *Mas o pior tu não sabes.* [(6), I. Dr. J. B., 220]

(5.40) (...) *Ora, direis, viúvas há muitas.* [(6), I, Dr. J. B., 224]

(5.41) *Ouviste, Dorothy Dalton? Qualquer peça que tenha insinuação sobre sexo, sobre amor de mulher com homem, você mete o pau, escracha!* [(6), I, Pardal, 235]

(5.42) *Dinheiro há! Dinheiro há!* [(6), I, Dr. Lupicínio, 236]

(5.43) *Nu da cintura para cima não oferece perigo!* [(6), I, Dr. Lambreta, 238]

(5.44) *Senti a falta, no quarto. Toda a minha vida, mãe, pra mim, queria dizer aquela cama.* [(7), I, 2, Cordélia, 13]

- (5.45) *A pensão eu dispenso. Não como muito.* [(7), I, 2, Cordélia, 24]
- (5.46) *Toma alguma coisa? Gelo não tem. A geladeira quebrou.* [(7), I, 6, Cordélia, 52]
- (5.47) *Acho que não. Tudo que queria em Itaipava já levou.* [(7), I, 2, Ceci, 13]
- (5.48) (...) *Não senhor, ovos e salsicha eu tenho aqui.* [(7), II, 8, Cordélia, 67]
- (5.49) (...) *As meninas e a patroa a senhora nem conhecia, fora do dia-a-dia, sandálias douradas e tudo.* [(7), II, 8, Osvaldo, 70]
- (5.50) *Isso eu sei. Eu digo – esses telefonemas pra Aruarã do Araguaia.* [(7), II, 10, Cordélia, 79]
- (5.51) (...) *Às vezes sonho que estou montando nele, outras que estou nadando no rio, e acordo feliz.* [(8), I, 6, Dito, 35]
- (5.52) *Todas as vezes ela tinha problema. Hoje ela vem.* [(8), I, 11, Osvaldo, 47]
- (5.53) *As alianças não dou. Só se me matarem.* [(8), I, 12, Vera Appia, 50]
- (5.54) *Era só o que me faltava. Assaltos temos todos os dias e todas as noites. No cemitério, é novidade. Mas agora que a imprensa vai divulgar o caso a moda vai pegar.* [(8), I, 13, policial, 53]
- (5.55) (...) *Toda vez que você abre a boca, a desgraça aumenta.* [(9), I, 1, homem, 22]
- (5.56) (...) *O povo do interior era o povo dele. Esse, ele ia buscar nos alagados, nos morros (...).* [(9), I, 1, homem, 28]
- (5.57) *Dessa eu ia gostar. Isso ninguém ensina. Se ensinasse eu não tava aqui,* [(9), I, 1, mulher, 41]
- (5.58) (...) *Minha mãe, quando chegava em casa, daquele jeito, me pegava pelo braço e dizia: se você se meter com paraíba, eu lhe mato! Essa gente ninguém nunca que conhece.* [(9), I, 1, mulher, 41]
- (5.59) *Ah, sim. Isso mamãe não contou.* [(9), I, 1, mulher, 48]
- (5.60) *E não é assim? Um dia tá por cima, outro dia tá comendo pau na cadeia.* [(9), I, 1, homem, 50]
- (5.61) *Ninguém vai me pegar à traição. Humilhado, derrotado, ela não vai me ver. A pior captura eu não contei a ela. Não tive coragem. Essa eu vi, ninguém me disse.* [(9), I, 1, homem, 54]
- (5.62) *Ninguém vai me pegar à traição. Humilhado, derrotado, ela não vai me ver. A pior captura eu não contei a ela. Não tive coragem. Essa eu vi, ninguém me disse.* [(9), I, 1, homem, 54]
- (5.63) (...) *Aquilo era um homem, ainda? Não. A mim ninguém pega vivo. O caso eu conto como o caso foi.* [(9), I, 1, homem, 54-5]
- (5.64) (...) *Ele só pedia a ela pra não chorar. Isso ele não agüentava... o choro dela. Nesse*

- tempo eu pensava que ela ia morrer. Parecia um graveto, seca (...).* [(9), I, 1, homem, 56]
- (5.65) *Isso eu não tenho mais.* [(10), I, Cap. Vicente, 25]
- (5.66) *Mentiroso! Veio dizer que ia casar comigo, sem pedir minha opinião, como se eu não valesse nada. Marido de favor eu não quero, nem preciso.* [(10), I, Ana Jansen, 26]
- (5.67) *Isso não tem importância, Izidoro, dinheiro não se perde.* [(10), I, Ana Jansen, 30]
- (5.68) *É hora de se cobrar. Casou sabendo de meu gênio e gosta de mim, certeza eu tenho.* [(10), I, Ana Jansen, 30]
- (5.69) *Opinião de filho não me interessa.* [(10), I, Ana Jansen, 56]
- (5.70) *Surpresa não é. Acho que contigo conseguiram o intento deles.* [(10), I, Ana Jansen, 56]

○ Construção CLLD = 01

- (5.71) *Não me ofendas, sou teu amigo, correligionário, por nada deixarei de te apoiar. As pressões, nós as sofreremos juntos.* [(10), I, Ana Jansen, 56]

○ Construção Topicalização Selvagem = 03

- (5.72) *Mais dois dias só. Domingo eu paro.* [(7), I, 6, Olívio, 52]
- (5.73) (...) *Lampião, eu ouvi falar, mas Antônio Silvino?* [(9), I, 1, mulher, 46]
- (5.74) (...) *Nem Gregório Bezerra, se eu não fosse sua mulher, eu tinha ouvido falar.* [(9), I, 1, mulher, 46]

○ Construção Tópico Pendente = 07

- (5.75) *O vaso, dona Cordélia, a senhora viu o vaso?* [(7), I, 2, Oswaldo, 33]
- (5.76) *A chuva, dona Cordélia. O mundo tá vindo em baixo. Lá em cima tá um dilúvio. Tudo alagado.* [(7), I, 5, Oswaldo, 45]
- (5.77) (...) *Eu vou dar uma saidinha, o seu almoço o senhor resolve com o que tem aí.* [(7), II, 8, Cordélia, 66]
- (5.78) *Os macaco, ele chamava a polícia os macaco.* [(9), I, 1, homem, 16]
- (5.79) *Você, a gente nunca sabe.* [(9), I, 1, mulher, 23]
- (5.80) *Minha cabrita. Cabritinha. Às vezes cresce, vira onça; às vezes míngua, parece um sebitinho molhado.* [(9), I, 1, homem, 33]
- (5.81) *Batida? Qualquer sonzinho você levanta logo a bunda.* [(9), I, 1, homem, 36]

○ Construção Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente = 01

- (5.82) (...) *E o menino, não posso deixar nada acontecer a ele.* [(9), I, 1, homem, 54]

c) Proeminência Discursiva: 13

- (5.83) (...) Qualquer dia desses morre como uma cambaxirra. [(6), I, Dr. J. B., 224]
- (5.84) (...) Um dia, minha filha amanheceu febril. [(6), I, Dr. J. B., 235]
- (5.85) Mas uma noite ela teve um momento de medo... [(7), I, 2, Ceci, 19]
- (5.86) Onze horas, seu Osvaldo. Cada dia o senhor chega mais tarde. [(7), I, 5, Cordélia, 45]
- (5.87) Já, sim senhor. Uma vez eu ajudei a pintar toda a fachada do João Caetano. (em resposta a: “Osvaldo, você já trabalhou em teatro alguma vez?”) [(7), I, 6, Osvaldo, 58]
- (5.88) Outro dia me contaram que não sei em que país, quando alguém morre, os ciganos (...). [(8), I, 7, Paqueta, 36]
- (5.89) (...) Uma vez apareceu no meio da noite. [(9), I, 1, homem, 17]
- (5.90) Sebete é bonitinho. Um dia ainda mostro um a você. [(9), I, 1, homem, 33]
- (5.91) (...) Um dia o cavalo também se foi e ele perdeu o companheiro. [(9), I, 1, homem, 35]
- (5.92) Um dia de sol muito quente, as crianças acabaram de recitar uma música de roda infantil. [(9), I, 1, homem, 42]
- (5.93) Um dia tava fazendo política no norte de Pernambuco e pensou: [(9), I, 1, homem, 51]
- (5.94) Um dia terá a prova. [(10), I, Ana Jansen, 15]
- (5.95) Um dia, a sua arrogância acaba. [(10), I, Cascais, 51]

Os dados acima podem ser resumidos pelos quadros abaixo:

QUADRO 9A – DPs NA PERIFERIA ESQUERDA – século XX

Texto (6) / (1913) = **07**
 Texto (7) / (1923) = **14**
 Texto (8) / (1936) = **05**
 Texto (9) / (1956) = **23**
 Texto (10) / (1961) = **09**

Total = 58

QUADRO 9B – FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS DPs EM SENTENÇAS DO CORPUS DO SÉCULO XX

FUNÇÃO	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
Foco contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	05	11	04	18	07	45
Proem. discursiva	02	03	01	05	02	13
Total DPs	07	14	05	23	09	58

Conforme os resultados acima, os DPs são, de maneira geral, menos usados que PPs e CPs na periferia esquerda da sentença em quase todos os textos do *corpus* do século XX. Além disso, outros fatos podem ser observados:

- Os DPs periféricos **nunca** exercem a função discursiva de foco contrastivo nas sentenças do *corpus* analisado.
- Tendem a exercer a função de tópico (contrastivo ou não) e, na maioria dos casos, através da construção denominada *Topicalização* (33 casos).
- É no texto (9), de autor nascido em 1956, e no texto (7), de autor nascido em 1923, que esses DPs periféricos ocorrem de forma mais acentuada.
- Exercem pouco a função de proeminência discursiva: apenas 13 ocorrências no total.

5.2.3. A categoria AP

Os APs são pouco usados na periferia esquerda de sentenças do *corpus*. Suas 6 ocorrências foram encontradas no texto (9), de autor nascido em 1923, e exercem a função discursiva de tópico, pela construção *Topicalização*. Observe:

(5.96) *Porque comunista eu sei que ele era.* [(9), I, 1, mulher, 16]

(5.97) (...) *Nasci faminto e faminto fui vegetando ao léu da sorte.* [(9), I, 1, homem, 26]

(5.98) *Você ficou doido quando me viu, e sozinha eu não estava.* [(9), I, 1, mulher, 33]

(5.99) *Direito eu falo, você é que não sabe de nada.* [(9), I, 1, homem, 45]

(5.100) (...) *Nem preto ele era; era assim, moreninho.* [(9), I, 1, homem, 44]

(5.101) *Ninguém vai me pegar à traição. Humilhado, derrotado, ela não vai me ver. A pior captura eu não contei a ela. Não tive coragem. Essa eu vi, ninguém me disse.* [(9), I, 1, homem, 54]

Em virtude de serem pouquíssimos os casos de APs periféricos, eles não serão abordados nos próximos capítulos desta tese.

5.2.4. A categoria PP

Em relação à categoria PP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **109** ocorrências, distribuídas da seguinte forma:

a) Foco Contrastivo: 00

b) Tópico (contrastivo ou não): 75 ocorrências distribuídas a saber:

- Construção *Topicalização* = 72

- (5.102) *Você, com esse tapa-luz de jornalista de filme, sabe que me enche?* [(6), I, Dr. J. B., 219]
- (5.103) *No meu época a mulher usava bigodes no sovaco!* [(6), I, Madame Cri-Cri, 223]
- (5.104) *Por exemplo, Madame Cri-Cri. Contemporânea do Kaiser, de Mata-Hari, da febre amarela, sabe tudo, não sabe, madame?* [(6), I, Dr. J. B., 225]
- (5.105) *O senhor tem prestígio, tem jornal. Com um jornal, é fácil arranjar-se marido, amante, ministério!* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 245]
- (5.106) *(...) Ao animal que quiser ser pai de araque eu dou um ministério!* [(6), II, I, Dr. J. B., 245]
- (5.107) *No seu jornal não tem homem?* [(6), II, II, Madame Cri-Cri, 248]
- (5.108) *Para Deus, nada é impossível, minha senhora.* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 242]
- (5.109) *Na boca, não beijo!* [(6), III, Dorothy Dalton, 254]
- (5.110) *Minha filha, não fala em cama! Na sua inocência, você nem sabe o que é cama!* [(6), III, Dr. J. B., 254]
- (5.111) *Na primeira noite vale tudo!* [(6), III, Madame Cri-Cri, 255]
- (5.112) *Os senhores estão vendo que, num casamento, o golpe é: quartos separados.* [(6), III, Otorrino, 256]
- (5.113) *Entre marido e mulher, sim. Entre marido e mulher, deve haver respeito, sim, senhor.* [(6), III, Otorrino, 256]
- (5.114) *Pergunto: na noite de núpcias é sadio, higiênico e moral deixar tudo aceso ou tudo apagado?* [(6), III, Psicanalista, 257]
- (5.115) *No tempo em que o mulher usava cavanhaque no sovaco, o gente fechava o luz!* [(6), III, Madame Cri-Cri, 257]
- (5.116) *Mas não devia! No Brasil, o bom gosto nunca foi qualidade de homem!* [(6), III, Dr. J. B., 258]

- (5.117) (...) *Meus filhos, na união de um homem e de uma mulher, o que interessa não é a cama, não é o quarto, não é a sala, e sim o banheiro.* [(6), III, Diabo da Fonseca, 261]
- (5.118) *Estranho, nesta altura da vida, viver sozinha. Eu nunca vivi sozinha.* [(7), I, 2, Cordélia, 14]
- (5.119) *Deixa. Já arranjei outra. Disse que vinha hoje. No telefone me pareceu bom.* [(7), I, 2, Cordélia, 16]
- (5.120) *Os técnicos do Metrô vistoriam tudo. Garantem que nos próximos cinco anos não cai.* [(7), I, 2, Ceci, 16]
- (5.121) (...) *Na frente se espantam (...) Quando se afastam lamentam.* [(7), I, 2, Cordélia, 17]
- (5.122) (...) *Nas colunas sociais aqui da pátria parecia que eu era a maior atriz da Inglaterra.* [(7), I, 2, Cordélia, 18]
- (5.123) *Foi lá algumas vezes. Não resistiu. Voltou. Em nossa presença os dois disfarçavam bem, mas já não se suportavam.* [(7), I, 2, Ceci, 21]
- (5.124) *Naquele apartamento, vocês com três filhas adolescentes: tudo no cio?* [(7), I, 2, Cordélia, 24]
- (5.125) (...) *No chuveiro quase não sai água.* [(7), I, 2, Cordélia, 26]
- (5.126) (...) *Mas nós – ou eles, se preferem – do teatro somos apenas mais ostensivos ou já procuramos esta profissão porque nela podemos ser mais ostensivos.* [(7), I, 2, Olívio, 29]
- (5.127) (...) *Com minha mãe isso já estava pronto há muito tempo.* [(7), I, 6, Cordelia, 55/56]
- (5.128) *No fim do ano eu vim correndo, você lembra.* [(7), I, 7, Cordélia, 59]
- (5.129) *Bom dia, Olívio, acordei você? Eu? Não, já fiz mil coisas na rua. (olha no relógio). No meu é dez pra uma.* [(7), II, 8, Cordélia, 63]
- (5.130) (...) *Nesse restaurante novo. Don Peppone, a senhora já foi?* [(7), II, 8, Osvaldo, 70]
- (5.131) *É segurança da bolsa, mas é muito esperto. Na bolsa, sabe como é, sempre dão umas dicas; ele ganha umas boladas.* [(7), II, 8, Osvaldo, 70]
- (5.132) *Movido, em boa hora! Pois quem o moveu até aqui, que daqui o remova.* [(7), II, 9, Cordélia, 74]
- (5.133) (...) *E no domingo perdi o outro. Estou completamente cega.* [(7), II, 9, Cordélia, 76]
- (5.134) *Desse o senhor não tinha me falado.* [(7), II, 10, Cordélia, 80]
- (5.135) *Obrigado pelo elogio – pois estou vendo que, para o senhor, homossexualismo é um elogio em si mesmo.* [(7), I, 2, Olívio, 29]
- (5.136) *Pra pobre é.* [(7), II, 10, Osvaldo, 81]
- (5.137) *Poucos pontos de congestionamentos graves hoje em São Paulo. No cruzamento da Cidade Jardim com a Faria Lima, o farol está queimado.* [(8), I, 2, Mara, 23]
- (5.138) (...) *Por isso viemos aqui, para expressar a gratidão da Associação dos Amigos das*

- Artes. [(8), I, 4, senhora, 27]
- (5.139) Em cada homem se esconde um macaco. Entenda a frase como quiser. [(8), I, 4, Vera, 28]
- (5.140) (...) Vou doar para os meus órfãos do orfanato. Eles precisam mais do que eu. Com o dinheiro, podem ter roupa e comida por sei lá quanto tempo. [(8), I, 4, Vera, 28]
- (5.141) (...) Claro, ordem é essencial... A gente faz o que pode... Não, na minha nunca faltou nada, graças a Deus. (...) Mamãe? [(8), I, 5, Brenda, 29]
- (5.142) Desta noite eu não passo. [(8), I, 6, Dito, 34]
- (5.143) (...) Naquele tempo ainda se apresentavam peças no circo e Menendez era (...). [(8), I, 7, Paqueta, 37]
- (5.144) Que Deus, na sua misericórdia divina, receba este ente querido. [(8), I, 8, Brenda, 38]
- (5.145) Com algumas dessas jóias podíamos viver bem para o resto da vida. [(8), I, 8, anão, 41]
- (5.146) Da última vez esperamos, ela não veio, e (...). [(8), I, 11, Teleco, 47]
- (5.147) Vi uma morena entrando, que eu quero para mim. Com aquela eu até casava. [(8), I, 11, Quinzão, 47]
- (5.148) Oi. Tem gente demais lá. Na primeira sala, os granfos. Na segunda, um pessoal de circo. [(8), I, 11, Brenda, 47/48]
- (5.149) Oi. Tem gente demais lá. Na primeira sala, os granfos. Na segunda, um pessoal de circo. [(8), I, 11, Brenda, 47/48]
- (5.150) Nem este lugar vocês respeitam? [(8), I, 12, mulher, 50]
- (5.151) Era só o que me faltava. Assaltos temos todos os dias e todas as noites. No cemitério, é novidade. Mas agora que a imprensa vai divulgar o caso a moda vai pegar. [(8), I, 13, policial, 53]
- (5.152) (...) No jornal, batemos três vezes na madeira, quando se fala o nome dele, porque pode dar azar. [(8), I, 13, policial, 53]
- (5.153) (...) Com esta mãozona que eu tenho vai demorar pacas. [(8), I, 14, Quinzão, 56]
- (5.154) Nos tempos da política, era a vida dele, reunir o povo; principalmente no interior. Aí se soltava. [(9), I, 1, homem, 28]
- (5.155) Com a idade de 4 anos começou a trabalhar no roçado, limpando o mato. No dia do aniversário, minha bisavó disse: meu fio, tu já tá home, já presta pra trabaíá, amanhã, tu vai ajudar a gente no roçado. Essa foi minha escola. [(9), I, 1, homem, 34]
- (5.156) Com a idade de 4 anos começou a trabalhar no roçado, limpando o mato. No dia do aniversário, minha bisavó disse: meu fio, tu já tá home, já presta pra trabaíá, amanhã, tu vai ajudar a gente no roçado. Essa foi minha escola. [(9), I, 1, homem, 34]
- (5.157) (...) Na cadeia, foi ela quem tratou dos pés dele. [(9), I, 1, homem, 36-37]

- (5.158) (...) De noite eles só ouviram o estrondo. [(9), I, 1, homem, 39]
- (5.159) (...) Disso ele gostava. [(9), I, 1, homem, 40-41]
- (5.160) Dessa eu ia gostar. Isso ninguém ensina. Se ensinasse eu não tava aqui. [(9), I, 1, mulher, 41]
- (5.161) Deu. Mas isso não é coisa de Nordeste, não. No Rio também tem disso. [(9), I, 1, homem, 44]
- (5.162) (...) Em dia de ebó, ela amanhecia cantando. [(9), I, 1, mulher, 49]
- (5.163) (...) Ele só pedia a ela pra não chorar. Isso ele não agüentava... o choro dela. Nesse tempo eu pensava que ela ia morrer. Parecia um graveto, seca (...). [(9), I, 1, homem, 56]
- (5.164) (...) Ele dizia que não saía, que não concordava com aquilo. No final teve que sair. Trocaram ele por um gringo. [(9), I, 1, homem, 56]
- (5.165) Não faz mal, é bom saber que na cadeia pode ter coisa bonita. [(9), I, 1, mulher, 57]
- (5.166) Na cadeia aparece o que se tem de pior e o de melhor; tudo de que um homem é capaz, ele dizia. [(9), I, 1, homem, 57]
- (5.167) (...) Aquilo era um homem, ainda? Não. A mim ninguém pega vivo. O caso eu conto como o caso foi. [(9), I, 1, homem, 54-5]
- (5.168) E é preciso? No poder, eu faço as minhas. [(10), I, Ana Jansen, 15]
- (5.169) Na casa, não na minha vontade! [(10), I, Ana Jansen, 20]
- (5.170) Gostas de Eusébio, correto, é teu homem. Mas e de ti mesma, não gosta não? [(10), I, Ana Jansen, 47]
- (5.171) Sem estes bagulhos deve parecer melhor. [(10), I, Ana Jansen, 51]
- (5.172) Disto eu duvido, a única coisa que eu não dobro é ferro. [(10), I, Ana Jansen, 51]
- (5.173) Ora, homem, com esta eu me vou. [(10), I, Cândido Mendes, 55]

○ Construção *Tópico Pendente* = 03

- (5.174) (...) Quanto ao nosso amigo Belzebu, quem discutiria (...) a sua autoridade sexual milenar? [(6), I, Dr. J. B., 225]
- (5.175) Quanto ao cafona houve atriz mais refinada e, portanto, capaz de representar melhor uma atriz de terceira. [(7), I, 6, Olívio, 52]
- (5.176) Pelo seu jeito de falar, conheceu-o bem. [(8), I, 13, policial, 55]

c) Proeminência Discursiva: 34

- (5.177) Ora, no meu fraco entender, a viuvez é um problema de sexo, ou não é? [(6), I, Dr. J.

- B., 225]
- (5.178) *Por mim, qualquer prazer me diverte!* [(6), I, Dorothy Dalton, 234]
- (5.179) *A partir desse momento, o Dorothy Dalton sentou-se na minha alma!* [(6), I, Dr. J. B., 235]
- (5.180) *Daqui a pouco, você tem!* [(6), II, II, Dr. J. B., 246]
- (5.181) (...) *Na minha opinião, a mulher só devia ter quinze anos (...)* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 239]
- (5.182) (...) *Na verdade me sentia mais exilada do que qualquer desses terroristas que...* [(7), I, 2, Cordélia, 15]
- (5.183) (...) *Um ponto a favor da Inglaterra – lá pelo menos, o telefone ainda funciona.* [(7), I, 2, Cordélia, 16]
- (5.184) (...) *Por vocês as guerras ainda estariam sendo travadas com arco e flecha.* [(7), I, 2, Evandro, 29]
- (5.185) *Por mim até sem arco e flecha e sem flecha.* [(7), I, 2, Olívio, 29]
- (5.186) (...) *Esse daí! De vez em quando, ele sai, larga tudo e só volta uma hora depois, um pouco mais falante.* [(7), I, 6, Cordélia, 55/56]
- (5.187) (...) *De vez em quando fico apavorada.* [(7), II, 11, Cordélia, 84]
- (5.188) *Ele, pelo menos, nunca mentiu para mim e é, de verdade, solteiro.* [(8), I, 5, Brenda, 31]
- (5.189) (...) *Às vezes sonho que estou montando nele, outras que estou nadando no rio, e acordo feliz.* [(8), I, 6, Dito, 35]
- (5.190) *Anão, apresse a mágica. Por enquanto, esse cara não está em condições nem de andar de moto (...).* [(8), I, 3, Menendez, 24]
- (5.191) *No final, guardava silêncios. Grandes.* [(9), I, 1, homem, 19]
- (5.192) *Não sei. Às vezes eu sinto um peso no pé.* [(9), I, 1, homem, 20]
- (5.193) (...) *De graça. De uma hora pra outra, a vida se acaba.* [(9), I, 1, mulher, 24]
- (5.194) *Ficou. De repente era um menino guenzo.* [(9), I, 1, homem, 28]
- (5.195) *Daqui a pouco amanhece.* [(9), I, 1, mulher, 29]
- (5.196) *Minha cabrita. Cabritinha. Às vezes cresce, vira onça; às vezes míngua, parece um sebitinho molhado.* [(9), I, 1, homem, 33]
- (5.197) *Minha cabrita. Cabritinha. Às vezes cresce, vira onça; às vezes míngua, parece um sebitinho molhado.* [(9), I, 1, homem, 33]
- (5.198) *Não. Era muito perto, muito chegado pra ter mistério. Ao mesmo tempo eu não atinava com aquilo.* [(9), I, 1, homem, 53]
- (5.199) *De noitinha, quero tudo vazio.* [(10), I, Ana Jansen, 52]

- (5.200) A mando dela, Rafael de Carvalho apresentou o projeto de reforma do Liceu (...) [(10), I, Sotero dos Reis, 41]
- (5.201) De repente, ficou deste jeito, Afonso. [(10), I, D. Rosa, 21]
- (5.202) Às vezes, se deita ao meu lado cheirando a senzala. [(10), I, Cândida, 47]
- (5.203) Vive querendo fazer coisas de homem, para ela o ridículo não existe. [(10), I, Baronesa de Grajaú, 58]
- (5.204) Por mim, não a aceitaríamos mais entre nós. [(10), I, Senhora-I, 58]
- (5.205) Concordo com a Baronesa. Para mim, Ana Jansen continua sendo uma... [(10), I, Senhora-II, 59]
- (5.206) Isto é o que imaginas. Para a sociedade (foc. Contrastivo?) não passa de uma... [(10), I, Afonso, 25]
- (5.207) De noite, papai pode ver. [(10), I, Ana Jansen, 14]
- (5.208) Surpresa não é. Acho que contigo conseguiram o intento deles. [(10), I, Ana Jansen, 56]
- (5.209) Na verdade, é do que preciso, quando ele quiser vou me negar, não fui criada em estrebaria para dormir com cavalo. [(10), I, Cândida, 47]
- (5.210) Não me ofendas, sou teu amigo, correligionário, por nada deixarei de te apoiar. As pressões, nós as sofreremos juntos. [(10), I, Cândida, 47]

Os dados acima podem ser resumidos pelos quadros abaixo:

QUADRO 10A – PPs NA PERIFERIA ESQUERDA – SÉCULO XX

Texto (6) / (1913) = 22
 Texto (7) / (1923) = 26
 Texto (8) / (1936) = 21
 Texto (9) / (1956) = 22
 Texto (10) / (1961) = 18

Total = 109

QUADRO 10B – FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PPs EM SENTENÇAS DO CORPUS DO SÉCULO XX

FUNÇÃO	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
Foco contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	17	20	18	14	06	75
Proem. discursiva	05	06	03	08	12	34
Total PPs	22	26	21	22	18	109

Conforme os resultados acima, os PPs na periferia esquerda são, de maneira geral, bastante utilizados em todos os textos do século XX do *corpus*. Os seguintes fatos podem ser observados:

- Não há uma diferença quantitativa significativa entre os textos numerados de (6) a (9). Contudo, a quantidade de PPs periféricos aumenta drasticamente no último texto analisado (texto (10), de autor nascido em 1961).
- A função discursiva privilegiada desses constituintes é a de tópico, expressa em maior quantidade pela construção *Topicalização* (72 dos 75 casos de tópicos).
- Uma outra função discursiva desempenhada em número significativo pelos PPs periféricos é a de proeminência (34 casos), embora em número bem inferior ao de casos de tópico.
- Não houve casos de PPs periféricos exercendo a função discursiva de foco contrastivo em nenhum dos textos do *corpus* do século XX.

5.2.5. A categoria CP

Em relação à categoria CP iniciando a estrutura XP-(S)-V, foram encontradas **103** ocorrências de CPs, distribuídas da seguinte maneira:

a) Foco Contrastivo: 00

b) Tópico (contrastivo ou não): 99 ocorrências da construção *Topicalização*:

(5.211) (...) Antes de fazer suas manchetes, pense na viuvez de minha filha, Pardal! [(6), I, Dr. J. B., 221]

(5.212) (...) Quando minha filha casou, toda sua primeira noite, de fio a pavio, foi orientada por especialistas. [(6), I, Dr. J. B., 225]

(5.213) (...) Porém se me falhar esse cartucho derradeiro e suicida, eu entro para um convento. [(6), I, Diabo da Fonseca, 230]

(5.214) Sim, um desrespeito à memória do marido. Só eu me sentasse, o que é que o senhor

- diria de mim?* [(6), I, Ivonete, 230]
- (5.215) *O que é que você sabe fazer? Antes de ir para o SAM o que é que você fazia?* [(6), I, Pardal, 234]
- (5.216) (...) *Outra coisa: se uma personagem ficar grávida, você também espinafra, vai espinafrando!* [(6), I, Pardal, 235]
- (5.217) *Se essa menina morrer, eu me mato, doutor!* [(6), II, I, Tia Assembléia, 241]
- (5.218) *Vem cá. Olha pra mim: se eu perguntar uma coisa, você me responde?* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 242]
- (5.219) *Se me responder, eu deixo comer de tudo. Responde?* [(6), II, I, Dr. Lambreta, 242]
- (5.220) *Acredito, mas só na hipótese da violência... Se eu pego o culpado, ah, dou-lhe um tiro na boca.* [(6), II, I, Dr. J. B., 244]
- (5.221) *Que, como vocês perceberam, é um cretino total.* [(6), III, Dr. J. B., 253]
- (5.222) (...) *Minha filha, quando eu der o tiro, começa, oficialmente, tua noite de núpcias.* [(6), III, Dr. J. B., 255]
- (5.223) *Já que vocês não dizem coisa com coisa, eu vou dar a saída no peito. E é já!* [(6), III, Dr. J. B., 258]
- (5.224) *Mas ó D. Ivonete! Se não for com seu marido, há de ser com quem, D. Ivonete?* [(6), III, Pardal, 258]
- (5.225) *Quando eu disser três, já sabe! Um, dois...* [(6), III, Dr. J. B., 260]
- (5.226) (...) *Quando um cônjuge bate na porta do banheiro e o outro responde lá dentro “tem gente”!, não há amor que resista.* [(6), III, Diabo da Fonseca, 262]
- (5.227) (...) *Quando eu acender, estaremos no dia seguinte!* [(6), III, Diabo da Fonseca, 263]
- (5.228) *Atenção! Atenção. Conforme o Repórter Esso anunciou em edição extraordinária, faleceu, esta madrugada, conhecido crítico teatral da nova geração e fugitivo do SAM (...).* [(6), III, Repórter Esso, 264]
- (5.229) (...) *Quando vier ao Rio dorme no quarto dos fundos, (...).* [(7), I, 2, Ceci, 13/14]
- (5.230) (...) *Depois que largou a embaixada muitas vezes nem sei onde é que anda.* [(7), I, 2, Cordélia, 14]
- (5.231) *E se depois de tudo arrumado esta droga vier abaixo?* [(7), I, 2, Cordélia, 16]
- (5.232) (...) *Na frente se espantam (...) Quando se afastam lamentam.* [(7), I, 2, Cordélia, 17]
- (5.233) *Quando eu soube já era tarde. Se soubesse antes teria apressado tudo.* [(7), I, 2, Cordélia, 18]
- (5.234) *Quando eu soube já era tarde. Se soubesse antes teria apressado tudo.* [(7), I, 2, Cordélia, 18]
- (5.235) (...) *Você está cada vez mais a cara dela. Quando você desceu a escada do avião eu*

- levei um susto. [(7), I, 2, Ceci, 18/19]
- (5.236) (...) Olha, antes que eu me esqueça, manda consertar todas as fechaduras, as portas estão todas emperradas. [(7), I, 2, Ceci, 21]
- (5.237) (...) Quando o dinheiro falta a gente pede suplementação de verba. [(7), I, 2, Evandro, 24]
- (5.238) (...) Sempre que eu transbordo um pouco, essa frase é atirada contra mim lá em casa. [(7), I, 2, Evandro, 25]
- (5.239) (...) Quando se afastam lamentam: Deus do céu, agora ela desmoronou de vez! [(7), I, 2, Cordélia, 17]
- (5.240) Nunca vi. Quando eu a conheci já era uma velha desdentada. [(7), I, 2, Cordélia, 20]
- (5.241) Pois não, coronel. Se me embaraçar muito eu não respondo. [(7), I, 2, Olívio, 27]
- (5.242) Se posso meter minha colher – fariam o mesmo que os militares tentam fazer com a arte e deixariam o país sem defesa. [(7), I, 2, Ceci, 28]
- (5.243) Desde que nós começamos a tratar dessa reforma o senhor toda hora chega perto de mim, começa com uma conversa esquisita e a despesa dobra. [(7), I, 3, Cordélia, 33]
- (5.244) Olá, o senhor ainda está aqui? Quando entrou aqui era bem mais moço! [(7), I, 4, Evandro, 37]
- (5.245) (...) Bem, se você acha que deve comprar alguma coisa, compra. [(7), I, 4, Cordélia, 37]
- (5.246) (...) Quando ela me falou ao telefone senti que era um momento extremamente grave. [(7), I, 7, Cordélia, 59]
- (5.247) (...) Se você não tivesse telefonado antes, e escrito tanto, eu nunca saberia que estava doente. [(7), I, 7, Cordélia, 59]
- (5.248) Bom, se a senhora convida, eu não posso recusar. [(7), II, 8, Osvaldo, 66]
- (5.249) Estou preparando o meu almoço. Se a senhora não se incomodar de comer mal, dá pra dois. [(7), II, 8, Osvaldo, 67]
- (5.250) (...) Cata, meu consolo, ouvindo falar de tua beleza me senti movido a vir aqui pedir-te em casamento. [(7), II, 9, Olívio, 73]
- (5.251) (...) São Longuinho, São Longuinho, se eu achar os meus ocrinhos eu dou três gritinhos. [(7), II, 9, Cordélia, 76]
- (5.252) Bom, dona Cordélia, são armações quase todas estrangeiras. Se alguma servir, ficam elas por elas. [(7), II, 10, Osvaldo, 81]
- (5.253) (...) Se fosse o seu Olívio que telefonava a senhora não ia achar nada de mais. [(7), II, 10, Osvaldo, 81]
- (5.254) Outro dia me contaram que não sei em que país, quando alguém morre, os ciganos (...). [(8), I, 7, Paqueta, 36]

- (5.255) (...) Claro, ordem é essencial... A gente faz o que pode... Não, na minha nunca faltou nada, graças a Deus. (...) Mamãe? Tem dado a maior força, ajudou na decoração, comprou louças, não é dessas que não aceita os filhos... Se ela conseguisse ganhar na loteria eu estaria muito melhor. [(8), I, 5, Brenda, 29]
- (5.256) E de carpir, vai deixar? [(8), I, 5, Teleco, 31]
- (5.257) (...) Era filho de cigano e, antes de comprar uma casa, adquiriu o terreno, neste cemitério, para ter certeza de que seu corpo não seria enviado para a Espanha. [(8), I, 7, Paquita, 36]
- (5.258) (...) E também porque, se algum parente viesse visitar seu túmulo, pensasse que ele vencera na vida. [(8), I, 7, Paquita, 37]
- (5.259) Que triste destino o nosso. Quando menos se espera a morte vem e leva embora uma pessoa tão bondosa (...). [(8), I, 8, Brenda, 38]
- (5.260) (...) Além disso, desde que chegou em São Paulo, o circo não vai bem. [(8), I, 8, anão, 40]
- (5.261) Se eu morrer, tu registra ele pra mim? [(8), I, 9, Dito, 44]
- (5.262) Se alguém se mexer eu passo chumbo. [(8), I, 12, Quinzão, 51]
- (5.263) Era só o que me faltava. Assaltos temos todos os dias e todas as noites. No cemitério, é novidade. Mas agora que a imprensa vai divulgar o caso a moda vai pegar. [(8), I, 13, policial, 53]
- (5.264) (...) Quando dei por mim, o homem já tava esticado no chão. [(9), I, 1, homem, 13]
- (5.265) Me deixa. Se eu não pegasse ele como é que ia escapar daquele corpo? [(9), I, 1, homem, 15]
- (5.266) (...) Quando a gente tá grávida e vê uma coisa feia dessa, o filho nasce igual. [(9), I, 1, mulher, 16]
- (5.267) Mas ele tá aí. A polícia, quando pega, é pra valer. [(9), I, 1, mulher, 16]
- (5.268) Nem certo, nem errado; você, quando eu vejo, já desembestou. [(9), I, 1, mulher, 24]
- (5.269) (...) Quando via uma criança chorando, gritava: esse menino tá com fome? [(9), I, 1, homem, 27-28]
- (5.270) Se fosse lua cheia o traste já tinha virado lobisomem. [(9), I, 1, homem, 31]
- (5.271) Melhor os batuques dos meus santos. Quando o batuque começava parecia que era no peito da gente. [(9), I, 1, mulher, 36]
- (5.272) (...) Quando chegou no pescoço do pai, levou uma vaia dos irmãos que chamaram ele de frouxo. [(9), I, 1, homem, 37]
- (5.273) (...) Quando se cansava, a gente tacava pedra nele. [(9), I, 1, mulher, 37]
- (5.274) Dessa eu ia gostar. Isso ninguém ensina. Se ensinasse eu não tava aqui, [(9), I, 1,

mulher, 41]

(5.275) (...) *Minha mãe, quando chegava em casa, daquele jeito, me pegava pelo braço e dizia: se você se meter com paraíba, eu lhe mato! Essa gente ninguém nunca que conhece.*

[(9), I, 1, mulher, 41]

(5.276) (...) *Minha mãe, quando chegava em casa, daquele jeito, me pegava pelo braço e dizia: se você se meter com paraíba, eu lhe mato! Essa gente ninguém nunca que conhece.*

[(9), I, 1, mulher, 41]

(5.277) (...) *Quando o senhor do engenho pegava ele, lá vinha a descompostura.* [(9), I, 1, homem, 42]

(5.278) *Ah não. Se fosse eu sabia.* [(9), I, 1, mulher, 46]

(5.279) (...) *Nem Gregório Bezerra, se eu não fosse sua mulher, eu tinha ouvido falar.* [(9), I, 1, mulher, 46]

(5.280) *Desde que eu casei com você, sempre foi assim.* [(9), I, 1, mulher, 47]

(5.281) *Morreu na cadeia. Tinha uma pena tão grande que se nascesse três vezes não dava pra pagar. Quando o velho voltou, ele ainda tava lá.* [(9), I, 1, homem, 47-8]

(5.282) *Morreu na cadeia. Tinha uma pena tão grande que se nascesse três vezes não dava pra pagar. Quando o velho voltou, ele ainda tava lá.* [(9), I, 1, homem, 47-8]

(5.283) (...) *Quando contava casos, ria muito, quando via minha mãe, era como um menino...* [(9), I, 1, homem, 50]

(5.284) (...) *Quando contava casos, ria muito, quando via minha mãe, era como um menino...* [(9), I, 1, homem, 50]

(5.285) (...) *Quando chegou a hora de ele se defender, ele começou foi a acusar.* [(9), I, 1, homem, 58]

(5.286) (...) *Acabou a missa, o bispo desceu do altar e foi pro meio dos presos, andando na direção do velho.* [(9), I, 1, homem, 60]

(5.287) (...) *Agora, diz que quando abria a boca, o homem crescia, se agigantava.* [(9), I, 1, homem, 60]

(5.288) *Tenha calma, essa história em vez de lhe acalmar tá lhe deixando nervoso.* [(9), I, 1, mulher, 61]

(5.289) (...) *Se não é de teu agrado, a porta da rua é fácil de se abrir.* [(10), I, Ana Jansen, 14]

(5.290) *Se tá fechada, não é pra ser vista senão pelo interessado.* [(10), I, Ana Jansen, 15]

(5.291) *Não fale assim dele, Romena. Só por que é maneta? Se manda é com esperteza e não com o braço. Minha santa querendo, faço dele doutor.* [(10), I, Ana Jansen, 19]

(5.292) *E quando se precisa, não se descansa no trabalho.* [(10), I, Ana Jansen, 23]

(5.293) *Se ele não tivesse pai, não podia nascer.* [(10), I, Ana Jansen, 26]

- (5.294) *E não é? Só porque tiveste um filho ilegítimo exposto em casa alheia queres remediar o mal passo de tudo o quanto é mulher?* [(10), I, Cel. Izidoro, 27]
- (5.295) (...) *Se a gente não cuidar deles, eles não vão ter força de cabeça nem pra dar o voto.* [(10), I, Ana Jansen, 27]
- (5.296) (...) *Quando eu vejo um pequeno-magro-velho daqueles, me dá uma vontade de pegar, mudar pano, dar leite de peito pra eles (...).* [(10), I, Ana Jansen, 28]
- (5.297) *Depois que eu ganhei a liberdade, meu senhor, parece que tornou foi pior.* [(10), I, Escravo-I, 28]
- (5.298) (...) *Quando eu saí daquele inferno, a fome me botou pra roubar de novo (...).* [(10), I, Escravo-I, 28]
- (5.299) *Anda, vai cumprir a ordem do teu patrão e quando passar na cozinha dá um prato de angu pra esse negro.* [(10), I, Ana Jansen, 28]
- (5.300) *Nasceu pra negócio. Se eu tivesse te encontrado antes, meus contos de réis estariam multiplicados.* [(10), I, Cel. Izidoro, 30]
- (5.301) (...) *Depois que o marido faleceu, pôs as unhas de fora.* [(10), I, Cândido Mendes, 32]
- (5.302) *Sufocada a revolta, aumentará junto ao povo o prestígio de Ana Jansen.* [(10), I, Sotero dos Reis, 36]
- (5.303) *É uma provocação. Se Manuel estivesse aqui, não se conteria.* [(10), I, Izidoro, 36]
- (5.304) *Não, passada a dor, ele esquece logo.* [(10), I, Ana Jansen, 37]
- (5.305) *Muito bem, porque se tu tiver outro comportamento sujo, além do fofão, mando raspar tua cabeça.* [(10), I, Ana Jansen, 41]
- (5.306) *Elas é que não procuram outros, Cândida, vivem com medo de enfrentar a vida, os perigos que depois que se vence faz a gente se sentir forte.* [(10), I, Ana Jansen, 46]
- (5.307) *Se a Companhia de Águas for instalada, será um passo para acabar com os monopólios da matrona.* [(10), I, Confrade-I, 49]
- (5.308) *Não admito esta ofensa. Se não tens alegrias conjugais, a culpa não é nossa.* [(10), I, Baronesa de Grajaú, 58]
- (5.309) *Na verdade, é do que preciso, quando ele quiser vou me negar, não fui criada em estrebaria para dormir com cavalo.* [(10), I, Cândida, 47]

c) Proeminência Discursiva: 04

- (5.310) *Como eu ia dizendo: meu genro viajou de papa-fila e o papa-fila virou.* [(6), Dr. J. B., 224]
- (5.311) *Assim sendo, declaro-vos marido e mulher.* [(6), II, II, Padre, 250]

(5.312) (...) *Além do que, é muito complicada, pelo que eu vi, envolve muita gente e muita técnica, muita luz, muito tudo.* [(7), I, 6, Cordélia, 53]

(5.313) *Pode entrar, senhora. Como vê, é um sobrado espaçoso, há vários quartos no segundo andar.* [(10), I, Ribeirinho, 51]

Os dados acima podem ser resumidos pelos quadros abaixo:

QUADRO 11A – CPs NA PERIFERIA ESQUERDA – século XX

Texto (6) / (1913) = **20**
 Texto (7) / (1923) = **26**
 Texto (8) / (1936) = **10**
 Texto (9) / (1956) = **25**
 Texto (10) / (1961) = **22**
Total = 103

**QUADRO 11B – FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS CPs EM SENTENÇAS
DO CORPUS DO SÉCULO XX**

FUNÇÃO	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
Foco contrastivo	-	-	-	-	-	00
Tópico	18	25	10	25	21	99
Proem. discursiva	02	01	-	-	01	04
Total CPs	20	26	10	25	22	103

Conforme os resultados acima, os CPs invertidos na periferia esquerda são, de maneira geral, bastante utilizados em quase todos os textos do século XX do *corpus*. Apenas no texto (8) (de 1936) sua ocorrência cai, praticamente, pela metade da dos outros textos. Além disso, os seguintes fatos podem ser observados:

- CPs invertidos nunca exercem a função de foco contrastivo nos textos do *corpus* do século XX.
- A função discursiva privilegiada por esses constituintes é a de tópico, sempre através da construção *Topicalização*.
- São pouquíssimos os casos de CPs invertidos com a função de proeminência discursiva.

5.2.6. Resumo das categorias sintagmáticas e suas funções discursivas durante o século XX
– ESTRUTURA XP-(S)-V

QUADRO 12A – FOCO CONTRASTIVO – SÉCULO XX

CATEGORIA	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
ADVP	-	-	-	-	-	00
DP	-	-	-	-	-	00
PP	-	-	-	-	-	00
CP	-	-	-	-	-	00
Total:						00

QUADRO 12B – TÓPICO – SÉCULO XX

CATEGORIA	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
ADVP	01	06	03	03	03	16
DP	05	11	04	18	07	45
PP	17	20	18	14	06	75
CP	18	25	10	25	21	99
Total :						235

QUADRO 12C – PROEMINÊNCIA DISCURSIVA – SÉCULO XX

CATEGORIA	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
ADVP	08	02	03	04	05	22
DP	02	03	01	05	02	13
PP	05	06	03	08	12	34
CP	02	01	-	-	01	04
Total:						73

Conforme os resultados apontados nos quadros acima, faço as seguintes observações:

- Há uma quantidade maior de CPs e PPs periféricos exercendo a função discursiva de tópico do que XPs de outras categorias. Os AdvPs, por exemplo, são raros com essa função. Já os DPs, estes são usados com a função de tópico de forma mais acentuada nos textos (7) e (9) apenas.
- Há vários casos de XPs com a função de proeminência discursiva no *corpus* do século XX. Dentro os XPs que se destacam com essa função, temos: 34 PPs, 22 AdvPs e 13 DPs.
- É no texto (10) que ocorre a maior parte dos casos desses XPs periféricos com a função de proeminência discursiva.
- Do total de XPs periféricos detectados no *corpus* do século XX, **235** exercem a função de tópico, **73** a função de proeminência discursiva e **nenhum**, a função de tópico contrastivo.

5.2.7. Mais de um constituinte na periferia esquerda

Há casos, embora escassos, em que podem ser encontrados mais de um XP de categorias gramaticais diferentes ou não na periferia esquerda. Estão presentes em todos os textos do *corpus* do século XX. O quadro abaixo resume os dados quantitativos:

QUADRO 13– MAIS DE UM XP NA PERIFERIA ESQUERDA – século XX

Texto (6) / (1913) =	02
Texto (7) / (1923) =	04
Texto (8) / (1936) =	01
Texto (9) / (1956) =	01
Texto (10) / (1961) =	06
Total =	14

Abaixo cito todos os exemplos retirados do corpus e identifico suas funções discursivas:

a) Tópico + Tópico: 05

(5.314) (...) Até os vinte anos, quando foi embora, *sabia tudo que tinha aí dentro*. [(7), l, 2, Cordélia, 20]

(5.315) (...) Naquela mesma noite, depois que vocês foram embora, *Evandro pra casa, pra*

- cuidar das meninas, você pro seu hotel, eu me deitei na cama (...).* [(7), I, 7, Ceci, 60]
- (5.316) *Pois é. Na volta, no município de Serra Talhada, foi reconhecido e preso.* [(9), I, 1, homem, 51]
- (5.317) *Ele é muito prepotente. Outro dia, só porque pedi uma jóia, saiu-se com a maior indelicadeza.* [(10), I, Cândida, 46]
- (5.318) *(...) Ana tinha saído e quando chegou, que soube do caso, foi logo no sobrado da moça.* [(10), I, D. Rosa, 16]

b) Proeminência discursiva + Tópico: 05

- (5.319) *Agora, na sua viuvez, eu recorro novamente aos técnicos.* [(6), I, Dr. J. B., 225]
- (5.320) *Pois nunca, nesse curto período, encontrei uma viúva que fosse (...) um bucho!* [(6), I, Diabo da Fonseca, 228]
- (5.321) *Pelo menos pensão você tem.* [(7), I, 2, Ceci, 24]
- (5.322) *Bastante. Mas não estive com ela muitas vezes. Por acaso as três vezes em que estive na Inglaterra a vi representando.* [(7), I, 2, Olívio, 27]
- (5.323) *Não pude chegar mais cedo, estive resolvendo um negócio em Itamacaca. Mas, se não me engano, quando vinha entrando, ouvi meu nome por aí.* [(10), I, Ana Jansen, 59]

c) Proeminência discursiva + Tópico + Tópico: 01

- (5.324) *Além do mais, esses meninos, daqui a uns dez anos, podem até ser eleitos.* [(10), I, Ana Jansen, 27]

d) Proeminência discursiva + Foco contrastivo: 01

- (5.325) *Pelo menos, pra mãe tu tem vocação.* [(10), I, D. Rosa, 30]

e) Tópico + Proeminência discursiva: 02

- (5.326) *Bobagem, Dito. Tem velório graúdo hoje. Se a gente não pode ir à noite, pelo menos ganha grana amanhã cedo.* [(8), I, 6, Nando, 34]
- (5.327) *Os Barões, geralmente, têm muitas servas.* [(10), I, Cândida, 59]

Analisando-se os resultados do quadro 13 e os exemplos de sentenças com mais de um XP periférico acima, os seguintes dados podem ser relacionados:

- São poucos os casos de mais de um XP periférico no *corpus* do século XX (total = 14).

- Do total de ocorrências (14), **seis** estão no texto (10) e **quatro** no texto (7).
- São várias as combinações de funções discursivas desses XPs periféricos; contudo, ocorre um número maior de **tópico + tópico** (5) e de **proeminência + tópico** (5).
- A categoria sintagmática que mais ocorre nessas construções com mais de um XP periférico é o PP.
- Há apenas uma ocorrência de XP com a função de foco contrastivo, no caso um PP. Este segue um PP com a função de proeminência discursiva. Este dado **não** vai ao encontro da proposta cartográfica de Rizzi (2002), que propõe um núcleo Mod abaixo do núcleo Foc.

5.3. OS CONSTITUINTES PERIFÉRICOS EM CONSTRUÇÕES CLIVADAS E PSEUDOCATIVADAS – SÉCULO XX

O quadro abaixo demonstra a quantidade dessas construções encontradas no *corpus* e suas funções discursivas:

QUADRO 14 – SENTENÇAS CLIVADAS OU PSEUDOCATIVADAS – SÉCULO XX

ESTRUTURA	(6)/1913	(7)/1923	(8)/1936	(9)/1956	(10)/1961	total
Clivada	02 (0-I/2-C)	04 (2-I/ 2-C)	01(0-I/1-C)	03 (1-I/2-C)	03 (0-I/3-C)	13
Clivada inversa	02	06	01	06	09	24
Pseudocativada	02 (0-I/2-C)	02 (0-I/2-C)	-	02 (0-I/2-C)	05 (0-I/5-C)	11
Pcliv. Inversa	-	-	-	-	-	00
Total	06	12	02	11	17	48
Totais Foc I / C	0-I/6-C	2-I/10-C	2-C	1-I/10-C	17-C	

Conforme os resultados do quadro acima, são pouquíssimos os exemplos de construções clivadas expressando foco informacional (3-I e 10-C = 13). No caso das construções pseudocativadas, nenhuma expressou foco informacional. Assim, as construções clivadas ou pseudocativadas (inversas ou não) nos dados do *corpus* do século XX tendem quase que

totalmente a expressar foco contrastivo ou de listagem exaustiva.

Abaixo, cito todos os exemplos retirados do *corpus* e indico o tipo de foco que cada um veicula:

5.3.1. Exemplos de sentenças com estrutura clivada

➤ Foco Informacional: 03

(5.328) (...) Foi meu pai quem mandou botar, há trinta anos. [(7), I, 6, Cordélia, 57]

Abaixo, encontra-se seu contexto de enunciação:

Cordélia – *Não. Não foi o que combinamos. Azul claro na parede e, no rodapé, azul escuro. Não precisa disfarçar nada não. O senhor acha que eu tenho vergonha do meu rodapé, seu Osvaldo? Foi meu pai quem mandou botar, há trinta anos.*

Osvaldo – *Sim senhora. Seu pai é quem sabe.*

(5.329) Foi ele quem deu o vinho. [(7), II, 8, Osvaldo, 70]

Abaixo, encontra-se seu contexto de enunciação:

Cordélia – *Não é um lugar muito caro?*

Osvaldo – *Dá licença. Quase onze mil. Seis pessoas. Mas comemos talharim ao vôngoli, contra-folé... mouce...*

Cordélia – *Mouce?*

Osvaldo – *De chocolate. Arruinam a gente, mas vale, uma vez na vida. Tem banheiros de luxo, uns vasos que só a senhora vendo – de palácio. Botei até meu casaco de couro. As meninas e a patroa a senhora nem conhecia, fora do dia-a-dia. Sandálias douradas e tudo.*

Cordélia – *Onze mil.*

Osvaldo – *Meus genros estão bem. Um é sargento da aeronáutica. O outro trabalha na bolsa.*

Cordélia – *Ah!*

Osvaldo – *Foi ele quem deu o vinho.*

(5.330) (...) Era o bispo de Olinda que ia celebrar. [(9), I, 1, homem, 59]

Abaixo, encontra-se seu contexto de enunciação:

Mulher – *Então conta.*

Homem – *Foi quando ele voltou do julgamento...*

Mulher – *Você já disse isso três vezes.*

Homem – *Pois é; voltou pra cadeia e os presos, ladrão, assassino, gigolô, tinha*

condenação pra todo gosto... tavam tudo esperando por ele. Eles gostavam do velho. O velho não fazia diferença, tratava todo mundo bem, todo mundo igual. Ai os presos convidaram ele pra assistir a missa da Páscoa. Era o bispo de Olinda que ia celebrar. Ele aceitou pra não fazer desfeita; não era chegado a esse negócio de missa nem de igreja.

➤ **Foco Contrastivo / Listagem Exaustiva: 10**

- (5.331) (é) Assim que eu gosto! [(6), II, I, Tia Assembléia, 241]
- (5.332) Não sou eu quem o diz: é a ciência! [(6), II, I, Dr. Lambreta, 244]
- (5.333) (...) É com os olhos do amor que o cego enxerga um pouco. [(7), II, 9, Cordélia, 77]
- (5.334) (...) É isso aí! É assim que se trabalha! Beleza, Olívio! [(7), II, 11, Cordélia, 85]
- (5.335) (...) Foi por causa do jogo que eu conheci Joseph Menendez. [(8), I, 7, Paqueta, 37]
- (5.336) É, mas foi você que não quis ter o menino lá. [(9), I, 1, homem, 31]
- (5.337) (...) Era isso que ele era. Uma espécie de professor. [(9), I, 1, homem, 41]
- (5.338) É o único que fala a verdade, mamãe. [(10), I, Ana Jansen, 20]
- (5.339) Não é só ele que tem vontades, sou gente, também tenho. [(10), I, Ana Jansen, 30]
- (5.340) É no escuro que se deve gritar. [(10), I, Cascais, 42]

5.3.2. Exemplos de sentenças com estrutura clivada inversa: 24 (com função de foco contrastivo / listagem exaustiva)

- (5.341) (...) eu é que devia ser montado por ti e passear, no meu próprio gabinete, contigo na garupa! [(6), I, Dr. J. B., 221]
- (5.342) Portanto, só a viúva é que deve ser fiel, só. As outras, não. [(6), I, Ivonete, 231]
- (5.343) Eles dizem que a culpa não é deles. A fundação é que foi mal feita. [(7), I, 2, Ceci, 16]
- (5.344) Eu sei. Eu li. Por isso é que nos ligamos agora. [(7), I, 2, Olívio, 27]
- (5.345) Sim Senhora. Seu pai é quem sabe. [(7), I, 6, Osvaldo, 57]
- (5.346) O senhor é quem sabe. [(7), II, 8, Cordélia, 66]
- (5.347) (...) Lá dentro é que o estrago foi grande. [(7), II, 11, Olívia, 83]
- (5.348) (...) O senhor é quem devia ter (...). [(7), II, 11, Olívia, 83]
- (5.349) Pô, cara, você é que é o especilaista, só leva um minuto. [(8), I, 14, Quinzão, 56]
- (5.350) Cangaceiro é que chamava a polícia assim, não era? [(9), I, 1, mulher, 16]
- (5.351) (...) Era a mesma derrota, a briga é que era diferente. Não de peito aberto. [(9), I, 1, homem, 16]

- (5.352) Bom é pensar como é que vai tirar a gente daqui! [(9), I, 1, mulher, 21]
- (5.353) Ele viu muito. Minha mãe é quem contava. [(9), I, 1, homem, 28]
- (5.354) (...) o filho é que era o cão. [(9), I, 1, homem, 42]
- (5.355) Direito eu falo, você é que não sabe de nada. [(9), I, 1, homem, 45]
- (5.356) Respeita tua mãe. O galo é que canta mais alto. [(10), I, Cap. Vicente, 20]
- (5.357) Mas a galinha aqui é que sustenta a casa. [(10), I, Ana Jansen, 20]
- (5.358) Tu é que não vai passar de caixeiro de português larápio, seu amo. [(10), I, Ana Jansen, 22]
- (5.359) As pessoas é que enjeitam eles. [(10), I, Ana Jansen, 27]
- (5.360) Hum, pamonha é que faz safadeza segura. [(10), I, Ana Jansen, 30]
- (5.361) Por isto é que, toda a minha vida, tive minhas próprias moedas, pra não agüentar patada. [(10), I, Ana Jansen, 46]
- (5.362) Elas é que não procuram outros, Cândida, vivem com medo de enfrentar a vida, os perigos que depois que se vence faz a gente se sentir forte. [(10), I, Ana Jansen, 46]
- (5.363) O pior é que gosto dele, o sofrimento aumente. [(10), I, Cândida, 47]
- (5.364) Ainda não tenho resposta, o essencial é que estejamos dispostos à luta, à vitória por quaisquer meios (...). [(10), I, Meireles, 48]

5.3.3. Exemplos de sentenças com estrutura pseudoclivada

➤ Foco Informacional: 00

➤ Foco Contrastivo: 11

- (5.365) Também acho, mas não tem importância. O que interessa é a onda contra o SAM e a nosso favor. [(6), I, Pardal, 234]
- (5.366) Só quem me beijou foi Luci! [(6), II, II, Ivonete, 246]
- (5.367) Mas não foi isso. O que não esqueci foi ele te entregando, com as duas mãos, no alto da varanda de Itaipava. [(7), I, 2, Cordélia, 22]
- (5.368) (...) O que eu quero é um texto extremamente bem escrito. [(7), I, 6, Cordélia, 53]
- (5.369) A vista ficou turva. (o que) Eu senti foi a quentura da raiva. [(9), I, 1, homem, 13]
- (5.370) (o que) Vou dá é pinga. Vem cá. [(9), I, 1, homem, 30]
- (5.371) Me dá, quem manda nesta casa sou eu. [(10), I, Cap. Vicente, 20]
- (5.372) Quem sentiu a dor de parir foi eu (...). [(10), I, Ana Jansen, 25]

(5.373) (...) Mas o que eu tenho mesmo é uma pena danada, Izidoro. [(10), I, Ana Jansen, 28]

(5.374) (...) O que D. Rita deseja é vendê-la a V. Sa. [(10), I, Feitor, 38]

(5.375) E desobediente, o que digo é pra ser feito e respeitado. [(10), I, Ana Jansen, 40]

5.3.4. Exemplos de sentenças com estrutura pseudoclivada inversa

Sem exemplos no corpus.

5.4. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta seção, exponho de forma esquemática uma síntese sobre os resultados obtidos pela análise dos dados do *corpus* do século XX.

a) Dos constituintes na periferia esquerda, por tipo de XP:

CAT.	(6) 1913	(7) 1923	(8) 1936	(9) 1956	(10) 1961	total (XX)
ADVP	09	08	06	07	08	(38)
DP	07	14	05	23	09	(58)
PP	22	26	21	22	18	(109)
CP	20	26	10	25	22	(103)
Totais						(308)

➤ Os constituintes que mais apareceram na periferia esquerda foram:

Séc. XX : PP (109) > CP (103) > DP (58) > AdvP (38)

b) Da função discursiva dos constituintes na periferia esquerda (por tipo de XP):

	FOCO CONTRASTIVO						TÓPICO						PROEMINÊNCIA					
Texto:	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(T)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(T)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(T)
AdvP	-	-	-	-	-	(-)	01	06	03	03	03	(16)	08	02	03	04	05	(22)
DP	-	-	-	-	-	(-)	05	11	04	18	07	(45)	02	03	01	05	02	(13)
PP	-	-	-	-	-	(-)	17	20	18	14	06	(75)	05	06	03	08	12	(34)
CP	-	-	-	-	-	(-)	18	25	10	25	21	(99)	02	01	-	-	01	(04)
						(T= 0)						(T= 235)						(T= 73)

- Séc XX: tópico (235) > proeminência (73) > foco contrastivo (0).
- Função tópico por XP: CP (99) > PP (75) > DP (45) > AdvP (16). Conforme estes dados, são os CPs (orações adverbiais) os constituintes que mais exercem a função de tópico na periferia à esquerda da sentença (séc. XX).

c) Dos AdvPs periféricos:

- Os advérbios são, de maneira geral, pouco utilizados na periferia esquerda de sentenças de todos os textos do *corpus* do século XX.
- Tendem a desempenhar a função de proeminência discursiva (22 ocorrências) ou de tópico (16 ocorrências).
- Em nenhum dos textos do século XX o advérbio foi utilizado com a função de foco contrastivo na periferia esquerda.

d) Dos PPs periféricos:

- São bastante utilizados na periferia esquerda de sentenças de todos os textos do *corpus* do século XX (total de 109 ocorrências).
- Do total de PPs periféricos, 75 exercem a função de tópico (sendo 72 pela *Topicalização*) e 34 a função de proeminência discursiva.
- Não houve casos de PPs periféricos exercendo a função discursiva de foco contrastivo em nenhum dos textos do *corpus* do século XX.

e) Dos DPs periféricos:

- São várias as ocorrências de DPs na periferia esquerda de sentenças do *corpus* do século XX (total = 58). Desse total, 45 exercem a função de tópico e 13 exercem a função de

proeminência discursiva. Assim, são mais usados com a função de tópico, sobretudo através da construção *Topicalização* (43 casos).

- Não houve nenhuma ocorrência de DP periférico com a função de foco contrastivo.
- É no texto (9) que são detectados a maior parte dos casos de DPs periféricos (23 casos), sendo que 18 exercem a função de tópico e 05 exercem a função de proeminência discursiva.

f) Dos CPs (orações adverbiais) periféricos:

- CPs periféricos, em quase a totalidade dos casos, são utilizados para exercer a função de tópico (99 tópicos do total de 103 ocorrências, sendo as 04 restantes com a função de proeminência discursiva).
- Não há ocorrência desses constituintes na periferia esquerda da sentença com a função de foco contrastivo em nenhum dos textos do século XX.
- De maneira geral, a quantidade desses CPs periféricos é bem regular entre quase todos os textos do *corpus* do século XX. Apenas no texto (8) eles ocorrem em número bem mais inferior.

g) De mais de um XP na periferia esquerda:

- São poucos os casos de mais de um XP periférico no *corpus* do século XX (total = 14). Do total dessas ocorrências, 06 estão no texto (10) e 04 no texto (7).
- Ocorre um número maior de **tópico + tópico** (5) e de **proeminência + tópico** (5), sendo que a categoria sintagmática que mais ocorre nessas construções com mais de um XP periférico é o PP.
- Há apenas uma ocorrência de XP com a função de foco contrastivo, no caso um PP. Este segue um PP com a função de proeminência discursiva. Este dado **não** vai ao encontro da proposta cartográfica de Rizzi (2002), que propõe um núcleo Mod abaixo do núcleo Foc.

h) De todas as ocorrências XPs periféricos no geral, foram detectados os seguintes resultados quanto à suas funções discursivas: **00** ocorrências para foco contrastivo, **236** ocorrências para tópico e **72** para proeminência discursiva. Em virtude da quantidade bem maior de XPs com

a função de tópico, conclui-se que o PB do século XX tende a apresentar uma estrutura sentencial do tipo “tópico + comentário”.

i) Das construções clivadas/ pseudoclivadas:

- São pouquíssimos os exemplos de construções clivadas expressando foco informacional (3-I e 10-C = 13).
- No caso das construções pseudoclivadas, nenhuma expressou foco informacional.
- Assim, as construções clivadas ou pseudoclivadas (invertidas ou não) nos dados do *corpus* do século XX tendem quase que totalmente a expressar foco contrastivo ou de listagem exaustiva.

***O PROCESSO DE SATISFAÇÃO DE REQUERIMENTOS
CRITERIAIS PELO SUJEITO***

6.1. INTRODUÇÃO

Conforme a análise do *corpus* realizada nos capítulos IV e V desta tese, detectou-se que os XPs complementos verbais ou adjuntos que ocupam posições periféricas (na ordem marcada) em sentenças do PB sempre exercem alguma função discursiva: tópico (contrastivo ou não), foco contrastivo (raramente) ou proeminência discursiva (no caso principalmente de advérbios ou expressões adverbiais). Ocupam, no sistema-C, seguindo a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004) e a descrição feita por Araújo (2006) para o português, ou uma das posições Top, ou a posição Foc, ou a posição Mod, respectivamente. Alguns advérbios, contudo, exercem a função discursiva de tópico quando mencionados num discurso prévio, como os de **tempo** e de **lugar**. Mesmo sem terem sido mencionados anteriormente, geralmente são tópicos por introduzirem o assunto a ser desenvolvido pela sentença comentário. Isto dito, formulo as seguintes questões:

- a) Como ocorreria o processo de satisfação de traços criteriais por esses constituintes no PB, tomando-se como base analítica a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004) e o quadro teórico do Programa Minimalista (Chomsky 2000, 2001, 2004)? ⁷²
- b) Seria o foco informacional, no PB, também veiculado na ordem marcada (no caso de sujeito pós-verbal)?

⁷² Esta questão será explorada no próximo capítulo.

- c) Além disso, como ficaria a questão do sujeito pré-verbal? Teria o sujeito, nesse caso, sempre alguma função discursiva? Quais? E como ocorreria o processo de satisfação de traços criteriosais pelo sujeito pré-verbal?

A fim de responder a essas questões, verifico, neste capítulo, quais os mecanismos sintáticos envolvidos nesse processo (ocorrências de operações como *Copy*, *Merge* e *Agree*)⁷³ e o porquê de eles ocorrerem. Meu objetivo com esta tarefa é explorar como a estrutura da informação interage com a sintaxe do PB, isto é, se a codificação de traços criteriosais no sistema-C, causadora da atração de constituintes internos a IP para a periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi - 2002, 2004), ocorre de maneira sistemática, mesmo que camuflada pela ordem não-marcada dos constituintes, ou se envolve a satisfação de requerimentos criteriosais dentro de IP mesmo.

Este capítulo está estruturado em **duas partes**:

- **Primeira parte:** na seção 6.2, investigo as funções discursivas que o **sujeito** exerce na ordem SV a partir de exemplos retirados do *corpus*; na seção 6.3, analiso o processo de satisfação de requerimentos criteriosais pelo sujeito na ordem SV, em três etapas; na seção 6.4, discorro sobre a problemática em torno da construção denominada **Tópico Sujeito** no tocante ao seu processo de derivação e de satisfação de requerimentos criteriosais pelo elemento tópico.
- **Segunda parte:** na seção 6.5, apresento uma síntese sobre alguns estudos diacrônicos que abordam a ordem VS no português; na seção 6.6, analiso as funções discursivas que o **sujeito** exerce na ordem VS, a partir de exemplos do *corpus*.

Finalizando o capítulo, na seção 6.7, apresento, separadamente, uma síntese dos resultados obtidos pelas análises realizadas nas duas partes do capítulo.

PRIMEIRA PARTE: ANÁLISE DO *SUJEITO* NA ORDEM SV

6.2. A FUNÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO NA ORDEM DIRETA

Durante o estudo do *corpus*, ao analisar a função discursiva dos XPs complementos verbais ou adjuntos que apareciam na ordem invertida, isto é, no sistema C, pude observar que **também** o constituinte sujeito pré-verbal, aparentemente interno à oração e sempre sem redobro, exercia alguma função discursiva (conforme definições apresentadas no capítulo I, seção 1.2):

- a) Exemplos de sujeito com a função de **Tópico** (contrasitvo ou não) são abundantes em todas as peças do *corpus*. Abaixo cito apenas alguns:

(6.01) *Anda lá!... Oh, meu Deus! Que desordem! Aquele moleque não arranja o quarto do senhor; depois mano vem e fica maçado.* [(1), I, 1, Carlotinha]

(6.02) *Meus genros estão bem. Um é sargento da aeronáutica. O outro trabalha na bolsa.* [(7), II, 8, Osvaldo, 70]

(6.03) *Eu não; tu é que me chamaste.* [(1), I, 1, Henriqueta]

(6.04) A: (...) *Já o viram alguma vez?*

B: *Eu nunca.* [(2), I, 1, D. Helena, 563]

(6.05) A: *Desta vez tenho esperança de arranjar. Diz que essa agência é muito séria. Vamo!*

B: *Eu não subo mais escada! Espero aqui no corredô.* [(3) I, II, 3, Fortunata, 40]

(6.06) *Crápulas! Sujos! Um é o Totó Fruta-do-Conde! O outro, este bêbasdo perigoso.* [(5), II, Abelardo-I, 105]

(6.07) A: *Sim, um desrespeito à memória do marido. Se eu me sentasse, o que é que o senhor diria de mim? Responda!*

B: *Eu, minha senhora, não diria absolutamente nada!* [(6), I, I, Dr. Sanatório, 230]

⁷³ A título de simplificação, adoto, neste capítulo e no próximo, o termo “concatenar” para me referir à operação “conectar” (concatenar + rotular) proposta por Hornstein (2005).

- b) Exemplos de sujeito com a função de **Foco Informacional** são muito raros no *corpus* todo. Abaixo cito alguns:

(6.08) A: *Vai sem sanduíche! E quem é o amante?*

B: Eu (sou o amante). [(6), III, Pardal, 261]

(6.09) A: *Quem te recomendou?*

B: Ninguém (me recomendou). *Procurei no jornal do Brasil*. [(7), I, 2, Cordélia, 16]

- c) Exemplos de sujeito com a função de **Foco Contrastivo** (ou de Listagem Exaustiva) também são raros no *corpus* todo. Abaixo cito apenas dois deles:

(6.10) *Não falta, não; mas ele só gosta de nhanhã. Quando passa, nhanhã não vê; mas eu, cá de baixo, estou só espreitando. Vai olhando para trás, de pescocinho torto! Porém nhanhã não faz caso dele!* [(1), I, 6, Pedro]

(6.11) *Sim: porém, um dia, tu não reparaste, talvez; eu me lembro... ainda me dói! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui ele não me deu uma palavra.* [(1), I, 1, Henriqueta]

Assim, saliento que são poucos os exemplos de sujeito pré-verbal exercendo uma função discursiva diferente da de tópico. Há alguns casos de tópico contrastivo, de foco contrastivo e pouquíssimos de foco informacional. Este último talvez seja escasso demais, por não terem sido criados diálogos apropriados para o seu aparecimento nas peças de teatro. Contudo, foram detectados vários casos em que o diálogo entre as personagens propicia o foco informacional **numa resposta inteira**, e não apenas no constituinte sujeito. Abaixo cito alguns exemplos:

(6.12) A: (...) *Mas depois, que fez ela da carta?*

B: Deitou no bolso. [(1), I, 9, Pedro]

(6.13) *Não sabe por quê? Porque nhanhã não quis responder à carta dele.* [(1), I, 11, Pedro]

(6.14) A: *Que devo então fazer?*

B: Esperar. [(2), I, 8, D. Helena, 578]

(6.15) A: *Foi também vítima, senhora?*

B: Roubaram-me cinco mil réis! [(3), I, II, 2, a senhora, 34]

6.3. O PROCESSO DE SATISFAÇÃO DE REQUERIMENTOS CRITERIAIS PELO SUJEITO NA ORDEM DIRETA

Nesta seção, analiso, **em 3 etapas**, como pode ocorrer o processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito na ordem SV. Para realizar esta tarefa, utilizo o quadro teórico adotado, o do Programa Minimalista; a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004); além de outras propostas que utilizam mecanismos sintáticos compatíveis com este quadro.

6.3.1. Etapa 1: Análise Preliminar

Conforme a proposta cartográfica de Rizzi (2002), sintagmas portadores de traços criteriais são atraídos por certos núcleos funcionais do sistema C antes de *Spell-Out*, para que esses sintagmas sejam interpretados adequadamente em LF, isto é, se W é o tópico, precisa ocupar uma das posições Top no sistema C; analogamente, se W é foco contrastivo, precisa ocupar a posição Foc no sistema C. O autor não lida com a ordem SV no italiano, isto é, não se preocupa em analisar a função discursiva da expressão referencial “sujeito”, a não ser quando este elemento se encontra com mais um constituinte topicalizado ou focalizado na periferia esquerda. Contudo, estendo a sua análise ao DP sujeito pré-verbal no PB, mesmo quando este inicia a sentença (isto é, mesmo quando não há nenhum constituinte topicalizado ou focalizado à esquerda), visto que este sempre exerce uma função discursiva. Assim, também ele contém traços criteriais que vão provocar a sua atração por um núcleo funcional do sistema C que contenha traços criteriais idênticos.

Começo a etapa descritiva do processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito, combinando a proposta de Rizzi (2002) com as implementações feitas pelo Programa

Minimalista à Teoria de Princípios e Parâmetros. Para esta tarefa, baseio-me, inicialmente, numa sentença, no caso, do *corpus*, como (6.16) abaixo, em que o sujeito pré-verbal exerce a função discursiva de **tópico**:

(6.16) *Se é! A burguesia só produziu um teatro de classe.* [(5), I, Abelardo II, 69]

Uma das possibilidades lógicas de análise do processo em questão é a seguinte⁷⁴: o DP *a burguesia* é concatenado em Spec-*vP*, como argumento externo de *v*. Depois de participar no processo de valoração dos traços-*phi* em T e de ter seu traço de Caso valorado em nominativo por essa mesma operação, é copiado da posição de especificador de *vP* para a posição de Spec-TP, para satisfazer o traço EPP presente no núcleo funcional T. Em seguida, por conter o traço criterial de tópico, o DP sujeito é copiado para a posição Spec-TopP₃, mesmo não sendo uma situação de ordem marcada, a fim de satisfazer requerimentos criteriosais do núcleo Top dessa projeção. A representação com barras, simplificada, ilustra esse deslocamento (cópia + concatenação)⁷⁵.

(6.17) [_{ForceP} [_{TopP3} [_{DP} *a burguesia*]_k [_{FinP} [_{TP} *t_k* [_T (só) produziu_i [_{VP} *t_k* [_{VP} [_V *t_i*] [_{DP} um teatro de classe]]]]]]]]]]⁷⁶

Veja a seguir a derivação de uma sentença em que um advérbio ocorre em posição mais alta:

(6.18) *Realmente, Henriqueta perde vista em uma sala (...).* [(1), III, 10, Azevedo]

Transmitindo o DP *Henriqueta* também uma informação pressuposta e, conseqüentemente, possuindo o traço criterial de tópico, é copiado para uma das posições Top no complexo-CP, como o DP *a burguesia* no exemplo (6.17). Acontece que, acima do DP tópico encontra-se o

⁷⁴ Saliento que meu propósito com as análises derivacionais é verificar os mecanismos sintáticos e as projeções funcionais envolvidas. Em outros termos, não lido com questões de economia derivacional, já que tal tópico me forçaria a dar bem maiores proporções a esta pesquisa. Fica, então, a questão da economia derivacional aberta para futuras pesquisas.

⁷⁵ Nesta e em qualquer outra representação estrutural de sentença, a partir deste capítulo, utilizo o **vestígio** no lugar da **cópia**, a título de simplificação.

⁷⁶ Nessa representação, não levo em consideração qual seria a posição do advérbio *só* na estrutura sentencial.

advérbio *realmente*. Conforme Cinque (1999), esse advérbio é gerado na posição de especificador da projeção funcional **Mood**_{evidential}, rigidamente fixada em relação a outras projeções funcionais abaixo do complexo-CP e acima de TP (veja capítulo II, p. 63). Assim, se o DP tópico precisa ser “deslocado à esquerda” por portar um traço criterial, o advérbio *realmente* tem que entrar na numeração também com um traço criterial para provocar o seu “deslocamento à esquerda” em posição sintática mais alta do que a que se encontra o DP tópico. No caso, por não exercer a função discursiva de tópico nem de foco contrastivo, o advérbio porta o traço de proeminência (cf. Rizzi - 2002) que ativa sua atração pelo núcleo Mod e conseqüente cópia para a posição Spec-ModP, acima de TopP₃, derivando, assim, a ordem Adv-S-V ⁷⁷. A representação simplificada, abaixo, ilustra essa derivação:

Por outro lado, se o advérbio *realmente* ocupar, no exemplo (6.18) acima, a posição intermediária, ou seja, se ficar entre S e V, para a ordem S-Adv-V ser derivada, há duas possibilidades de análise:

⁷⁷ Lembre-se que a estrutura proposta por Rizzi (2002) para o sistema C é a seguinte: ForceP > TopP₁ > IntP > TopP₂ > FocP > ModP > TopP₃ > FinP > IP

(6.20) [ForceP [TopP2 [DP Henriqueta]_k [ModP realmente_m [FinP [Mood-evidentialP t_m [TP t_k
[T perde_i [_{VP} t_k [_{VP} [_V t_i] [DP vista...]]]]]]]]]]]

(6.21) A: *Tava tentando falar com a Bete ontem à noite, mas não consegui. Me disseram que ela foi no cinema com uma amiga.*
 B1: [_{Foc} A irmã dela] *foi no cinema, não ela.*
 B2: * [_{Foc} A irmã dela], *ela foi no cinema, não ela.*

O processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito pré-verbal com a função de **foco contrastivo** consiste na atração desse constituinte para a posição de especificador da projeção FocP no complexo-CP proposta por Rizzi (2002). Assim, o núcleo Foc atrai um elemento com um traço criterial idêntico ao seu. Pela operação *Copy*, esse constituinte é copiado da posição de Spec-TP e, depois, pela operação *Merge*, é concatenado na posição Spec-FocP, sem a interferência de outros especificadores de projeções diferentes, conforme a tipologia de especificadores proposta por Rizzi (Op. cit.) exposta no capítulo II, p. 89.

183

informação nova na resposta. O sujeito pré-verbal com essa função discursiva não sofre nenhum movimento, isto é, permanece na posição Spec-TP, pois não entra na numeração com nenhum traço criterial. Assumindo-se a proposta cartográfica de Rizzi (Op. cit.), os constituintes que exercem a função de tópico (contrastivo ou não) e de foco contrastivo são os que portam traços criterias e que precisam ser movidos para projeções funcionais específicas no sistema C antes de *Spell-Out*, para que possam ser interpretados adequadamente em LF.

A mesma análise pode ser aplicada a uma sentença inteira, quando esta exerce a função de foco informacional. Casos deste tipo foram detectados de forma abundante no *corpus*; contudo, a título de nova exemplificação, crio o diálogo abaixo:

(6.22) A: *O que aconteceu?*

B: *O Juliano bateu o carro novo!*

Na resposta em (6.22B), toda a sentença ocupa o lugar da variável de evento introduzida pela pergunta (6.22A). Representa a informação nova, não-pressuposta pelo falante A, ou seja, o foco informacional. Assim, como nenhum de seus constituintes porta o traço criterial de foco contrastivo ou de tópico, eles permanecem na ordem direta e não sofrem movimento para o sistema C: as posições Top e Foc desse sistema não são ativadas. Assim, não existiria na gramática do PB atual **um traço criterial para o foco informacional**, seguindo a proposta cartográfica de Rizzi (2002). Contudo, nos casos de ordem VS, algumas particularidades precisam ser consideradas. Esta tarefa será realizada na segunda parte deste capítulo.

6.3.2. Etapa 2: Ampliação da Análise do *Sujeito* Pré-Verbal - rumos a uma análise unificadora

Há outros casos, ainda, de sentenças com sujeito pré-verbal que precisam ser considerados, embora não tenham ocorrido no *corpus*. A extensão da análise justifica-se na medida em que se almeja alcançar uma descrição mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais genérica do processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito pré-verbal. Assim, apresento para reflexões a construção de tópico apontada por Pontes (1987) em seus estudos sobre o tópico no PB, e classificada por Galves (1998b) como **Tópico com Pronome Lembrete**.

Conforme exposto no capítulo I, a construção assim denominada por Galves (1998b, p. 21-24) engloba, mais precisamente, dois tipos de construções em que o tópico é “dobrado” por um pronome. São elas:

(6.23) “Essa competência, ela é de natureza mental.”

(6.24) “Esta casa, bate muito sol nela.”

O exemplo (6.23) refere-se à construção com um tópico retomado por um pronome com a função sintática de **sujeito**, enquanto o exemplo (6.24) refere-se à construção com um tópico retomado por um pronome com a função sintática de **complemento relativo** (um locativo).

Como meu objetivo, nesta seção, é descrever o processo de satisfação de requerimentos criteriosais pelo **sujeito pré-verbal**, vou me limitar a abordar apenas a construção em (6.23), isto é, construção em que o **sujeito sintático**, representado por um pronome resumptivo nominativo, é co-referente a uma expressão referencial com a função discursiva de tópico, na periferia esquerda da sentença. Como isso não acontece na construção (6.24), isto é, o DP tópico *esta casa* não é co-referente a um pronome resumptivo com a função sintática de **sujeito**, ela será analisada no próximo capítulo. Assim, começo por apontar um problema: existiria uma maneira **única** de analisar o processo de satisfação de requerimentos criteriosais por um sujeito pré-verbal quando este é realizado de formas diferentes? Refiro-me às três possibilidades abaixo citadas:

- a) DP referencial, sem retomada por pronome resumptivo (ex. 6.25);
- b) DP referencial com pronome co-referente (ex. 6.26);
- c) Expressão pronominal (ex. 6.27):

(6.25) **O Juliano** comeu todo o bolo.

(6.26) **O Juliano, ele** comeu todo o bolo.

(6.27) **Ele** comeu todo o bolo.

Nesse sentido, apresento, inicialmente, a proposta de Kato (1999), a qual me será útil por descrever propriedades gramaticais do PB. A autora, seguindo a hipótese de Cardinaletti &

Starke (1994) com algumas modificações, propõe a divisão dos pronomes em **fortes** e **fracos** e lhes atribui as seguintes propriedades:

a) Pronomes fortes:

- Ocupam posição acima de IP;
- Possuem o traço [+humano];
- Podem ser prosodicamente acentuados;
- Aparecem como segundo membro da coordenação;
- Têm Caso *default*.

b) Pronomes fracos:

- Ocupam posição dentro de IP;
- Não são especificados quanto ao traço [humano];
- Podem ser **livres** (homófonos aos fortes); **clíticos**; ou **afixos** de concordância (*Agreement* [+pronominal]) em línguas de sujeito nulo.

Com essa divisão dos pronomes, Kato (Op. cit.) propõe que, **em línguas de sujeito nulo**, o pronome fraco é a flexão de concordância, **um afixo**. Dessa forma, ele é inserido na posição de argumento externo de V ⁷⁸ durante a derivação da sentença, sendo, numa outra fase derivacional, adjungido ao núcleo T para satisfazer o traço EPP. Este seria o caso do PE, do italiano, do espanhol, ou seja, línguas de sujeito nulo. Por se tratar de adjunção de núcleos, o especificador de TP não é projetado na estrutura sentencial desse tipo de idioma. A autora (Op. cit.) elimina, assim, a categoria *pro* do maquinário sintático, já que a flexão funciona como um pronome e é inserida na derivação numa posição argumental.

O tópico (pronominal), numa língua de sujeito nulo como o PE, na proposta de Kato (Op. cit.), é gerado diretamente numa posição externa à sentença, que a autora denomina ΣP ⁷⁹. No

⁷⁸ Em sua proposta, Kato (1999) não adota a categoria *v*, a qual tem como complemento VP.

⁷⁹ Barbosa (2007) advoga, contudo, que essa posição nesse dialeto é adjunta a TP e é **apenas** ocupada por DPs que exercem a função discursiva de tópico (contrastivo ou não). Os DPs que ocupam uma posição acima de TP, no complexo-CP, lá se encontram por razões quantificacionais. Dessa forma, segundo Barbosa, a posição–A real dos sujeitos lexicais nas línguas de sujeito nulo, como o PE, seria uma posição pós-verbal, à qual está vinculada à interpretação de foco informacional.

tocante ao PB, o qual caminha para uma língua de sujeito não-nulo ⁸⁰, a autora propõe que a flexão verbal nesse dialeto deixou de ser pronominal, e é um pronome fraco livre que é inserido como argumento externo de V. As representações arbóreas, abaixo, ilustram as diferenças entre PB e PE no tocante ao argumento externo de V, ao elemento que ocupa Spec-TP e à posição do elemento tópico, tomando como base a expressão *eu falo* (do PE) / *eu, eu falo* (do PB):

(6.28) Estrutura do PE:

(6.29) Estrutura do PB:

Diante da proposta de Kato (Op. cit.), em línguas que possuem *Agreement* [-pronominal], como o PB, uma forma pronominal **fraca** diferente do afixo de concordância entra na posição Spec-*vP*, no caso, um pronome fraco livre homófono ao forte (*ele, ela* etc.). Dessa forma, uma primeira análise lógica de uma sentença com **sujeito pré-verbal pronominal** (pronome não-focalizado prosodicamente) **dobrando um tópico** (representado por uma expressão referencial), como (6.26) repetido, abaixo, como (6.30),

(6.30) **O Juliano, ele** comeu todo o bolo.

⁸⁰ Duarte (1986), entre outros autores, aponta o preenchimento cada vez mais intenso da posição de sujeito no PB.

seria assumir que o elemento pronominal fraco livre *ele* entra na derivação da sentença na posição Spec-*v*P, como argumento externo de *v*. Conforme as implementações do Programa Minimalista adotadas nesta tese (rever capítulo II, seção 2.3), o pronome *ele*, por ter traços-*phi* valorados e estar na margem da fase *v*P, é o alvo da sonda T para a valoração de seus traços-*phi* não-interpretáveis através da operação *Agree*. Durante essa mesma operação, a forma pronominal *ele* tem seu traço de Caso valorado em nominativo. Em seguida, pela operação *Copy*, é copiada e, pela operação *Merge*, concatenada à posição de especificador de TP, em virtude do traço EPP em T. Já o tópico constituído pela expressão referencial *o Juliano* sofreria seu único *Merge* na posição Top₃ do sistema C, por entrar na numeração portando o mesmo traço criterial que esse núcleo funcional⁸¹. A representação estrutural abaixo da sentença (6.30) demonstra estas operações:

(6.31) [_{ForceP} [_{TopP3} [_{DP} *o Juliano*] [_{FinP} [_{TP} [_{DP} *ele*_k] [_T *comeu*_i] [_{VP} [_{t_k}] [_{VP} [_V *t_i*] [_{DP} *todo o bolo*]]]]]]]]]

No PB, a possibilidade de um DP tópico ser dobrado por um pronome deriva, portanto, da análise acima proposta (de Kato Op. cit.). Enquanto o DP tópico é concatenado diretamente no sistema C, a forma pronominal fraca livre ocupa a posição Spec-TP. Supor que também o pronome *ele* portasse o traço criterial de tópico e que, em virtude disso, também fosse copiado para uma das posições Top do sistema C, seria um tanto estranho, na medida em que teríamos dois constituintes tópicos co-referenciais no sistema C, ou seja, repetição de tópico, fato não justificado nem semântica nem discursivamente. Seria por isso, também, que não existe o redobro do tópico por um pronome no PE, ou seja, este dialeto não possui pronomes fracos livres; assim, se uma forma pronominal é utilizada como um ‘sujeito aparente’, esta tem que ser uma forma pronominal **forte** e ocupar uma posição acima de TP (conforme Kato - 1999 e Barbosa - 2007). Contudo, contrariamente a Kato (Op. cit.), observo que um pronome forte poderia ocupar uma posição interna a sentença, pós-verbal, no PE, caso fosse foco informacional⁸².

Acontece que, como demonstrado pelos exemplos (6.25) e (6.27), nem sempre temos o redobro do elemento tópico no PB: às vezes, o próprio sujeito pré-verbal representado, ou por

⁸¹ Conforme Kato (1998a), DPs tópicos do português que são gerados diretamente no sistema-C possuem Caso nominativo *default*.

⁸² Conforme Costa (2000), um constituinte com a função de foco informacional, no PE, ocupa uma posição à direita da sentença. Acredito que essa seja a posição Foc periférica a VP proposta por Belletti (2002).

apenas uma expressão referencial (exemplo 6.32), ou por apenas um pronome (exemplo 6.27), exerce a função discursiva de tópico, pelo menos aparentemente, isto é, em termos de ordem linear. A seguir, analiso essas duas situações separadamente.

a) **Elemento tópico = expressão referencial:**

(6.32) **O Juliano** *comeu todo o bolo.*

Assumindo-se que o DP *o Juliano* exerce a função discursiva de tópico, este possui um traço criterial idêntico ao traço criterial de qualquer um dos núcleos Tops do sistema C propostos por Rizzi (2002). Assim sendo, ao ser gerado em Spec-*v*P por ser o argumento externo de *v* e, depois, ser copiado para a posição de Spec-TP pelos motivos já expostos em análises anteriores, esse DP ainda é copiado para a posição de especificador de TopP₃ por ser atraído pelo núcleo dessa projeção funcional o qual contém o mesmo traço criterial do DP. O movimento/cópia do DP *o Juliano* da posição Spec-TP para a posição Spec-TopP₃ é perfeitamente possível dentro dos pressupostos do quadro teórico adotado, ou seja, o princípio denominado *Criterial Freezing* de Rizzi (2004), o qual propõe que o constituinte fica congelado numa determinada posição, impedindo que ele sofra mais algum movimento/cópia, somente se aplica nesse momento da derivação, isto é, quando ocorre a satisfação de traços criteriais em certos núcleos funcionais do sistema-C.

Caso o DP *o Juliano* exerça a função de **foco contrastivo** ao invés de tópico (contrastivo ou não), a derivação é outra. Nesse caso, esse DP seria copiado da posição Spec-TP para a posição de Spec-FocP no sistema-C, por conter o mesmo traço criterial que o núcleo Foc e para poder ser interpretado como foco contrastivo nessa posição em LF.

b) **Elemento tópico = sujeito pré-verbal pronome:**

(6.33) **Ele** *comeu todo o bolo.*

Assumindo-se que o DP *ele* exerce a função de tópico, este possuiria um traço criterial idêntico ao traço criterial de qualquer um dos núcleos Tops do sistema C propostos por Rizzi (2002). Além disso, conforme Kato (1999), este tipo de pronome seria **uma forma**

forte e deveria ocupar uma posição acima de IP (apenas os pronomes fracos livres ocupam uma posição dentro de IP). Diante destes fatos, e sendo a sentença (6.33) gramatical no PB, o constituinte que ocuparia a posição Spec-TP seria o vestígio/cópia apagada do pronome forte *ele* (copiado para uma posição acima de TP). Dessa forma, o mesmo aconteceria com o sujeito pré-verbal pronominal exercendo a função de **foco contrastivo**, pois, também, neste caso, seria uma forma pronominal forte e, conseqüentemente, não poderia ocupar uma posição interna a TP (seria copiado para a posição Foc).

Contudo, caso a sentença apresentasse dois pronomes homófonos, como no exemplo abaixo:

(6.34) ***Ele**, ele comeu todo o bolo.*

a mesma análise da sentença (6.30) se aplicaria, pois o pronome tópico (forma pronominal forte *ele* antes da vírgula) seria gerado diretamente no sistema-C.

Tendo em vista a ausência de movimento para o tópico dobrado (sentenças 6.30 e 6.34) e a ocorrência de movimento na ausência do redobro do tópico (sentenças 6.32 e 6.33), formulo a seguinte indagação: haveria uma maneira de unificar os mecanismos de derivação dessas sentenças com tópico (dobrado ou não)? Em caso positivo, que fator⁸³ justificaria a escolha pelo sistema computacional de tal forma derivacional? Proponho-me a responder a tais questões na próxima subseção.

6.3.3. Etapa 3: A Proposta Unificadora

Nesta subseção, apresento propostas que adotam mecanismos sintáticos capazes de descrever, de forma unificadora, o processo de satisfação de requerimentos criteriosais pelo sujeito pré-verbal representado por quatro possíveis formas diferentes no PB, listadas novamente abaixo, com nova numeração:

- 1) Apenas um pronome pessoal não-clítico:

(6.35) **Ele** comeu todo o bolo.

- 2) Apenas uma expressão referencial:

(6.36) **O Juliano** comeu todo o bolo.

- 3) Um pronome pessoal fraco livre co-referente a um DP em posição de tópico;

(6.37) a) **O Juliano, ele** comeu todo o bolo.

b) **O Juliano, eu** acho que (**ele**) comeu todo o bolo.

c) **Eu** acho que **o Juliano, ele** comeu todo o bolo.

- 4) Dois pronomes homófonos, sendo um pronome fraco interno à oração, e um pronome forte externo à oração, em posição de tópico no sistema C.

(6.38) **Ele, ele** comeu todo o bolo.

A fim de realizar esta tarefa, discorro sobre a proposta de Kato (1998a). Estudando o redobro do elemento tópico por um pronominal interno a IP nas construções CLLD e LD, a autora propõe uma análise unificadora: em ambas as construções, o elemento tópico no PB é um DP deslocado de dentro de um DP complexo, isto é, um DP que se assemelha a **uma mini-oração**, cujo sujeito pode ser um **pronome fraco livre**⁸³, um **clítico** ou, inclusive, uma **categoria vazia** no caso da construção **Topicalização**. Observo que, na análise da autora, a construção LD equivale à construção denominada **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente** por Duarte (1987) para o PE. A seguir, relaciono exemplos de Kato (1998a, p. 69-70) que demonstram a aplicabilidade da proposta do DP mini-oração a diferentes tipos de sujeito⁸⁵:

- Com pronome fraco livre como sujeito, na construção LD:

(6.39) a) “*Eu* acho que [*ele_i o menorzinho_i*] é tímido.” (DP mini-oração)

b) “*O menorzinho_i, eu* acho que *t_i [ele_i t_j]* é tímido.”

⁸³ Supondo-se que não seja um fator de economia derivacional, pois é evidente que uma derivação com movimento do tópico seria mais custosa do que uma sem movimento e, por ser mais custosa, seria rejeitada.

⁸⁴ Em Kato (1998a) afirma-se ser um pronome forte o argumento/sujeito do DP mini-oração. Contudo, tal pronome “forte” assemelhasse ao **pronome fraco livre** da divisão proposta em Kato (1999), adotada nesta tese.

- Com clítico como sujeito, na construção *CLLD*:
 (6.40) a) *Eu acho que a Maria vai trazer [lo_i o menorzinho_i] hoje.* (DP mini-orção)
 b) *“Eu acho que o menorzinho_i a Maria vai trazê-lo_i hoje.”*
 c) *“O menorzinho_i eu acho que a Maria vai trazê-lo_i hoje.”*
- Com categoria vazia como sujeito, na construção *Topicalização*:
 (6.41) a) *“Eu acho que a Maria vai trazer [ø_i o menorzinho_i] hoje.”* (DP mini-orção)
 b) *“Eu acho que o menorzinho_i a Maria vai trazer ø_i hoje.”*
 c) *“O menorzinho_i eu acho que a Maria vai trazer ø_i hoje.”*

Nesses exemplos, pode-se observar que o constituinte *o menorzinho* é gerado numa mini-orção em posição argumental, dentro da qual funciona como predicado. Esse predicado, por sua vez, pode ter como argumento co-indexado a ele ou um pronome fraco livre, em (6.39); ou um clítico, em (6.40); ou uma categoria vazia, em (6.41).

De acordo com essa proposta, o DP predicado é movido de dentro da mini-orção para uma posição de tópico porque tem um traço que precisa ser verificado por um determinado núcleo funcional, o traço [+R], isto é, [+referencial]. O lugar de verificação desse traço, na proposta de Kato (Op. cit.), seria ΣP ⁸⁵, uma categoria funcional, dominada por CP, que recebe os elementos que têm traços relacionados ao discurso, como o [+R], e que exercem a função discursiva de tópico.

Apesar de criar um mecanismo que possibilita a unificação de análise do movimento do tópico nas construções *CLLD* e *LD*, a autora observa que esse mecanismo peca por não descrever o fato de que os DPs tópicos da *CLLD* e da *LD* se comportam de maneira diferente em relação à extensão do movimento que podem sofrer: o movimento do DP tópico, na primeira construção (*CLLD*), é **bloqueado por ilhas sintáticas**, enquanto o movimento do DP tópico da segunda construção não sofre essa restrição. O problema seria considerar o DP tópico como predicado em ambas as construções, pois um DP dessa natureza pode mover-se localmente ou a

⁸⁵ É preciso esclarecer que o DP tópico, nessa posição interna ao DP mini-orção, é co-indexado, e não ligado ao argumento sujeito desse DP. Se fosse ligado a esse argumento, haveria violação do Princípio C da Teoria da Ligação.

⁸⁶ Ao indicar ΣP , uma categoria funcional acima de IP e dominada pelo CP, como o lugar de pouso do tópico, Kato (1998a) diz estar seguindo a proposta de Martins (1994), para quem ΣP é a posição para onde vai o sujeito referencial do português.

longa distância sem ser bloqueado por ilhas sintáticas, para a posição de especificador de ΣP, fato observado **apenas** em uma construção, a CLLD.

Uma tentativa de solucionar o problema, conforme a autora, seria supor que, apenas na LD, o DP tópico possuiria o traço [+R] que o permitiria sofrer movimento longo e mesmo através de ilhas sintáticas, diferentemente do DP tópico na construção CLLD. Contudo, observa-se que tal solução não seria apropriada na medida em que o que diferencia o tópico de outras categorias discursivas, como o foco, por exemplo, é justamente o traço de referencialidade [+R]. Se um tópico se diferencia do outro pela ausência/presença desse traço, como diferenciar, então, o tópico de outras categorias, questiona Kato.

A resolução para o problema, contudo, é encontrada em outro trabalho: Kato & Raposo (2006). Conforme os autores, o movimento do elemento tópico de dentro de um DP complexo⁸⁷ pode ser **parcial** ou **integral**, dependendo do tipo de construção de tópico e se o dialeto é PE ou PB. Além disso, se o movimento for parcial, a construção de tópico apenas estará sujeita a restrições de ilhas sintáticas se não ocorrer discordância (*mismatch*) de Caso entre a parte movida do DP complexo e a parte deixada *in situ*. Em outros termos, os autores, seguindo a proposta de Boeck (2001), propõem que, havendo **discordância de Caso** entre a parte do DP complexo movida para uma posição de tópico e a parte desse DP complexo deixada em posição argumental, a construção de tópico não fica sujeita a restrições de ilhas. Assim, ilustro estes casos com exemplos dos Kato & Raposo (Op. cit.), citados abaixo:

- a) Construção **Topicalização**: movimento integral do DP complexo em PE, mas movimento parcial no PB:

⁸⁷ Em Kato & Raposo (2006), adota-se outra denominação para o DP mini-orção de Kato (1998a), a de um DP complexo formado pela adjunção de um N a um DP:

Observo que, em termos de BPS, tanto o DP como o N são considerados categorias máximas por não projetarem mais na relação estrutural em que se encontram, e que adjunção (cf. Hornstein - 2005) não recebe uma etiqueta. Além disso, independentemente da estrutura adotada (adjunção ou mini-orção), não é nada óbvio como o sistema computacional a forma, nem como uma sonda (T ou v) consegue “enxergar” dentro dessa estrutura e valorar o traço de Caso justamente do elemento N. Deixo essa questão aberta para futuras pesquisas. Observo, ainda, que não está claro o estatuto da **categoria vazia** na proposta de Kato & Raposo (Op. cit.).

(6.42) “(Estes CDs)_i, (eu) encontrei [uma loja que vende ec_i] na Paulista.” ✓ BP, *EP

O exemplo acima mostra que a sentença é **agramatical** no PE porque o movimento do DP complexo é integral, não havendo discordância de Caso entre uma parte movida (*estes CDs*) e uma parte *in situ* (∅). Contudo, no PB, esse movimento é parcial e ocorre a discordância de Caso entre a parte movida (nominativo *default*) e a parte deixada *in situ* do DP (acusativo). Dessa forma, tal construção (com ilha sintática) é gramatical nesse dialeto.

- b) Construção **CLLD**: movimento parcial do DP mini-orção, gramatical no PE, mas ausente no PB:

(6.43) a) “O capitão_i ^{default nom} encontrei o negociante que lhe_i ^{dative} telefonou ...” ✓ PE
 b) “Ao capitão_i ^{dative} encontrei o negociante que lhe_i ^{dative} telefonou.” * PE

Os exemplos (a) e (b) de (6.43) mostram que o DP complexo [[o capitão_i] [lhe_i]] sofre movimento parcial nesse tipo de construção de tópico no PE. A sentença (a) é gramatical porque ocorre discordância de Caso entre a parte do DP complexo *o capitão*, o qual possui Caso nominativo *default*, e a outra parte desse DP, o clítico *lhe*, o qual possui Caso dativo. Tal discordância de Caso, conforme os autores, anula as restrições de ilhas sintáticas: o elemento *o capitão* move-se de dentro de uma ilha sintática, a orção relativa *que lhe telefonou ontem*. Já a sentença (b), por seu turno, não apresenta discordância de Caso entre *ao capitão* e *lhe* (ambos possuem Caso dativo), fato que torna a construção sensível a ilhas sintática e, conseqüentemente, torna a sentença agramatical no PE.

- c) Construção **LD**: nesta construção, também ocorre o movimento parcial do DP complexo, tanto no PE como no PB:

(6.44) “O Pedro, (eu) conheço [a moça que casou com ele]” ✓ EP ✓ BP

Também nesta construção, por haver a discordância de Caso entre *o Pedro* (Caso nominativo *default*) e *ele* (Caso oblíquo), o movimento não fica sujeito aos efeitos de ilhas sintáticas.

Em virtude dos fatos observados acima, torna-se relevante, para a descrição do processo de satisfação de traços criteriais pelo sujeito pré-verbal, a consideração da questão da presença / ausência de ilhas sintáticas nas construções de tópico do PB que envolvem movimento / cópias de constituintes para a periferia esquerda da sentença, bem como a concordância/discordância de Caso entre elemento tópico e a categoria associada a ele interna à sentença. Proponho, então, para esta tarefa, utilizar a proposta de Kato & Raposo (2006). Assim, inicie, a seguir, a descrição do processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito pré-verbal, assumindo tal proposta e tendo os exemplos de (6.35) a (6.38), repetidos, abaixo, com a numeração de (6.45) a (6.48), respectivamente:

(6.45) **Ele** comeu todo o bolo.

(6.46) **O Juliano** comeu todo o bolo.

(6.47) a) **O Juliano, ele** comeu todo o bolo.

b) **O Juliano**, eu acho que (**ele**) comeu todo o bolo.

c) Eu acho que **o Juliano, ele** comeu todo o bolo.

(6.48) **Ele, ele** comeu todo o bolo.

Seguindo Kato & Raposo (2006), nos exemplos (6.46) e (6.47), os constituintes em negrito seriam considerados um DP complexo, formado pelo DP *o Juliano* e pelo N *ele* (ou por N $\emptyset$, no caso de não haver redobro aparente do tópico). Em ambas as situações, N entra na

numeração com traços-*phi* idênticos aos do DP, mesmo quando N é uma categoria vazia ⁸⁸. As representações abaixo ilustram esses dois casos, respectivamente:

(6.49) [DP [DP o Juliano]_i] [N $\emptyset$ _i]

(6.50) [DP [DP o Juliano]_i] [N *ele*_i]

Dessa forma, o DP complexo em Spec-*vP*, por conter DPs com traços-*phi* valorados/interpretáveis, mesmo no caso da categoria vazia, e estar na margem da Fase *vP*, é o alvo da sonda T, a qual contém traços-*phi* não-valorados. Pela operação *Agree* ocorre a valoração dos traços-*phi* em T. Com esse processo de concordância, os traços-*phi* em T são apagados, e o traço de Caso não valorado de N ($\emptyset$ ou *ele*) do DP complexo é valorado em nominativo. Como o DP *o Juliano* porta o traço criterial de tópico, proponho que este não tenha seu traço de Caso valorado pela sonda T. Assim, após a cópia do DP complexo para a posição de Spec-TP em virtude da presença do traço EPP em T, a parte desse DP complexo portadora do traço criterial de tópico (isto é, o DP *o Juliano*) é atraída por um dos núcleos Top do sistema C para a posição de seu especificador por conter um traço criterial idêntico ao desse núcleo. Nessa posição, esse DP tem seu traço de Caso valorado em nominativo *default*. A representação estrutural das sentenças (6.46) e (6.47a) são as relacionadas abaixo, respectivamente:

(6.51) [_{ForceP} [_{TopP3} [DP o Juliano]_w [_{FinP} [_{TP} [DP [DP *t*]_w [N $\emptyset$]_k [_T *comeu*_i [_{VP} [_t_k] [_{VP} [_V *t*_i] [_{DP} todo o bolo]]]]]]]]]]]

(6.52) [_{ForceP} [_{TopP3} [DP o Juliano]_w [_{FinP} [_{TP} [DP [DP *t*]_w [N *ele*]_k [_T *comeu*_i [_{VP} [_t_k] [_{VP} [_V *t*_i] [_{DP} todo o bolo]]]]]]]]]]]

Quanto aos exemplos (6.47b,c), nesta análise, contudo, não fica claro o porquê de o elemento tópico *o Juliano* poder ocupar ora na posição Top do sistema C da oração encaixada ([_{CP} *me disseram* [_{CP} *que o Juliano, ele comeu todo o bolo*]]), ora a posição Top do sistema C da matriz ([_{CP} *o Juliano, me disseram* [_{CP} *que ele comeu todo o bolo*]]). Como ambas as sentenças são gramaticais no PB, presume-se que o princípio denominado *Criterial Freezing* de Rizzi

⁸⁸ Conforme Holmberg (2005), *Apud* Barbosa (2007), “ *The null subject is specified for interpretable ...phi - features, values the uninterpretable features in Agr, and moves to Spec,IP, just like any other subject. This implies that the nullness is a phonological matter: the null subject is a pronoun that is not pronounced.*”

(2004) **está operativo no sistema C de ambas as orações**. Mas o que faz com que ele seja operativo, ora numa situação, ora em outra, não está previsto pela proposta do autor (Op. cit.).

Resta-me, ainda, discorrer sobre o caso em que o sujeito pré-verbal é simplesmente uma forma pronominal sem redobro “aparente”, como em (6.45), reapresentado abaixo como (6.53), e sobre o caso em que o sujeito é uma forma pronominal fraca homófona a uma forma pronominal forte em posição de tópico, como em (6.48), reapresentado abaixo como (6.54):

(6.53) Ele *comeu todo o bolo*.

(6.54) Ele, ele *comeu todo o bolo*.

A partir do que pode ser observado em (6.54), ou seja, o redobro do elemento tópico por uma forma homófona, é possível, também nesse caso, advogar que o argumento externo de *v* é igualmente um DP complexo nos dois exemplos acima. Em (6.54), a parte DP é a forma pronominal **forte** *ele*, enquanto a parte N é a forma pronominal **fraca** *ele*. Já em (6.53), a parte N é uma categoria vazia ($\emptyset$). Assim, em (6.53), $\emptyset$ ocupa a posição de Spec-TP (após as operações *Agree* e *Copy*), enquanto que a forma pronominal forte *ele* é copiada dessa posição para uma das posições Top, em virtude de conter o traço criterial de tópico. No caso de $\emptyset$ ser pronunciado, ou seja, de entrar a forma pronominal fraca livre *ele* na numeração (como no exemplo 6.54), esta, então, passa a ocupar a posição de Spec-TP. Abaixo, apresento a representação estrutural dessas duas sentenças:

(6.55) representação da sentença (6.53):

[ForceP [TopP3 [DP **ele**]_w [FinP [TP [DP [DP **t**]_w [N $\emptyset$]]_k [T *comproui* [vP [t_k] [vP [V **t**]] [PP *um carro novo*]]]]]]]]

(6.56) Representação da sentença (6.54):

[ForceP [TopP3 [DP **ele**]_w [FinP [TP [DP [DP **t**]_w [N **ele**]]_k [T *comproui* [vP [t_k] [vP [V **t**]] [PP *um carro novo*]]]]]]]]

Resumidamente, observo que o processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito pré-verbal, seguindo-se a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004), tanto em sentenças do PB com redobro do tópico como nas sentenças sem esse redobro aparente, pode ser

adequadamente descrito, se forem consideradas, conjuntamente, as seguintes propostas de análise:

- Divisão dos pronomes em fracos e fortes, de Kato (1999): em línguas que possuem *Agreement* [-pronominal], como o PB, uma forma pronominal fraca diferente do afixo de concordância entra na posição Spec- ν P, sendo que tal forma pode ser, ora não-realizada foneticamente, isto é, uma categoria vazia, ora realizada foneticamente, isto é, um pronome fraco livre homófono ao forte (*ele, ela* etc.).
- DP complexo para as construções de tópico e movimento parcial do elemento tópico no PB, havendo discordância de Caso entre o elemento deslocado e o pronome resumptivo / categoria vazia, de Kato & Raposo (2006);

No tocante ao sujeito pré-verbal com a função discursiva de **foco contrastivo**, observo que, por não ser possível o redobro do foco por um elemento pronominal e, tendo em mente que o foco, no PB, não escapa dos efeitos de ilhas sintáticas, não há justificativa empírica para a adoção da proposta do DP complexo como um recurso sintático para a descrição do seu processo de satisfação de requerimentos criteriais. Assim, o pronome forte (ou a expressão referencial) gerado como argumento externo de ν P tem seu traço de Caso valorado em nominativo pela sonda T. Depois de ser copiado para Spec-TP em virtude do traço EPP em T, é também copiado para a posição Spec-FocP do sistema-C (por portar o traço criterial de foco contrastivo). Contudo, sendo a proposta do DP complexo adotada para o foco contrastivo, a parte N desse DP complexo, sempre nula, receberia Caso nominativo pela sonda T ⁸⁹, enquanto que a parte DP (pronome forte/expressão referencial) ficaria sem seu traço de Caso valorado por não haver Caso nominativo *default* para foco ⁹⁰.

⁸⁹Assumindo-se que seja sempre a parte não portadora de traço criterial do DP complexo a preferida para a operação *Agree* em T.

⁹⁰Kato (1998a) propõe que o DP tópico receba Caso nominativo *default* no PB. Que eu saiba, nenhum trabalho propõe um Caso “default” para o **DP foco**.

6.4. A PROBLEMÁTICA EM TORNO DA CONSTRUÇÃO *TÓPICO SUJEITO*

Conforme apresentado no capítulo I, seção 1.6, Galves (1998b) denomina *Tópico Sujeito* um outro tipo de construção de tópico identificada por Pontes (1987) no PB. Nesse tipo de construção, conforme Galves (Op. cit.), um PP locativo é deslocado à esquerda sem sua preposição e, após sofrer esse deslocamento, comporta-se **como o sujeito da frase, visto que estabelece concordância com o verbo**, como pode ser visto pelo exemplo repetido abaixo:

(6.57) “*Esta(s) casa(s) bate(m) muito sol.*”

A razão de eu estar lidando, nesta seção, com este tipo de construção de tópico é que ela contém um elemento pré-verbal, aparentemente um sujeito, exercendo uma função discursiva, a de tópico, considerada como sendo gerada a partir da sentença (6.58) abaixo, como um dos argumentos internos de um verbo transitivo:

(6.58) *Bate muito sol nesta casa.*

Arg.	Arg.
tema	locativo
(nominativo)	(oblíquo)

Acontece que a sentença (6.57) não pode ser gerada a partir de (6.58) por pelo menos dois motivos:

- 1) A perda da preposição *em* do PP *nesta casa* ficaria sem descrição, ou seja, não haveria justificativa para a preposição “sumir” da estrutura sentencial simplesmente porque o PP foi deslocado à esquerda;
- 2) Essas sentenças não possuem exatamente a mesma interpretação: observe que em (6.57) o DP *esta casa* foi eleito, pelo falante, o **tópico de um comentário**. Veja pelo diálogo abaixo:

(6.59) *A: Você gostaria de comprar esta casa?*

B1: Ah, não. Esta casa, (ela) bate muito sol. Deus me livre!

ou

B2: Ah, não. Nesta casa (,) bate muito sol. Deus me livre!

Em (6.59B1), o constituinte sublinhado é interpretado como tópico, pois pode ser pronunciado com certa pausa entre ele e seu comentário; além disso, pode ser retomado por um pronome resumptivo. Mesmo em (6.59B2) o constituinte *nesta casa*, um PP, apesar de não poder ser retomado por um resumptivo, é interpretado como tópico, pois também pode ser pronunciado com certa pausa antes de seu comentário. Em contrapartida, o constituinte *nesta casa* em (6.58) não é interpretado como o tópico de uma estrutura do tipo “tópico + comentário”, apesar de fazer parte do assunto da pergunta “comprar esta casa”. Veja o diálogo abaixo:

(6.60) A: Você gostaria de comprar esta casa?

B: Ah, não. Bate muito sol (,) nesta casa.*

O próprio fato de o PP *nesta casa* não poder ser pronunciado com uma certa pausa do restante da sentença é evidência de que não se trata de uma construção do tipo “tópico + comentário”. Contudo, veja que, caso uma pausa fosse possível com um DP no final da sentença, como em (6.61),

(6.61) Ah não. (ela) é muito cara, esta casa.

teríamos um tópico “deslocado à direita”: o DP *esta casa* pode ser pronunciado com certa pausa do restante da sentença e pode até ser dobrado por um pronome. Neste caso, temos um antitópico, mas não em (6.60B).

Explicadas as diferenças semânticas e sintáticas entre as sentenças (6.57) e (6.58), passo a investigar o processo de derivação de cada uma delas, a fim de investigar como a estrutura da informação interage com a sintaxe do PB.

Tendo em mente o quadro teórico adotado do MP, a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004), além da tentativa de se unificar as construções de tópico através da proposta do DP complexo e do movimento parcial do elemento tópico de Kato & Raposo (2006), uma análise

lógica da derivação da sentença em (6.57) [*Esta casa bate muito sol* / *Estas casas batem muito sol*] é a seguinte:

1. A sentença em (6.57) contém um predicador “transitivo” (*bater*, significando algo como “receber”), o qual seleciona dois argumentos **internos**: um **alvo**, representado pelo DP complexo $[_{DP} [_{DP} \text{ esta casa}_i] [_N \emptyset_i]]$, que é concatenado na posição Spec-VP; e um **tema**, representado pelo DP *muito sol*, que é concatenado na posição de complemento de V. Observe a representação da parte relevante da estrutura, abaixo:

(6.62) [... $[_{VP} [_{DP} [_{DP} \text{ esta casa}] [_N \emptyset]]$] $[_V \text{ bater } [_{DP} \text{ muito sol}]]$]]]]]

2. A sonda ν não é projetada na estrutura sentencial, pois não é selecionada para a numeração, visto que o predicador verbal não seleciona argumento externo e que a sentença não admite passivização. Dessa forma, a O DP *muito sol* na posição de complemento de V recebe Caso acusativo inerente nessa posição mesmo.
3. A Fase 1 da derivação continua: ocorre a concatenação da sonda T na estrutura, que, por portar traços-*phi* não-valorados, vasculha a parte da estrutura c-comandada por ela em busca de traços compatíveis. A sonda os encontra no DP complexo na posição Spec-VP e dá-se a operação *Agree* entre eles. Por essa operação, o traço de Caso da parte N do DP complexo é valorado em nominativo.
4. O traço EPP presente em T faz com que seu especificador seja projetado e com que o DP complexo seja copiado para essa posição de especificador. Após ocupar a posição Spec-TP, a parte do DP complexo portadora do traço criterial de tópico, isso é, o constituinte *esta casa*, é atraída por um dos núcleos Top do sistema-C, em virtude de portar o mesmo traço criterial que esse núcleo. Em virtude do mesmo fato tem, ainda, seu traço de Caso valorado em nominativo *default*. Pela operação *Copy*, é copiada, então, para a posição Spec-TopP₃, finalizando a derivação da estrutura. A representação da derivação inteira da sentença (sem e com resumptivo) encontra-se ilustrada abaixo:

(6.63) $[_{ForceP} [_{TopP3} [_{DP} \text{ esta casa(s)}]_i] [_{FinP} [_{TP} [_{DP} [_{DP} t]_i] [_N \emptyset/\text{ela(s)}]]_k] [_T \text{ bate(m)}]_r] [_{TopP} [_t]_k] [_{VP} [_t]_k] [_V [_t]_r] [_{DP} \text{ muito sol}]]]]]]]$

A análise proposta descreve adequadamente, ainda, o fato de que o “tópico” desencadeia concordância no verbo, já que uma categoria vazia ou um pronome livre fraco (co-referente ao tópico e com os mesmos traços-*phi* que ele) ocupa a posição Spec-TP, por participar da valoração dos traços-*phi* não-interpretáveis da sonda T. Assim, pela mesma análise, também não é preciso advogar que o tópico ocupa uma posição interna à sentença no PB simplesmente porque se estabelece concordância entre ele e o verbo.

Agora, vejamos como ficaria a derivação da sentença (6.58), repetida, abaixo, com nova numeração:

(6.64) *Bate muito sol nesta casa.*

Tendo em mente que seus constituintes se organizam numa ordem diferente daquela em que os constituintes em (6.57) se encontram e que sua interpretação é também diferente, uma análise lógica do processo derivacional da sentença (6.64 / 6.58) é a seguinte:

- 1) A sentença (6.64) contém um predador inacusativo (o verbo *bater*), o qual seleciona também dois argumentos **internos**: um **tema**, representado pelo DP *muito sol*, que é concatenado na posição Spec-VP; e um **locativo**, representado pelo PP *nesta casa*, que é concatenado na posição de complemento de V. Note que, também na derivação desta sentença, a sonda *v* não é projetada e nem selecionada para a numeração, visto que o predador verbal não seleciona argumento externo. A representação da parte relevante da estrutura encontra-se abaixo:

(6.65) [... [_{VP} [_{DP} muito sol] [_V bater [_{PP} nesta casa]]]]]

- 2) O PP *nesta casa* tem seu traço de Caso valorado pela preposição em ablativo e fica congelado em sua posição de base mesmo, pois não porta nenhum traço criterial.
- 3) A sonda T, após ser concatenada na estrutura, vasculha a parte c-comandada da sentença por ela em busca de traços-*phi* compatíveis. Ela os detecta no DP *muito sol* em Spec-VP, já que, com a ausência da sonda *v*, a Fase 1 da derivação continua até a inserção de T.

Dá-se a operação *Agree* entre T e o DP *muito sol*, sendo que este tem seu traço de Caso valorado em nominativo por tal operação.

- 4) O verbo é copiado para o núcleo T, e a ordem V (bate) + DP (muito sol) + PP (nesta casa) é derivada e mantida, pois o especificador de TP não é projetado: **proponho que, no PB, o traço EPP não está presente em T, quando um DP portador de um traço criterial não é selecionado para a numeração.** Em outros termos, se um DP complexo portador de um traço formal [D] e de um traço criterial não fizer parte da estrutura, o especificador de TP não é projetado. Esta proposta vai ao encontro da observação de Chomsky (2004) de que o traço EPP se assemelha a OCC, um traço criterial (ver nota de rodapé nº 42). A representação da derivação inteira da sentença encontra-se ilustrada abaixo:

(6.66) [_{CP} [_{TP} [_T bate_r [_{DP} muito sol]_k] [_{VP} [_t]_k] [_V [_t]_r] [_{PP} nesta casa]]]]]]]]]]]

A análise apresentada descreve adequadamente também minha proposta de que, no PB, apenas os constituintes que desempenham a função discursiva de **tópico** ou **de foco contrastivo**⁹¹ precisam entrar na numeração portando traços criteriais relevantes, os quais fazem com que esses constituintes sejam deslocados para projeções funcionais existentes na periferia esquerda da sentença; já constituintes com a função de foco informacional são assim interpretados por *default*, ou seja, quando não portam nenhum traço criterial (nem de tópico, nem de foco contrastivo, nem de proeminência).

⁹¹ Apenas deixei de mencionar a função “proeminência discursiva” porque esta não é relevante para as sentenças em análise. É claro que, como já demonstrado por Araújo (2006), o traço criterial de tal função é também mapeado na sintaxe do português, isto é, constituintes que portam tal traço são deslocados para a posição Mod no sistema-C antes de seu *Spell-Out*.

SEGUNDA PARTE: REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO NA ORDEM VS

6.5. A ORDEM VS NOS ESTUDOS DIACRÔNICOS DO PORTUGUÊS

As línguas naturais demonstram que não apenas a ordem SV, mas também a ordem VS pode ser utilizada para mapear, no componente gerativo da gramática, a posição de constituintes em relação a suas funções discursivas. Contudo, para se compreender essa inversão, é preciso analisar se ela é apenas um **fenômeno sintático** particular de uma dada língua ou se ela, de fato, ocorre para satisfazer propriedades discursivas. Discutir a ordem VS, portanto, implica discutir os prováveis tipos de inversão nas línguas românicas e a sua possível relação com a estrutura da informação. **Meu objetivo, contudo, nesta tese, não é discorrer de forma exaustiva sobre os tipos de inversões que geram a ordem VS**; meu objetivo é, de fato, investigar se o sujeito pós-verbal exerce alguma função discursiva no PB atual, principalmente a de foco informacional, para se propor ou não a existência de um núcleo funcional periférico a *vP*, conforme Belletti (2002), para mapear na sintaxe, constituintes com essa função discursiva.

Assim, apenas passando uma informação sintetizada sobre o assunto, discorro sobre os trabalhos de Ribeiro (1995, 1996, 2001). Esta autora, em seus estudos sobre a ordem dos constituintes do português, atesta três possibilidades de inversão ao longo de sua história: a **românica**, a **inacusativa** e a **germânica**.

A inversão românica, encontrada em algumas línguas modernas, como o espanhol, o italiano e o PE, é considerada **uma inversão livre** porque todos os tipos de verbo podem participar dessa construção. Contudo, existem restrições quanto ao tipo do sujeito que pode estar posposto ao verbo: ou ele é fonologicamente “pesado”, ou tem algum tipo de proeminência no discurso ⁹². Além disso, fazem parte das características da inversão românica, de acordo com Ribeiro (1996), a possibilidade de inserção de algum elemento entre o verbo e o sujeito e, em construções com participípio, o sujeito segue este último. Abaixo, cito alguns exemplos encontrados por Araújo (2006) de construções com inversão românica, em que se atestam as ordens **XVXS** e **XXVS**, sendo X o tópico e/ou advérbio, e S um sujeito pesado:

⁹² Comento que, se existe algum tipo de proeminência no discurso, então esse tipo de inversão não parece ser tão livre assim, pois deve ocorrer em função da satisfação de requerimentos criteriais, conforme Rizzi (2002, 2004).

- PORTUGUÊS EUROPEU – século XVIII

Ordem XVXS:

(6.67) “O tal papel das preces, e oração a David deu-o àquela mulher **o seu confessor, que é padre crucífero com a condição de rezar tanto cada dia, e trazê-lo consigo**” (ex. 112, cáp. VII)

- PORTUGUÊS BRASILEIRO – século XIX

Ordem XVXS:

(6.68) “Ao projecto d’este (tendente ao phonetismo) oppoz-se logo **o Salvador de Mendonça, que apresentou um contra-projecto assignado por elle e pelo Ruy Barbosa, Mario de Alencar, Sylvio Romero, Euclides da Cunha, Lucio de Mendonça.**” (ex. 116, cáp. VII)

Ordem XVXXS:

(6.69) “Dela depende, indirectamente, também **a solução do meu negócio do rio Branco, o qual há de demorar algum tempo por estarmos hoje no mais embrulhado da situação européia.**” (ex. 117, cáp. VII)

Apesar de ocorrer mais por fatores fonológicos do que por morfológicos (como o fato de o sujeito ou de o objeto ser pesado), há casos em que a inversão românica pode ocorrer sem restrições, mesmo que o sujeito ou o objeto seja leve. Cito uns dos exemplos desta situação encontrados em Araújo (2006):

(6.70) “Quanto ao caso - Paris, disse-me ontem **o Barros Gomes** estar decidida a tua nomeação: por isso o participei aos leitores do Repórter.” (ex. 138, cáp. VII)

(6.71) “E seja como for os nomes dos amigos - vou-os **eu** estampando no Prospecto, - o teu à frente.” (ex. 139, cáp. VII)

Exemplos como os acima, segundo Araújo (Op. cit.), **podem indicar** que a ordem dos constituintes está seguindo, além dos requerimentos fonológicos, os requerimentos da estrutura

da informação, uma vez que o sujeito posposto geralmente se refere a uma **informação nova**, sendo, portanto, **um foco informacional**, como o apontam alguns estudos ⁹³. Contudo, esse fato precisa ser melhor explorado.

A inversão inacusativa, por seu turno, depende das propriedades do verbo ou da construção em que ele se encontra ⁹⁴. Existem duas possibilidades para esse tipo de inversão: (i) com verbos inacusativos que s-selecionam **um** ou **dois** argumentos internos, mas não podem checar o Caso acusativo de um desses argumentos (cf. Generalização de Burzio (1986)); e (ii) com construções na voz passiva, uma vez que, nestas, o verbo flexionado com o morfema de particípio fica impossibilitado de checar o Caso acusativo do objeto direto. Em todos esses casos, o argumento interno tem o seu primeiro *Merge* na posição do objeto e pode ou permanecer *in situ* ou ser movido para a posição pré-verbal. Abaixo, cito alguns exemplos de Araújo (2006) de construções com inversão inacusativa:

- PORTUGUÊS EUROPEU – século XVIII

Ordem (X)XVS:

(6.72) “*Nesta conta entram **as folhas do Vitex ou Agnus Castus, que servindo de cama às virgens vestais, as preservavam da tentação de perder aquela flor que deviam conservar sob pena de serem enterradas vivas.***” (ex. 118, cáp. VII)

(6.73) “*Na Biblioteca del-rei Cristianíssimo acham-se **seis livros mais gordos que o teu Scapin, e constam De Infelicitate Litteratorum que é o mesmo que dizer De Paupertate Musicorum.***” (ex. 119, cáp VII)

- PORTUGUÊS EUROPEU – século XIX

Ordem XVS:

(6.74) “*e daquela amputação pode vir **a saude para o resto do corpo.***” (ex. 121, cáp. VII)

Ordem XVXS:

(6.75) “*Do Centenário de Colombo resultaram para Portugal **três grã-cruzes a homens de letras. A primeira para Oliveira Martins; a segunda, pouco antes da minha, foi para Pinheiro Chagas; a terceira foi para mim.***” (ex. 122, cáp. VII)

⁹³ Dentre eles, Costa (2000) e Barbosa (2007).

Ordem XVS:

(6.76) “E nas cartas ao seu alfaiate encontram-se **as regras mais profundas da arte de fascinar.**” (ex. 123, cáp. VII)

▪ PORTUGUÊS BRASILEIRO – século XIX

Ordem XVS:

(6.77) “Assim à sua missão deve-se **a paz definitiva que tem reinado até hoje na Igreja do Brasil!**” (ex. 124, cáp. VII)

(6.78) “Nesse excesso de despesas, nas que fiz para deixar Londres, nas que fiz em Roma o ano passado e vou fazer êste ano, desaparece **a ajuda de custo que recebi.**” (ex. 125, cáp. VII)

A inversão germânica, de acordo com Ribeiro (2001), é comum nas línguas germânicas modernas, exceto o inglês, e caracteriza-se pelo deslocamento do verbo para o sistema C, com o deslocamento de algum outro constituinte para anteceder o verbo, **o que deriva a ordem XV**, com o verbo em segunda posição (V2). É condicionada por fatores **morfológicos**, uma vez que as línguas em que ela é obrigatória portam o traço [+v] em C, típico das chamadas línguas V2 (cf. GALVES, 2001). Outras características desse tipo de inversão são citadas em Ribeiro (1996), como: **o sujeito fica numa posição que antecede a do objeto direto, derivando a ordem XVSO**; e, em construções com participípio, o sujeito o precede. Ribeiro observa, ainda, que este último tipo de inversão pode ser considerado um “divisor sintático” entre as línguas românicas modernas que não permitem essa inversão, e as línguas germânicas em que a inversão é obrigatória ⁹⁵. Abaixo, cito alguns exemplos encontrados por Araújo (2006) deste tipo de construção (o verbo encontra-se na segunda posição, com a ordem XVS):

⁹⁴ A classificação dos tipos de verbo como inacusativos tem como base Mioto *et alii* (2005).

⁹⁵ Na verdade, a possibilidade da inversão germânica separa não só as línguas românicas das germânicas, mas também períodos internos à própria língua românica, como ocorreu no português, conforme dados de Ribeiro (2001). Ela divide três períodos: (1) entre os séculos XIII e XVI, no português arcaico, a inversão germânica era permitida; (2) entre os séculos XVI e XVII, no português clássico, a inversão germânica torna-se menos freqüente (conforme dados apresentados por Torres Morais (1995)); e (3) a partir do século XVIII, ainda no português

▪ PORTUGUÊS EUROPEU – século XVIII

(6.79) “*Pelo que respeita à castelhana **pode** Vossa Senhoria **dizer** o que quiser, sem que me obrigue a dar-lhe resposta no caso que se engane alguma vez, visto que as gentes espanholas fazem reino à parte y reyno suyo que es en el su mayor glória.*” (ex. 128, cáp. VII)

(6.80) “*A estas últimas **chamam** os médicos doenças contra as leis da Natureza.*” (ex. 129, cap. VII)

▪ PORTUGUÊS EUROPEU – século XIX

(6.81) “*No quarto dele, muito bonito na sua modéstia, móveis confortáveis e um renque de flores na janela, ao lado da cama pendia da parede um crucifixo, e aos dois lados, debaixo dos braços da cruz, **tinha** o José pregado na parede, sem moldura, os retratos da mãe e da irmã.*” (ex. 133, cáp. VII)

▪ PORTUGUÊS BRASILEIRO – século XIX

(6.82) “*Ao amigo dr. Ferreira Jacobina **envia** o Dantas cumprimentos muitos afetuosos, e pede-lhe o obséquio de entregar em mão ao ministro da Fazenda, e sem demora, o papel incluso.*” (ex. 135, cáp. VII)

No tocante às diferenças entre o PE e o PB modernos, Ribeiro (2001), seguindo os resultados de outras pesquisas ⁹⁶, admite que no primeiro dialeto é possível a inversão germânica, mas **não no segundo**, chamando a atenção para dois fatos: (i) o PB não pode ter “perdido” a inversão germânica porque a gramática do PE que aqui chegou no século XVI não atestava essa inversão; e (ii) a diferença de possibilidades de inversão entre as duas variedades do português pode estar nas estratégias de focalização, ou seja, nas estratégias utilizadas em cada dialeto para o atendimento à estrutura da informação ⁹⁷.

clássico, e século XIX, início do português europeu moderno, a inversão germânica volta a fazer parte da gramática dessa língua.

⁹⁶ Pesquisas de Torres Morais (1995); Lopes Rossi (1996); Galves (2001); entre outras.

⁹⁷ Por outro lado, Ribeiro (2001) observa que, considerando-se os dados históricos em relação ao PB, destaca-se um fato que poderia justificar a presença da inversão germânica nesse dialeto: a chegada da Corte Portuguesa no Brasil no início do século XIX traz a gramática do século XVIII, período em que, de acordo com a autora, a inversão

Araújo (2006) salienta que seus exemplos do PB não podem ser usados para afirmar que a inversão germânica fazia parte da gramática desse dialeto na época, levando-se em consideração a opção estilística do autor e a influência da gramática do PE em seu conhecimento lingüístico formal ⁹⁸. Por outro lado, Araújo constata que, tanto nos dados do PE quanto nos dados do PB retirados de seus *corpora*, a inversão livre (ou românica) e a inversão inacusativa são recursos utilizados **para a focalização do sujeito**, utilizando não só DPs indefinidos com a função sintática de sujeito, mas também definidos.

6.6. A ORDEM VS E A FUNÇÃO DISCURSIVA DO *SUJEITO* NOS DADOS DO *CORPUS* DO PB – SÉCULOS XIX e XX

Nesta seção, investigo as funções discursivas que o sujeito exerce na ordem VS através de exemplos retirados do *corpus*. Como não estou preocupado em diferenciar inversão românica de inversão germânica, mas sim em analisar a função discursiva do sujeito na ordem VS a fim de encontrar evidências a favor ou contra a existência de uma posição Foc (de foco informacional) interna à sentença no PB, relaciono os exemplos em dois grandes grupos: (i) inversões com verbos inacusativos (ou na voz passiva) e (ii) inversões com verbos transitivos ou inergativos. Inversões com exemplos deste segundo grupo me chamam a atenção porque seguem um padrão de escrita com base no PE, enquanto os exemplos do primeiro grupo tendem a ter o sujeito em posição pós-verbal em virtude de o predador verbal ser do tipo que não seleciona argumento

germânica voltava a ser atestada no português europeu. Tendo em mente esse dado, poderia ser sugerido que houve influência dessa gramática nas produções brasileiras e que daí talvez se justificasse a ocorrência da inversão germânica nos dados brasileiros. Os estudos de Torres Morais (1995), entretanto, evidenciam que é justamente nesse período, a partir do século XVIII, que o português brasileiro começa a evidenciar a perda da inversão verbo-sujeito, com tendência crescente no século XIX até a sua quase completa extinção no século XX. De acordo com os seus dados, considerando todos os contextos de inversão, a ocorrência de inversão no século XIX chega a 38% dos dados encontrados contra 2% no século XX.

⁹⁸ Por outro lado, Belletti (2002), estuda as possibilidades de inversão nas línguas românicas, seguindo Pollock (2001), e propõe que, a depender do estatuto sintático dessas línguas, elas podem permitir dois tipos de inversão: a **livre**, se for de sujeito nulo, como o italiano e o PE; e a **estilística**, se for de sujeito não-nulo, como o francês. Assim, para explicar a diferença entre as duas inversões, a autora (Op. cit.) propõe que a inversão livre ocorre com o sujeito localizado em FocP na periferia de VP, o que implica que ele está interno à oração e tem a função de **foco informacional**. Na inversão estilística, entretanto, o sujeito está alto porque se move para a periferia esquerda, no complexo-CP, pois tem a função de **foco contrastivo**, e a parte remanescente do IP vai para uma posição mais alta que a do sujeito.

externo.

6.6.1. Exemplos da inversão inacusativa:

Esse tipo de construção ocorre de forma abundante nos textos do *corpus* inteiro; contudo, **destaca-se nos textos do século XX, já que outros tipos de inversões são raríssimos nesse século.** Na maioria dos exemplos de sujeito pós-verbal com verbo inacusativo, observei que a **sentença toda representa o foco informacional** e não apenas o argumento interno do verbo. Foram detectados, também, alguns casos de sujeito pós-verbal com a função de foco contrastivo e de tópico. Abaixo cito alguns exemplos:

➤ Foco informacional na sentença inteira:

- (6.83) (...) Hoje falta-me o tempo para as distrações. [(1), I, 4, Eduardo]
- (6.84) Que dizes?... Cá está uma gravata. [(1), I, 1, Carlotinha]
- (6.85) Quase dez. Como passa rapidamente o tempo aqui! [(1), III, 14, Azevedo]
- (6.86) (...) Aqui está uma ordem sobre o Souto; (...). [(1), IV, 18, Eduardo]
- (6.87) Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. [(2), I, 13, Barão, 608]
- (6.88) Não é preciso; lá vem ele. [(2), I, 8, D. Cecília, 582]
- (6.89) “Chasseur”! Pois não havia uma palavra em português para ... [(3), I, I, 5, Figueiredo, 18]
- (6.90) Aqui tens vinte mil réis. [(3), I, I, 7, Gouveia, 24]
- (6.91) Não há perigo. [(3), I, III, 4, Gouveia, 61]
- (6.92) (...) Ontem saiu o 5 três vezes seguidas! [(3), I, I, 6, Gouveia, 22]
- (6.93) (...) Ainda agora está lá no hotel uma família de Minas que trouxe consigo uma mucama... [(3), I, II, 1, Figueiredo, 34]
- (6.94) (...) Mas em boa hora foi organizada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado! [(3), I, I, 2, o gerente, 11]
- (6.95) (...) Veja como vou para casa cheio de embrulhos! E é isso todos os dias! Vão aqui empadinhas, doces, queijo, chocolate Andaluza, sorvetes de viagem, o diabo! Tudo gulodices! [(3), I, III, 1, Rodrigues, 48]
- (6.96) Só faltam os talhares, que vou arêar. [(4), I, 1, Adelaide, 20]
- (6.97) Não, senhora, não havia pó de tijolo. [(4), I, 1, Adelaide, 20]
- (6.98) D’ahi foram dois, para que mentir. As lesmas eram grandes! E tinha um queijo que cheirava a tamanco de colono, a meia légua. [(4), I, 2, Possidonio, 25]

- (6.99) (...) Chega o dia, porém, em que elles se dispersam. [(4), I, 3, D. Christina, 26-7]
- (6.100) (...) Passam os annos. [(4), I, 3, D. Christina, 26-7]
- (6.101) (...) Há um aneio e um soluço ... que são a vida! [(4), I, 3, D. Christina, 26-7]
- (6.102) (...) Morreu todo o mundo e o meu genro virou fardo. [(6), I, Dr. J. B., 224]
- (6.103) Convém uma pesquisa de focos dentários. [(6), I, Dr. Sanatório, 226]
- (6.104) Atenção! Muita atenção! Acaba de chegar o Dr. J. B., com sua filha, D. Ivonete! [(6), I, Pardal, 230]
- (6.105) (...) Minha filha, quando eu der o tiro, começa, oficialmente, tua noite de núpcias. [(6), III, Dr. J. B., 255]
- (6.106) Acho que tem que pintar tudo. Está tudo uma sujeira. Tinha móveis por aí tudo (...) [(7), I, 2, Ceci, 13]
- (6.107) (...) Tinha acabado meu contrato no teatro (...). [(7), I, 2, Cordélia, 18]
- (6.108) Não acredito que haja aí nenhuma revolução especial (...). [(7), I, 2, Cordélia, 20]
- (6.109) Tinha um retrato dela lá no sítio, jovem, linda. [(7), I, 2, Ceci, 19]
- (6.110) Deve ser confortável ter de lado uma pessoa assim, previsível e responsável. [(7), I, 2, Cordélia, 15]
- (6.111) (...) Faltavam ainda cinco minutos. [(8), I, 1, motorista, 21]
- (6.112) (...) Tem um defunto sozinho ainda, mas, com certeza, a família vai aparecer. [(8), I, 5, Osvaldo, 32]
- (6.113) (...) Tem um lugar que nem o nosso no outro corredor, onde ela poderia ficar. [(8), I, 6, Dito, 33]
- (6.114) Hii, caiu meu brinco no caixão. [(8), I, 12, mulher, 49]
- (6.115) (...) Lá vem a Brenda. Todos prontos? [(8), I, 11, Osvaldo, 47] inacusativo
- (6.116) (...) Quando o senhor do engenho pegava ele, lá vinha a descompostura. [(9), I, 1, homem, 42]
- (6.117) Agora acabou-se a vida. [(9), I, 1, mulher, 14]
- (6.118) Me doem as pernas. [(9), I, 1, mulher, 19]
- (6.119) (...) Não havia leite. Nem de gente nem de gado. [(9), I, 1, homem, 26]
- (6.120) Tinha um homem, lá onde eu morava, que subia o morro com a gente no pescoço. [(9), I, 1, mulher, 37]
- (6.121) Perto da destilaria, tinha uma escola e ele fugia pra ouvir a cantoria (...). [(9), I, 1, homem, 42]
- (6.122) Ai. Doem as pernas, os quadris, as costas... [(9), I, 1, mulher, 53]
- (6.123) Hoje, tem casas até em Istambul. [(6), I, Dr. J. B., 225]
- (6.124) Já se passaram duas horas... [(6), II, II, Dr. J. B., 249]

(6.125) (...) Aqui estão as entradas que você pediu pro show do Riocentro. [(7), II, 11, Olívio, 85]

(6.126) (...) Não demorem. De repente pode ir todo mundo embora. [(8), I, 10, Japa, 46]

➤ Foco Contrastivo no sujeito pós-verbal:

(6.127) (...) *a passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive com todas as graças do primeiro dia (...).* [(2), I, 9, Barão, 586]

➤ Tópico no sujeito pós-verbal:

(6.128) *Quando aqui vier esta senhora, o melhor é dizer-lhe que não estou.* [(3), I, I, 6, Gouveia, 23]

Pode-se concluir, a partir da análise do sujeito pós-verbal nas construções com verbos inacusativos, que se o argumento interno do verbo não é tópico nem foco contrastivo, ele não é copiado para uma posição na periferia esquerda. Nesse caso, T não entra na numeração com o traço EPP, pois seu especificador não é projetado. É por isso que esse argumento interno fica em posição pós-verbal em termos de ordem linear, visto que o verbo (complexo *v* + V) é copiado e adjungido ao núcleo T. Dessa forma, não há necessidade de uma posição Foc periférica a VP na estrutura sentencial do PB, para abrigar o constituinte com a função de foco informacional: se não é foco contrastivo, nem tópico, entra na numeração sem nenhum traço criterial e é interpretado de forma oposta a estes, ou seja, como foco informacional.

Por outro lado, se o argumento interno do verbo inacusativo na aparente ordem VS exerce a função de foco contrastivo, como no exemplo (6.127), o constituinte com esse traço criterial deve ser copiado para a posição Foc no sistema-C, e o restante da oração para a posição Top₂ acima de Foc, resultando numa construção com uma ordem direta apenas aparente. Caso seja tópico em posição pós-verbal, como em (6.128), ele também é copiado para uma posição Top no sistema-C. No caso dessa sentença, o sujeito é copiado para Spec-TopP₃ e o restante da sentença, para Spec-TopP₂, derivando a ordem linear VS.

6.6.2. Exemplos da inversão com verbos transitivos ou inergativos:

São poucos os exemplos desse tipo de inversão nas peças do século XIX e raríssimos nas peças do século XX. Em geral, essas inversões aparecem com as seguintes estruturas:

a) Interrogativas. Cito apenas alguns exemplos (Observo que estas não ocorrem nos textos do século XX):

(6.129) *Fala logo de uma vez. **Que remédio** tenho eu senão rir-me do que me sucede?* [(1), II, 4, Eduardo]

(6.130) ***Que** fazes tu aí?* [(1), II, 5, Carlotinha]

(6.131) *Pois bem; **o que** disse ela quando recebeu?* [(1), I, 9, Alfredo]

(6.132) *E **que** lucras tu com isto! Sou tão pobre que te falte aquilo de que precisas?* [(1), II, 4, Eduardo]

(6.133) *Sonsa! Pois não adivinhas **o que** vem cá fazer o barão?* [(2), I, 2, D. Helena, 564]

(6.134) ***Que** há de fazer uma viúva falando de uma pérola?* [(2), I, 2, D. Helena, 566]

(6.135) *Virgem santa! E **que** ganhas tu com esses nomes bárbaros?* [(2), I, 12, D. Leonor, 600]

(6.136) (...) ***Que** quer dizer tudo isso?* [(2), I, 12, D. Leonor, 601]

Conforme Rizzi (1997), Miotto (2001), entre outros, não existe a possibilidade da co-ocorrência de um constituinte foco e de um sintagma-Wh baixo (*quem, quando, qual, o que*) no sistema C, porque eles concorrem pela mesma posição estrutural: Spec-Foc. Por isso, nos exemplos acima em que os sintagmas-Wh baixos estão presentes (em negrito), não pode haver um outro constituinte na posição Spec-FocP. Sendo assim, o sujeito pós-verbal, geralmente representado por uma forma pronominal nesses exemplos, não pode ser interpretado como foco-contrastivo no PB. A ordem VS, nesses casos, parece ser fruto de propriedades morfossintáticas de construções comuns no dialeto PE que atuam, por alguma razão, como vírus na gramática nuclear dos falantes nativos de PB do século XIX.

Por outro lado, os exemplos abaixo de ordem VS em sentenças interrogativas não apresentam um sintagma-Wh baixo (o exemplo (6.137) apresenta um sintagma-Wh alto). Sendo assim, o sujeito pós-verbal pode ser interpretado como foco contrastivo, estando a posição Spec-FocP disponível, e o verbo no núcleo Force por razões morfossintáticas. Além disso, podem ser interpretados como tópico, na posição Spec-TopP₁. Observe:

(6.137) (...) *Por que teve elle a idéia de mandar moveis e cortinas para o quarto de hospedes?*

[(4), I, 1, D. Christina, 22]

(6.138) *Vamos nós arranjá-los?* [(1), I, 1, Henriqueta]

(6.139) *Podia eu saber?* [(1), II, 2, Eduardo]

b) Declarativa XV(X)S ou XXVS. Cito apenas alguns exemplos:

➤ Sujeito Tópico:

(6.140) *Todavia, à força de andar com flores... deviam os botânicos trazê-las consigo.* [(2), I, 5, D. Leonor, 573]

(6.141) *Não se acuse mano; é severo demais para uma coisa que ordinariamente fazem os moços na sua idade!* [(1), II, 6, Carlotinha]

➤ Sujeito Foco Contrastivo:

(6.142) *Vem cá; conserto eu.* [(2), I, 11, D. Leonor, 597]

(6.143) *“Que é isso” pergunto eu.* [(6), III, Dr. Lambreta, 260]

c) Declarativa (X)VSX. São também poucos os exemplos nos textos do século XIX e raros nos textos do século XX. Cito apenas alguns exemplos:

➤ Sujeito Tópico:

(6.144) *Rica mobília! Então a commoda grande é uma belleza! Vae aquillo até ao forro (...).* [(4), I, 1, Adelaide, 22]

(6.145) *Eu sei aonde me levou esse charme e esse veneno, nesses vinte e dois anos de casado...* [(7), I, 2, Cordélia, 15]

➤ Sujeito Foco Contrastivo:

(6.146) *Ora, que tolíce, digo eu agora!* [(4), I, 1, Christina, 17]

São os seguintes os resultados obtidos pela análise das funções discursivas desempenhas pelo sujeito pós-verbal nas inversões com verbos transitivos ou inergativos em sentenças declarativas:

- Não há necessidade de se postular uma posição Foc interna a sentença, já que o sujeito pós-verbal, nessas inversões, nunca exerce a função de foco informacional.
- A presença do traço criterial de tópico no sujeito pós-verbal também não precisa ser considerada como evidência para se postular uma posição Top interna à sentença, pois esse sujeito pós-verbal ocorre em construções de inversão que caracterizam mais a gramática do PE do que a do PB, visto que ocorrem mais no século XIX e de forma residual.
- A presença do traço criterial de foco contrastivo no sujeito pós-verbal, contudo, pode funcionar como evidência para o movimento do sujeito para a posição Foc no sistema-C, seguida pelo movimento remanescente da parte pressuposta da sentença para a posição Top₂.
- Embora eu não tenha me preocupado em fazer uma distinção entre exemplos de inversão germânica e de inversão românica, pude destacar os casos de sujeito pós-verbal e analisar suas possibilidades discursivas. Alguns casos se tratam de foco contrastivo típico do PE de hoje (como “*Vem cá, conserto eu*”), mas não do PB atual.

6.7. SÍNTESE DO CAPÍTULO

6.7.1. Síntese da primeira parte: o sujeito na ordem SV

- O sujeito pré-verbal, aparentemente interno à oração e sempre sem redobro no *corpus*, sempre exerce alguma função discursiva. Na maioria dos casos, essa função discursiva é a de tópico. Casos de sujeito pré-verbal exercendo a função de foco contrastivo ou de foco informacional são raros. Contudo, há vários casos em que o diálogo entre as personagens propicia o foco informacional **numa resposta inteira**, e não apenas no constituinte sujeito.

- Explorando-se as propostas de análise de Kato (1998a, 1999) e a de Kato & Raposo (2006), foi observado que o processo de satisfação de requerimentos criteriais pelo sujeito pré-verbal, tanto em sentenças do PB com redobro do tópico como nas sentenças sem esse redobro aparente, pode ser adequadamente descrito de forma unificada.
- Para o sujeito pré-verbal com a função discursiva de **foco contrastivo**, por não ser possível o redobro do foco por um elemento pronominal, observou-se que não há justificativa empírica para a adoção da proposta do DP complexo de Kato & Raposo (2006) como um recurso sintático para a descrição do seu processo de satisfação de requerimentos criteriais. Tal processo, então, realiza-se apenas com a cópia do constituinte sujeito sintático para a posição Spec-FocP no sistema-C, por portar o traço criterial de foco contrastivo.
- Para a construção denominada Tópico Sujeito, cujo tópico é um dos argumentos internos de um predicador transitivo que seleciona apenas argumentos internos, observou-se que: (i) o elemento tópico também é um DP complexo; (ii) a sonda *v* não participa da numeração, no caso de o predicador verbal selecionar apenas argumentos internos; (iii) a parte N do DP complexo tem o traço de Caso valorado pela sonda T e fica congelada em Spec-TP; e (iv) a parte DP do DP complexo, portadora do traço criterial de tópico, é copiada para uma posição Top do sistema-C.

6.7.2. Síntese da segunda parte: o sujeito na ordem VS

- Ribeiro (1995, 1996, 2001), desenvolvendo estudos sobre a ordem entre V e S no português, atesta três possibilidades de inversão ao longo de sua história: a **românica**, a **inacusativa** e a **germânica**.
- A inversão inacusativa ocorre de forma abundante nos textos do *corpus* inteiro; contudo, destaca-se nos textos do século XX, já que outros tipos de inversões são raríssimos nesse século. Na maioria dos exemplos de sujeito pós-verbal com verbo inacusativo, foi observado que **a sentença toda representa o foco informacional** e não apenas o

argumento interno do verbo (sujeito). Foram detectados, também, alguns casos de sujeito pós-verbal com a função de foco contrastivo e de tópico na análise do *corpus*.

- Pôde-se concluir, a partir das construções com verbos inacusativos, que se o argumento interno do verbo não é tópico nem foco contrastivo, ele não é copiado para uma posição na periferia esquerda, fica em posição pós-verbal em termos de ordem linear, visto que o verbo é copiado e adjungido ao núcleo T. Dessa forma, não há necessidade de uma posição Foc periférica a VP na estrutura sentencial do PB atual, para abrigar o constituinte com a função de foco informacional: se não é foco contrastivo, nem tópico, entra na numeração sem nenhum traço criterial e é interpretado de forma oposta a estes, ou seja, como foco informacional.
- Foi proposto, inclusive, que o traço EPP não está presente em T no PB, quando um DP portador de um traço criterial não é selecionado para a numeração. Assim, numa sentença com um verbo inacusativo, o especificador de TP pode ou não ser projetado, dependendo da existência desse DP em VP.
- Se o argumento interno do verbo inacusativo, na aparente ordem VS, exerce a função de foco contrastivo, o constituinte com esse traço criterial deve ser copiado para a posição Foc no sistema-C, e o restante da oração para a posição Top₂ acima de Foc, resultando numa construção com uma ordem direta apenas aparente. Caso seja tópico em posição pós-verbal, também é copiado para uma posição Top no sistema- C. Neste caso, o sujeito é copiado para Spec-TopP₃ e o restante da sentença, para Spec-TopP₂, derivando a ordem linear VS.
- São poucos os exemplos de inversão com verbos transitivos ou inergativos nas peças do século XIX e raríssimos nas peças do século XX. Alguns exemplos ocorrem em sentenças na forma interrogativa (menos no século XX), outros na forma declarativa, com as estruturas XV(X)S ou XXVS (com sujeito em posição final), e outros com a estrutura (X)VSX (com sujeito pós-verbal sem estar em posição final da frase). Nas sentenças declarativas, o sujeito pós-verbal, ou desempenha a função discursiva de tópico, ou de foco contrastivo.
- Embora eu não tenha me preocupado em fazer uma distinção entre exemplos de inversão germânica e exemplos de inversão românica, pude destacar os casos de sujeito pós-

verbal e analisar suas possibilidades discursivas. Detectei que alguns casos se tratam de foco contrastivo típico do PE de hoje (como “*Vem cá, conserto **eu***”), mas não do PB atual.

CAPÍTULO VII

O PROCESSO DE SATISFAÇÃO DE REQUERIMENTOS CRITERIAIS POR XP NA PERIFERIA ESQUERDA

7.1. INTRODUÇÃO

Como foi demonstrado nos capítulos IV e V desta tese, os XPs (AdvP, PP, DP, CP) periféricos encontrados em sentenças do *corpus* analisado sempre exercem uma função discursiva: ou de tópico, ou de foco contrastivo ou de proeminência estrutural. Tendo isto em mente, passo a descrever como esses constituintes “acabam” em posições periféricas, isto é, como se dá o processo de satisfação de requerimentos criteriais por esses constituintes, a partir do quadro teórico adotado. Serão, então, analisadas, especificamente, as construções que envolvem deslocamento desses constituintes para a periferia esquerda da sentença. São elas (i) Topicalização, (ii) Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente (ou LD), (iii) Topicalização Selvagem e (iv) CLLD⁹⁹.

Este capítulo está estruturado da seguinte maneira: na seção 7.2, apresento a proposta de análise em etapas: analiso o processo de satisfação de requerimentos criteriais por cada categoria sintagmática separadamente (primeiramente os XPs complementos, depois os adjuntos); feito isto, apresento a problemática em torno das construções clivadas/pseudoclivadas no tocante ao seu mecanismo de derivação. Finalizando o capítulo, na seção 7.3, organizo, de forma esquemática, uma síntese dos resultados obtidos.

⁹⁹ Reveja as propriedades de cada construção já apresentadas no capítulo I, seção 1.6.

7.2. PROPOSTA DE ANÁLISE

Nesta seção, investigo, por etapas, ou seja, por cada tipo de XP movido para o sistema-C, os mecanismos envolvidos na derivação da sentença e no processo de satisfação de requerimentos criteriais por tais constituintes.

7.2.1. Análise do DP e do PP na periferia esquerda

7.2.1.1. Análise do DP-complemento na Topicalização (TOP) e na Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente (DETP)

Início a etapa da descrição do processo de satisfação de requerimentos criteriais por um DP-complemento com a função discursiva de tópico (construção Topicalização) a partir de um exemplo retirado do *corpus*, abaixo,

(7.01) A pensão eu dispenso. Não como muito. [(7), I, 2, Cordélia, 24]

a partir do qual também se pode criar um exemplo para a DETP:

(7.02) A pensão eu dispenso ela.

Assumo, mantendo a análise unificadora proposta no capítulo anterior, que o DP tópico sublinhado no exemplo acima é gerado como um DP complexo na posição de complemento do núcleo V. Assim, a parte N desse DP complexo, ora é realizada por uma categoria vazia, como no exemplo (7.01), ora é realizada por um pronome fraco livre co-referente à parte DP *a pensão*, como no exemplo (7.02). O primeiro momento da derivação da sentença seria representado pela estrutura abaixo:

Nessa representação, temos a Fase 1 da derivação das sentenças. Nela, o verbo em V é atraído e copiado para ν , núcleo funcional com traços de agentividade. Tendo ν traços-*phi* não-interpretáveis e, portanto, não-valorados, esse núcleo vai sondar o domínio c-comandado por ele em busca de traços-*phi* interpretáveis com os quais seus traços-*phi* possam concordar. O núcleo ν detecta, então, como alvo, traços-*phi* compatíveis e especificados no DP complexo $[[a \text{ pens\~ao}] [\emptyset/ela]]$ na posição de complemento de V. Dá-se, assim, a operação *Agree* (concordar) que resulta na valoração dos traços-*phi* desse núcleo (por razões morfológicas) e no apagamento desses traços após serem valorados (pois não são legíveis em LF). Simultaneamente a esse processo de concordância de traços-*phi*, ocorre a valoração do traço de Caso da parte N do DP complexo, isto é, ou da categoria vazia $\emptyset$ ou do pronome fraco livre *ela* (no caso de a sentença ser *a pens\~ao, eu dispenso ela*) em **acusativo** e, depois, seu apagamento. A parte DP *a pens\~ao* do DP complexo, por conter o traço criterial de tópico, tem seu traço de Caso valorado em nominativo *default* em algum momento da derivação antes do *Spell-Out* da primeira fase. Acontece que esta parte do DP complexo, justamente por conter um traço criterial de tópico, precisa ficar na margem da Fase 1 para poder participar de operações da Fase 2. Caso isso não aconteça, essa parte fica congelada na posição de complemento de V, e um requerimento criterial não é satisfeito, conforme Rizzi (2004). A projeção de uma posição de especificador de VP para abrigar esse DP tópico não resolve o problema, pois nada justifica a cópia de um constituinte para dentro de um mesmo domínio, lembrando que movimento/cópia é uma operação de último recurso. Em virtude desse fato, recorro à proposta de Belletti (2002, 2005) a qual consiste, como já explicado no capítulo II desta tese, na projeção de núcleos funcionais (Top/Foc) com traços criteriais na periferia de VP. Seria, então, necessário postular que um núcleo Top fosse ativado na margem da Fase VP, quando o elemento tópico é complemento de V. A Fase 1 teria a seguinte derivação:

Fase 1

$$(7.04) \quad \overline{[_{VP} [_{DP} eu] [_v \text{dispenso}] [_{TopP} [_{DP} a \text{pensão}] [_{VP} [_{t_i} [_{DP} t] [_N \emptyset/ela]]]]]}]$$

$\overline{\quad \quad \quad}$
 domínio interno da Fase 1

A representação estrutural em (7.04) mostra o argumento externo (*eu*) de *v* na posição de especificador de *vP*, enquanto que a parte *DP a pensão* do DP complexo é copiada para a posição de especificador de uma das projeções *TopP* ativada na periferia de *VP*, por ter sido atraída pelo núcleo *Top* que contém traço criterial idêntico ao dela. Assim, tanto o *DP a pensão* como o *DP eu* podem participar de operações da Fase subsequente, pois não se localizam no interior da Fase 1.

A Fase 2 da derivação da sentença começa com a inserção do núcleo *T* na estrutura, o qual porta traços interpretáveis de tempo e modo, e traços-*phi* e *EPP* como não-interpretáveis. Analogamente ao núcleo *v*, por portar traços-*phi* não-especificados, o núcleo *T* funciona como uma sonda que vasculha a estrutura c-comandada por ele em busca de traços-*phi* compatíveis e especificados. A sonda os detecta no *DP eu* disponível na margem da Fase 1. **Não os detecta no *DP a pensão* em Spec-*TopP* por este conter um traço criterial**, incompatível com o núcleo *T*, assumindo-se Rizzi (2002), e por este estar mais baixo na estruturada do que o *DP eu*. Assim, a operação *Agree* ocorre entre os traços-*phi* de *T* e os do *DP* na posição de especificador de *vP*, resultando na volaração dos traços-*phi* em *T* e, depois, em seu apagamento. Paralelamente a esse processo, ocorre a valoração do traço de Caso do *DP eu* como **nominativo** e, também, seu posterior apagamento. Acontece que ainda existe na estrutura um traço formal não-interpretável em *T*, o traço *EPP*, o qual precisa ser apagado antes do próximo *Spell-Out*. Este traço requer que um dado constituinte seja copiado e concatenado na posição de especificador do núcleo que o contenha. O elemento que se presta ao requerimento é o próprio alvo da sonda *T* encontrado para a valoração dos seus traços-*phi*. O *DP eu* é, então, copiado e conectado como especificador de *TP*.

A derivação da Fase 2 continua com a concatenação de *TP* na posição de complemento do núcleo funcional **Fin** e este, na posição de complemento de **Top₃**, o qual, depois, é concatenado na posição de complemento de **Force**, conforme a proposta cartográfica de Rizzi (2002). O núcleo *Top*, por conter um traço criterial de tópico, atrai para sua posição de

especificador o DP na margem da Fase 1 com traço criterial idêntico ao seu, ou seja, atrai o DP *a pensão*. A representação simplificada da Fase 2 da derivação da sentença fica da seguinte forma:

Fase 2

(7.05) [_{ForceP} [_{TopP3} [_{DP} *a pensão*]] [_{FinP} [_{TP} [_{DP} *eu*] [_{T+v} *dispenso ...*]] (Fase 1)

domínio interno da Fase 2

Através do processo descrito acima, ocorre, então, a satisfação de requerimentos criteriais por um DP tópico deslocado à esquerda.

Além disso, o fato de o DP complexo ficar com uma parte com traço de Caso nominativo *default* e outra parte com o traço de Caso acusativo provoca a discordância de Caso necessária, conforme Kato & Raposo (2006), para a caracterização das construções de topicalização típicas do PB: não estão sujeitas a ilhas sintáticas. Tal discordância ocorre, conforme os autores, pelo fato de o movimento do DP complexo tópico ser parcial, isto é, sua parte N fica *in situ* enquanto sua parte DP é copiada para a periferia esquerda da sentença. Observo, ainda, que, na minha análise proposta, não fica claro o porquê de um constituinte em Spec-TopP periférico a VP precisar ser deslocado para Spec-TopP no sistema-C. Nesse caso, o princípio de Rizzi (2004) denominado *Criterial Freezing* teria que ser operativo apenas no sistema-C.

Saliento que a análise do DP complexo de Kato & Raposo (Op. cit.) **não pode ser aplicada ao DP-complemento deslocado à esquerda com a função discursiva de foco contrastivo, como no exemplo abaixo**, por motivos já expostos no capítulo anterior para a análise do DP sujeito com essa função: o foco contrastivo não pode ser retomado por um resumptivo e não existe Caso “default” para um elemento foco.

(7.06) [_{Foc} *A pensão*] *eu dispenso. (não o plano de saúde)*

Assim, concluo que, no caso do DP-complemento que exerce a função de foco

(7.07)

Portanto, a posição Foc periférica a VP **apenas se faz necessária como uma “ponte” para o movimento do DP completo com a função de foco contrastivo até o sistema-C, onde o requerimento criterial do traço de foco contrastivo é totalmente satisfeito.**

Tomo como ponto de partida para esta análise os seguintes exemplos de construção de tópico:

B2: Ah! Lampião, eu ouvi falar, sim.

d) **Ah! De Lampião, eu ouvi falar ele, sim*

No exemplo (7.08B1), ilustro a construção denominada **Topicalização**; no exemplo (7.08B2), ilustro a construção **Topicalização Selvagem**, visto que o PP *de Lampião* é deslocado à esquerda na forma de um DP; já em (7.09A), ilustro a construção denominada **Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente (DETP)**. Assumindo a mesma proposta de análise para DPs tópicos, isto é, o DP complexo de Kato & Raposo (2006), investigo como fica a estrutura desse DP com ou sem a preposição *de* sendo selecionada.

Etapa 1: A construção **Topicalização**, exemplo (7.08B1).

Assumindo-se a proposta supracitada, o DP [[Lampião][$\emptyset$]] ocuparia a posição de complemento de P, como demonstra a estrutura abaixo:

(7.10) [_{PP} [_P [*de*]] [_{DP} [_{DP} Lampião_i] [_N $\emptyset_i$]]]

Acontece que, como pode ser observado pela sentença abaixo,

(7.11) *De Lampião, a Maria conhece uma senhora que gosta [] muito.*

oração relativa

(ilha sintática)

o movimento do tópico não está sujeito aos efeitos de ilhas sintáticas no PB. Dessa, forma, adotando-se a proposta do DP complexo, é preciso, também, seguir Kato & Raposo (2006) no tocante ao tipo de movimento do tópico: este é parcial no BP, ou seja, uma parte do DP complexo (a categoria vazia) fica *in situ*, enquanto a outra parte (o DP *Lampião*) é deslocada à esquerda, para que haja discordância de Caso entre a parte que permanece *in situ* e a parte que é deslocada (só com a discordância de Caso entre esses elementos o movimento não se sujeita a ilhas sintáticas). Nestes termos, em relação à derivação da sentença (7.08B1) [*Ah! De Lampião, eu ouvi falar, sim*], temos que a preposição *de* valoriza em oblíquo o traço de Caso da parte N (a categoria vazia) do DP complexo. A parte DP também não entra na numeração com traço de Caso valorado; contudo, seu traço de Caso será valorado em nominativo *default* após ser copiada para uma posição Top (cf. Kato – 1998a). **O problema desta análise é que** seria inviável, a

partir do quadro teórico do MP, a descrição dos mecanismos sintáticos que levariam a preposição juntamente com apenas uma parte de seu complemento, isto é, a parte DP do DP complexo, para uma posição Top no sistema-C, deixando a parte adjunta N *in situ*.

Concluo, dessa forma, que a hipótese do elemento tópico ser um DP complexo só é viável se o elemento tópico não for complemento de uma preposição. O movimento de um PP tópico precisa, então, ser integral, e algum outro fator diferente de discordância de Caso possibilita sua extração de dentro de uma ilha sintática ¹⁰⁰.

Etapla 2: A construção *Topicalização Selvagem*, exemplo (7.08B2), repetido, abaixo, com nova numeração:

(7.12) Ah! Lampião, eu ouvi falar, sim.

A sentença acima tem aparentemente um PP que é deslocado à esquerda sem sua preposição inicial, isto é, na forma de um DP. Assim, é preciso explicar a “perda” da preposição. Conforme Kato (2006) ¹⁰¹, alguns verbos como, *depende* e *rir*, entre outros, selecionam um PP pleno, isto é, requerem a preposição *de* como item obrigatório na numeração. Já outros verbos, como *gostar* e *precisar*, entre outros, selecionam **opcionalmente** essa mesma preposição. Nas duas situações, o DP entra na derivação sem traço de Caso valorado. Contudo, transpondo esta hipótese de Kato (Op. cit.) à análise do DP tópico com a estrutura complexa, **as duas partes do DP** entrariam sem traço de Caso valorado. Assim, temos que:

¹⁰⁰ Uma possível resolução do problema seria adotar a hipótese do movimento de um operador nulo (OP) dentro da relativa, da posição de complemento de V para uma posição no seu sistema-C. Nesse caso, o PP tópico seria gerado *in situ* no sistema-C da matriz, e o OP do sistema-C da relativa ligado a esse PP tópico. Contudo, não é nada claro o estatuto de um OP dentro do quadro teórico adotado (Chomsky 2000, 2001, 2004). Deixo essa questão aberta para futuras pesquisas sobre a estrutura das relativas.

¹⁰¹ Kato (2006), ao analisar casos de topicalização com e sem preposição no PB, não adota sua proposta anterior (1998b) do DP mini-oracão. Numa sentença como a ilustrada abaixo:

(i) “O Pedro, a Maria gosta desde criança.”

o constituinte tópico sublinhado não apresenta a preposição porque o verbo *gostar*, nessa derivação, não selecionou a preposição *de*, a qual é responsável pela valoração do traço de Caso do argumento interno de V. Contudo, a sentença é gramatical porque esse DP *o Pedro* não fica sem Caso, ou seja, tem seu traço de Caso valorado em nominativo *default*, por ser tópico. Entretanto, Kato (Op. cit.) não aborda questões relacionadas ao movimento do PP/DP tópico de dentro de uma ilha sintática.

- Se a preposição for selecionada, teremos o mesmo problema da análise desenvolvida na etapa 1: seria inviável, a partir do quadro teórico do MP, a descrição dos mecanismos sintáticos que levariam a preposição juntamente com uma parte apenas do DP complexo para uma posição Top no sistema-C.
- Se a preposição não for selecionada, a parte DP (*Lampião*) do DP complexo, ao ser copiada para uma posição Top no sistema-C, tem seu traço de Caso valorado em nominativo *default* (cf. Kato – 1998a). Contudo, a categoria vazia – parte N do DP complexo - fica sem ter traço de Caso valorado, porque o tipo de verbo presente na estrutura não consegue valorar o traço de Caso de seu argumento interno. Também não haveria, assim, discordância de Caso entre parte movida e parte *in situ* do DP complexo. Dessa forma, a proposta do DP complexo fica sem justificativa ¹⁰².

Etapa 3: a construção Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente, exemplos repetidos abaixo, com nova numeração:

- (7.13) a) *Ah! Lampião, eu ouvi falar dele, sim.*
 b) **Ah! Lampião, eu ouvi falar ele, sim.*
 c) *Ah! De Lampião, eu ouvi falar dele, sim.*
 d) **Ah! De Lampião, eu ouvi falar ele, sim.*

A agramaticalidade dos exemplos (7.13b) e (7.13d) indica que, se a parte N do DP complexo é realizada foneticamente, **o verbo não tem a opção de não selecionar a preposição**, visto que a parte N precisa da preposição funcional para ter seu traço de Caso valorado em oblíquo. Já a parte DP, contudo, por ser tópico, pode ter seu traço de Caso valorado em nominativo *default* durante a derivação, conforme se observa no exemplo gramatical (7.13a), cuja representação estrutural (simplifico as projeções funcionais para os verbos) encontra-se abaixo:

¹⁰² Grolla (2005b), por outro lado, propõe que o N [da parte adjunta ao DP] poderia ser representado por um “*pro* especial”, preposicionado, o que salvaria a derivação da sentença, pois tal “*pro* especial” já entraria na numeração com traço de Caso valorado em oblíquo [podendo ser pronunciado como *dele*, ex. (7.09c)]. Contudo, a categoria *pro*, dentro do quadro minimalista adotado nesta tese, não tem estatuto teórico, pois não possui traços-*phi* valorados/interpretáveis.

[ForceP [TopP3 [DP Lampião]_m] [_{FinP} [TP [DP eu]_k [_T ouvi falar_i] [_{VP} [DP t_k] [_V t_i] [_{TopP} [t]_m] [_{VP} [_V t_i] [_{PP} [_P de [_{DP} [DP t]]_m] [_N
ele]]]]]]]]]

A sentença (7.13c), por outro lado, revela, a princípio, que o adjunto ao DP, no DP complexo, poderia ser um PP, conforme representação estrutural abaixo:

Assim sendo, ambas as partes do DP complexo teriam seu traço de Caso valorado. Contudo, ambos seriam valorados em oblíquo, fato que representa um problema para a possibilidade de extração do tópico de dentro de ilhas sintáticas. Fora isso, não fica claro, através dos mecanismos sintáticos adotados, como que o PP levaria consigo apenas uma parte de seu complemento para a periferia esquerda da sentença, deixando *in situ* o adjunto a essa parte. Esses dados da análise, então, configuram-se como evidência para que esse tipo de construção seja derivada com o elemento tópico tendo seu primeiro e único *Merge* no sistema-C (veja nota 98). **Conclui-se que a proposta do DP complexo não é viável para o tipo de construção em (7.13c).**

Tomo como ponto de partida para este estudo a análise das sentenças retiradas do *corpus*, abaixo:

(7.16) *Teleco: Da última vez esperamos, ela não veio, e...*

Oswaldo: Todas as vezes ela tinha problema. Hoje ela vem. [(8), I, 11, Osvaldo, 47]

(7.17) Na primeira noite vale tudo! [(6), III, Madame Cri-Cri, 255]

Adotar a proposta do DP complexo também para estes casos, isto é, para o DP e o PP tópicos que não são argumentos, é algo desnecessário tanto empiricamente quanto por razões de natureza gramatical, visto que os constituintes grifados, nos exemplos acima, não podem ser retomados por um pronome resumptivo interno à oração comentário. Dessa forma, a derivação da sentença (7.16) acima ocorre com o DP *todas as vezes* gerado, talvez, na posição Spec-AspP_{perfect(?)}, por ter função adverbial, abaixo de TP, conforme Cinque (1999). Abaixo, ilustro a representação estrutural simplificada da sentença:

(7.18) [_{ForceP} [_{TopP2} [_{DP} todas as vezes]_m] [_{TopP3} ela_k] [_{FinP} [_{TP} [_{DP} t_k] [_T tinha_i] [_{AspPperfect} t_m] [_{VP} [_{DP} t_k] [_v t_i] [_{VP} [_v t_i] [_{DP} problema]]]]]]]]]]

A representação acima mostra que o DP *todas as vezes*, por portar o traço criterial de tópico, é copiado da posição em que é gerado (Spec-AspP_{perfect}) para a posição Spec-Top₂ no sistema-C, em virtude de portar o mesmo traço criterial que o núcleo dessa projeção. O mesmo ocorre com parte do DP complexo em Spec-TP, só que *ela* passa a ocupar a posição Spec-Top₃.

No tocante ao PP tópico *na primeira noite* em (7.17), este é copiado de uma posição adjunta (talvez adjunta a VP), já que é equivalente a um advérbio de tempo, conforme Cinque (1999), para primeiramente uma das posições Top periféricas a VP. Tal movimento para essa posição se faz necessário para que o PP fique acessível às operações da Fase 2 da derivação da sentença, como já explicado em análises anteriores (além de ser atraído para essa posição por conter o mesmo traço criterial de núcleo Top)¹⁰³.

Em vista dos resultados obtidos pelas análises realizadas nesta subseção, a de número (7.2.1), eu observo que a proposta do DP complexo de Kato & Raposo (2006) apenas pode ser aplicada aos DP complementos. Sendo o DP complemento o argumento interno de um

¹⁰³ Contudo, se o PP sofrer seu primeiro *Merge* numa posição adjunta a *vP*, já estará localizado na margem da Fase 1, e uma posição Top periférica a VP não será necessária. Esta questão fica aberta para futuras pesquisas.

predicador verbal que seleciona uma preposição, tal proposta revela-se adequada apenas no caso em que a parte N do DP complexo é realizada por uma forma pronominal fraca livre.

7.2.2. A questão da construção *Tópico Pendente*

A construção *Tópico Pendente* geralmente é iniciada por expressões do tipo “*quanto a*”. Observe os exemplos retirados do *corpus*, abaixo:

(7.19) (...) Quanto ao nosso amigo Belzebu, quem discutiria (...) a sua autoridade sexual milenar? [(6), I, Dr. J. B., 225]

(7.20) Quanto ao cafona houve atriz mais refinada e, portanto, capaz de representar melhor uma atriz de terceira. [(7), I, 6, Olívio, 52]

Por não apresentar uma posição interna à oração associada ao tópico, este tipo de construção tem um constituinte que sofre seu primeiro e único *Merge* numa das posições Top propostas por Rizzi (2002) no sistema-C. Entra diretamente numa dessas posições em virtude de conter o mesmo traço criterial que os núcleos Top.

7.2.3. Análise do CP (oração adverbial) e do AdvP na periferia esquerda

Tendo em mente que as orações encaixadas/adjuntas e os advérbios, quando se localizam numa das posições Top da periferia esquerda da sentença, nunca são retomados por um pronome resumptivo no PB, a proposta do DP complexo de Kato & Raposo (2006) parece não encontrar fundamentação empírica para ser adotada.

Como detectado nos capítulos IV e V desta tese, são vários os exemplos de CPs adjuntos deslocados à esquerda. Como são orações, possuem verbos que veiculam eventos, os quais podem ser pressupostos ou não. Dessa forma, diferentemente de Araújo (2006), proponho que CPs adjuntos deslocados para a periferia esquerda ocupam não apenas a posição Mod, mas

principalmente a posição Top, quando veicularem uma informação pressuposta (ou que pode ser considerada pressuposta). Conforme os dados do *corpus* analisado nesta tese, CPs adjuntos em posição periférica exercem, em quase a totalidade dos casos, a função discursiva de tópico. São poucos os casos em que se encontram em proeminência discursiva (na posição Mod do sistema C) e **nenhum** caso de foco contrastivo. Assim, ou entram na numeração com o traço criterial de tópico, ou com o traço de proeminência estrutural¹⁰⁴. Quando isso ocorre, esses “CPs” são atraídos pelos núcleos funcionais com traços criteriosais idênticos aos seus no sistema-C da matriz. Observe alguns dos exemplos retirados do *corpus*:

(7.21) (...) Se quiserem assistir a uma agonia alinhada, esperem! [(5), III, Abelardo-1, 113]

(7.21) (...) Desde que morreu a mãe, considera-a como sua segunda mãe. [(4), I, 5, Coronel, 36]

(7.23) (...) Quando estive em Minas era um simples caixeiro de cobranças... [(3), I, I, 7, Gouveia, 23]

(7.24) Nunca vi. Quando eu a conheci já era uma velha desdentada. [(7), I, 2, Cordélia, 20]

(7.25) Bom, se a senhora convida, eu não posso recusar. [(7), II, 8, Osvaldo, 66]

Não é consensual a posição adjunta a qual são geradas as orações adverbiais. Tal questão precisa ser ainda estudada mais detalhadamente, levando-se em conta a proposta das Fases na derivação, para se saber se a posição adjunta está acessível ou não a operações de uma Fase subsequente. Por esta razão, prefiro não me comprometer com a representação da derivação desse tipo sentença. Apenas posso afirmar que, sendo a oração adverbial na ordem direta gerada numa posição adjunta, ela terá que ser copiada, caso porte um traço criterial, para uma das posições com o mesmo traço criterial no sistema-C. Contudo, considero a hipótese de que a oração adverbial, por ser um adjunto, talvez possa ter seu primeiro *Merge* diretamente no sistema- C, se portar um traço criterial.

Caso contrário, ou seja, se a oração adverbial não entrar na derivação com um traço criterial, fará parte da informação não-pressuposta da sentença e, conseqüentemente, não será

¹⁰⁴ Provavelmente o traço criterial, quando marca uma oração inteira com alguma função discursiva, entra já durante a numeração, no núcleo funcional mais alto, aquele que encabeça a oração, isto é, o núcleo Force.

deslocada à esquerda, será mantida à direita, após sujeito, verbo e seus complementos. Os exemplos abaixo ilustram esta situação:

(7.26) A: *Você não procura eles?* [(8), I, 10, contornista, 46]

B: *Não. Acho que não ficam felizes quando eu apareço.* [(8), I, 10, anão, 46]

(7.27) (...) *Papai vivia fugindo, pelo país afora, das dívidas de jogo. Mas gostava daquilo, como todo cigano que se preza.* [(8), I, 7, Paqueta, 37]

(7.28) (...) *Era filho de cigano e, antes de comprar uma casa, adquiriu o terreno, neste cemitério, para ter certeza de que seu corpo não seria enviado para a Espanha.* [(8), I, 7, Paqueta, 36]

Quanto aos advérbios, quando são adjuntos circunstanciais de tempo e de lugar, conforme Cinque (1999), não ocupam a posição de especificador de projeções funcionais específicas. Não precisariam, talvez, entrar numa Fase inicial da derivação; poderiam entrar já na Fase final, ou na posição de tópico, ou de foco contrastivo, ou de proeminência, no sistema-C, dependendo do traço criterial que eles portam. Contudo, essa questão precisa, ainda, ser bem melhor explorada.

Já no caso de outros advérbios, como um advérbio de modo e/ou orientado para o sujeito (como *cautelosamente*, *inteligentemente* etc.), ou como um advérbio epistêmico (*provavelmente*), dentre outros (ver classificação apresentada no capítulo II desta tese), estes seriam, conforme Cinque (1999), especificadores de projeções funcionais rigidamente fixadas acima de V e abaixo do complexo CP. Se entrarem na numeração com um traço criterial, contudo, serão movidos/copiados de suas posições de base (onde têm o primeiro *Merge*) para a posição de especificador de um dos núcleos funcionais portadores de traços criteriais no sistema-C (Top, Foc ou Mod), conforme Rizzi (2002). A título de ilustração, reveja a análise da sentença (6.19) que contém o advérbio *realmente*, no capítulo VI desta tese.

No caso de uma expressão adverbial, como a grifada na sentença abaixo, que modaliza o conteúdo da proposição, como um advérbio pragmático do tipo *francamente* ou *sinceramente*, esta tem seu primeiro *Merge* na posição de especificador de MoodP_{speech act} (cf. Cinque – 1999, localizada abaixo do sistema-C e acima de TP) e, se portar o traço criterial de proeminência

discursiva, será copiada para a posição Spec-ModP no sistema-C, por ser atraída por esse núcleo funcional que contém o mesmo traço criterial que ela:

(7.29) (...) Na minha opinião, a mulher só devia ter quinze anos (...) [(6), II, I, Dr. Lambreta, 239]

7.2.4. Análise das construções com mais de um XP na periferia esquerda

Nesta subseção, descrevo o processo de derivação da sentença quando ela apresenta mais de um constituinte na sua periferia esquerda. Há casos de mais de um XP tópico, como também há casos de dois constituintes com funções discursivas diferentes. Para esta análise, utilizo apenas dois exemplos do *corpus*¹⁰⁵:

a) Proeminência discursiva + Foco contrastivo:

(7.30) Pelo menos, pra mãe tu tem vocação. [(10), I, D. Rosa, 30]

[ForceP [ModP [PP pelo menos] [FocP [PP pra tua mãe] [FinP [TP [DP tu] [T tem [...]]]]]]]

A representação estrutural acima mostra que, primeiramente, o PP *pra tua mãe*, por ser adjunto, (provavelmente) tem seu primeiro *Merge* na posição Spec-FocP, já que porta o traço criterial de foco contrastivo (cf. contexto). Depois, a expressão adverbial *pelo menos* na forma de um PP adjunto tem seu primeiro *Merge* na posição Spec-ModP, já que porta o traço criterial de proeminência discursiva.

¹⁰⁵ É preciso lembrar, durante as representações que serão feitas nesta análise, que a estrutura da periferia esquerda proposta por Rizzi (2002) é (i), enquanto a proposta por Araújo (2006) para o Português é (ii):

- (i) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ FocP **ModP** TopP₃ FinP IP
- (ii) ForceP TopP₁ IntP TopP₂ **ModP** FocP TopP₃ FinP IP

Além disso, Araújo (Op. cit.) propõe que o núcleo Mod seja recursivo no sistema-C, para o português (rever p. 110).

b) Proeminência discursiva + Tópico + Tópico:

(7.31) *Além do mais, esses meninos, daqui a uns dez anos, podem até ser eleitos.* [(10), I, Ana Jansen, 27]

(7.32)

[ForceP [ModP [AdvP *além do mais*] [TopP₂ [DP *esses meninos*]_i]_k [TopP₃ [PP *daqui uns dez anos*] [FinP [TP [DP [Ø] [t_i]]]_k [T podem [...]]]]]]]]

A representação estrutural (7.32) mostra que, primeiramente, o PP *daqui uns dez anos*, por ser adjunto, (provavelmente) sofre seu primeiro *Merge* na posição Spec-TopP₃, já que porta o traço criterial de tópico. Depois, o DP *esses meninos* é copiado da sua posição Spec-TP para a posição Spec-TopP₂, também por portar o traço criterial de tópico. Por final, o operador discursivo na forma de um AdvP *além do mais* sofre seu primeiro *Merge* na posição Spec-ModP, acima de TopP₂.

7.2.5. A problemática em torno das construções clivadas/ pseudoclivadas

Conforme Miotto (2003), quando se considera a sintaxe do foco no PB, observa-se que ele pode aparecer *in situ* ou deslocado. **O foco deslocado parece nunca poder ser associado a uma interpretação de mero foco de informação.** Esta observação do autor vai ao encontro da proposta cartográfica de Rizzi (2002), a qual postula uma posição Foc que atrai constituintes que portam o traço criterial de foco contrastivo. Assim, sempre que um constituinte tiver esse tipo de interpretação numa sentença do PB, ele terá que ter sido movido/copiado antes de (algum) *Spell-Out* para a posição Foc da periferia esquerda, a fim de poder ser interpretado como foco contrastivo em LF.

Por outro lado, o foco *in situ* pode estar associado a qualquer tipo de interpretação. Contudo, se a interpretação for de foco contrastivo, a aparente ordem direta dos constituintes da sentença camufla uma inversão que ocorre pelo menos em duas etapas: a parte focalizada da sentença é movida para a posição Top do sistema-C, enquanto a outra parte da sentença, a que representa a informação pressuposta, é movida para a posição Top₂, acima de Foc no sistema-C.

A estrutura de uma oração clivada ou de uma pseudoclivada não é consensual na literatura gerativista. Kiss (1998)¹⁰⁶, por exemplo, propõe que a estrutura de uma sentença clivada no inglês tenha a cópula gerada como núcleo de FocP e o complementizador *that* (*que*) na posição normal, isto é, no núcleo C. Veja:

(7.33) [IP [DP it] [I [FocP me [Foc is [CP [C that [IP ...

O constituinte focalizado é gerado em Spec-FocP, quando não pode ser extraído do CP, o que acontece em dois casos: quando CP tem seu Spec preenchido por uma expressão-Wh, ou quando aquilo que é focalizado é o sujeito. Os exemplos citados não são muito claros na obra consultada, além do fato de que Kiss (Op. cit.) não lida com a proposta cartográfica adotada nesta tese. Dessa forma, a aplicação de sua proposta para a derivação de uma sentença clivada não pode ser realizada nesta tese.

Mioto (2001), por outro lado, propõe que a estrutura de uma oração clivada seja como o ilustrado abaixo:

(7.34) [IP pro [I é_k [VP [V t_k [CP/FP [DP elemento focalizado]_m [C que [IP [t]_m ...

Na estrutura acima, a cópula é um inacusativo que seleciona um CP complemento marcado com o traço [+foco] à semelhança do que acontece com um verbo como *perguntar*, que seleciona um CP com o traço [+interrogativo]. Assim como o CP selecionado pelo verbo *perguntar* deve ter o Spec preenchido por uma expressão-Wh interrogativa (ou o C preenchido pelo complementizador *que*), o Spec do CP complemento da cópula deve ser preenchido pelo constituinte que é focalizado.

A análise de Mioto (Op. cit.) também não lida com a estrutura da periferia esquerda proposta por Rizzi (2002); Além do mais, propor que CP seja igual a FocP torna a análise inviável dentro de uma proposta cartográfica como a de Rizzi (Op. cit.) que estipula que o CP represente várias projeções funcionais, sendo FocP apenas uma delas.

¹⁰⁶ *Apud* Mioto & Negrão (2003).

A conclusão a que chego é que mais estudos precisam ser desenvolvidos sobre a estrutura das sentenças clivadas/pseudoclivadas dentro do quadro teórico do MP e tendo como modelo de estrutura sentencial a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004). Saliento que essa tarefa foge do escopo de minha pesquisa.

7.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesta seção, organizo, de forma esquemática, uma síntese dos resultados obtidos pelas análises desenvolvidas no capítulo, as quais se sustentaram nos seguintes pressupostos teóricos:

- a) A proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004),
- b) A proposta do DP complexo e do movimento parcial para o tópico de Kato & Raposo (2006);
- c) As implementações do Programa Minimalista, até Chomsky (2004).

Os resultados obtidos neste capítulo foram os seguintes:

- No caso da topicalização de um DP (complexo) complemento, detectou-se que sua parte DP precisa ser, primeiramente, atraída por um núcleo Top periférico a VP (cf. Belletti – 2002), pois, dessa forma, o elemento tópico fica na margem da Fase 1, acessível às operações da Fase subsequente. Dessa posição, então, ele é copiado para Spec-TopP no sistema-C. Para isso ocorrer, também é necessário pressupor que o princípio *Criterion* *Freezing* de Rizzi (2004) seja operativo apenas no sistema-C.
- Na focalização contrastiva de um DP, não tendo este uma estrutura complexa, pois foco não pode ser retomado por um resumptivo, tem seu traço de Caso valorado em acusativo pela sonda *v*. Contudo, precisa ocupar uma posição periférica a VP para ficar na margem da Fase 1 e assim poder participar de operações da Fase subsequente. A posição que se presta a essa tarefa é a Foc proposta por Belletti (2002), mas, por esse núcleo ser responsável, em algumas línguas, pela interpretação de foco **informacional**, o DP foco contrastivo é depois copiado para a posição adequada no sistema-C. Assim, a posição Foc

periférica a VP apenas se faz necessária como uma “ponte” para o movimento do DP complemento com a função de foco contrastivo até o sistema-C, onde o requerimento criterial do traço de foco contrastivo é totalmente satisfeito.

- A hipótese de o elemento tópico ser um DP complexo só é viável se esse elemento não for complemento de uma preposição. O movimento de um PP tópico pela construção Topicalização precisa ser, então, integral, e algum outro fator diferente de discordância de Caso possibilita sua extração de dentro de uma ilha sintática.
- Na construção Topicalização Selvagem, a preposição não é selecionada pelo predador verbal. Assim, a parte DP do DP complexo, ao ser copiada para uma posição Top no sistema-C, tem seu traço de Caso valorado em nominativo *default* (cf. Kato – 1998a). Contudo, a categoria vazia – parte N do DP complexo - fica sem ter traço de Caso valorado, porque o tipo de verbo presente na estrutura não consegue valorar o traço de Caso de seu argumento interno. Dessa forma, a proposta do DP complexo fica sem justificativa, fato que corrobora a conclusão de que apenas “DPs argumentos tópicos” possuem uma estrutura complexa no PB, ou seja, não podem ter essa estrutura mesmo quando existe a possibilidade (opção) de serem complementos de uma preposição.
- Na construção Deslocamento à Esquerda de Tópico Pendente, se a parte N do DP complexo é realizada foneticamente (*Lampião, eu gosto dele, sim*), **o verbo transitivo indireto não tem a opção de não selecionar a preposição**, visto que a parte N precisa da preposição funcional para ter seu traço de Caso valorado em oblíquo. Já a parte DP, contudo, por ser tópico, pode ter seu traço de Caso valorado em nominativo *default* durante a derivação. Ocorre, assim, adequadamente o processo de satisfação de requerimentos criteriosais pelo constituinte da sentença que porta o traço criterial de tópico.
- No caso de um PP tópico ser retomado por um PP do tipo *dele* (como em *De Lampião, eu ouvi falar dele, sim*), concluiu-se que o elemento tópico tem seu primeiro e único *Merge* no sistema-C, já que a hipótese de o elemento tópico ser complexo não se aplica a PPs.
- Adotar a proposta do DP complexo também para os casos em que o DP tópico é adjunto é algo desnecessário tanto empiricamente quanto por razões de natureza gramatical, visto que o adjunto não pode ser retomado por um pronome resumptivo interno à oração comentário. O mesmo se aplica à construção denominada *Tópico Pendente*. Contudo, o

tópico, nesta construção, tem seu único e primeiro *Merge* no sistema-C, enquanto que o tópico, nas construções com DP/PP adjuntos, pode sofrer movimento de uma posição base interna à sentença.

- Tendo em mente que as orações encaixadas/adjuntas e os advérbios, quando se localizam numa das posições Top da periferia esquerda da sentença, nunca são retomados por um pronome resumptivo no PB, a proposta do DP complexo também parece não encontrar fundamentação empírica para ser adotada.
- Para a oração adverbial poder ser interpretada como tópico, foi proposto que seu núcleo funcional mais alto (Force), que encabeça a sentença, entra na numeração com um traço criterial. Tal traço faz com que a oração adverbial seja atraída por um dos núcleos Top do sistema-C da oração matriz. Caso contrário, isto é, se a oração adverbial não entra na derivação com um traço criterial no núcleo Force, ela faz parte da informação não-supressuposta da sentença matriz e, conseqüentemente, não é deslocada à esquerda, é mantida à direita, após sujeito, verbo e complementos da oração matriz.
- Quanto aos advérbios, quando são adjuntos circunstanciais de tempo e de lugar, conforme Cinque (1999), não ocupam a posição de especificador de projeções funcionais específicas. Talvez, por isso, não precisariam entrar numa Fase inicial da derivação; poderiam entrar já na Fase final, ou na posição de tópico, ou de foco contrastivo, ou de proeminência, no sistema-C, dependendo do traço criterial que eles portam. Contudo, essa questão precisa ser, ainda, melhor explorada.
- No caso dos outros advérbios, como um **advérbio de modo** e/ou **orientado para o sujeito** (como *cautelosamente*, *inteligentemente etc.*), ou como um **advérbio epistêmico** (*provavelmente*), dentre outros (ver classificação apresentada no capítulo II desta tese), estes são, conforme Cinque (1999), especificadores de projeções funcionais rigidamente fixadas acima de V e abaixo do complexo-CP. Se entram na numeração com um traço criterial, contudo, são movidos/copiados de suas posições de geração (onde sofrem o primeiro *Merge*) para a posição de especificador de um dos núcleos funcionais portadores de traços criteriosais no sistema-C (Top, Foc ou Mod), conforme Rizzi (2002).

CONCLUSÕES

Meu propósito, no início desta tese, foi desenvolver um estudo sobre a periferia à esquerda da sentença do PB, utilizando um *corpus* constituído por peças de teatro de escritores nascidos no Brasil, entre os séculos XIX e XX, a fim de investigar:

- a) Qual a categoria sintagmática dos constituintes que ocupam essa área da sentença;
- b) Quais as funções discursivas que esses constituintes exercem;
- c) Como ocorre o processo de satisfação de requerimentos criteriais pelos diversos tipos de constituintes durante a derivação da sentença.

Respondendo à questão (a), as análises dos dados extraídos do *corpus* detectaram, na periferia esquerda de sentenças, AdvPs, DPs complementos/adjuntos, PPs complementos/adjuntos e orações adverbiais, distribuídos da seguinte forma:

- 1) **Século XIX** = PP (81) > oração adverbial (48) > DP(13) > AdvP(17)
Total de XPs periféricos: **159**
- 2) **Século XX** = PP (109) > oração adverbial (103) > DP (58) > AdvP (38)
Total de XPs periféricos: **308**

Tais dados revelaram um aumento significativo de constituintes na periferia à esquerda de sentenças do século XX em relação ao século XIX. Observou-se, ainda, que foram os PPs os constituintes mais utilizados nessa área da sentença.

Respondendo à questão b, que diz respeito às funções discursivas dos constituintes periféricos, foram obtidos os seguintes resultados:

- 3) **Séc XIX**: tópico (130) > proeminência (25) > foco contrastivo (4).
- 4) **Séc. XX**: tópico (235) > proeminência (73) > foco contrastivo (0).
- 5) Em virtude da quantidade bem maior de XPs com a função de tópico nos séculos XIX e

XX, concluiu-se que o PB (desses dois séculos) já tendia a apresentar sentenças com a estrutura do tipo “tópico + comentário”.

- 6) Dos constituintes com a função predominante (a de tópico) nos dois séculos, foi observada a seguinte distribuição por categorias sintagmáticas:
 - Século XIX: PP (65) > oração adverbial (46) > DP (10) > AdvP (9). Conforme esses dados, foram os PPs os constituintes que mais exerceram a função de tópico na periferia à esquerda da sentença desse século.
 - Século XX: oração adverbial (99) > PP (75) > DP (45) > AdvP (16). Conforme esses dados, foram as orações adverbiais os constituintes que mais exerceram a função de tópico na periferia à esquerda da sentença desse século.
- 7) Dos constituintes com a função de proeminência discursiva, foram os PPs que mais se destacam nos dois séculos:
 - Século XIX: PP (13) > AdvP (08) > DP/oração adverbial (02/02).
 - Século XX: PP (34) > AdvP (22) > DP (13) > oração adverbial (04).
- 8) De maneira geral, os constituintes na periferia esquerda não desempenharam a função de foco contrastivo (houve apenas 4 ocorrências (01 DP e 03 PPs) no século XIX e nenhuma ocorrência no século XX).

As conclusões obtidas em (1) a (5) corroboram a hipótese II desta tese, a de que ocorre um aumento significativo dos constituintes com a função de tópico na periferia à esquerda das sentenças no século XX (em comparação ao século XIX), visto que o PB atual é considerado, por Galves (1998b), uma língua orientada para o tópico, e considerado, por Negrão (1999), uma língua orientada para o discurso. Contudo, o fato de que já no século XIX havia uma quantidade bem maior de tópicos (do que de constituintes com outras funções) na periferia à esquerda revela que já o PB dessa época também apresentava uma estrutura do tipo “tópico + comentário”. O resultado, então, indica que a periferia à esquerda da sentença tende a ser cada vez mais ativada na escrita (peças de teatro).

Já os resultados apresentados em (6) a (8) não foram previstos inicialmente. Contudo, o aumento significativo do uso de orações adverbiais e de DPs na periferia à esquerda no século XX [cf. (6)], pode ser indicativo de que a função tópico, na escrita, passa a “dominar” também outras categorias sintagmáticas além de PP. Tal resultado parece natural na medida em que, se

uma língua é orientada para o tópico, a categoria sintagmática desse “tópico” não deve ser muito restrita. Os resultados em (7), por seu turno, apontam para a preferência pelo uso de PPs ao uso de AdvPs com a função de proeminência no PB dos dois séculos. Tal preferência, no entanto, talvez só possa ser descrita formalmente através de estudos diacrônicos que abarquem períodos mais antigos da língua portuguesa. Esta questão fica, então, aberta para futuras pesquisas. Os resultados em (8) podem apontar para uma “especialização” do PB, isto é, a expressão do foco contrastivo por outros meios, não pelo simples deslocamento de um constituinte portador desse traço criterial para o sistema-C, mas sim pela utilização de construções mais complexas (que envolvem mais deslocamentos), como as clivadas/pseudoclivadas. Os dados do *corpus* corfirmam essa observação, pois vários foram os exemplos encontrados dessas estruturas com essa finalidade discursiva (39 no século XIX e 45 no século XX).

Por fim, **respondendo à questão (c)**, as análises derivacionais realizadas nos capítulos VI e VII desta tese demonstraram que:

- (9) A proposta do DP complexo com movimento parcial do elemento tópico para o sistema-C (de Kato & Raposo – 2006), combinadas com o sistema *Agree* em Chomsky (2000, 2001 e 2004) e com a proposta cartográfica de Rizzi (2002, 2004), descreve adequadamente a satisfação de requerimentos criteriais por DPs argumentos tópicos. Contudo, em virtude da derivação por Fases proposta em Chomsky (Op. cit.), observou-se a necessidade de se adotar também uma posição Top periférica a VP (cf. Belletti - 2002, 2005), a qual funciona como uma “ponte” ou “fase” para o processo de concordância que se estabelece entre um traço criterial compartilhado por núcleos diferentes (entre Top-sonda e, por exemplo, N-alvo). Além disso, foi necessário propor que o princípio denominado *Criterial Freezing* por Rizzi (2004) seja operativo apenas no sistema-C, a fim de não impedir a cópia de um DP tópico em Spec-TopP interno à sentença para um Spec-TopP no sistema-C.
- (10) Os DPs e PPs adjuntos que funcionam como tópicos, justamente por serem adjuntos, não podem ter essa estrutura complexa, pois não podem ser dobrados por um pronome resumptivo.
- (11) Os DPs e PPs complementos com a função de foco contrastivo também não podem ter uma estrutura complexa, pois o foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo.

A fim de esses constituintes com essa função discursiva poderem participar de operações da Fase 2 da derivação da sentença e atingirem, então, o núcleo Foc do sistema-C, julgou-se também necessário adotar a proposta de Belletti (2002, 2005) no tocante à ativação de um núcleo Foc periférico a VP. Sendo esse núcleo portador de um traço criterial mais específico, o de foco informacional, a cópia do elemento foco contrastivo para a posição Foc no sistema-C é justificada pela necessidade de concordância plena de traços criteriais.

- (12) Para a construção denominada Tópico Sujeito, cujo tópico é um dos argumentos internos de um predicador transitivo que seleciona apenas argumentos internos, observou-se que: (i) o elemento tópico também é um DP complexo; (ii) a sonda *v* não participa da numeração, no caso de o predicador verbal selecionar apenas argumentos internos; (iii) a parte N do DP complexo tem o traço de Caso valorado pela sonda T e fica congelada em Spec-TP; e (iv) a parte DP do DP complexo, portadora do traço criterial de tópico, é copiada para uma posição Top do sistema-C.
- (13) Foi proposto que o traço EPP não está presente em T no PB, quando um DP portador de um traço criterial não é selecionado para a numeração. Assim, numa sentença com um verbo inacusativo, o especificador de TP pode ou não ser projetado, dependendo da existência desse DP em VP.
- (14) No tocante ao elemento sujeito na ordem SV, detectou-se que este aparece sempre sem redobro nos textos e que sempre exerce alguma função discursiva: na maioria das ocorrências, essa função era tópico; houve apenas alguns casos de sujeito pré-verbal com outras funções discursivas (tópico contrastivo, foco contrastivo e foco informacional). Sendo assim, também o sujeito pré-verbal, quando porta o traço criterial de tópico ou de foco contrastivo, é atraído por um dos núcleos funcionais no sistema-C. Contudo, quando desempenha a função de foco informacional na ordem SV, **a conclusão é** que ele se mantém em Spec-TP, tendo em mente que o verbo, na sentença do PB, sobe até T e que a posição Foc (de foco informacional) proposta por Belletti (2002) é periférica a VP, isto é, fica abaixo de T.
- (15) Já as funções discursivas do sujeito na ordem VS, conforme os dados do *corpus*, foram as seguintes: foco contrastivo ou tópico. **A conclusão** a que se pôde chegar, a partir das funções discursivas desempenhadas pelo sujeito em posição pós-verbal, já que, nessa ordem, ele nunca exerce a função de foco informacional, é que não ocorre a codificação

no léxico do traço criterial de foco informacional no PB. O fato de o sujeito poder ser foco informacional na ordem SV fortalece essa conclusão, pois, como foi demonstrado, o sujeito pré-verbal no PB desempenha essa função em Spec-TP. Além disso, se o núcleo Foc periférico a VP parece ser necessário apenas como uma ponte para o constituinte portador do traço de foco contrastivo atingir o núcleo Foc do sistema-C, e nunca para atrair um constituinte com o traço de foco informacional, é porque este traço não é, de fato, mapeado na sintaxe do PB¹⁰⁷. A hipótese I desta tese fica, assim, corroborada por esses dados.

- (16) Para a oração adverbial poder ser interpretada como tópico, foi proposto que seu núcleo funcional mais alto (Force), que encabeça a sentença, entra na numeração com um traço criterial. Tal traço faz com que a oração adverbial seja atraída por um dos núcleos Top do sistema-C da oração matriz. Caso contrário, isto é, se a oração adverbial não entra na derivação com um traço criterial no núcleo Force, ela faz parte da informação não-pressuposta da sentença matriz e, conseqüentemente, não é deslocada à esquerda, é mantida à direita, após sujeito, verbo e complementos da oração matriz.
- (17) Quanto aos advérbios, quando são adjuntos circunstanciais de tempo e de lugar, conforme Cinque (1999), não ocupam a posição de especificador de projeções funcionais específicas. Talvez, por isso, não precisariam entrar numa Fase inicial da derivação; poderiam entrar já na Fase final, ou na posição de tópico, ou de foco contrastivo, ou de proeminência, no sistema-C, dependendo do traço criterial que eles portam. Contudo, essa questão precisa ser, ainda, melhor explorada.
- (18) No caso dos outros advérbios, como um **advérbio de modo** e/ou **orientado para o sujeito** (como *cautelosamente*, *inteligentemente etc.*), ou como um **advérbio epistêmico** (*provavelmente*), dentre outros, estes são, conforme Cinque (1999), especificadores de projeções funcionais rigidamente fixadas acima de V e abaixo do complexo-CP. Se entram na numeração com um traço criterial, contudo, são movidos/copiados de suas posições de geração (onde sofrem o primeiro *Merge*) para a posição de especificador de um dos núcleos funcionais portadores de traços criteriosais no sistema-C (Top, Foc ou Mod), conforme Rizzi (2002).

Tendo em mente os dados obtidos por esta pesquisa e o quadro teórico adotado para descrevê-los formalmente, sinto a necessidade de propor mais algumas questões. Contudo, deixo claro que esta pesquisa está longe de proporcionar respostas precisas, limitando-se a, apenas, apontar algumas idéias embrionárias. Formulo, então, as seguintes questões:

- I) Por que, no PB, o DP argumento tem uma estrutura complexa quando porta o traço criterial de tópico?
- II) Seria mesmo essa estrutura complexa do DP formada por adjunção, como o propõe Kato & Raposo (2006)?
- III) O que teria causado a reinterpretação do DP tópico como tendo uma estrutura “mais complexa”?

Pode ser que o DP argumento provavelmente tenha uma estrutura mais complexa, quando porta o traço criterial de tópico, porque a presença desse traço no DP talvez esteja associada à presença de um outro traço: o EPP. Assim, no léxico do PB, a combinação do traço formal [D] mais o traço semântico [Top] resultaria na adição do traço formal EPP ao núcleo do DP. Poderia ser a presença desse outro traço formal no núcleo D (ou criterial – OCC – nos termos de Chomsky – 2004) a responsável pela projeção de seu especificador, o qual seria ocupado por um N co-referente a ele (com os mesmos traços-*phi*), conforme ilustra a representação abaixo:

Esta proposta é corroborada por estudos de Beghelli (1995) e de Beghelli & Stowell (1997), que propõem que cada tipo diferente de determinante projeta sua própria projeção máxima (tipos diferentes de QPs – sintagmas quantificados). Isto é, de acordo com tais propostas, os quantificadores não ocupam a posição de especificador de DP: a estrutura formada é um QP, cujo núcleo Q seleciona um DP. Assim, a posição de especificador de DP fica livre para um

¹⁰⁷ Não descarto, contudo, a possibilidade de o núcleo Foc periférico a VP ser ativado para atrair um constituinte com a função de foco informacional em construções periféricas à gramática nuclear de algum falante do PB.

segundo “argumento” do núcleo D, que só é selecionado se esse núcleo portar o traço EPP. A estrutura do DP complexo passaria, assim, a ser justificada pelo maquinário sintático adotado, enquanto que na proposta de Kato & Raposo (2006), a adjunção de N ao DP não encontra justificativa teórica.

Mas o que levaria a criança adquirindo o PB a reinterpretar o DP como portador do traço EPP? Provavelmente, o uso do DP complemento tópico. Já que este é deslocado de uma posição mais baixa da sentença (do que a posição de sujeito), seu deslocamento deve ter favorecido o uso de um pronome lembrete na posição de base do objeto. A partir de então, o uso do pronome lembrete passaria a ocorrer também com o DP sujeito tópico, pois a criança interpretaria DP tópico (tanto sujeito quanto objeto) como portador do traço EPP e, conseqüentemente, com uma estrutura “maior”. Contudo, esta hipótese, como afirmado anteriormente, precisa ser investigada com muito mais profundidade, detectando se, de fato, o uso do resumptivo ocorreu primeiramente com o DP objeto tópico no *input* da criança.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

São Paulo, junho de 2008.

Tércio Campos Polli
terciopolli@usp.br

*"... os que esperam no Senhor renovarão as suas forças. Subirão com
asas como águias; correrão e não se cansarão;
caminharão e não se fatigarão."*

(Isaías 40 : 31)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Said (1931) – *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Editora Melhoramentos.

ARAÚJO, Edivalda (2006) - *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva*. Tese de doutorado. UFB.

ARREGI, Karlos (2007) – “Clitic Left Dislocation is Contrastive Topicalization.” MIT, Cambridge, Department of Linguistics and Philosophy.

BAKER, M. (1985) - “The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation.” *Linguistic Inquiry*, vol. 16, p. 373-415.

BARBOSA, Pillar (2007 – no prelo) – “Two kinds of subject *pro*.”

BEGHELLI, F. (1995) *The phrase structure of quantifier scope*. Ph.D.dissertation. University of California, Los Angeles.

BEGHELLI, F. & STOWELL, T. (1997) “Distributivity and Negation: the syntax os EACH and EVERY”. In: A . SZABOLCSI (ed.) *Ways of scope taking*. Dordrecht, Kluwer, p. 71-109.

BELLETTI, Adriana (1993) – *Syntactic Theory and the Dialects of Italy*. Rosenberg & Sellier.

BELLETTI, Adriana (1999) - “Inversion as focalization and related questions.” Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/inv_foc_rev_catwpl.doc.

BELLETTI, Adriana (2002) - “Aspects of the low IP area.” Disponível em http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/aspects_low_IP.doc

BELLETTI, Adriana (2005) - “Extended doubling and the VP periphery.” Disponível em http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Extended%20doubling.Probus.pdf

BENINCÀ, Paola (2004) – “The left periphery of medieval romance.” Disponível em: <http://www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2/Beninca2004.pdf>

BORER, H. (1984) – *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela (2003) - Frases com tópicos marcados. In: MIRA MATEUS et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho. p. 489-502.

BURZIO, L. (1986) – *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel.

CARDINALETTI, A. & STARKE, M. (1994) - "The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes". 24th Linguistic Symposium on Romance Languages. Los Angeles.

CARON, B. (2000) – "Assertion et préconstruit: topicalisation et focalisation dans les langues africaines." In: B. Caron (ed.). *Topicalisation et focalisation dans les langues africaines*. Collection Afrique et Langage 1. Louvain-Paris: PEETERS, p. 7-42

CHAFE, W. (1976) – "Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics." In: C. N. M. Li (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p. 27-55.

CHOMSKY, Noam (1971) – "Deep structure, surface and semantic interpretation." In: D. Steinberg and L. Jakobovits (eds.), *Semantics: An interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge University Press, p. 183-216.

CHOMSKY, Noam (1976) – "Conditions on Rules of Grammar." *Linguistic Analysis*, vol. 2, p. 303-352.

CHOMSKY, Noam (1977) – "On Wh-movement." In: P. W. Culicover, T. Wasow, & A. Akmajian (eds) *Formal Linguistics*. New York: Academic Press.

CHOMSKY, Noam (1981) – *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

CHOMSKY, Noam (1991) – "Some Notes on Economy of Derivation and Representation". In: R. Freidin (ed.), *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press.

CHOMSKY, Noam (1995a) – "Bare Phrase Structure." In: Gert Webelhuth (ed) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*, p. 383-439. Oxford: Blackwell.

CHOMSKY, Noam (1995b) – *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

CHOMSKY, Noam (2000) – The Minimalist Inquiries: the framework. In: *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik* (R. Martin, D. Michaels, and J. Uriagereka, eds.). MIT Press, Cambridge, Mass, p. 81-155.

CHOMSKY, Noam (2001) – "Derivation by phase." In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press.

CHOMSKY, Noam (2004) – "Beyond Explanatory Adequacy". In: A. Belletti (ed.) *Structures and Beyond – The Cartography of Syntactic Structure*, v. 3. Oxford: Oxford University Press.

CHOMSKY, N. & HALE, M. (1968) – *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.

CINQUE, Guglielmo (1990) – "Types of $\bar{A}$ -dependencies." *Linguistic Inquiry*. MIT Press.

CINQUE, Guglielmo (1999) - *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. Oxford University Press.

COSTA, João (2000) – “Word Order and Discourse-Configurationality in European Portuguese.” In: COSTA, João (ed.) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press, p. 94-115.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985) – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

DIJK, Teun & KINTSCH, Walter (1983) - *Strategies of discourse comprehension*. San Diego, California: Academic Press.

DUARTE, Maria Eugênia (1986) – Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. São Paulo, PUC-SP, Dissertação de mestrado.

DUARTE, Maria Inês (1987) – *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa.

GALVES, Charlotte (1989) – “O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa.” *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 65-90.

GALVES, Charlotte (1998b) – “Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro.” In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, n.34, p. 19-31.

GALVES, Charlotte (2001) - *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.

GROLLA, Elaine (2005b) – “Pronomes Resumptivos em Português Adulto e Infantil.” *DELTA*, n.º 21, p. 167-182.

HAEGEMAN, Liliane (2003) – “Topicalization, CLLD and Left Periphery.” In: Shaer, B., Frey, W. et C. Maienborn (Rédts.), *Proceedings of the Dislocated Elements Workshop*, ZAS Berlin, November 2003, *ZAS Papers in Linguistics*, n.º. 35, vol. 1, p. 157-192.

HALLIDAY, M. (1985) - *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M. & HASAN, R. (1976) - *Cohesion in English*. London: Longman.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N. & FITCH, T. (2002) – “The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?” *Science*, vol. 298, p. 1569-1579.

HORNSTEIN, N.; (2005, no prelo) – “What do labels do: some thoughts on the endocentric roots of recursion and movement.”

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. & PIETROSKI, P. (2006 – no prelo) – “Some thoughts on adjunction.”

IATRIDOU, Sabine. (1990) - “About Agr(P)”. *Linguistic Inquiry*, vol. 21, p. 551-76.

ILARI, Rodolfo (1993) - “Sobre os Advérbios Focalizadores.” In: Rodolfo Ilari (org.) *Gramática do Português Falado*, vol. II, Editora da UNICAMP, p. 193-212.

JACKENDOFF, Ray (1972) - *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, MIT Press. Cambridge, Mass.

KATO, Mary (1991) - “The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese.” Paper presented at the XXI LSRL, Santa Barbara. In: W. Ashby (forthcoming) *Selected Papers from the XXI LSRL*. John Benjamins.

KATO, Mary (1993) – “The Distribution of Null and Pronominal Objects in Brazilian Portuguese.” *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Language*, ed. by : W.Ashby, M.Mithun, G.Perissinoto & E. Raposo. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, p. 225-235.

KATO, Mary (1998a) – “Tópico como alçamento de predicados secundários.” In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 34, p. 67-76.

KATO, Mary (1999) - “Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter.” *Probus*, v. 11, p. 1-37.

KATO, Mary (2006, no prelo) – “Optional prepositions in Brazilian Portuguese.”

KATO, M. et alii (1996) – “Padrões de predicação no português falado no Brasil.” In: M. A. Kato (org.) *Gramática do Português Falado*. vol. 5: *Convergências*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP.

KATO, Mary & RAPOSO, Eduardo (2006) – “Topicalization in European and Brazilian Portuguese.” Trabalho apresentado pelos autores na University of Rutgers.

KATO, Mary & RIBEIRO, Ilza (2007) – “A evolução das estruturas clivadas no português brasileiro.” In: Lobo, Tânia; Ribeiro, Ilza; Carneiro, Zenaide; Almeida, Norma. (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. 6: A experiência dos grupos de estudo.. Salvador: EDUFBA, vol. Tomo I, p. 165-182.

KAYNE, R. (1991). “Romance Clitics, Verb Movement and PRO.” *Linguistic Inquiry*, vol. 22, p. 647-686.

KISS, Katalin (1998) – “Focus Identificational versus Information Focus.” *Language*, vol. 74, n. 2. p. 245-273.

KLEIN, Susan (2003) – *Foco no Português Brasileiro*. Tese de doutorado. USP.

KOCH, Ingedore (1993) – “A atividade de produção textual.” *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol. 24, p. 65-74.

KUNO, S. (1972) – “Functional sentence perspective: a case study from Japanese and English.” *Linguistic Inquiry*, vol. 3, p. 269-320.

LAKA, I. (1990) – *Negation in Syntax: On the nature of functional categories and projections*. PhD dissertation. MIT, Department of Linguistics and Philosophy, Cambridge, Mass.

LAMBRECHT, Knud (1996) – “Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents.” *Cambridge Studies in Linguistics*, vol. 71.

LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. (1988) – *A Course in GB Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

LOPES ROSSI, M. A. G. (1996) – “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil.” In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 307-342.

MARTINS, Ana M. (1994) – *Clíticos na história do português*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa.

MIOTO, Carlos (2000) – “O lugar da interpretação semântica na sintaxe: CP no PB.” In: (?)

MIOTO, Carlos (2001) - “Sobre o sistema CP no Português Brasileiro”. *Revista Letras*. Curitiba, Editora UFPR, vol. 56, p. 97-139.

MIOTO, Carlos (2003) – “Focalização e quantificação.” *Revista Letras*, n. 61, especial, Editora UFPR, p. 169-189.

MIOTO, Carlos & NEGRÃO, Esmeralda (2003, no prelo) – “As sentenças clivadas não contêm uma relativa.”

MIOTO, Carlos et alii (2005) – *Novo Manual de Sintaxe*. Santa Catarina, Editora Insular.

MODESTO, Marcello (2001) – *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo, Humanitas Livraria.

MÓLNAR, V. (2001) – “Contrast from a contrastive perspective.” In: I. Korbayon & M. Steedman (eds.) *Proceedings of ESSLI workshop on Information Structure. Discourse Structure and Discourse Semantics*. p. 99-114.

NEGRÃO, Esmeralda (1999) - *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre-Docência. São Paulo: USP.

OUHALLA, J. (1994) – “The Structure and Logical Form of Negative Sentences.” (artigo publicado em *Themes in Arabic and Hebrew Syntax* -2002.

PAGOTTO, Emílio (1992) - *A Posição dos Clíticos em Português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

PILATI, E. (2002) - *Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.

POLLOCK, J. (1989) - “Verb movement, UG and the structure of IP.” *Linguistic Inquiry*, vol. 20, p. 365-424.

POLLOCK, J. (1993) – “Notes on clause structure.” In: Haegeman, L. - *Elements of Grammar: a handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, p. 237-279.

POLLOCK, Jean & Kayne, Richard (2001) – “New thoughts on Stylistic Inversion.” In: Hulk, A. & Pollock, J. (orgs.) *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. Oxford University Press.

PONTES, Eunice (1987) - *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Livraria Pontes.

QUAREZEMIM, Sandra (2005) - *A focalização do sujeito no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

RAPOSO, Eduardo (1993) - “Categorias Funcionais na Gramática Gerativa”. *D.E.L.T.A.* vol. 9, p. 237-74.

RAPOSO, Eduardo (1996, no prelo) – “Towards a unification of topic constructions.”

RAPOSO, Eduardo (2000) – “Clitic Positions and Verb Movement”. In: COSTA, João. (ed.) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press, p. 266-297.

RAPOSO, Eduardo & URIAGEREKA, Juan (2005) - Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View. In: CINQUE, Guglielmo & KAYNE, Richard S. (org.) *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, p. 639-697

REINHART, Tanya (1981) – “Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics”. *Philosophic*, vol. 27, special issue on Pragmatic Theory.

RIBEIRO, Ilza (1995) - *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: O Efeito V2*. Tese de Doutorado, UNICAMP.

RIBEIRO, Ilza (1996) – “A ordem dos constituintes na Carta de Caminha”. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.) *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: UFBA, p. 29-62.

RIBEIRO, Ilza (2001) – “Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro”. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, p. 91-126.

RIZZI, Luigi (1997) – “The fine structure of the left periphery”. In: HAEGEMAN, Liliane. (Org.) *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, p. 281-337.

RIZZI, Luigi (1999) – “On the Position Int(errogative) on the Left Periphery of the Clause”. Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/int.doc

RIZZI, Luigi (2002) - "Locality and left periphery". Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/rizzi2002-locality&left_periphery.doc

RIZZI, Luigi (2004) - "On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects". Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Rizzi_2004-On_the_form_of_chains.pdf

ROSS, J. R. (1967) - *Constraints on Variables in Syntax*. MIT, Tese de Doutorado.

SHLONSKY, U. (2004) – "Enclisis and Proclisis". In: RIZZI, Luigi. *The structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, vol.2, p. 329-353.

SWART, Henriette & HOOP, Helen (1995) – "Topic and Focus." *Glott International* 1-7, 3-7.

TANNEN, Deborah (1982) – "Oral and Literate Strategies in Spoken and Written Narratives." *Language*, vol. 58, n. 1, p.1-21.

TARALLO, F. (1996) – "Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX". In: KATO, M. A; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 69-105.

TEYSSIER, Paul (1999) – "A diferenciação lingüística entre Portugal e Brasil." (*Pré publications – Forskning og Undervisning*, vol. 168, p. 4-11.

TORRES MORAIS, M. (1995) – *Do Português Clássico ao Português Moderno: um Estudo da Cliticização e do Movimento do Verbo*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

URIAGEREKA, J. (1992) – "An F Position in Western Romance." Paper presented at GLOW Colloquium, University of Lisbon. In: K. Kiss (ed) *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press.

WATTERS, J. (1979) – "Focus in Aghem". In: L. M. Hyman (ed.). *Aghem grammatical structures*. Los Angeles: University of Southern California, Southern California Occasional Papers in Linguistics, vol. 7, p.137-97.

ZUBIZARRETA, M. (1997, no prelo) – "Prosody, focus, and word order." (publicado em 1998 In: *Linguistic Inquiry Monographs*. The MIT Press).